

ARTHUR NUNES DE MEDEIROS

SÔ  
ARTHUR  
DE  
RODEIRO

ARTHUR NUNES DE MEDEIROS

SÔ  
ARTHUR  
DE  
RODEIRO

1ª Edição

Editora Perensin

2022

Juiz de Fora - MG



**Copyright © 2022 Editora Perensin**

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou repetida. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do código penal.

A editora não se responsabiliza pelo conteúdo da obra, formulada exclusivamente pelo(s) autor(es).

Marcas registradas: Todos os termos mencionados e reconhecidos como marca registrada e/ou comercial são de responsabilidade de seus proprietários. A editora informa não estar associada a nenhum produto e/ou fornecedor apresentado no livro.

Impresso no Brasil – 1ª Edição – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua portuguesa de 2009.

Capista	Diagramador	Revisão	Conselho editorial
<b>Editora Perensin</b>	<b>Cris Spezzaferro</b>	<b>Athirson Andrade e Claudia Vale</b>	<b>Bianka Alves</b>

Catálogo na publicação

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

M488 Medeiros, Arthur Nunes de

Só Arthur de Rodeiro / Arthur Nunes de Medeiros – Juiz de Fora-MG: Perensin, 2022.

346p.: 14 X 21 cm

ISBN 978-65-89385-67-7

1. Memória autobiográfica. I. Medeiros, Arthur Nunes de. II. Título.

CDD 808.06692

Índice para catálogo sistemático

I. Memória autobiográfica

Publique seu livro com a Editora Perensin. Para mais informações, envie um e-mail para [originais@editoraperensin.com.br](mailto:originais@editoraperensin.com.br)

Livro disponível para comercialização em maiores volumes, corporativos ou personalizados. Entre em contato em nosso site.

Editora Perensin

[@editoraperensin](https://www.instagram.com/editoraperensin)

[www.editoraperensin.com.br](http://www.editoraperensin.com.br)

# Sumário

[In Memoria](#)

[Agradecimentos](#)

[Prefácio](#)

[Este livro...](#)

[Um pedaço do céu esquecido entre as montanhas:](#)

[Alferes Ponciano, O Pioneiro](#)

[Primeiros passos de Rodeiro](#)

[Coronel João da Silva Costa](#)

[O Fim do Tanque Grande](#)

[De onde veio o nome de Rodeiro](#)

[O Cemitério Velho](#)

[É Bastião!](#)

[No Batizado](#)

[Exorcismo](#)

[Beije, Este Cravo:](#)

[A família do Cirilo](#)

[Rodeiro, De Capela A Curato](#)

[Rodeiro, de Curato à Paróquia](#)

[Os Padres Vigários de Rodeiro](#)

[Caboclinhos e congados em Rodeiro](#)

[Januário Aleixo](#)

[Mulher perigosa](#)

[Sunga P'ra Riba!](#)

[A “Emília” do Patrício Batalha](#)

[Sacrifício heróico](#)

[Mais quatro episódios com escravos](#)

[Uma Página Negra](#)

[Velha Têmpera](#)

[Pelos tempos afora...](#)

[Para quê a conferência de São Vicente?](#)

[Chico Anibal arrasta o sogro](#)

[Corpo Fechado](#)

[O futuro historiador](#)

[Os Primeiros Anos](#)  
[As igrejas e Rodeiro](#)  
[O Padre Lourenço Musacchio](#)  
[Uma Recordação Agridoce](#)  
[O cemitério novo](#)  
[Indústrias em Rodeiro](#)  
[Primeira Bicicleta Primeiro Automóvel](#)  
[A morte do primeiro escrivão](#)  
[Gregório, o mártir](#)  
[Honra lavada](#)  
[No Tempo dos Escravos](#)  
[Dois farmacêuticos ilustres](#)  
[Os anjinhos das missões](#)  
[O Melro do Micherif](#)  
[Água potável em Rodeiro](#)  
[O sentido de uma palavra](#)  
[Telefones em Rodeiro](#)  
[Minha tinta virou água](#)  
[O telefone oculto](#)  
[Dupla empreitada](#)  
[Glórias do passado](#)  
[T.F.N.](#)  
[Leopoldo, o escrivão](#)  
[Iluminações de Rodeiro](#)  
[Além-túmulo folclórico](#)  
[Capelinha mal assombrada](#)  
[As doze badaladas da pêndula](#)  
[Tá danado, diabo!](#)  
[Que é isto, Joviniano?!](#)  
[Um esquife na capoeira](#)  
[Não foi morcego!](#)  
[Risque a cova, tenente!](#)  
[Mais outro Baluarte de Rodeiro](#)  
[A Espanhola em 1919](#)  
[Escola pública em Rodeiro](#)  
[Compromisso Sui Generis](#)  
[Gordura nas orelhas](#)

Os Pereiras na história de Rodeiro

Tipos populares de Rodeiro

Cinemas e Teatros em Rodeiro

Entre os irmãos maristas

Um engasgo terrível

Sô Arthur na política de Ubá

O bombardeio de Ubá

Rua Halfeld

Sô Arthur Jornalista

Os Bombons

O casamento

O caso da C.C.P.L.

Uma homenagem a Machado Sobrinho

Parece mentira

Um prato de sopa

Rodeiro só dá boa gente

Este não precisa de luz

O colchão de Bonsenhor

Doce de Cotia

As galinhas da Carmela

Colégio estadual “Raul Soares”

A emancipação de Rodeiro (1).

Emancipação de Rodeiro (2).

Começo de vida nova

Uma tragédia que deixou trauma

Sô Arthur no ensino em Rodeiro

Templo de cultura em Rodeiro

Uma plêiade de moços ilustres

APÊNDICE

Homens e coisas de Rodeiro

Relembrando famílias antigas

# In Memória

- de meus pais e avós;
- de meu padrasto e irmão;
- de minha inolvidável Ruth Pinheiro Alves de Medeiros, companheira fiel em todas minhas horas de lutas, alegrias e sofrimentos;
- de padre Lourenço Musacchio, que me abriu o caminho do saber;
- de meus saudosos e abençoados mestres, os Irmãos Maristas.

À Minha Filha

Maria de Fátima Alves Medeiros, para que aprenda a enfrentar sempre a vida com destemor e persistência.

Ao Grande Rodeirense, José Bernardes Ferreira

Que, além de tudo o que fez por Rodeiro, muito incentivou e possibilitou a realização deste livro, que será o “vade mecum” dos rodeirenses do presente e do futuro.

Eu ofereço, de coração, este modesto trabalho.

- A. N. de Medeiros

# Agradecimentos

Tenho muito orgulho de todo o legado de amor que meu pai deixou por Rodeiro. Suas obras transpõem sua essência através do tempo, e sinto imenso orgulho de ter tido o privilégio de ser sua filha. Este livro representa mais uma semente imortal de um homem que desbravou com coragem e destemor uma época onde o progresso era apenas um pálido reflexo de esperança.

Neste ano de 2022, cumpro mais uma vez a vontade de meu pai que sempre foi a de ver o progresso de Rodeiro. Aqui, prezados leitores, vocês vão poder desfrutar de um vislumbre de um tempo onde Rodeiro flertava com a grandeza que atualmente se faz presente no dia-a-dia de cada cidadão.

Pai, obrigada por tudo, o senhor me mostrou que a educação e a cultura é uma ferramenta de libertação para aqueles que assim desejar. Aos nobres apoiadores desta obra, José Carlos Ferreira, Luciene Aparecida Paro, Patrícia de Fátima Teixeira Santos, Fábio Rogério Fernandes Paiva, Edilena de Lima, Deborah de Oliveira Ferreira e Heloisa Helena Geraldo, vocês fazem parte dessa história e sou grata a Deus pela vida de cada um de vocês.

Carinhosamente

Maria de Fátima Alves de Medeiros

# Prefácio

*Roberta Baffa Andrade*

Profª Mestra da E. E. Marcio Nicolato e revisora do livro

Ao ler as páginas deste precioso livro, compreendo quão significativa foi a trajetória de Sô Arthur para nossa querida Rodeiro. Sua missão foi a de trazer luz para um pequeno arraial - que surgia “catito, um pedaço do céu esquecido entre as montanhas” - uma luz mágica que transforma pessoas, que desperta curiosidades, que amplia horizontes, enfim que (trans)forma o mundo. Sô Arthur, incansável lutador da cultura e do conhecimento, tão escassos no “Rodeiro de antanho” - como ele dizia - foi um cidadão honroso e respeitado por todos, além de ser brincalhão com àqueles que lhe eram caros. Através de seus relatos, ora de forma séria, descrevendo fatos vividos pelos antepassados de nossa terra, ora de forma jocosa ao reviver as diabruras daquele menino levado e peralta. Ao escrever os capítulos desta obra, ele não deixou a nossa história se perder no tempo, pesquisou sobre a origem das construções, das ruas, dos nomes, entrevistou pessoas e as registrou com sua máquina de datilografar para que, na posteridade, as memórias fossem revividas pelos rodeirenses.

Como cidadão empenhado em disseminar a cultura e o amor à pátria, sua marca principal entre os rodeirenses foram os desfiles de 7 de setembro, treinados com esmero e brilhantismo, os alunos desfilavam pelas ruas da cidade, uniformizados, carregando bandeiras e fazendo apresentações coreografadas. Lutou também pela emancipação da cidade, realizando os trâmites legais para executá-la, fundou o primeiro ginásio (Ensino Fundamental - anos finais) “João Leonardo da Silveira” e depois o curso normal (Magistério), formando levas de alunos rodeirenses e conseguiu, com o apoio de outras pessoas, erguer o prédio - “Palácio da Cultura” - onde funcionavam os dois níveis de ensino. Homem consciente das dificuldades financeiras enfrentadas pelas famílias dos alunos, mostrava-se compreensivo quando não havia meios para o pagamento das mensalidades.

Tantas adversidades ele enfrentou pelo caminho até atingir suas metas, mas sua voz não se calou, sua coragem e seus sonhos o moviam a lutar

sempre. Enfim, deixou-nos um legado de valorização da história, dos antepassados, da cultura e da educação!

O povo rodeirense só a tem a agradecer a esse grande homem que alavancou a educação em nossa cidade e que nos proporcionou um caminho mais iluminado para trilharmos!

“O maior prazer de um professor é contemplar o resultado de seus trabalhos nos semblantes vivos e risinhos de seus ex-alunos, sobretudo daqueles que, graças ao estudo, conseguiram melhores posições na escala da vida.” (Sô Arthur)

## Este livro...

Quando resolvi vincular-me em definitivo em Rodeiro, minha terra natal, para aqui me mudei deixando meu querido Rio de Janeiro, onde eu era professor no Colégio Paula Freitas e funcionário graduado do extinto Departamento Nacional do Café.

Trouxe comigo seis metas a cumprir dentro de um ideal firme de fazer algo para o torrão que me viu nascer. Com fé e confiança em Deus pus-me à obra.

A primeira meta era montar um ginásio em uma região onde o lastro financeiro era quase nulo e, em compensação, perdiam-se inúmeras inteligências capazes de trilhar a senda do progresso por falta de oportunidades de ensino - aqui só havia um cursinho primário. Essa meta foi realizada graças à orientação e o apoio do professor Júlio Camargo, então Inspetor Seccional do MEC, em Juiz de Fora.

A segunda meta era criar um curso de 2ª grau, uma Escola Normal, por exemplo, que abrisse as portas para vestibulares das Escolas Superiores. Essa meta juntamente com a primeira foram realizadas graças ao amparo seguro que nos foi dado pela Campanha Nacional das Escolas da Comunidade - CNEC.

A terceira meta era construir um prédio à altura da cultura que sonhava dar à mocidade de Rodeiro. Essa meta foi realizada graças à substancial ajuda dada pelo grande benemérito do nosso município, o Dr. Geraldo Marins da Silveira. Lá está o belíssimo prédio, de linhas arquitetônicas que chamam a atenção de todos os visitantes por seu traçado e sua estética.

A quarta meta era dotar Rodeiro com um semanário aqui impresso e a quinta era manter em minha terra uma pequena estação de rádio emissora com o auxílio de meu irmão, o Dr. Sérgio Marlière, altamente colocado junto ao primeiro escalão governamental de Brasília. Essas duas metas não consegui realizar devido à total falta de apoio e ao total desinteresse dos dirigentes do município. Dessem-me eles mão forte e as teria levado a bem termo, apesar das dificuldades, como o fiz com as três primeiras metas.

A sexta era de escrever a história de Rodeiro, pois verificara que a quase totalidade de meus conterrâneos a ignorava em seu todo, e o pouco que

sabiam era, na maior parte, deturpada por invencionices ou falsas informações.

A empreitada não era fácil. Levantar o histórico de uma localidade onde existe apenas uma quantidade irrisória de documentação escrita e a quase totalidade de dados têm que ser colhidos, em parte graças à tradição guardada pelos mais antigos, não foi fácil.

Reconhecemos que podem haver falhas e omissões à revelia de nossa boa vontade. Mas todo nosso esforço foi para que tudo o que fosse relatado estivesse absolutamente de acordo com a verdade e a realidade dos fatos descritos.

Na estruturação deste livro muito me ajudou Maria de Fátima Alves de Medeiros, minha filha. Foi ela que deu a ideia de amenizar a aridez dos relatos históricos, com datas e fatos que tanto desanimam os leitores, com as narrativas ao vivo, das diabruras, peraltices e cincadas do Sô Arthur de Rodeiro. E a Fatinha “entende do riscado”, pois é professora de História.



A todos os rodeirenses, do presente e do futuro, eu peço que guardem, com amor e carinho, este nosso trabalho. Que ele seja como o livro sagrado de nossa terra. Somente assim nossos netos terão sempre diante dos olhos o espelho mágico que lhes trará sempre à memória, com fidelidade, as lutas e as glórias de nosso querido São Sebastião da Boa Esperança de Rodeiro.

- O autor

# Um pedaço do céu esquecido entre as montanhas:

Rodeiro é assim,

Pequenino.

Catito.

Cercado e recortado por morros não muito altos, por todos os lados.

Um deles, plantado no centro da cidadezinha que se criou à sua sombra, domina todos os recantos da pequena comunidade. Em seu cume, um cruzeiro.

Cruzeiro de cimento armado, muito bem recortado e de fino acabamento. Fê-lo construir o padre José de Andrade Machado.

Para até lá se chegar é preciso galgar vários lances de uma bem traçada escadaria.

De seus braços abertos parece sair o perene convite a todos os caminhheiros, que para aquelas bandas dirigem seus passos: “Bem-vindos sejam”.

Uma cidadezinha, um encanto. Cerca de quinze ruas apenas. Duas lindas praças: uma bem arborizada, com sombras convidativas nos dias caniculares, em frente à igreja matriz; outra “Francisco Gomes de Oliveira”, primorosamente ajardinada e cuidada, em frente à Escola de Comunidade “João Leonardo da Silveira”, da CNEC – 1º e 2º graus.

É nesse pedacinho do céu esquecido entre as montanhas que vai se desenrolar a história e as estórias do endiabrado menino que, desde o berço, trouxe o cerimonioso nome “Sô Arthur”. Teve senhoria mesmo usando fraldas.

# Alferes Ponciano, O Pioneiro

Um nome quase apagado da memória dos rodeirenses: Alferes Ponciano Rodrigues do Carmo, o maior fazendeiro de Rodeiro antes e no começo de sua fundação.

Era casado com dona Júlia de Jesus e conhecemos os nomes de três de seus filhos: Roberto Rodrigues do Carmo, que deu o nome à Serra do Capitão Roberto; Antônio Rodrigues do Carmo, que tornou-se abastado fazendeiro, doador do Morro do Rosário à Paróquia de Rodeiro, grande impulsionador de nosso progresso no início do povoado e Teófilo Rodrigues do Carmo, cuja memória infelizmente se perdeu.

O Capitão Antônio Rodrigues do Carmo doou o Morro do Rosário, como acima dissemos; a escritura, porém, foi passada como se fosse venda para a paróquia. Entre seus filhos e netos distinguiram-se Antônio Rodrigues (Toninho), que conservou sua gleba em produção e progresso; os netos Juarez Rodrigues de Oliveira, que manteve a tradição ruralista do pai; João da Mata Rodrigues, formado pelo Centro Superior de Ciências Sociais de Vila Velha – ES; o Mauri Rodrigues brilhando nos estudos em Vila Velha, ambos bisnetos do Capitão Antônio Rodrigues, muito bem situado na vida e ex-aluno de nossa Escola da Comunidade, “João Leonardo da Silveira” de Rodeiro. Ainda são filhos do Capitão Antônio Rodrigues do Carmo que deixaram profunda saudade em quem os conheceu: Sebastião Sizermano do Carmo, abastado agricultor e Antonina Rodrigues do Carmo, uma das moças mais lindas de Rodeiro, falecida juntamente com o marido e uma filha num desastre de automóvel, e outros de quem mais à frente daremos a relação.

Muito trabalhou o Alferes, que, por sinal, tinha sangue indígena a correr-lhe nas veias, para que surgisse um empório rural e comercial em suas terras. As primeiras casas desse futuro empório já começavam a surgir na fazenda Boa Esperança, e que mais tarde se transformou em Rodeiro.

Seu contendor era o comendador Antônio Gomes, que também desejava que a futura sede do futuro empório fosse situada em sua fazenda de

Pântano, hoje Diamante de Ubá, onde iam também surgindo as primeiras casas.

Tentaram um acordo, mas ambos ficaram intransigentes e o recurso foi deixar crescer os povoados separadamente: Boa Esperança e Pântano.

O primeiro caminho que ligou os dois povoados foi feito pelo comendador Antônio Gomes.

O empório agrícola de Alferes Ponciano foi progredindo cada vez mais, enquanto o do comendador Antônio Gomes estacionou.

Pelo Alferes foram adquiridas as Fazendas do Xopotó, do Barreiro e de Santa Rita da Boa Vista, com um total de cerca de 1.230 alqueires de terras na medida de “planta-de-milho.”

A sede tinha senzala com capacidade para duzentos escravos. Também tinha paiol com capacidade para dois mil carros de milho, no lugar hoje conhecido como Fazenda do Paiol.

Seus porcos comiam dois carros de milho por dia.

Possuía 38 alqueires de terras em cafezais. A máquina para limpar café levou seis meses para chegar à sede a dorso de tropas de burros, e durante a viagem morreram seis escravos.

As fazendas contavam com tropas de seis lotes de burros cada uma.

O casal Ponciano-Júlia eram bondosos para com todos, inclusive para com seus escravos.

Faziam grandes festas religiosas na fazenda. A Semana Santa era comemorada com pompa e, nos seus festejos, tomavam parte os escravos. O rezador era Manoel Gregório, professor de primeiras letras na sede das propriedades. O culto era realizado em frente a uma grande “ermida” (oratório) na grande sala de jantar.

O Alferes faleceu com 76 anos de idade. Seu corpo ficou velado três dias e duas noites sem exalar mau cheiro, à espera de um filho que, então, estava em Bom Jesus do Itabapua. Todos atribuíram esse fato estranho à bondade e caridade do Alferes durante toda sua vida.

Com a morte do Ponciano, dona Júlia fez questão de ficar com dois escravos de estimação: Adão Porto e Maria Pecheira.

Como dissemos acima, o casco da Fazenda ficou com o Capitão Roberto Rodrigues do Carmo, que nela trabalhou com seus filhos Manoel Roberto do Carmo, Domiciano Roberto do Carmo, Brigida e Maria Madalena do Carmo.

Hoje tudo isso acabou. As terras retalhadas ao extremo. As benfeitorias desmoronaram.

Foi o fim.

Lamentável, profundamente lamentável é que nenhuma rua, nenhum marco histórico, nada existe em nossa terra que lembre o nome deste homem, o primeiro paladino em prol da criação e do engrandecimento do São Sebastião da Boa Esperança de Rodeiro.

Neste ponto, Diamante foi mais correto. Lá existe uma praça com o nome de seu comendador Antônio Gomes.

# Primeiros passos de Rodeiro

Uma tarde, sentado à soleira da porta de Sô Arthur, olhando para a casa em que vivera e morrera Cirilo Alves Vieira, tive a oportunidade de ouvir uma narração impressionante sobre os exórdios de Rodeiro.

— Eu ouvi - contou-me Sô Arthur - o Cirilo narrar várias vezes um detalhe interessante sobre o começo da nossa história.

Isto aqui, no princípio do povoado, era no máximo umas três casinhas à beira dos caminhos e da mata.

O que hoje é Diamante, estava nas mesmas condições. Foi quando os engenheiros da Leopoldina Railway vieram fazer o traçado do ramal Ubá-Recreio.

O plano inicial passaria pelo que hoje é a Parada Moreira, seguindo pelas terras de Paulino Magalhães, alcançaria as terras que mais tarde foram do Coronel Leopoldo Silva, passaria nas proximidades da sede das terras do Coronel João da Silva Costa, o patrocinador da ideia do traçado, e daí seguiria rumo à Sobral Pinto partindo ao meio, assim, a distância Ligação-Sobral Pinto.

Na encruzilhada, onde as terras que foram do Paulino Magalhães alcançaram as terras que foram do Coronel Leopoldo Silva, ficaria um único povoado e Estação. Desaparecia a ideia de criar os dois núcleos populacionais de Rodeiro e Diamante.

Esta ideia, a primitiva, era também apoiada pelo Alferes Ponciano, o maior fazendeiro da Boa Esperança.

No entanto, desagradou enormemente o comendador Antônio Gomes da fazenda do Pântano.

No entrevero entre os três: Ponciano, João da Silva Costa e Antônio Gomes, saiu vencedor este último devido às maiores ligações que tinha com elementos poderosos da Corte e a reação violenta dos seus apaziguados.

Morreu a ideia de um povoado único e a estrada-de-ferro tomou a direção que hoje ostenta.

A Estação ficou no Pântano com o nome de Diamante, com a esperança de desenvolver rapidamente o povoado graças à lavoura do café das redondezas. Os chefes daquela localidade não tiveram a visão de facilitar a

venda de posses e lotes para mais intensa construção de casas residenciais e o povoado estiolou.

Ponciano e João da Silva Costa, espicaçados pelo fracasso da primitiva ideia, fizeram o contrário. Ampararam e deram cobertura no incipiente comércio e às grandes lavouras de café que iam até o rio Xopotó, e a construção de casas e caminhos para o crescimento das riquezas, o que intensificou grandemente a fundação e desenvolvimento do povoado e depois Arraial da Boa Esperança, hoje Rodeiro.

Em vão, o comendador mandou abrir um caminho entre Boa Esperança (Rodeiro) e Diamante. A maior vertente da produção da lavoura pendeu para o rumo de Dona Euzébia, tirando grande parte do movimento comercial de Diamante.

Olhei para o Sô Arthur, seus cabelos já estavam começando a embranquecer. Era um poço de contradição. Ora o molequinho que fora, apareceria à terra, ora a agudeza de profundo observador é que apareceria.

Nessa altura de sua narrativa predomina a segunda fase. Aproveitei a oportunidade:

— Escute Sô Arthur, o nome de Dona Euzébia, dado a uma Estação da Estrada de Ferro Leopoldina? Você sabe alguma coisa a respeito?

Muitas vezes eu ouvi Leopoldo Araújo, o escrivão de Rodeiro, bem informado dessa parte da região de suas peripécias da mocidade, explicar o caso.

O engenheiro principal, dizia ele, encarregado do traçado e do lançamento do ramal, chamava-se Nominato José de Souza Lima, casado com dona Maria Carlota de Souza Lima; era pai do Alberto Nominato Lima, Juiz de Paz de Rodeiro durante muitos anos.

Além de engenheiro, tinha profundos conhecimentos em direito, deixando até livros a respeito. Deixou fama de homem culto e seus descendentes ainda lhe honram a memória.

Sua mãe chamava-se Dona Euzébia. Foi em homenagem a ela que a estação da via férrea tomou-lhe o nome que ainda hoje ostenta.

As trevas iam encobrando o vale onde estavam plantadas as casas de Rodeiro.

Fiquei filosofando: “Como é caprichosa a história. Pena é a dificuldade que temos em descobrir-lhe os meandros”.

# Coronel João da Silva Costa

Em pleno outono em Portugal.

O “rapagote” João da Silva Costa, com apenas 14 anos, encarregado de apascentar, juntamente com um colega de nome Feital, uma vaca, faltaria com o cumprimento de seus deveres, e as plantações de vizinho da quinta de seu pai foram danificadas.

A queixa do vizinho não se fez esperar.

— Deixe-o comigo, vizinho. - retrucou o velho - É só o maroto aqui chegar e lhe irei ao pelo.

Mas o maroto não era nada pouco. De longe, notou a vista do vizinho. O resto foi-lhe fácil adivinhar. O que esperavam suas costas era uma boa coça de pau. Antes que tal acontecesse, deu as do “Vila Diogo”. Fincou o pé, como nós dizemos no Brasil.

Refugiou-se num grande pomar, longe de casa, e ali passou vinte dias alimentando-se com maçãs e peras. Era nas proximidades da costa atlântica e, tão logo percebeu a aproximação de um paquete (navio), dirigiu-se para o porto, e, como clandestino tomou o rumo do Brasil.

Descoberto em alto mar, obrigaram-no aos serviços braçais de bordo e, tão bem se houver, que se tornou benquisto do comandante, dos oficiais e da tripulação.

Desembarcou no Rio de Janeiro e pôs-se a trabalhar no cais para pagar a passagem e depois para economizar algum dinheiro que proporcionasse um começo de vida.

Como bom galego, não rejeitava trabalho, mesmo os mais pesados. Juntou algumas patacas, fez amizade com tropeiros de Ubá que comerciavam com os postos de vendas nos armazéns do cais. Ouviu contar maravilhas de nossa região e, para cá rumou à procura de melhor futuro.

Fez sociedade com outro galego de nome Felix, e puseram-se a valar vales nas divisas das terras das fazendas na razão de duzentos reais a braça.

O dinheiro foi sendo amealhado aos poucos e, dentro em breve, nosso galeguito, agora já homem feito, adquiriu sua primeira propriedade: um

alqueire de terra por R\$ 1.200,00, ou seja, dez tostões e duzentos reis. Foi o princípio de uma grande fortuna, a segunda do futuro povoado de Rodeiro, logo depois de Alferes Ponciano.

Casou-se, em primeiras núpcias com dona Maria de Souza Lima, ou, segundo outros, Maria Guilhermina de Souza Lima, irmã do famoso Janjão Canela, um dos protagonistas da briga para o arrombamento do Tanque Grande que já narramos neste livro. Desse casamento houve os seguintes filhos: Francisco da Silva Costa, Eliziário da Silva Costa, Leopoldo da Silva Costa e Maria da Silva Costa.

Morta a primeira esposa, João da Silva Costa ficou em dificuldade para criar os filhos. Houve na fazenda uma preta de nome Maria Eugênia que deles tratou com amor e carinho. O incansável português dela se enamorou e com ela acabou morando maritalmente e havendo os seguintes filhos: Maria Silva, José Joaquim da Silva, Eminervina Silva, Palmira da Silva, Cristiano Silva, José da Silva, Maria Rosa da Silva – esposa de Vicente de Oliveira –, Francisco Eugênio da Silva, João da Silva, Paulino Silva, Camilo José da Silva, Eduardo da Silva Costa e Augusta Silva.

Contra a sua vontade e apenas atendendo imposições de seus amigos, aceitou e recebeu a patente de Coronel da Guarda Nacional. Nem por isso tornou-se soberbo.

— Sou um simples lavrador. – teimava em falar sempre que se apresentavam as oportunidades.

Suas propriedades tornaram-se fonte de grandes rendas e o prestígio do Coronel aumentava cada vez mais. Imensas eram suas lavouras de café. Influuiu no projeto do traçado da Estrada de Ferro Leopoldina, fazendo adotar um itinerário ideal e com uma só Estação e povoado único para a região, situado a igual distância entre Ligação e Sobral Pinto. Infelizmente, a incompreensão do dono da Fazenda do Pântano de melhor visão panorâmica do problema, impediu, à força de ameaças de depredação da linha a ser construída, a realização do plano do Coronel.

Em lugar desse ex-futuro empório agro comercial surgiram a Estação de Diamante e o povoado da Boa Esperança, mais tarde Rodeiro.

Lembro-me muito bem dos comentários feitos pelo saudoso Cirilo Alves Vieira, confirmando o que acima acabamos de gravar.

O prestígio e a honradez do Coronel tornaram-se provérbios. Por ocasião do famigerado “Grupo dos Matadores”, que se escondia debaixo do nome

pomposo de “Grupo de Justiceiros”, um de seus chefes, Joaquim Vieira e seu filho José Vieira, compadre e parceiro do Coronel, depois da derrocada da organização, tentaram se homiziar a Fazenda do Córrego de São Pedro.

— Sua mulher e seus filhos podem aqui ficar, mas, vocês não. Eu sempre respeitei as leis deste grande país.

Quando a polícia bateu às portas da Fazenda, o Coronel a recebeu.

— Aqui eles não estão. Apenas dei pousada, por caridade à mulher e os filhinhos menores daqueles infelizes. Quanto à armas podem também dar busca severa e completa. Aqui só encontrarão minhas armas prediletas: as enxadas e enxadões.

A palavra do Coronel era, como ele, respeitada; nenhuma busca foi dada pelos policiais sedentos de vingança contra os terríveis desalmados facínoras, cuja ação descrevemos em outra parte neste livro.

— Sou apenas um roceiro. - gostava de repetir o Coronel.

E foi como roceiro, que morreu. Acometido de mal súbito, enfarte na certa, de enxada na mão, caiu sobre a gleba que soubera honrar e fazer prosperar. Levado para casa, ali exalou os últimos suspiros.

Aberto o inventário, mais uma vez o espírito de justiça do velho português, brasileiro por amor à terra, fez-se impor.

O advogado Arthur Rodrigues de Oliveira, um dos maiores causídicos da comarca de Ubá, acompanhado de louvadores e pessoas gradas abriram uma velha arca onde estavam guardados os dizeres e vontades do Coronel.

Os filhos legítimos pretendiam a totalidade da herança. Os outros eram apenas ilegítimos.

# O Fim do Tanque Grande

No capítulo sobre o chamado Cemitério Velho, descrevemos as cenas tétricas da peste que, todos os anos, assolava nossa região devido às nuvens de mosquitos e de miasmas que, durante o verão, subiam do Tanque Grande e semeavam a desgraça e a morte.

Era preciso providências para sanar esta calamidade.

O melhor, e talvez o único meio, era drenar o malfadado Tanque e esvaziá-lo. Era enorme. Havia até um serviço de canoa com ponto de partida e porto de chegada. Muitos anos depois do fim dado à imensa lagoa, quando acabaram com o taboal que em seu lugar crescera, foram encontrados os restos de uma grande canoa que servia para o tráfego lacustre.

Voltando ao assunto, foi no esvaziamento do Tanque que surgiu a maior das dificuldades.

Duas famílias viviam nas imediações do Tanque grande e dele possuíam partes.

Os Paivas, família de grandes posses, altos empreendimentos, senhor de engenho de grande produção, de moinhos, roças e de cafezais e do que tratamos no capítulo “Sunga pra Riba” deste livro.

Os Canelas, cujo principal era João Canela, o Janjão, era cunhado do grande potentado João da Silva Costa, dono de imensa gleba, até mesmo de parte do terreno onde hoje se eleva a cidade de Rodeiro. As duas turmas estavam emperradas e teimosas. Uma queria e a outra não, que se desse fim no malfadado Tanque.

Todos os moradores das imediações pediam, imploravam aos dois grupos que tivessem a caridade de entrar em acordo e esgotassem o Tanque assassino.

Em vão! Não chegavam a um acordo de jeito nenhum.

— Esgota!

— Não esgota!

E o caso foi engrossando, engrossando...

No lugar onde hoje se eleva a casa de Joaninho Bassoto, na entrada do então povoado, havia a sede de um sítio bastante próspero, pertencente a

uma viúva chamada Geracina Lopes.

Muito devota e piedosa, tomava parte em todas as iniciativas religiosas levando a efeito para pedir a Deus por intercessão dos santos da devoção de cada um, para alcançar a graça de um entendimento entre as duas facções rivais: Paivas e Canelas.

Infelizmente, parece que o céu ficava surdo aos apelos dos fiéis... e a fatalidade ia roçando as vidas.

Cada ano mais mosquitos, mais miasmas, mais doenças, mais mortos!

Geracina estava apavorada. Seu sítio ficava longe do Tanque Grande. Ela era grande devota de São Sebastião – Mar São Sebastião, como era chamado. Quase em desespero de causa, Geracina voltou-se com fervor para o santo de sua devoção.

— Meu Mar (mártir) São Sebastião. Se alcançardes a graça de que se acabe essa contenda entre os Paivas e Canelas pondo fim à peste danada, eu lhe darei dois alqueires de terras tiradas do meu sítio.

O santo mártir atendeu-a.

A manhã estava ensolarada, mas nas mentes das duas famílias contendoras a tempestade rugia. Naquele dia iam acabar com aquela besteira.

O que se passou, dona Maricota de Medeiros gravou em fitas magnéticas para conhecimento da posteridade, fita esta que se acha na posse do autor do livro.

— As duas famílias se entrincheiraram, armadas de carabinas, garruchas, facas e foices. – disse ela.

— Das duas, qual era a mais exaltada, dona Maricota?

— Eram todas as duas iguais. Discutiram... discutiram... ameaçaram-se, mas, no fim, as ponderações dos vizinhos levaram a melhor.

Entraram num acordo e, afinal, abriram os aterros que cercavam o Tanque!

Estava finda a contenda e a origem da peste maldita. Nunca mais subiu daquela lagoa as nuvens de mosquitos e de miasmas!

Nunca mais a peste graçou arrasando os moradores daquela gleba!

E os dois alqueires de terras foram entregues aos padres, em louvor ao grande mártir.

O povoado da Boa Esperança passou a se chamar São Sebastião da Boa Esperança.

# De onde veio o nome de Rodeiro

De onde veio o nome de Rodeiro?

Três versões surgiram a respeito. A primeira, a mais substanciosa, baseada nos testemunhos de pessoas idôneas e compra e venda de terras. Esta será por nós explanada com os maiores detalhes possíveis. As duas outras, nós analisamos depois com critério e isenção de ânimo.

Eis a primeira versão, a histórica:



Marcelino José Ferreira Campos, o “tio padre”, o tronco da família que por aqui veio parar, era um português residente para as bandas de Mariana, segundo nos contou uma de suas netas.

Entusiasmado pelas notícias sobre a fertilidade de nossas terras, ele que morava numa terra que em vez de produzir cereais e ter campos e pastos verdejantes, só produzia ouro, extremamente policiado, o “tio padre” que tinha amealhado bastante pacatas na garimpagem, resolveu mudar-se para as nossas bandas.

Comprou uma sesmaria de terras lá para as bandas do rio Xopotó. Adquiriu quantidade enorme de ferramentas e apetrechos para industrializar também sua propriedade.

Comprou tudo, mas não pode realizar seus intentos.

Era possuidor de um gato de estimação que com ele comia à mesa, ao lado de seu dono.

O imprevisível, no entanto se deu. A fatalidade caiu sobre o rico português.

Um dia, o gato demonstrou sinais estranhos, parecidos com os de hidrofobia. O português tentou apaziguá-lo colocando-o à mesa. O gato, porém, pulou-lhe à garganta e, com unhas e dentes, feriu-o gravemente cortando-lhe a carótida, matando-o.

Os filhos, desgostosos com aquela fatalidade, largaram os campos de Mariana e vieram se estabelecer na sesmaria adquirida.

Na nova fazenda havia de tudo, só não compravam sal, conforme nos contou uma de suas netas, Maria Rosa de Jesus. Entre escravos e índios havia

cerca de cinquenta. Também fabricavam farinheiras de pau, ferramentas agrícolas rudimentares, velas para as igrejas, fogos de artifício, tecelagem de algodão na roca e no tear. Nela também havia carpintaria, engenhos de cana, rapadura, cachaça, moinhos de fubá, oficina da caldeireiro e extração de mel de abelha.

Um detalhe: aqui, nas imediações de nossa atual cidade, montaram uma fábrica de potes e cerâmica que se tornou famosa. Vinha gente até de Ouro Preto para adquirir os potes.

Em geral, esses potes eram de fabricação grosseira, feitos à mão, cheios de rusgas, tortos. Os daqui eram feitos mecanicamente, movidos com rodas d'água e polias, lisinhos, bonitinhos.

Ficou sendo de propriedade de Marcelino José dos Santos, um dos filhos do “tio padre”.

O mestre de obra de cerâmica era o índio chamado Afonso, segundo alguns informantes, ou Justino Coelho, segundo outros.

Quando perguntavam quem fabricava aqueles potes tão bem feitos, respondiam:

— É um tal Marcelino. A fábrica dele é um enorme rodeiro movido com água.

Daí, aos poucos o proprietário, Marcelino José dos Santos, passou a ser simplesmente Marcelino Rodeiro.

Observemos: se a fabricação de Marcelino fosse de rodas de carro, seria possível que viesse gente de tão longe; de Ouro Preto, zona metalúrgica só para comprá-las?

Essas informações foram colhidas da neta de Marcelino Rodeiro; de dona Maricota Medeiros - mãe do Sô Arthur; de Marcelino Rosa (Marcelino Nunes da Chagas), que negociou com Modesto Pereira o sítio da Limoeiras e outras terras que o fabricante de potes possuía nas imediações da cerâmica; de Joaquim Costa, o velho já falecido, em entrevista; assim como a da dona Maricota Medeiros, gravada e cuja fita está em poder do autor deste livro; de Antônio Dinis, um dos mais velhos sobreviventes dos velhos tempos; e de muitos outros moradores antigos de nossa terra.



Vejamos a segunda versão:

Em suas últimas pesquisas, o autor deste livro foi informado que a sesmaria de terras adquiridas pelo “tio padre” foi tomada por Guido Marlière, devido a irregularidades verificadas em sua transmissão.

A partir daí, a família aqui vinculada entrou em decadência. Inicialmente, constava de Marcelino, chefe da grei e fundador da cerâmica, e de outros irmãos, entre eles Antônio e João.

Com a morte do Marcelino “Rodeiro”, a decadência se agravou e os irmãos de Marcelino chegaram a passar necessidades, sendo socorridos por Laurindo Pereira Pontes, que lhes fornecia mantimentos para a sobrevivência. Quem prestou estas declarações foi o nosso conceituadíssimo Augusto Pereira Pontes que, embora pequeno naquela época, lembra-se perfeitamente dos fatos.

Foi em nosso período de decadência que os sobreviventes da irmandade passaram a fabricar rodas de carro para angariar alguns recursos, portanto, muito depois da morte de Marcelino “Rodeiro” e sua cerâmica.



Foi nesse período que ocorreu o fato narrado pelo saudoso e venerado Senador Levindo Coelho, em seu livro “Minha vida e meus atos”.

O Cônego Agostinho França relatou, em 1912, que foi chamado para ministrar os sacramentos da Igreja a Antônio Rodeiro, isso lá pelo ano de 1870. O eminente sacerdote ficou deslumbrado pela fé do enfermo, “fé como jamais havia encontrado”.

Numa viagem rápida para atender a um moribundo, o Cônego Agostinho França não teria tido tempo para se aprofundar na história. Como Antônio era dos “Rodeiros” e fabricava rodas de carro, não teve dúvida em atribuir-lhe o título que, de verdade, pertencia a Marcelino. Em 1912, relatou esse fato ao Dr. Levindo Coelho, existindo até uma carta a respeito. Daí, portanto, a distorção da verdadeira história do nome de Rodeiro, devida, em face aos inúmeros testemunhos acima citados, a Marcelino.



Na terceira versão foi atribuída a glória de dar nome a nosso município a um tal Manoel Lino Rodeiro, nome totalmente desconhecido por todos os antigos moradores de Rodeiro acima citados.

Entre eles, a bisneta de “Tio Padre”, (Marcelino Ferreira Campos), foi taxativa e reafirmou até com veemência: “Não houve por nossos lados nenhum Manoel Lino Rodeiro”.

— Desculpe-me insistir, mas isto para mim é muito importante. Tem certeza de que não houve mesmo Manoel Lino Rodeiro, por aqui?

— Já lhe disse e torno a repetir... Por aqui por perto da cidade de Rodeiro nunca houve Manoel Lino Rodeiro. Só se for de outros Rodeiros que existiram lá pelos lados do Sô Niquinha de Queiroz, beira do rio Xopotó.



Está, portanto, desfeita a aberração desta versão.

O pior é que, em homenagem a esse personagem cuja existência em nosso meio é negada por todos, deram a uma das ruas de nossa cidade, o nome de Manoel Lino Rodeiro.

Esperamos que, algum dia, a Câmara de Vereadores e a Prefeitura de nossa terra corrijam essa aberração colocando o nome certo - MARCELINO RODEIRO – na citada rua.

# O Cemitério Velho

Rodeiro ainda era mato por quase todos os lados. Apenas na encruzilhada do angico, na atual praça São Sebastião, algumas pequenas casas, uma venda e a padaria do Jose Lourenço Vaz.

Nos arredores, o temido tanque grande. Temido porque todos os anos, no verão, subia nuvens de mosquitos e miasmas e se espalhavam longe.

Poucos dias depois surgia a peste: a bexiga negra. Fazia um “roçado” entre os habitantes dos sítios e fazendas. Era uma calamidade. Famílias inteiras dizimadas.

Primeiro, febre alta. Depois, pintas e caroços vermelhos por todo o corpo. Ao final, bolhas de pus que iam se escorrendo, tornando-se fétidas e espalhando a doença pela vizinhança.

Na vargem que hoje pertence a Gastão Francisco da Silva, havia um prédio de dois pavimentos, afazendado, sede do próspero sítio dos Estevãos. Infelizmente, muito perto do fatídico “Tanque Grande”. Certo ano, em que a peste tornara-se mais violenta, toda a família dos Estevãos caiu seriamente contaminada pelo terrível vírus.

Todos de cama e muito mal. Ninguém podia socorrer os outros. As bexigas negras empestevavam o ar. Comida? Quem haveria de fazê-la? Água para matar a sede ou para ligeiros banhos? Quem poderia trazê-la? Os vizinhos também foram atingidos pela doença.

Os dias iam passando e as coisas piorando.

Afinal, morreu o chefe da casa, João Estevão. Ninguém para fazer-lhe o caixão. Ninguém para enterrá-lo.

Quatro dias se passaram. O cadáver, em cima da cama, estava em plena decomposição e putrefação.

Ninguém suportava a catanga. Afinal, os filhos, malíssimos em cima das camas, resolveram dar fim ao cadáver. Puseram-no em terra, amarraram-no com cordas e, engatinhando, pois não tinham força para ficar em pé, devagarinho, com toda a dificuldade, foram arrastando aquela carniça, morro acima até chegar ao alto.

Ali, fizeram um buraco no pasto e enterraram o velho.



A peste passara. Nenhum Estevão mais morrera. Levantaram-se, esqueletos trôpegos e ambulantes, e aos poucos foram recuperando a vida, a saúde e voltaram às atividades rurais.

O velho continuava enterrado no pasto. Isto não podia ser! Tinha sido um cristão e não um animal morto por peste contagiosa!

Resolveram separar um pedaço de suas terras onde estava a sepultura. Cercaram-no e chamaram o padre João Severiano Rodrigues, o velho, para benzer o campo santo e transformá-lo em “sagrado”.

Estava criado e inaugurado o Cemitério Velho!



Muitas histórias pode-se contar sobre esse recinto sagrado, hoje totalmente abandonado pelo poder público e pelos moradores de Rodeiro. Houve um cidadão que, inconformado com o desprezo a que fora relegado o campo santo onde descansam os primeiros rodeirenses, mandou cercá-lo, de novo, e, todos os anos manda capinar e varrer.

Primeiro, vamos tratar das catacumbas ainda existentes. A primeira é de Francisco Alves de Medeiros, pai do Sô Arthur. Modesta e simples, sem enfeites, mas sólida.

A segunda é a do Guarino Thinassi, em bom estado. Há um detalhe interessante: a parte de baixo é muito mais comprida do que a de cima. É que o defunto era uma espécie de gigante com força descomunal. Levantava uma mó de moinho sem o menor esforço!

Outra é de dona “Cocota Bicalho” (Maria Madalena Bicalho), que até bem pouco tempo estava perfeita e agora começa a desmoronar. Quando ela foi enterrada, por briga com o marido João Júlio dos Santos Bicalho, fez questão de ser enterrada no Cemitério Velho e não no novo, para não ter seu corpo que passar pelas ruas de Rodeiro.

A mais linda catacumba era de dona Guiomar Martins Alves. De mármore, com lápide gravada, anjinhos e cruz, também de mármore. Hoje, completamente em ruína.

Há mais algumas, quase todas danificadas e sem nomes.



A mais esquisita história é a de uma criança mumificada.

Logo no início do povoamento, no lugar que hoje é minha propriedade e no espaço onde hoje se estende o maravilhoso jardim Francisco Gomes de Oliveira, havia uma olaria em pleno funcionamento. Era de um zeloso pai de família e, entre seus filhos, um apanhara o péssimo costume de maltratar e bater em seus pais.

Uma doença o apanhou de mal jeito. Ninguém pôde identificá-la. O menino foi piorando... piorando... O braço direito endureceu ficando esticado para cima.

Afinal morreu. O bracinho não amoleceu e continuou esticado, para o alto.

Tudo fizeram para acabar com aquela deformidade. Tiveram que furar o pano de cima do caixão e o pequeno assim foi enterrado.

Anos depois, obedecendo ao rodízio, o coveiro abriu-lhe a sepultura. O menino estava seco, mumificado. O bracinho continuava a apontar para o céu.

Uns vinte anos depois, um novo coveiro reabriu a cova. O cadáver mumificado, com o braço para o céu, continuava na mesma.

Enterraram-no de novo. Nunca mais abriram a cova. Esta se localizava, mais ou menos, na altura de um cupim, no cimo do campo santo e ainda ali deve permanecer.

# E Bastião!

Desde pequeno ouvi contar fatos pitorescos passados na antiga igreja de Rodeiro, foco principal e ponto de encontro obrigatório de toda a população. Eis três deles que me vêm à memória.

# No Batizado

Uma criança pretinha fora levada à pia Batismal.

Deviam ter demorado um pouco a procurar o sacramento que nos faz cristão, pois a mãe, uma crioula retinha, gordona e decidida, tinha acabado o resguardo e estava presente.

Antes da cerimônia, o padre, talvez o padre Laurindo, tomava apontamento sobre os dados necessários para a lavratura do batistério:

— Dia em que nasceu?

Os padrinhos informaram.

— Nome dos pais?

Novas informações.

— Em que fazenda nasceu?

Mais esclarecimentos.

— É masculino ou feminino?

A mãe preta pulou para frente, e, dedo em riste, replicou veementemente:

— Não é Marcelino e nem Firmino. É Bastião, nome do pai dele.

# Exorcismo

Exorcismo é uma parte do ritual Romano da Igreja Católica para expulsar demônios que se apossam, segundo eles, do corpo vivo de uma pessoa.

No próprio evangelho há diversos casos em que Nosso Senhor Jesus Cristo enxota o “sujo” do corpo dos endemoniados.

“Exorcizo-te, imundo spíritus, in nomino Patris et Fillii et Spíritus Santi, ut éxeas, et excédas ab hoc fámulo Dei. Ergo maledito diábolo, recognosce sententiam tuam et da honórem Deo vivo et vero, da honorem Jesu Christo Filio e jus, et Spiritui Santo, et recéde ab hoc fámulo Dei”.

Hoje os espíritas tomaram à frente, expulsando os espíritos obsessores que derream um infeliz.

Mas não é qualquer sacerdote que pode usar dos poderes eclesiais para esse fim. O “tinhoso” costuma botar para fora os “podres” do padre que com ele combate, sobretudo se tem algum casinho de amor secreto.

Para evitar os transtornos, os bispos escolhem na Diocese um ou dois padres de vida exemplares.

No meu tempo de criança, dizia-me Sô Arthur, ouvi os antigos contarem, várias vezes o seguinte fato passado, segundo eles na igrejinha de Rodeiro.

Um caso de possessão diabólica ia colocando os habitantes do povoado de Rodeiro em polvorosa.

Os padres se movimentaram junto a Dom Silvério Gomes, arcebispo de Mariana.

Em uma bela manhã chegou um dos mais virtuosos membros do clero católico romano, no que parece o saudoso Monsenhor Horta.

Trouxeram-lhe o endemoniado. O povo se aglomerou na pequena capela.

No adro do templo havia duas colunas onde estavam incrustadas duas grandes pias de água-benta, sacramental que, segundo a teoria católica, tem o poder de espantar o “demo”.

Naquela manhã, junto a uma daquelas colunas encostara-se um português estranho a nosso lugar.

O padre, no altar, frente ao endemoniado começou o trabalho. Rezou. Ordenou ao espírito imundo que deixasse aquele cristão. Nada. O “bicho” estava teimoso.

O padre apresentou-lhe a imagem de Nossa Senhora.

— Não adianta! Tira este pedaço de gesso da minha frente!

O digno ministro de Cristo apresentou uma cruz no infeliz, ordenando ao “tinhoso” que saísse daquele corpo.

— Tempo perdido! Mas retire essa coisa da minha frente!

Num derradeiro esforço o padre foi no sacrário, retirou uma hóstia consagrada e mostrou-a ao paciente.

— Olhe, é em nome de Cristo que te ordeno! Saia!

— Tira. Tira isso diante de mim. Só ele tem poder de me desalojar.

O endemoniado estremeceu e o espírito mau, pela boca do infeliz bradou:

— Você ganhou, miserável. Mas, saindo daqui vou me enfiar na bunda daquele português, perto da coluna!

O galego, lembrando-se dos poderes da água benta, deu um pulo e caiu sentado com o traseiro mergulhado na água sagrada.

— Aqui, filho de uma vaca, é que você não entra!

E ali ficou até que o demo desistisse e sumisse.

## Beije, Este Cravo:

— Escute, Sô Arthur. Isto que você contou, passou-se mesmo?

— É, pelo menos, uma tradição constante entre os antigos, e, no que diz respeito à história, na falta de documentos escritos, a tradição constante e reiterada é uma fonte considerada histórica.

Sô Arthur fez uma pausa e depois continuou:

— Pois agora lá vai outra. Esta eu presenciei com esses olhos que a terra há de comer.

A tarde da sexta-feira santa acabava de se findar. A noite caía.

No púlpito, o padre Geraldo Breyer pregava o sermão do descimento da cruz.

Atrás do altar-mor, uma imagem desmontável emprestada por Guidoal, um grande cristo crucificado fora exposto à veneração dos fiéis.

Aos pés dela, dois “discípulos” (homens vestidos de alva longa e branca). Representavam José de Arimatéia e Nicodemos.

Uma enorme escada da “Companhia Força e Luz” estava encostada para tirar e descer o “corpo” de Jesus.

No púlpito, o padre Geraldo Breyer tecia um eloquente sermão. Rememorava a agonia do Senhor naquela tarde tenebrosa. As palavras de perdão para seus algozes. O perdão para o bom ladrão. O supremo testamento doando a própria mãe. A sede que o atormentava. A sensação de desamparo total dos homens e até de Deus: — Elí, Elí, Lamá Sabactâni (Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste).

Enfim o “consumatum est” (tudo está consumado).

O padre Geraldo passou a narrar as providências para tirar o corpo do Mestre e depois sepultá-lo.

Foi naquele momento que o padre, solene, patético, gritou para José de Arimatéia (o nosso saudoso João Romanhol):

— Sobe discípulo querido, sobe nesta escada e prepare-te para tirar o corpo do suave Rabi, o bom Jesus, deste instrumento de suplício.

João Romanhol, embaraçando a cada momento os pés na longa alva, começou a galgar os degraus da escada. Por mal dos pecados a escada era

alta e com o peso do “discípulo querido”, começou a oscilar, ameaçando partir-se.

Afinal chegou ao ponto culminante. Mal seguro, amedrontado, começou a desparafusar a porca de um dos cravos das mãos.

Quando se livrou da porca, o peso da imagem fez ceder o cravo e o parafuso e emperrou. Nem para diante, nem para trás.

Eu, de pé, ao lado da escada, presenciava aflito a situação.

O padre Geraldo, percebendo o impasse, começou a florear o sermão.

— Tira, discípulo querido, este cravo desta mão que só espalhou o bem na terra. Foi com ela que curou os dez leprosos.

O João Romanhol suave, mas o cravo não cedia.

— Foi com ela que curou os cegos, que fez paralíticos andarem, surdos ouvirem.

E o cravo nada de se aluir. O João tremia de raiva.

— Foi com ela que ressuscitou a filha de Jairo e o filho da viúva de Naim.

E o cravo nada.

— Foi com ela que ressuscitou Lázaro, que expulsou os demônios.

Nessa altura o cravo cedeu.

O padre percebendo que o mal estava sanado, exclamou eufórico:

— Tira, discípulo amado, este cravo sagrado e beija-o com fervor.

João Romanhol tirou o cravo, olhou-o com raiva, resmungando, e tirou-o com força no chão e soltou, entre os dentes:

— Filho da p...

Para não escandalizar o povo com uma gargalhada, embarafustei pela sacristia a dentro...

... Era só o que faltava...

# A família do Cirilo

Lembro-me muito bem dela.

Chamava-se Rosa (Sá Rosa). Era alta, cabelos bem grisalhos, e, apesar da idade um tanto avançada, conservava traços de rara beleza.

Morava com a família quase em frente à casa onde eu fui criado, no lugar onde hoje existem os prédios de Luzia Pereira Dal Sasso e de Antoniquinha Juste Pires.

O destino fora cruel com quase todos seus filhos. O Avelino tinha as pernas bambas, só andava com muletas e era abobalhado. O José sofria dos mesmos males. Tristes eram os diálogos entre os dois:

- Chove chuva. - gritava o Avelino.
- Não chove não, chuva. - duetava José.
- Vem luz, eu quero passear. - choramingava o Avelino.
- Não vem, não, lua. - replicava o José.

Outra filha era a Francisca (Xixica). Esta se arrastava sobre o traseiro e nunca saía de casa.

Deolinda (a Diola) era quase perfeita. Apenas um pouco desengonçada no andar.

Somente dois filhos perfeitos. A Mariquinha que, até a morte, conservou traços de beleza, era a bondade a toda prova. Casou-se com o João Caputo, negociante inteligente e deixou vários filhos; entre eles José Caputo Sobrinho, próspero comerciante em Ubá; bem como Landinho Caputo; e também Chiquito Caputo, companheiro inseparável das serestas de Rodeiro.

Cirilo, alto, magro, calmo ao extremo, perfeito no corpo e na alma. Sua bondade chegava às raias do desprendimento. Se algum pobre estendia-lhe a mão e o Cirilo tivesse apenas uma prata de dez tostões, metia a mão no bolso e a pratinha ia parar na mão do pobre. Era seleiro, consciencioso no trabalho e nos preços. Transmitia seu ofício a quem dele quisesse fazer-se mestre, sem imaginar que podia tornar-se seu concorrente.

Entre seus aprendizes destaque o Toinzinho Seleiro (Antônio Ribeiro da Rocha), que lhes seguiu as pegadas. Firme no ofício, calmo, bondoso e caridoso. Juntou razoável economia e pôde educar na escola de trabalho, numerosa família, incutindo-lhe o senso de economia e de honradez. Entre

seus filhos destacamos Antônio de Oliveira Rocha (Toninho Seleiro), que tornou-se proprietário e foi dono de boa freguesia, na selaria; José de Oliveira Rocha (José Toinzinho), que pouco trabalhou de seleiro, pois tinha de sobra senso comercial no bom sentido; montou bem sortidas lojas, com preços justos, amealhou fortuna, construiu vários prédios em Ubá e um grande sobrado com quatro apartamentos em Rodeiro; João Batista da Rocha dedicou-se ao estudo, cursou faculdade em Juiz de Fora e hoje é professor emérito, trabalhando na Universidade Federal de Juiz de Fora; e Raimundo Célio da Rocha, médico novo e cheio de ardor para a profissão.

Tudo isso nasceu dos sólidos ensinamentos e impressionantes exemplos que Cirilo Alves Vieira espargia pela terra. Seu destino foi morrer solteiro para melhor cuidar de sua mãe e de seus irmãos sofredores.

Os anos passaram e, para melhor acrisolar aquela alma de escol, Cirilo morreu com câncer na boca. Sofreu tremendamente sem nunca se rebelar contra a fatalidade que o ferira. Foi um dos mais perfeitos modelos de conformidade e paciência que conheci.

Seu corpo repousa numa catacumba que alguém mandou fazer no cemitério de Rodeiro.



Por que essa provação se abateu sobre a família de Sá Rosa?

Os antigos contavam que foi por causa de casamento. Os pais deles faleceram deixando um casal de filhos em tenra idade.

Pessoas caridosas recolheram-nos para criar. O menino foi levado para a Mata de Minas. A menina Rosa ficou nas proximidades de Rodeiro.

Nunca mais se viram.

Rosa tornou-se uma linda mocinha. Foi, então, que chegou a Rodeiro um rapagão forte e de belos dotes físicos.

Viram-se, gostaram-se, enamoraram-se e casaram no religioso conforme o costume da época.

Tempos depois de casados, em conversa íntima descobriram que ambos, sem pais, foram entregues à famílias caridosas. Ele fora para a Mata e ela aqui em Rodeiro ficou.

— Qual é o nome do seu pai? – perguntou Rosa.

Para espanto dela, o nome do pai dele coincidia com o do pai dela.

— Qual é o nome de sua mãe?

Era o mesmo da mãe dele.

Eram irmãos... Que fatalidade!

Era por isso, comentavam os antigos, que os filhos saíram quase todos defeituosos!

# Rodeiro, De Capela A Curato

Já vimos que nossa terra nascera e crescera sob a égide de profunda fé e de religião.

A primeira capelinha fora cercada de bambus e coberta de folhas de bananeiras. Foi o primeiro centro espiritual do nascente povoado da Boa Esperança.

Devido à generosa dádiva de dois alqueires de terras feita por Geracina Lopes, construiu-se, em 1880 a outra capelinha de tijolos coberta de telhas dedicada a São Sebastião. Era a gratidão do povo pelo milagroso fim dado ao Tanque Grande, seus mosquitos e seus miasmas. E nosso berço natal passou a se denominar São Sebastião da Boa Esperança.

Com o progresso de Rodeiro, também iam crescendo a fé e a religiosidade de nosso povo, bronco a princípio, porém temente a Deus.

Devido ao surto de religiosidade sempre crescente, em 12 de outubro de 1912, Dom Silvério Gomes Pimenta, sábio do douto arcebispo de Mariana, houve por bem elevar a Capela de São Sebastião da Boa Esperança a curato de São Sebastião da Boa Esperança de Rodeiro e de nomear a 20 de outubro de 1911 o padre Lourenço de saudosíssima memória, para primeira cura de nossa terra.

Transcrevemos, a seguir, a Instituição Canônica do Curato de Rodeiro:

“Dom Silvério Gomes Pimenta, por graça de Deus e da Santa Sé apostólica, Arcebispo Metropolitano de Mariana, Prelado Doméstico de sua Santidade Pio X, etc.

Fazemos saber que, atendendo ao que nos tem sido ponderado pelo distrito de São Sebastião da Boa Esperança, vulgo Rodeiro, pertencendo à paróquia de São Januário de Ubá, deste Arcebispado, sobre a necessidade de ser ele elevado à categoria do Curato: que a sua população se eleva a mais de três mil almas; que a Capela de São Sebastião está provida de paramentos e alfaias decentes para o culto, foi dotado de suficiente patrimônio em terras, de casa para residência do Cura, e que, enfim, floresce nas instituições de caridade e de instrução religiosa: Havemos por bem criar e instituir um Curato no referido distrito de São Sebastião da Boa Esperança de Rodeiro, com sede no arraial do mesmo nome, como pela presente

provisão nossa criamos e instituimos e estabelecemos como limites eclesiásticos os mesmos limites do distrito Civil que são na forma seguinte: começando na margem esquerda do Rio Paraopeba em divisa do município de Cataguases, abaixo pouco do povoado de Campestre, segue-se, nas divisas de Cataguases até encontrar o rio Xopotó; segue-se daí, pelo rio Xopotó acima até a confluência do córrego Alegre; segue-se daí pelo córrego Alegre acima até passar a foz do Ribeirão de São Pedro. Segue-se em direção à Fazenda da Boa Sorte, propriedade dos herdeiros de José de Paula Pereira, abrangendo todo o vale do Ribeirão de São Pedro; segue-se daí, por divisas do distrito de São José de Tocantins até a margem esquerda do rio Paraopeba; segue-se finalmente pelo rio Paraopeba abaixo até o ponto de partida. Dentro desses limites exercerá o Capelão Cura plena jurisdição e administrará o Curato tanto no espiritual como no territorial, sem prejuízo da autoridade e jurisdição do Reverendíssimo Pároco de São Januário de Ubá, nessa parte territorial de sua paróquia.

Haverá na capela do novo curato, os livros necessários, abertos, numerados pelo Reverendíssimo Cura, sendo um para o inventário, arrolamento de bens da Capela e seu patrimônio, que deve constar do título legal e nele registrado; outro para o assentamento dos batizados; outro para os de óbitos e outro livro em que figurem os registros de casamentos. Haverá mais um livro especial para o registro de Pastorais, Portarias, Mandamentos e outros emanados de autoridades eclesiásticas; e, finalmente, mais dois livros em um dos quais se lançam as missas que encomendarem ao padre Cura, e, no outro a celebração delas e de sua distribuição na forma das leis cerimoniais.

Registra-se na Câmara Eclesiástica, no livro competente do Curato e onde mais convier.

Dado em Mariana sob nosso selo e sinal de nosso Vigário Geral, aos 12 de outubro de 1911. Eu, Monsenhor Cônego José Silvério Horta, Escrivão da Câmara Eclesiástica o escrevi ao Monsenhor José Maria de Moraes, Vigário Geral, Monsenhor Horta, secretário. – Provisão de Instituição de um Curato no Distrito de São Sebastião da Boa Esperança de Rodeiro, com sede na Capela e arraial do mesmo nome. Est supra. Registrado às folhas 121 verso do livro competente da Comarca Eclesiástica.”

# Rodeiro, de Curato à Paróquia

Graças ao zelo das curas que se ocuparam das coisas santas do nosso rincão, e sobretudo do Padre Lourenço Musacchio, o movimento religioso de Rodeiro havia se intensificado bastante.

A igreja reconstruída e ampliada pelo padre Lourenço Musacchio e Geraldo Breyer, a casa paroquial, também reconstruída graças à ajuda e apoio de José De Filippo e Rafael De Filippo de alto comércio de fumo e grandes impulsionadores de nosso progresso, as festas que se tornavam verdadeiras apoteoses, fizeram com que Dom Helvécio Gomes de Oliveira sucessor de Dom Silvério Gomes Pimenta na Arquidiocese de Mariana, voltasse as vistas para o próspero Curato de Rodeiro e o elevasse à Paróquia em 6 de maio de 1941.

Vejam os a transcrição do documento atinente a essa efeméride, documento que conseguimos coligir nos assentamentos paroquiais.



## DECRETO QUE ELEVA O CURATO DE RODEIRO A CATEGORIA DE PARÓQUIA

“Dom Helvécio Gomes de Oliveira, por marco de Deus e da Santa Sé Apostólica, Arcebispo Metropolitano, Prelado doméstico de Sua Santidade, Conde Romano, Assistente de Sólío Pontifício, etc.

Aos fiéis cristãos, paz e bênção em Nosso Senhor Jesus Cristo. Fazemos saber que, concorrendo o Curato de São Sebastião de Rodeiro, desta nossa arquidiocese às condições canônicas para sua elevação à categoria de Paróquia.

Havemos por bem instituí-la, com a presente Provisão erigimos e instituímos em Paróquia e a sua igreja matriz, de acordo a determinação do can. 216, parágrafo 4º, do código do Direito Canônico.

Desmembramos o território que passa a constituir esta nova freguesia, da Paróquia de São Januário de Ubá e lhe fixamos os limites no fim desta Provisão.

Construímos o seu patrimônio canônico nos bens que já possuo em terras e Casa Paroquial, nas ofertas e oblações dos fiéis e nos direitos de estola. Lembramos aos fiéis de São Sebastião de Rodeiro a obrigação em consciência da conserva de sua Matriz, e de zelar para que não lhe faltem nunca os ornamentos, alfaias, vasos sagrados indispensáveis à celebração da Santa Missa e de todas as solenidades do culto, assim como à administração dos sacramentos.

Concedemos à nova Matriz todas as prerrogativas, honras e distinções de que, por direito e legítimos costumes gozam as Matrizes deste Arcebispado, especialmente a faculdade de ter sacrário em que se conserve o Santíssimo Sacramento, não somente para o viático dos enfermos, como também para a constelação dos fiéis e alimento de sua piedade.

Terá a Paróquia o seu arquivo na qual se hão de recolher todos os documentos pertencentes à freguesia. Haverá nele os livros de registros Paroquiais, assim como exemplares dos concílios plenários brasileiros e Latino-Americanos, Código de Direito Canônico e das constituições das Províncias Eclesiásticas Meridionais do Brasil. Aí se conservarão igualmente todos os atos emanados das autoridades eclesiásticas.

No particular do arquivo lembramos aos Reverendíssimos Párcos as determinações do Concílio Plenário nos Cânones 40 e 87 e seus parágrafos 122, 2º e 3º, 190. 210. 220, parágrafo 4º, 259, parágrafo 3º e 424.

Esta nossa provisão será registrada em nossa cúria Metropolitana e depois lida aos fiéis no dia da instalação da Paróquia, será registrada no livro competente da mesma, como será igualmente na Câmara Forania de Ubá.

Lavrar-se-á termo de instalação em cuja data nos oficiará o Reverendíssimo Pároco, bem como aos Reverendíssimos Vigário das freguesias limítrofes, comunicando-lhes a instituição canônica da Paróquia e transmitindo-lhes cópia à Cúria Metropolitana para o devido arquivamento.

Dada e passada nesta cidade de Mariana, sob o selo de nossas armas e sinal de nosso Vigário Geral, aos 6 de maio de 1941. E eu, Cônego Raymundo Otávio da Trindade, Secretário, a escrevi e subscrevo.

Monsenhor Alípio Odier de Oliveira e Cônego Raymundo Otávio da Trindade.”



As divisas da nova Paróquia são as que de antigo Curato de São Sebastião da Boa Esperança de Rodeiro, já publicadas na transcrição da criação de dito Curato.

# Os Padres Vigários de Rodeiro

Necessário se torna que registremos os padres que governaram o movimento espiritual de Rodeiro e que o fizeram prosperar, mesmo materialmente.

O primeiro de que conservamos a memória é o padre Laurindo Queiroz, que fez construir a primeira capela de nossa atual paróquia e dirigiu os fiéis em época difícil espiritualmente, tal a fluência de jogadores, de ladrões de cavalos, assassinos e de meretrizes. Faleceu em Visconde do Rio Branco.

O padre Agnelo Augusto de Seabra foi o segundo e batizou nosso conhecido Sô Arthur.

O padre Lourenço Musacchio, cuja memória é conservada com muito carinho, construiu o templo barroco que até hoje enfeita nossa praça principal e, mais ainda, a capelinha do Rosário. Instalou em Rodeiro a luz de carboreto. Protegeu os meninos pobres que desejavam prosseguir nos estudos. Manteve um fervor religioso nunca mais visto na paróquia.

O substituto do padre Lourenço, morando em Ubá, foi o padre João Severiano de Carvalho.

A seguir, o padre Antônio Motinha, advogado que tendo-se enviuvado, se dedicou ao ministério eclesiástico; e o padre José de Freitas Pacis, que trabalharam na vinha do Senhor em nossa terra.

Vem, a seguir, o padre Francisco Vitae, um dos rodeirenses encaminhados nos estudos pelo padre Lourenço Musacchio.

O padre que construiu o terceiro vão da igreja matriz foi o padre Geraldo Breyer, que muito trabalhou para nosso progresso.

A ele sucedeu, interinamente, o padre Sudário Moreira Mendes, logo seguido pelo padre Francisco João Bunck, enérgico, empreendedor, trabalhador chegando a carregar, com as próprias mãos, tábuas e fazendo matrizes para cimento armado para a reforma geral da igreja, construindo a capelinha do Santíssimo. Sua memória é benquista pelos bons rodeirenses.

Seguiu-se um período em que a paróquia de Rodeiro erigida no tempo do padre Geraldo Breyer, foi governada pelos fundos franciscanos, residentes

em Ubá, destacando-se entre eles, o Frei Ozório da Silva Santos, Frei Cornélio e Frei Pedro, estes dois de saudosa e muito respeitável memória, e pelo padre Geraldo Zuim.

O padre Orozimbo restabeleceu a tradição dos padres residentes em Rodeiro, seguido pelos padres José Adriano e Renato Cezar Leite, interinos por pouco tempo.

Monsenhor Lincoln Ramos, o fino diplomata, homem de vasta cultura, Camareiro de sua Santidade, o Papa, autor de nova versão dos quatro evangelhos e dos Atos e Epístolas dos apóstolos, honrou nossa terra com seu zelo apostólico.

Substituiu o padre Geraldo Moura, jovem, inteligente, de vasta cultura clássica, conhecedor do latim e do grego; ficou apenas um ano em nosso meio.

Veio, então, o padre José de Andrade Machado, dinâmico e corajoso. Além de comprar novas e belíssimas alfaias e ostensórios, construiu o cruzeiro nessa colina principal e a monumental escadaria que a ele dá acesso. Foi no seu período que foi erigido e consagrado o altar-mor de nossa matriz.

O padre Boanerges de Souza veio a seguir. Era escritor e orador fluente.

Entrou, então o sempre muito bem lembrado padre Paulo Cassares Sodré, a delicadeza e compreensão personificadas, deixou um rastro sagrado de amizade e gratidão no povo rodeirense. Hoje reside no Rio de Janeiro.

O Cônego Pedro Moreira, de Ubá, exerceu, com piedade e ardor apostólico a chefia de nossa paróquia, tendo um jeito especial de se fazer estimar pelo povo.

O Padre Vinícius Santos e Silva, entre nós deixou, também ótima impressão pela maneira calma, paciente e amigável com que tratou seus paroquianos.

Foi então que nos foi dado outro filho de Rodeiro como nosso vigário, o padre Sebastião Jorge Corrêa. Moço de vasta cultura, maneiroso no trato com os fiéis, estimadíssimo por todos, de notório zelo apostólico, infelizmente governou a paróquia apenas durante um ano.

O padre Elcio Ferreira, outro jovem muito culto e da estirpe dos sacerdotes que compreendem a fundo a psicologia dos fiéis, também deixou saudades entre nós.

Foi quando nos veio da Holanda o padre Adriano José Baynge, cuja memória sagrada reverenciamos, e que deixou boas lembranças de sua humildade e zelo apostólico. Faleceu e foi enterrado no cemitério de Rodeiro, onde seu túmulo é constantemente visitado pelos fiéis.

O último pároco que acaba de deixar, no momento, a paróquia de Rodeiro foi o padre Osvaldo Alves Costa, ex-marista, filho de nosso município e mais um dos sacerdotes que chegou a essa culminância graças à proteção do padre Lourenço Musacchio. Seu mandato foi cheio de realizações e benemerências. Fez construir, graças à cobertura completa de nosso grande conterrâneo José Bernardes Ferreira, um bairro inteiro de casinhas funcionais para pobres, bem edificadas e que tomou o nome de Bairro de São Vicente de Paulo. Também, com a interferência do grande benfeitor acima mencionado, obteve uma ambulância que tanta falta estava fazendo à pobreza da paróquia e meios necessários para a completa e magnífica remodelação da igreja matriz da paróquia. Da Alemanha e da Espanha obteve a doação de “fusquinhas”, carros próprios para o trabalho da paróquia. Foi pobre, desapegado de interesses materiais, e de conduta exemplar.



São esses os sacerdotes que, até o momento em que encerramos esta lista, entre nós viveram nossos problemas, nossas deficiências e que, por São Sebastião da Boa Esperança de Rodeiro tanto lutaram e batalharam, e a quem os rodeirenses de todos os tempos devem suma gratidão.

# Caboclinhos e congados em Rodeiro

Durante muito tempo foi uma tradição nas festas religiosas, sobretudo na de Rodeiro de Nossa Senhora, a dança dos caboclinhos e dos congados.

Os primeiros eram capitaneados por João Raimundo de Souza e os segundos tinham como Rei e Rainha, respectivamente, Laurindo Lopes e Cezaria de Jesus.

O tempo se encarregou de acabar com essa querida tradição folclórica.

# Januário Aleixo

Eram dois irmãos: Januário Aleixo e Joaquim Faustino.

O primeiro era comerciante e o segundo, lavrador.

Januário era progressista. Sua casa comercial bem sortida. Sabia agradar a freguesia. Foi protetor do pai do Sô Arthur, chegando de São Manoel, sem conhecimento e amigos.

Tinha, às vezes, frases avalentoadas, produto do meio em que vivia. “Só homem valente que era homem”- diziam.

Seu irmão Joaquim, queimado pelas intempéries do clima, premido pela dureza da vida do campo, era mais fechado, mais casmurro e bastante valenteado.

Desentenderam-se os dois. O motivo era conversinhas e fofocagens em torno do procedimento da própria mãe.

Januário, como era natural, não gostou. Verberou o procedimento da mãe e disse palavras pesadas que foram parar nos ouvidos de Joaquim.

Este veio ao povoado tirar satisfação com o irmão. Conversa vai, conversa vem, Januário sacou uma garrucha e atirou no irmão. Atirou, mas não acertou.

Joaquim fugiu jurando lavar, com sangue, a afronta que sofrera.

Januário amedrontou-se devido à fama de valentão do irmão.



Certa manhã vieram avisar:

— Cuidado, “Seu” Januário, Joaquim está no povoado e disse para o senhor não cruzar o caminho dele.

Januário saiu de casa e foi até o largo. De longe avistou o irmão e se apavorou. Numa construção perto do atual Grupo Escolar Padre Lourenço Musacchio havia um tablado, um estrado.

Pedro Sabino que tinha percebido a presença do irmão e logo o perdera de vista, perguntou por ele a um rapazinho:

— Não conheço não, senhor. Só se for aquele que entrou debaixo daquelas tábuas.

Pedro descobriu o amedrontado irmão, o puxou pelas pernas e foi logo sacando uma faca.

— Não me mate, meu irmão. Lembre-se que somos filhos de uma mesma mãe. - pediu Januário.

— Irmãos? Filhos de uma mesma mãe? Por que você não se lembrou disso quando atirou em mim? Agora tu vais morrer, miserável. Toma!

E por diversas vezes o esfaqueou até sentir que exalou o último suspiro.

# Mulher perigosa

Já fazia tempo que o casal não vivia bem.

Rugas em cima de rugas. Brigas em cima de brigas. Um inferno!

Sá Joaquina não era sopa não. Tinha cabelinhos nas ventas. De tanto brigarem, uma ideia demoníaca germinou no cérebro da mulher.

Na fazenda havia um negro que, de há muito vivia se derretendo por Sá Joaquina. Olhares de peixe falecido por afogamento! Contemplação estática para o rebelado da patroa. Uma coisa!

Sá Joaquina passou a dar “bola” ao negro. Troca de olhares ternos. Umhas tantas liberdades discretas. E o negro cada vez mais embeijado por ela.

Vendo que a coisa chegara a um ponto irresistível, a fazendeira chamou o negro:

— Estou vendo que você gosta de mim, não é verdade?

O negro chegou a ficar cinzento.

— Fala.

— Ah! Sá dona. Num me machuque mais, não! Tô mesmo perdido por você!

— Você se casaria comigo?

— Ah! Sá dona. Cumo pode sê? Você é casada.

— E se meu marido morresse?

— Ah! Então a coisa seria outra.

— Você seria capaz de matá-lo?

— Cruze! Dona. Eu matá seu marido?

— Pois é o único meio de você me possuir, de se casar comigo.

— Mas, Sá dona...

— É pegar ou largar!

— Tá bom. Vá lá!

Os mínimos detalhes para o crime ficaram assentados. O marido todas as noites, arrastava um banquinho e nele se sentava, mandava por uma bacia de água bem esperta e lavava conscienciosamente os pés antes de bater um papinho e ir se deitar.

Um buraco foi feito na porta da cozinha bem em frente do lugar habitual onde o banquinho era colocado. Uma espingarda trouxada, bem carregada

e...



— Vem cá meu marido. Hoje sou eu que vou lhe arranjar a água no ponto em que você gosta. Sente-se aqui no seu banquinho predileto.

— Que bicho te mordeu hoje, Joaquina? Você nunca foi carinhosa assim!

— Bobagem, benzinho! Também você reclama até quando eu procuro ser boazinha!

— Tá bem. Tá bem. Desculpe, amor!

A água foi posta na bacia, no lugar costumeiro, frente ao buraco.

O marido lavou os pés, pegou o pano que servia de toalha e... o tiro berrou. Um só. Bem no meio da testa. O homem caiu de costas, tamanho o impacto da carga de chumbo. Estava morto!

O negro recebeu uma quantia de dinheiro para fugir por uns tempos. Foi então que Sá Joaquina botou a boca no mundo.

— Socorro! Socorro!

Marcolino Nunes das Chagas, e avô de Sô Arthur, inspetor de quartirão, autoridade no lugar, foi o primeiro que chegou. Chegou, ouviu tudo e desconfiou que a história estivesse mal contada. Investigou e acabou pondo a mão no negro que se mudara por causa do casamento prometido e o apertou de perguntas.

Inteligência curta, o crioulo caiu em contradição e acabou confessando tudo, sendo processado e condenado.

Nada acontecera à fazendeira. Negara de pés juntos e foi absolvida por falta de provas. Mais tarde casou com o Chico da Silva e morreu em paz, com o segundo marido.

# Sunga P'ra Riba!

O linguajar regional aos poucos se transforma num verdadeiro dialeto e a língua portuguesa, para nós a oficial, passa até a não ser compreendida pelos moradores da região. Aí vai um caso típico vivido em nosso Rodeiro.

Os Paivas eram tidos e havidos como senhores de grande gleba na Água Limpa, junto ao Tanque Grande.

Senhor abastado e respeitado, o coronel Sebastião de Paiva ditava ordens naquela região. Bons cafezais, pastos ondulantes de capim gordura, o melhor para vacas leiteiras, plantações de arroz, roças de milho, e, sobretudo um engenho de cana para fabricação de rapaduras e cachaça.

Este é que dava maior vitalidade e prosperidade ao seu dono. Vinham operários acostumados àquela lida, até de Campos-RJ. Por isso aqui eram conhecidos e chamados “campistas”. Faziam uma tarefa, uma safra, juntavam dinheiro e voltavam para seu lugar de origem.

Muitos escravos trabalhavam para enriquecer o “sinhô”.

Acontece que a água do lugar tornara-se pouco para a movimentação do engenho. Necessário se tornava assentar uma grande roda d'água que, com pouco volume de líquido, podia movimentar, com toda a facilidade, o engenho.

Não fizeram conta do dinheiro. Mandaram buscar, de longe, um entendido no assunto, um “doutor” engenheiro. Este fez a planta da grande roda. Tudo calculado em seus mínimos detalhes. Todas as possibilidades de obter o máximo de rendimento foram estudadas e planejadas.

Chegou o dia de assentá-la.

A fazenda se movimentou. O sinhô, a sinhá e os sinhozinhos e sinhazinhas procuravam lugares de onde pudessem melhor observar o serviço.

Uma turma grande de escravos parrudos e reforçados foi destacado para realizar o trabalho.

O engenheiro, de botas lustrosas, camisa branca e alvejada, de mangas arregaçadas, distribuiu os negros de modo a obter melhor rendimento de suas forças. Mandaram descer, com cuidado a grande roda.

Todos estavam atentos à manobra que não saiu das melhores. A roda desceu além do necessário e engastalhou-se ligeiramente nas pedras do

socavão.

O engenheiro tratou de remediar o fato.

Distribuiu melhor os escravos. Nenhum resultado prático.

Reforçou a turma de negros, fez nova distribuição e, certo de obter bom resultado, passou a gritar ordens:

— Vocês aí da direita, peguem firmes e façam força conjunta.

Os negros, nada. Ficavam olhando aparvalhados para o doutor.

— Vamos, levante. Com força, todos de uma só vez!

Os negros, nada.

O engenheiro trocou as turmas, deu novas instruções, colocou todos no lugar certinho. Estava convicto que dessa vez ia mesmo.

— Vamos! Levantem!

Os negros, nada.

— Levantem a roda, façam força, vamos, levantem!

Os negros, nada.

O doutor começou a perder a paciência. Foi ficando cada vez mais nervoso.

— Levantem, cambada!

Nada.

— Levantem, cambada de vagabundos! Por que estão me olhando assim, aparvalhados? Vamos! Levantem!

Nada.

Foi então que a “sinhá”, a dona da fazenda salvou a situação.

— Doutor, o que está acontecendo é que eles não compreendem o que o senhor fala. Quer ver?

E dirigindo-se aos escravos:

— Bamo pessoá! Suguem p’ra riba!

Num instante eles se movimentaram e, sem esforço, puseram a roda no lugar.

# A “Emília” do Patrício Batalha

Ele era baixinho, muito sistemático e “seguro”. Tão “seguro” que, em vida mandou fazer o próprio caixão para não incomodar ninguém e... gastar menos. Eu vi o dito caixão debaixo do soalho de sua fazenda, lá pelos lados do chapadão. Certo dia, Patrício viera ao arraial para fazer umas compras na venda de Domingos Alves.

Justamente quando ele chegou, Sô Domingos estava abrindo um caixote com uma partida de urinóis.

— Para que serve isso, Sô Domingos?

E o rico negociante explicou-lhe a serventia do vaso.

— Cruzes! Uma coisa tão bonita para servir dessa maneira! Esses vasilhinhos servem até para por comida na mesa.

— Por que não compra todos eles? - perguntou Domingos zombeteiro e maroto.

— Homem, é o que vou fazer!

E arrematou a partida de urinóis.

No primeiro pagode (banquete) que houve na fazenda, os convidados ficaram basbaques. Nas grandes e compridas mesas, fartas e succulentas leitões, pernis, frangos desfiados, macarronadas e outros quitutes, tudo foi servido em limpos e branquinhos urinóis e tabuleiros.

Patrício prosperava a olhos vistos. As línguas malvadas falavam que, de cada carro de lenha que despejava na rua do Quiabo, surgia uma casa de pau-a-pique para ser alugada às mulheres do baixo meretrício.

No jogo toda a parada era dele. Parecia que as moedas corriam-lhe para os bolsos como se “dominguinho” (demônio) para ali as recolhessem.

As roças de Patrício Batalha desafiavam as secas e estiagens, enquanto as dos vizinhos se esturricavam retorcidas.

É coisa do demo! Afirmavam as carolas benzendo-se e persignando-se.

— Ele só faz casas para as mulheres à toa pecarem!

— Não há dúvida, ele tem parte com o “tinhoso”!

— É o demo que lhe segreda o jogo dos outros parceiros.



E um dia... um dia Patrício morreu.

Foi levado no famigerado caixão.

As devotas benzeram-se ao ver o enterro passar.

— Cruz, credo! Ave-Maria! - balbuciavam com medo.

Acabado o enterro tudo voltou à calmaria.

Começou a apuração dos bens de Patrício Batalha. Na fazenda havia uma rica “Emília” sempre fechada.

— “Emília”, que é isso?

Desculpem-me. “Emília” é a corruptela de ermida, usada por nossos avós.

Foram abrir a ermida ou oratório da sala de jantar da fazenda.

— Cruzes!!!

Dentro, nenhuma imagem de santo. Somente dois vidros tampados. Em um deles nada existia. No outro... apenas uma mosca preta!

— É o demo! - gritaram uns.

— É o chifrudo! - bradavam outros. No entanto todos estavam de acordo num ponto de vista: no vidro vazio estivera guardado a alma de Batalha. O diabo a carregara!



A propósito do enterro de Patrício Batalha, os antigos contavam como certo e verdadeiramente passado que, durante o velório dele havia muita gente fazendo-lhe “quarto”.

Lá pelas onze e meia da noite em diante, todos começaram a sentir um mal estar, uma apreensão esquisita.

À meia-noite, um grupo de negros de orelhas pontudas, olhos avermelhados como fogo, engrolando resmungos incompreensivos, entraram pela porta a dentro.

A turma toda fugiu espavorida. Quando voltaram, o corpo do morto havia desaparecido.

Esconjurando, os homens do velório foram ao quintal, cortaram uma bananeira, puseram-na no caixão e o fecharam.

— Os demónios - afirmavam os antigos, benzendo-se - não se contentaram em levar-lhe a alma. Carregaram, também, o corpo.

# Sacrifício heróico

Algumas vezes nos deparamos com fatos inacreditáveis e que, se formos apurar, chegaremos à conclusão de que, realmente aconteceram. Aqui está um deles:

Em Miráí, cidade próspera, perfeitamente entrosada na conjuntura estadual e federal de nossa Pátria, cuidando, com carinho, da cultura de seus filhos, antigamente, como em Rodeiro e em outros lugares de nossa região era um foco de capangada.

Havia até entendimento entre os fazendeiros que permutavam os pistoleiros de Miráí e de Rodeiro. O capítulo T.F.N. (toca fogo nele) que faz parte deste estudo histórico, narra, com detalhes, a permuta.

Era uma característica da época e é sob este prisma de distorção moral que devemos encarar certos casos e acontecimentos como o que vamos narrar.

Foi naquele ambiente em Miráí que morejou, trabalhos, fez fortuna suficiente para dar um bom conforto à família, Aristides Alves Ferreira.

Zona cafeeira, na época, ficava Miráí sujeita aos altos e baixos da oscilante balança do comércio cafeeiro.

Fazendeiros e comerciantes sólidos, de um momento para outro, viam-se em aperturas e até empurrados à bancarrota.

Depois de muito labutar numa dessas reviravoltas da cultura chamada de “ouro verde”, Aristides perdeu muito dinheiro e chegou ao perigoso limite de ter, sem muita tardança, que dispor de todas suas propriedades e fundos bancários, para saldar compromissos.

A família ia passar por duras necessidades. Era de enlouquecer.

Heroico à moda antiga, Aristides, depois de muito pensar e meditar, descobriu uma saída para sua desesperada situação.

Procurou uma agência de seguro de vida e (a sua situação precária ainda não tinha transpirado) fez um respeitável e polpudo seguro. Pagou a inicial e a primeira prestação.

Durante o ano inteiro, morejou firme, economizando o máximo para poder solver a segunda prestação, terminando, assim, o período de carência.

Paga a segunda cota, Aristides já tinha escolhido seu homem de confiança, seu melhor amigo e compadre, para dar cabo de seu intento. Mandou chamá-lo.

— Compadre, você é meu amigo de verdade e a toda prova. Vou pedir-lhe a suprema ajuda no transe mais doloroso da vida. Tenho certeza de que você não me falhará.

— Compadre, estou assustado. O que será que o empurrou para este desespero?

Aristides contou-lhe toda sua real situação. Dentro de poucos dias a falência lhe bateria às portas. Era a ruína. Era a vergonha e a miséria que estavam à espera de sua mulher e de seus filhos.

— Mas, compadre, você tem amigos que podem tirá-lo das aperturas.

— Não, compadre. As dívidas são altas demais.

E contou-lhe a primeira parte de seu plano: o seguro de vida que fizera.

— Mas, compadre, você está vivo. Isto para nada vai servir.

— É aí que precisarei de você. Não me negue seu concurso, sua ajuda. Preciso que alguém me mate! Assim...

— Compadre, você enlouqueceu! Isso não!

— Somente assim minhas dívidas serão rasgadas e minha mulher e meus filhos ficarão com quem possam levar a vida num padrão médio e sem sofrer humilhações.

— Compadre!

— É o único homem com quem posso contar para realizar meu plano. Mate-me, compadre. Mate-me, por amor de Deus! Mate-me por amor a seus filhos! Mate-me!

Depois de muita tergiversação, o compadre concordou. Não marcou hora, nem lugar.

Dois ou três dias depois a ocasião se apresentou. No campo. Sem testemunhas. Enfim, todas as condições necessárias para um “crime” perfeito.

Firmou bem a pontaria, puxou o gatilho e o tiro foi certo.

Aristides morreu sem um ai. Sem uma queixa.

Estava cumprida sua vontade. Estava salva a família. O seguro tudo cobriu.



Numa bela manhã ensolarada, Raul Alves Ferreira, o homem pacato e tranquilo, acompanhado de outro homem sossegado e bonachão, Francisco Vieira, montados em bons animais, carabina atravessada na cabeceira dos arreios, partiram para Miraí. Iam tirar a limpo a morte do seu irmão e de seu amigo, Aristides. Iam lavar-lhe a honra!

Foram. Souberam de todos os detalhes daquela morte heroica. Visitaram o túmulo do que tombara por vontade própria para salvar os entes queridos.

O heroísmo foi sempre o apanágio da família Alves Ferreira!

Os dois amigos voltaram para Rodeiro.

E as carabinas voltaram como foram: com todas as balas!

# Mais quatro episódios com escravos

## 1º - OS SANTOS ÓLEOS

Na enorme fazenda da Boa Esperança, pertencente ao Alferes Ponciano, já descrita neste livro, havia um escravo nela nascido, muito benquisto de todos e sobretudo de seus “donos”.

Seu nome era José Bonifácio. Era maquinista, encarregado das caldeiras que movimentavam os engenhos e as fábricas de utensílios para o próprio uso doméstico.

Certo dia, em seu trabalho, foi mordido por um cachorro danado (hidrófobo).

O capitão Roberto, filho do Alferes Ponciano, mandou buscar em Ubá, na igreja de São Januário, os santos óleos. Como era sobejamente conhecido e respeitado pelo Vigário de Ubá, obteve o que desejava.

Fez o escravo José Bonifácio beber um pouquinho dos óleos sagrados que, segundo a crença do tempo, era um remédio “evidente” (eficaz) contra a raiva canina.

Aplicado o remédio santo nas feridas e bebido o restante, a vítima deveria ficar 40 dias de dieta rigorosa.

Infelizmente o preto escravo não obedeceu às exigências da dieta, dias depois, nele se manifestou a raiva. Estava irremediavelmente perdido. Prenderam-no num quarto da fazenda e ali morreu estraçalhado pelos próprios dentes, em estado lamentável.

## 2º - MORTO NAS ALGEMAS

Na mesma fazenda, anos depois, na parte que tocara ao Capitão Silvério, havia um negro fujão.

Como de praxe, o negro precisava ser punido para servir de exemplo para os outros companheiros.

— Nada de barbaridade. - recomendou o Capitão Silvério - Lembrem-se que ele é um cristão!

No entanto, o feitor era um homem mau e perverso. Colocou algemas nas mãos e nos pés do infeliz e o obrigou a trabalhar assim, e ainda debaixo de pancadas.

Somente dias depois o Capitão teve notícias do suplício do pobre escravo. Mandou o feitor embora e ordenou que tratassem das feridas do preto.

Era tarde demais.

As feridas dos pulsos e dos tornozelos tinham-se arruinado. A gangrena se manifestara e a pobre criatura morrera debaixo de dores e agonias atrozes.

Contam os antigos que o infeliz escravo morrera ao meio dia e uma nuvem preta tapou o sol até o entardecer.



Estes fatos foram-me contados por Sebastião Dal Sasso, que os recolheu das narrativas de um preto velho, escravo da mesma fazenda. Sebastião é homem de bom conceito e crédito e é próspero negociante na cidade de Rodeiro.

### **3º - A ESCRAVA MARGARIDA**

Contava-me minha avó que naqueles tempos da escravidão havia para os lados do atual distrito de Diamante de Ubá, uns fazendeiros muito maus para com os pobres pretos. Pretos para eles não eram gente. Eram criaturas que compravam e vendiam, e que podiam ser mortos impunemente pelos donos.

O dono da fazenda, cujo nome não cito para não humilhar descendentes seus, hoje bem colocados e que nenhuma culpa tem dos erros de seus antepassados, comprara uma linda escrava, mulata fechada, de corpo bem torneado, feições distintas e sem as características da raça negra.

A sinhá encheu-se de ciúmes da linda escrava, cismando que o marido com ela a estava traindo.

Certa noite, num “serão” em que as escravas se afanavam nos crochês e bordados, vigiadas pela megera da casa, a cascavel “sinhá”, a escrava Margarida (era o nome da linda escrava) foi interpelada.

— Margarida. Traga-me um pouco de leite. Mas que não seja muito quente!

A pobrezinha saiu para a cozinha a fim de cumprir o mandado. Pouco depois voltava com a xícara de leite pedida.

A malvada provou a bebida e a agulha de crochê feriu as carnes de Margarida.

— Cachorra! Eu pedi leite quente e não frio, quase gelado como este. Volta. Esquente esta droga.

A escrava retornou à cozinha e pouco depois voltou.

— Miserável. Quero leite quente, bem quente!

Lá foi a escrava Margarida cumprir a ordem. Quando voltou o leite saía fumaça. Quase fervendo, como fora pedido.

— Chega aqui bem perto!

Margarida se aproximou. A megera abriu o decote da blusa da infeliz, e, nos seios da pobre vítima derramou o leite quase fervendo!

Com um grito selvagem, Margarida saiu desesperada para a cozinha. Ali retirou um terço que trazia pendurado no pescoço e o entregou à velha mãe, escrava como ela.

— Toma mamãe. Não aguento mais. Nosso Senhor que me perdoe!

E saiu correndo pelo terreiro afora até a beira do ribeirão. Nele se atirou, e as águas acabaram com o suplício da infeliz.

— Foi uma mártir, meu netinho. - dizia-me a abençoada vovozinha - A pobrezinha tem até feito milagres para quem a invoca nas horas de desespero!

#### **4º - COM FERRO EM BRASA**

Outro fato muito parecido com o que acabamos de narrar passou-se lá pelos lados da Boa Vista de Rodeiro.

Dona Jesuvina, que ficou famosa pela maneira selvagem com que castigava as escravas, também se enciumara com uma mulatinha, escrava dengosa, um cromo de mulher que o marido adquirira.

— Ao que me parece meu marido, cão, sem-vergonha, está embeijado por esta serigaita. Mas eu apronto ela.

As brigas amiudavam-se e o ódio contra a mulatinha ia crescendo.

Afinal, chegou o dia da vingança.

O marido, rico e abastado fazendeiro, saíra em viagem.

Jesuvina, que já tinha arranjado um ferro de marcar bois, foi para a cozinha, atçou bem o fogo, nas brasas introduziu o instrumento de suplício e, quando estava bem vermelho, chamou a infeliz escrava.

— Vem cá, miserável! Você está me roubando o amor de meu marido. Vou te ensinar, cachorra! Homem nenhum olhará para tua cara.

— Mas, sinhá, eu não fiz nada. Pelo amor de Deus, não me bata. Eu não fiz nada!

E quando a mulatinha estava bem próxima, puxou-a com força com a mão esquerda, e, com a direita, aplicou-lhe o ferro em brasa na boca.



E megeras como essas se diziam cristãs, tinham lugar reservado na igreja, e, quando morriam, eram honradas com missas de corpo presente...

# Uma Página Negra

Esses “Grupos Justiceiros” ficaram como uma mancha negra, uma nódoa, nas páginas da história de Rodeiro e da nossa região.

Vejamos como e por que.

Em artigo publicado na cidade de Ubá, nº 1007, jornal que então tinha como redator político Ary Gonçalves, o ilustre mestre, historiador consciencioso e brilhante professor de História no Ginásio Estadual Raul Soares, Agripino Gomes Veado, testemunha ocular dos tenebrosos acontecimentos de antanho, focaliza-os com minúcias e precisão.

Filho de João Gomes Pereira ou João Gomes Veado, como era conhecido um dos mais fortes e destacados comerciantes de Ubá, o articulista ocupava o cargo de Escrivão dos Processos e Execuções Criminais, hoje conhecido como Cartório do Crime.

Por dever de ofício estava por dentro dos fatídicos acontecimentos.

Vejamos um resumo do que foi por ele escrito, visando mostrar a personalidade marcante do então Juiz de Direito da Comarca de Ubá, mais tarde Desembargador, membro do Tribunal de Relação do Estado e enfim do Supremo Tribunal Federal: Dr. Hermenegildo de Barros.

“Sangue e mais sangue. - escreveu - Violência de toda natureza”.

É que o furto dos animais tinha atingido, nas zonas rurais, o seu ponto culminante.

A polícia era incapaz de prevenir o mal que progredia cada vez mais. Inquéritos eram abertos. Nada, entretanto eram apurados.

Como consequência a essa situação, muitos prejudicados, fazendeiros quase todos, organizaram-se para fazer justiça pelas próprias mãos, linchando sumariamente os que “limpavam” seus pastos.

No começo, a “caça” foi feita aos ladrões de cavalos.

Depois, mortos um grande número deles, fugidos os restantes, os “Grupos Justiceiros” como se intitulavam (eram três principais: um agindo em Tocantins, quatro em Sape, hoje Guidoal, e o terceiro em Rodeiro), passaram-se a se tornar: primeiro joguete na mão de intrigantes, depois objetos conscientes de vingança, pagos por indivíduos que desejavam ver-se livres de desafetos.

Jogavam sobre a vítima rótulo de ladrão de cavalos, e o infeliz passava “dessa para melhor” com o corpo crivado de balas como se fosse peneira de soprar café.

Infelizmente, autoridades se acumpliciavam com os Grupos Justiceiros, escrevia o articulista acima citado.

O próprio Dr. Hermenegildo de Barros, em discurso pronunciado em 1936, no Instituto da Ordem dos Advogados do Brasil, teve oportunidade de se referir ao fato de uma reunião dos famigerados “Grupos” com as autoridades locais, no próprio Edifício do Foro. Eis o depoimento do grande e impoluto magistrado:

“No dia designado para a reunião, compareceu em minha residência o promotor público da Comarca para que fôssemos juntos assistir àquela reunião. Escusei-me delicadamente. O promotor público surpreendeu-se com a minha atitude e pintou-me com cores negras a situação, os perigos a que me expunha em consequência de uma recusa que os linchadores poderiam tomar como acintosa. Não importa, respondi-lhe. Sei que a situação é grave, mas, primeira autoridade da Comarca, não posso comparecer a uma reunião de criminosos, de homens que estão fora da lei, praticando, ostensivamente, os mais bárbaros assassinatos.”

Da minha casa que ficava fronteira ao edifício do Foro, no largo principal da cidade, eu ouvia os aplausos que eram dispensados aos linchadores.

Terminada a reunião, saíram eles a passeio pelas ruas da cidade, ladeados por autoridades da localidade.

Pude ouvir depoimento de como agiam os “grupos” transformados, no fim, em assassinos assalariados.

Qualquer homem de posses ou de posição que desejasse se ver livre de um inimigo ou desafeto, entendia-se com o chefe do grupo, acusava a futura vítima de ser “ladrão de cavalos”, pagava a taxa de duzentos mil reis para cobrir as “despesas” com a manutenção dos “trabalhadores sociais”, como também se intitulavam, e o destino macabro do desgraçado estava definitivamente traçado, logo após o pagamento do preço da sangra.

Destacavam um membro do grupo para ir procurar a futura vítima, fingindo-se amigo, e aconselhá-lo a reunir o mais que pudesse do dinheiro que possuísse e indicar-lhe a estrada melhor para a fuga. Acontece que era, justamente, nessa estrada que o grupo estava à sua espera.

Matavam o infeliz, picavam-no de balas, saqueavam o dinheiro e o abandonavam à beira do caminho.

Conheci uma velhinha que viveu dias de luto e desespero.

Contou-me, com minúcias, as peripécias por que seu marido passou conseguindo, afinal, salvar-se.

Ele havia tomado cento e cinquenta mil reis emprestado de um poderoso do lugar.

Infelizmente, não foi feliz nos negócios. Perdeu o dinheiro emprestado, tudo o que possuía e, só não ficou na miséria, porque foi morar com o próprio sogro.

O tempo se passara e nada de poder pagar o dinheiro que tomara emprestado.

Com o advento do grupo, chegara a oportunidade de livrar o mundo, de um “tratante” que ousava fintar o todo poderoso ricoço e mandão. Deixava de saber se a dívida não fora paga por má fé ou se foi por descontos independentes da vontade do devedor.

Entendeu-se com o Chefe dos Guerrilheiros, deu-lhe duzentos mil reis e, ficou esperando a hora da “justiça”.

— Sô Chiquinho. Eu preciso de um particular com você. – foi dizendo o grupeiro, encostado no balcão da venda do sogro da futura vítima.

Emborcou uma dosagem de cachaça, limpou os beiços com as costas da mão e continuou:

— Você sabe que sempre fui seu amigo. Você sabe também que faço parte do “Grupo”, porém é devido à nossa velha amizade que venho lhe prevenir de que o Grupo está com ordem de matá-lo.

E olhando ao redor para ver se havia alguém escutando:

— Olha, pega todo o dinheiro que puder de seu sogro e suma no mundo de Deus. Mas, preste bem atenção. Não pelo caminho da Serra da Onça, não. O Grupo está lá de tocaia para acabar com você. Fuja pelo caminho de Diamante e toma o trem para o rumo de Recreio. Num se esqueça!

Sô Chiquinho, muito comovido, agradeceu o aviso:

— Deus lhe pague, amigo. Você mostrou que é amigo mesmo, de verdade.

Mal o grupeiro saiu da venda, Sô Chiquinho mandou-lhe uma violenta “banana”.

— Para você, filho de uma égua. Não serei eu que vou cair em sua armadilha.

Chamou a mulher, o sogro e a sogra. Contou-lhe a conversa com o grupeiro. Recebeu do sogro uma ajuda com que pudesse alcançar os parentes em São Manoel, pegou um cavalo e partiu pela Estrada do Chapadão.

Logo depois de dobrar o morro do Anastácio, Sô Chiquinho encontrou-se na porteira da casa com Juca Rosa, um sitiante muito bem conceituado.

— Onde vai a esta hora, Sô Chiquinho? Já está escurecendo.

— Estou sem rumo, Sô Juca. Estou fugindo do Grupo que quer me matar.

Sô Juca mudou de cor, pôs se a tremer e...

— Pelo amor de Deus, Sô Chiquinho. Não pare aqui não! Não pare aqui não!

E a velha viúva me falou baixinho:

— O Chiquinho disse que sentiu o cheiro de merda que ficou escorrendo pelas pernas abaixo do Sô Juca.

Afrito, desesperado, nervoso, nosso homem tocou para o Chapadão. Lá morava um dos homens mais conceituados e respeitados das redondezas. De certo ele lhe daria pousada e meio de escapar do Grupo.

Na porteira da Fazenda bateu palmas com o tradicional “Ô de casa”.

O fazendeiro chegou à varanda.

— Sô Chiquinho! O senhor por aqui é novidade. Apeie.

O fugitivo apeou, subiu as escadas, cumprimentou e foi direto ao assunto.

— O senhor estranhou a minha vinda. Tenho um grande favor, uma caridade a lhe implorar. O Grupo está me perseguindo.

O fazendeiro nem o deixou continuar.

— Sô Chiquinho, por favor, não me condene. Mas minha mulher está esperando criança para qualquer hora. Se aquela corja de assassinos aparecer por aqui à sua procura ela pode passar mal, antes do tempo, abortar e até morrer. Por favor, Sô Chiquinho, não me condene. Não repare...

O pavor que o Grupo espalhava contaminava a todos!

Lá se fora a última esperança do Sô Chiquinho.

Se aquele fazendeiro tão conceituado, tão bom, tão corajoso não poderá dar-lhe proteção e fuga, então tudo estava perdido. Para quê andar mais? O melhor era voltar. Voltar para morrer!

Virara o cavalo e rumara, de novo, para Rodeiro.

Atabalhado, abobalhado, desacoroçado, largou a rédea no pescoço do animal e deixou que seguisse o rumo que quisesse.

De novo, já na entrada do povoado, o cavalo, em vez de seguir para o arraial, tomou outro rumo, na encruzilhada que hoje é de Domingos Paschoalino, e foi para a Fazenda Miracatu, de propriedade de Nominato Alberto Lima. Passou pela frente da casa sede, rumou para o lado do Capitão Roberto.

Um pouco adiante, à porta de um casebre, ao lado da estrada, estava o preto Rufino. Todos o tinham como um matador, um assassino profissional.

— Olá, Sô Chiquinho. Chegue-se para cá. Apeie um pouco.

— Não posso.

— Uai! Quê que há com você?

— Olhe! Sabe de uma coisa? Estou andando sem rumo. Nem sei para onde ir. O Grupo vai me matar. Fui por aí acima e todos ficaram apavorados. Só faltaram me tocar pela estrada afora. Você sabe. Todos que dão pousada ou acoitam os perseguidos pelo Grupo são linchados! Morrer por morrer, eu voltei para morrer em casa. Mas este animal em vez de ir para a rua, destorceu para cá!

— Apeie. Apeie, Sô Chiquinho. Depressa. Vou esconder seu cavalo. Entre. É um instante só.

Sô Chiquinho apeou, entrou e fechou a porta.

O negro Rufino pouco depois voltou. Trancou tudo: portas, janelas.

— Olhe, não tem quase nada pra comer. Só carne seca com farinha. E água. Mas o que eu tenho é seu.

Sô Chiquinho mal tocou na frugal refeição.

Depois fizeram os planos. Iriam dormir sossegados.

— Com esse preto velho eles não se incomodam. Eles me conhecem!

De madrugada, ao romper do dia, o preto saiu a pé para Rodeiro.

— Olhe! Feche bem todas as portas e janelas. Se vier alguém bater, não abra. Não dê sinal de vida!

E partiu.

— Ele é capaz de me trair e ir me denunciar ao Grupo para ganhar a recompensa. - pensou Sô Chiquinho - Se assim for, quê me importa? Eu estou mesmo é para morrer!

Sá Mariquinha havia aberto a venda do pai, bem cedo. Passara a noite em claro.

Aparentava tranquilidade. Mas, Deus sabe o desespero que lhe atormentava a alma.

Abrira a venda na esperança de saber alguma notícia do seu marido.

O primeiro freguês a chegar foi o negro.

— Bom dia, Sá Mariquinha. Cadê Sô Chiquinho?

— Ele está por aí. Foi pegar o cavalo de papai.

— Foi pegar o cavalo, hein?

Sá Mariquinha estava para explodir.

— Foi sim. Depois ele deve ter ido procurar um capado para comprar. Papai quer fritar banda para hoje.

— Foi comprar porco, hein?

Sá Mariquinha não aguentou:

— E daí, seu negro matador! Você o liquidou? Você e seu grupo? Miserável assassino!

— Calma! Calma, Sá Mariquinha. Sô Chiquinho num morreu não. Tá lá em casa escondido. Vou dá um jeito de levar ele lá para São Manoel. Vim aqui foi pra sossegar você. Deixe que negro vai conservar Sô Chiquinho, sãozinho!

— Você?... Você? Por que você fez isso? Diga que não é mentira!

— Não é mentira, não. Óia! Eu vou contar pra você porque vou proteger Sô Chiquinho. Você se lembra que, uns dois anos atrás eu precisei de cinco mil reis? Precisei como um desgraçado. Era um compromisso de honra! Ninguém me fez crédito. Ninguém me emprestou! Foi então que procurei Sô Chiquinho. Eu sabia que ele não tava muito bom de dinheiro. E, acredite se quiser! Sô Chiquinho me arranjou os cinco mil reis.

E tirando uma baforada no cachimbo de barro:

— Negro veio não se esqueceu, não, Sá Mariquinha. Negro veio nunca se esqueceu!

Três ou quatro dias depois, ajudado por um outro colega de fama ruim, o negro Rufino conseguiu embarcar em Porto de Santo Antônio, hoje Astolfo Dutra, juntamente com Sô Chiquinho. Foram parar em São Manoel e por lá ficaram até que o Grupo teve seu fim. Seu trágico fim.

O articulista no começo por nós citado, afirmou que o então Presidente do Estado, Dr. Francisco Silviano de Almeida Brandão, em vista das graves

ocorrências verificadas em Ubá, mandou um reforço apreciável de soldados da Força Policial e também o próprio sub procurador-geral do Estado: Dr. Aureliano de Magalhães.

Talvez tivesse ocorrido a pedido do Juiz Hermenegildo de Barros. Não seria de estranhar, pois a integridade dessa autoridade, sua coragem e honradez estavam acima de qualquer comentário.

Montaram o processo. Foi acusador o próprio Dr. Aureliano de Magalhães. Foi defensor o famoso advogado e político: *Dr. Carlos Peixoto Filho*.

— Durou dias consecutivos o julgamento perante o tribunal do júri, dado o elevado número de réus: cerca de quarenta, - disse o articulista - deixando de comparecer, de se apresentar grande parte deles.

É de se estranhar que grande parte dos linchadores tenham deixado de se apresentar.

Por que então a polícia, já muito reforçada, não os buscou?

Por que o sub-procurador geral não exigiu medidas enérgicas para que todos fossem levados à barra do Tribunal?

Em conversa com D. Mariquinha, parece que tudo se ajustou.

— É, menino. Deus foi muito bom. Liquidaram com o Grupo. O Chiquinho voltou. Pagou o que devia a seu credor. Viveu muitos anos e morreu em paz, na nossa casa.

— E como acabaram com o grupo?

Um doutor (não sei se foi promotor) usou de um expediente que deu certo. Mandou chamar todos os grupeiros. Em recompensa por eles terem acabado com os ladrões de animais e maus elementos de nossa região, o Estado iria trocar as armas deles por fuzis de guerra. Marcou dia e hora para se apresentarem.

— E eles foram?

— Se foram! Um até nem era do grupo... Pediu uma espingarda pica-pau da mamãe para poder ganhar o fuzil.

— E trocaram mesmo?

— Escute. O doutor fez um discurso muito bonito e mandou que eles depositassem em cima de uma mesa grande todas suas armas. E eles depositaram. Depois mandou que todos passassem para uma outra sala onde receberiam os fuzis. Eles foram. Mas, lá, em vez de fuzis, eles receberam foi voz de prisão.

— Boa!

— Mesmo assim, eles resistiram com as armas curtas, garruchas, que tinham na cintura. A polícia fez fogo. Muitos caíram ali mesmo. Outros fugiram e foram caçados como animais nas ruas da cidade. Foi uma mortalidade terrível.

Sá Mariquinha parou um pouco. Aquelas recordações lhe eram penosas.

— A senhora não se lembra do nome desse Doutor, desse Promotor?

— Não. Não me lembro!

— Não seria o Dr. João Evangelista Barroso, pai de nosso querido Ari Barroso?

— Não. Não lembro, não!

E depois de uma pausa:

— Eu só me lembro que, um dos soldados trouxe uns grupeiros pelas ruas de Rodeiro. Passavam de casa em casa perguntando o que queriam que fizessem com aqueles linchadores.

Uns mandavam bater neles, outros mandavam cuspir neles. Outros mandavam dar coices de carabina nas costas deles.

Sá Mariquinha estava quase chorando.

— Quando chegaram em frente nossa casa, o Chiquinho já tinha voltado. Perguntaram o que ele queria que eles fizessem com os homens. Coitados. Eles estavam tão derreados que fazia dó.

— E Sô Chiquinho?

— Ele deve ter lembrado da bondade do preto Rufino. Ele deve ter lembrado que nessa vida só vale fazer o bem para os outros. Depois, coitados! Eles estavam em petição de miséria. O Chiquinho olhou para eles. Duas lágrimas correram de seus olhos.

— E então? - perguntaram os soldados.

— Nada. Chega de judiar com eles! Não quero nada! Passem adiante!

A comoção era grande.

Quando Sá Mariquinha se acalmou, sua conclusão foi comovente.

— Mais tarde, o Chiquinho não se cansava de recomendar: “Olhe! Se escapar algum filho nosso, você tem sempre que repetir. Tire da cabeça dele toda a ideia de vingança. Lembre-se! O pai que tanto sofreu, perdoou a todos”, com lágrimas nos olhos!

— E houve esse filho?

— Sim. Ele está bem vivo. E, tem uma coisa. Nunca se esqueceu de abençoar a memória do preto Rufino e de pedir a Deus luz e descanso para sua alma!

E eu fiquei a pensar:

Quanto valeu cinco mil reis?

Mais do que uma vida!

Provocou uma série enorme de atos bondosos.

Foi arrancada do peito de muitos, o ódio e colocado em seu lugar o perdão, o amor, a paz!

# Velha Têmpera

Foi um ano fatídico para Rodeiro e imediações, o de 1901.

A região estava infestada de ladrões de cavalos.

Aliás, no começo, Rodeiro teve uma fase de progresso relâmpago, porém com um fundo triste e vergonhoso.

A jogatina era desenfreada. Atraía profissionais do baralho vindos de longe para tentar a sorte. Uma região inteira parecia viver só para o pano verde. Fazendas havia, e vários, sobretudo na Serra da Onça, em que entrava ano e saía ano, as noitadas eram passadas em claro, em torno das mesas de jogo. Por volta da meia noite, jogadores faziam uma pausa e iam se assentar em torno da grande mesa de jantar. Eram verdadeiros banquetes, pagodes como diziam, todas as noites, leitões assados, pernis de porco, galinhas recheadas. Depois voltavam para o pano verde até o dia raiar.

O dinheiro corria a rodo em toda a região.

Só de sobrados havia quatorze no povoado.

E onde havia dinheiro, o que não faltava eram ladrões e prostitutas.

Os antigos contavam que só de prostitutas havia vinte e tantas casas em Rodeiro. Um verdadeiro bairro. O bairro do Bongue, para lá de onde, hoje, é o cemitério. Isto durou até a quebra, a falência dos fazendeiros. Depois foi a decadência, o marasmo.

A ladroagem, sobretudo de cavalos, tornou-se tão assustadora que os ricos e remediados organizaram bandos armados que se tornaram conhecidos como grupos dos vigilantes. Não podiam contar com o policiamento do Estado.

Foi uma limpeza geral. Os desgraçados marginais eram caçados como feras, mortos, picados por balas. Oitenta, cem e cento e poucos buracos em cada cadáver.

Quando acabaram com os ladrões de cavalos, matando-os, os grupos, acostumados com cheiro de sangue, passaram a matar para ganhar dinheiro.

Quaisquer desafetos dos poderosos, dos coronéis, dos remediados, eram sumariamente eliminados a tiros. O preço da vida dos marcados para morrer era de duzentos mil reis.

O grupo mandava um emissário para notificar a futura vítima de que estava com os dias contados. O emissário apresentava-se como amigo e aconselhava a vítima a reunir todo o dinheiro e valores que pudesse e fugir. Mas que não passasse por tal caminho. Lá estaria o grupo a espera para a tarefa macabra. Fosse por outro lado, pelo atalho que indicava. Mas era naquele atalho que o grupo estava de tocaia. Matavam o infeliz, saqueavam-no, repartiam entre si os valores, dinheiro e o valor da vida.

Foi nessa época que se passou o fato que vou narrar. Omitirei o nome do mandante e dos executores porque em nosso meio ainda vivem descendentes deles e que nenhuma culpa têm do erro de seus ancestrais.

No então arraial de Rodeiro, moravam dois dos principais protagonistas dessa história: um farmacêutico e um fazendeiro.

O farmacêutico chamava-se Joaquim Augusto de Magalhães. Era casado, cheio de filhos e muito hábil e feliz em sua profissão.

O fazendeiro chamava-se João Corrêa Barbosa, era homem íntegro, enérgico e sistemático. Têmpera antiga, do tempo em que um fio de barba servia de documento.

Apenas uma colina, hoje Morro do Cruzeiro, separava a morada dos dois.

Desentenderam-se por questões insignificantes. Ao que parece, os porcos do farmacêutico invadiram as plantações do fazendeiro. Avisado, aquele nenhuma providência tomou. Enraivecido, o fazendeiro andou machucando e esartejando um dos animais.

Foi o ponto de partida para uma ferrenha inimizade.

A coisa estava nesse pé quando vieram avisar ao farmacêutico que sua pele estava tratado. Estava na lista negra do grupo. Quem mandara matar era o “coronel”.

A notícia estourou como uma bomba naquele lar tranquilo. Qual o motivo? Talvez um dinheiro tomado emprestado e que ainda não pudera ser pago.

E quem teria o topete de interceder pela vítima perante o todo poderoso e violento “coronel”?

Somente um homem...

O “capitão” João Corrêa Barbosa!

O seu inimigo fidagal...

... Um recado foi-lhe mandado.

... Um pedido veemente.

E ele veio.

Mandara arriar a melhor besta com o melhor arreio. Pusera as esporas, chilenas, de prata. Pegara a melhor trabalhada de suas talas. Tudo isso para caminhar umas poucas dezenas de metros e contornar uma pequena colina.

E o inponente “capitão”, alisando sua luzidia barba longa e negra, chegara à porta de seu inimigo.

— Você mandou me chamar? – perguntou.

— Foi sim, “capitão”. Apeie.

— Com sua licença!

— Entre, “capitão”.

— Com sua licença!

E a conversa foi longa.

O farmacêutico contou toda sua tragédia. Estava lutando com alguma dificuldade financeira. E agora aquela tragédia. O grupo estava à sua espera com toda sua brutalidade, com toda sua grosseria, com toda sua selvageria.

— Para mim, “capitão”, pouco importa morrer. Porém, agora, sem dinheiro com apenas o estoque para cobrir os compromissos... e minha mulher e filhos como ficarão? Somente o senhor, “capitão”, poderá convencer o homem que mandou me liquidar!

— E quem é esse homem?

— É o “coronel”!

João Corrêa Barbosa alisou sua longa barba preta. Pensou um pouco e depois:

— Bem, vou ver o que conseguirei. Na volta direi a você o resultado de minha incumbência.

E partiu.

Magalhães ficou ansioso, rezando para que tudo corresse bem.

Quase uma hora depois o “capitão” voltou.

— Com licença. – disse apeando, entrando e assentando-se.

Magalhães mal podia respirar.

— Tudo arranjado. Sua vida foi poupada. A contra ordem foi dada. Somente tem uma condição.

— Qual é ela, “capitão”?

— Você tem que sumir daqui com toda sua família. Oito dias de prazo.

— Está bem, “capitão”. Nós sumiremos dessa terra.

João Corrêa Barbosa levantara-se. Sua missão estava cumprida.

Ele sentia em si uma coisa esquisita.

Um sentimento que nunca se lembrava ter vivido.

... O homem mau começava a morrer nele.

No entanto isso não se faz de uma vez!

E Magalhães, meio sem jeito:

— “Capitão”, eu não tenho palavras para agradecer-lhe!

— Você não precisa agradecer. Nós éramos inimigos. Você me chamou.

Aqui estou. Consegui o que você me pediu. Agora... agora... continuaremos a ser inimigos!!!

# Pelos tempos afora...

Repetidamente, neste livro vem figurando o nome do Coronel Otaviano da Rocha, homem que, enquanto viveu teve imenso prestígio nesta região.

Nas contendas por causa de limites, água e partilhas, sua opinião acabava com as divergências e fazia tanta fê como se fossem sentenças jurídicas. Entre as realizações que deixou em Rodeiro está a famosa Casa da Conferência de São Vicente de Paulo.

Justo é portanto que abordemos sua biografia.

O Coronel Otaviano da Rocha era filho de Daniel da Rocha Ferreira e de Maria José Lino da Silveira.

O pai, Daniel, nasceu em Taboleiro do Pomba e, com as próprias mãos, manejando instrumentos agrícolas, adquiriu boa propriedade e ampliou muito seus haveres.

Inteligente e observador, lançou-se na cultura de fumo, então incipiente, desenvolveu-a e trouxe-lhe extraordinários benefícios e melhorias.

O fumo da região era o que hoje chamamos de uma só perna e fiado a mão, como até hoje vemos no fumo gaúcho, e, até bem pouco tempo, no fumo goiano.

Daniel inventou, padronizou e generalizou o uso da roda para fiar fumo, até agora utilizada em nossa agonizante lavoura fumígena em nossa zona.

Essa roda o tornou famoso a ponto de, por ocasião da inauguração da Estação de Diamante, em casa do comendador Antônio Gomes, foi arguido sobre ela por E. M. D. Pedro II que desejou conhecer-lhe detalhes. No final da palestra, S. Majestade lançou a frase que se tornou célebre:

— Daniel, não plante fumo. O fumo esvae-se em fumaça. Plante café. O futuro do Brasil, durante muito tempo, dependerá do café.

O evento foi premiado, pouco tempo depois, com uma medalha de ouro e, posteriormente, com outra de prata, pelo governo imperial. Essas medalhas estiveram em mãos da venerada matrona dona Laura da Rocha Resende, que tanta saudade nos deixou com seu falecimento.

A mãe do Coronel Otaviano da Rocha faleceu vítima da febre amarela em Diamante.

Na descendência do casal podemos destacar, entre outros filhos, o nosso biografado, figura que marcou época em Rodeiro, como dissemos acima. Só deixou nosso lugar na época em que estava em moda os mandatários políticos eliminar as pessoas de prestígio perante o povo e que lhes podia fazer sombra. O termômetro que serviu ao Coronel para deixar Rodeiro foi uma frase de pistoleiro, Sô Marciano, que serviu de carrasco nas mãos dos políticos e que vivia reverente aos pés do Coronel.

— Ué! Coronel! O Senhor pensa que vai mandar sempre aqui em Rodeiro?

Foi o sinal de alarme. Sinal de que seu nome estava causando espécie entre os políticos do lugar.

Mudou-se para Ubá onde faleceu muitos anos depois, cercado da estima e da consideração de todos.

Outro filho ilustre de Daniel da Rocha Ferreira, foi o célebre Dr. Martinho da Rocha, de grande renome em Ubá e em Juiz de Fora.

Outra filha ilustre de Daniel e que nos damos o luxo de destacar foi dona Auta Ferreira da Rocha, moradora de Diamante-Rodeiro, casada em primeiras núpcias com um filho do comendador Antônio Gomes, Francisco Gomes Pereira da Silva. Em segundas núpcias com José Marcelo Calçado, português de nascimento, chefe da turma da Leopoldina Railway, em Diamante.

Das primeiras núpcias nasceram-lhe os filhos Oton Rocha; Francisca Rocha Lima, casado com Alberto Nominato Lima, várias vezes mencionado neste livro; Mário Gomes da Rocha, pai de Geraldo Rocha, Mauro Maurício Rocha, Maurício Maria Rocha e avô do Dr. José Maurício Rocha, médico de grande renome em Ubá, estimadíssimo por seu trato humanitário e; outra filha foi dona Lívia Gomes Martins, mãe de Maria José Martins Alvim, casada com o farmacêutico Gordiano de Faria Alvim, e Aurélio Gomes Martins, comprador e vendedor de café e arroz em alta escala, em sociedade com Mário Gomes da Rocha. Por sua vez, Aurélio Gomes Martins foi pai de Aurélio Martins Filho, hoje residente em Ubá onde goza de vasto círculo de amizade e é altamente benquisto.

Das segundas núpcias nasceram-lhe os filhos Simpliciano Marcelo Calçado, dentista; José Marcelo Calçado por sua vez pai de José Marcelo Calçado e avô de Mario Martins Calçado do comércio de Diamante e avô do Capitão PM Mário Lúcio Calçado, de Geraldo Calçado comerciante e

Vereador em Ubá e de Imaculada Martins Calçado, professora e técnica da 28ª DRE em Ubá. Outro filho de dona Auta foi Daniel Marcelo da Rocha, pai de José da Rocha Calçado (José Daniel) de uma competência e habilidade ímpar em mecânica que por sua vez é pai de José Geraldo Calçado comerciante muito bem relacionado, de Mária das Graças Calçado, professora e técnica de ensino, de Marlene e Cleia, e avô de Aureo Calçado Barbosa, engenheiro eletricitista, e de José Sérgio Calçado Barbosa, técnico em eletrônica.



Da descendência do Coronel Otaviano da Rocha, sem menosprezo para outros, destacamos o Didico Rocha e Sônego Rocha (José Martins da Rocha), abastado e sólido comerciante em Ubá, hoje aposentado, que deixou um passado profissional dos mais sólidos, limpos e mantedores da tradição da elite dos comerciantes mineiros desde os tempos do Brasil-Colônia.

Não foi só o comércio que figura o nome de Sônego Rocha. Também criou com sua digna consorte, dona Alzira Silveira Rocha, filhos seguidores da trilha dos pais e que merecem citações: Dr. Dalton Silveira Rocha, médico radicado nos Estados Unidos; Dr. Silson Silveira Rocha, advogado em São José dos Campos; Dr. Geraldo Magela Martins da Rocha, Juiz de Direito no Rio de Janeiro; Dr. João Helio Silveira Rocha, médico em Nova Friburgo; e Engenheiro e Sociólogo Fernando Antônio Silveira Rocha, residente em Brasília; e o Economista Tarciso Silveira Rocha, radicado em Niterói.



Até hoje, e por muitos e muitos anos ainda pelos tempos afora, a memória do Coronel Otaviano da Rocha será lembrada com carinho e respeito.

# Para quê a conferência de São Vicente?

Ela era uma linda mulher.

Chamava-se Porcina. Porcina de quê? Ninguém sabia-lhe o nome de família, se é que o tinha.

Por causa dela, em Rodeiro e Diamante de antanho as famílias viviam em reboliço. Desentendimentos. Ciúmes. Um inferno.

Mas tudo neste mundo passa. “Tout passe, tout lasse, tout casse, tout se replace”, dizem os franceses. Tudo passa, tudo cansa, tudo se quebra, tudo é substituído.

Tudo. Mas tudo passa mais depressa, mais rápido para as prostitutas.

Eu vim conhecê-la atirada sobre uma enxerga, quando eu apenas contava oito para nove anos de idade.

Ia levar-lhe comida que, por esmola, minha mãezinha lhe mandava.

Estava pobre em vida. Coberta literalmente de bichos e de piolhos. O corpo parecia dissolver-se em pus.

O coronel Octaviano da Rocha, o fazendeiro Capitão Antônio Rodrigues, o comerciante Domingos Alves e outros cidadãos proeminentes de Rodeiro tinham se reunido, sob a direção e orientação do primeiro e fundo a conferência de São Vicente de Paula, no povoado.

Adquiriram e doaram àquela sociedade, um sítio de cerca de um alqueire de terras e nele duas casas foram adquiridas para abrigar os doentes desvalidos e desamparados.

Conforme consta no livro 44 fls. 55 do cartório de 1º Ofício de Ubá, e devidamente registrada nas transcrições dos imóveis de Ubá.

A casa, com uma escadaria no estilo antigo e um porão onde era guardado um esquifê, espécie de caixão de fundo móvel destinado a levar os cadáveres para o cemitério e lá os atirava no fundo das covas embrulhados num lençol. A menor, chamada isolamento, seria para abrigar os últimos dias dos desvalidos afetados por doenças contagiosas, sobretudo pela tuberculose.

Foi na casa maior (a conferência, como era chamada pelo povo) que eu vivi algumas cenas que nunca, nunca mesmo, saíram de minha memória.

Quando eu as vivi não tinha a capacidade de julgá-las. Eram para mim, fatos corriqueiros, sem expressão, sem significado. Olhava sem saber ver.

Ouvia sem saber escutar. Tudo misturado com as diabruras e molecagens de minha infância rica em peripécias e mal feitos.

Os anos se passaram. Aquelas cenas voltavam à rotina de minha memória, já com outros significados com a verdadeira face da teia que nos emaranha na rede da vida.

Na célebre conferência chegara uma infeliz.

Despejaram-na ali, trazida num carro-de-boi, apenas com uma esteira e uns molambos que a cobriam.

Fedia de provocar vômitos.

Fervilhava de bichos.

Era a Porcina.

Atiraram-na num quarto e avisaram os confrades de São Vicente e o padre Lourenço Musacchio, o amigão de todos, no curato de Rodeiro.

Não era caso para eles. Tratava-se de uma mulher. Só outras mulheres poderiam se incumbir das medidas de asseio e medicações que a infeliz requeria.

Lembraram-se das “Damas do Coração de Jesus”, espécie de associação religiosa fundada por Monsenhor Domício Nardi, da Arquidiocese de Mariana.

Senhoras e moças piedosas, fervorosas católicas. Tão fervorosas que chegaram a levar seu zelo até as raias do fanatismo.

Os maridos e os filhos tinham que andar numa perfeita linha católica, senão era um Deus nos acuda.

Mas, caridosas para com os pobres, eram. Lá isto eram!

O sustento dos infelizes do povoado e, sobretudo, os atirados à conferência, eram especialidade delas. A caridade era um culto sagrado de que não abriam mão.

Mas a Porcina, coitada, era de cortar o coração! Foram vê-la.

— Eu fui com elas. - contou-me Sô Arthur. Menino serelepe, esmirradinho, abelhudo e, muitas vezes escorraçado do meio delas quando era surpreendido ouvindo coisas que não eram para meninos ouvirem.

Aquilo não podia ficar assim. Era preciso um banho, uma limpeza em regra para matar e afugentar os bichos de varejeiras e os piolhos.

Somente comida não bastava.

Arranjaram uma bacia velha, sacos servindo de toalhas, sabão, desinfetantes, roupas, colchão, travesseiro, cobertas.

Mas...

Quem iria dar-lhe banho? Limpá-la?

Tinham que cortar-lhe todo o cabelo porque eles não passavam de uma pasta a fervilhar de piolhos.

Arranjaram uma tesoura.

Mas...

Quem iria asseá-la?

Um recado chegou. Surpreendente! Inacreditável!

A Cecília Tatu e mais uma companheira de alcoice, duas prostitutas em voga na época, no arraial, ofereceram-se para ajudar na “operação limpeza”.

Foram mais do que aceitas. Foram elogiadas por seu espírito de caridade que superou, para vergonha de muitas, a vacilação, o medo e a repugnância de algumas que se enfeitavam com fitas, escapulários e uniformes.

Eu fiquei, era lógico, na sala de fora. Caso precisassem de alguma coisa, ou recado, eu estaria ali para as devidas providências.

Durou muito tempo o asseio.

Ferveram muitas bacias de água.

Começaram o banho num quarto e tiveram de acabar os últimos (foram uns três ou quatro, uns atrás de outros) em outro quarto, tal a nojeira de bichos espalhados pelo chão.

Quando tudo terminou, arrisquei uma olhada na Porcina.

Estava outra. Limpinha, com lenços brancos. De travesseiro, colchão em cima de uma catre.

Só, na minha inconsciência infantil, achei muita graça da cabeça da infeliz. Cabelos cortados rentes, cheios do que chamamos de “caminhos de rato”.

Feia, mas limpinha. E, dentro do quarto, numa santa promiscuidade, as venerandas, respeitáveis e santas Damas do Coração de Jesus e as prostitutas Cecília Tatu e sua companheira cujo nome me esqueci, ultimavam os retoques da limpeza.

Desapareceram, naquele momento, todos os preconceitos sociais e religiosos. Todo o fanatismo e atraso próprios da época!

Apenas naquele quarto, criaturas que se sentiam realizadas depois de cuidar daquele molambo humano.

Olhei a Porcina. Pareceu-me que sorria num misto de felicidade e acanhamento.

Aquele sorriso era uma pérola na corréa da glória do vicentino Otaviano Rocha.

# Chico Anibal

## *arrasta o sogro*

Tempos difíceis, aqueles!

Os viajantes comerciais, antigamente apelidados por “cometas”, por caminhos ínvios e às vezes perigosos, trançavam por nossas montanhas, serras e matas, vindos do Rio de Janeiro, de Ouro Preto, até nossos socavões da Mata Mineira.

Traziam diversas espécies de mercadorias: vestidos, panos da moda, adereços, bijuterias, armarinhos... Enfim, uma infinidade de coisas.

Um deles, o Francisco Anibal (Chico Anibal), italiano de pequena estatura, muito lépido no andar e nos gestos, chegou até à Serra da Onça. Foi parar na Fazenda de Maximiano Pereira. Fazendão enorme e que até hoje deixa, assim como a fazenda do venerando Agostinho Pereira de Moura, o viajor deslumbrado, pelo tamanho e imponência.

Pedi e obtive pousada. Era a hospitalidade antiga que deu fama a Minas Gerais. Na mesa de refeições, teve a oportunidade de ver uma das filhas do fazendeiro. Viu e passou dela gostar. Foi retribuído e começou o namoro, coroado com um dos mais retumbantes “pagodes”.

Adeus vida de “cometa”.

Chico Anibal passou a morar na fazenda e ajudar o sogro na administração da mesma.

Era diligente, vivo nos negócios. Ganhou a total confiança dos sogros.

De vez em quando, Chico Anibal sentia saudades da Corte (Rio de Janeiro). Ia revê-la e logo voltava.

Os macaquitos subiram ao sótão do italiano. Haveria de levar o sogro numa dessas viagens.

— Você tá doido, Chico? Eu? Vestir paletó, colocar uma gravata? Tesconjuro!

Maximiano era do tipo de homem que passava a vida lidando com cafezais, com roças de milho, com arrozais, cuidando de bois, enfim, aquela fazenda era a razão de ser de sua vida.

Mas o italiano era persistente. Tanto insistiu que, afinal conseguiu convencê-lo.

E veio a briga por causa da roupa.

— Currião? Pra quê? Eu gosto é do meu suspensório!

— Vá lá, vá lá! Leve seus suspensórios.



Enfarpelados em belos ternos de casimira, gravata, chapéu de lebre, lá se foram os dois para o Rio.

Chegando na Capital, procuraram um hotel. Jantaram, e, segundo a tradição corrente, foram com os outros hóspedes para um salão no hall do hotel. Sentaram-se para bater um papo sobre as novidades do dia.

A certa altura, o velho fazendeiro virou-se para o genro e segredou-lhe:

— Como é, meu genro. Preciso ir no mato. A barriga está apertando.

Chico Anibal pressuroso:

— Venha cá, meu sogro!

Seguiram pelo corredor afora. Na última porta mostrou ao sogro o “banheiro”.

— O que? Eu sujar numa coisa tão limpinha e clarinha?

— É aqui que fazemos esse serviço, meu sogro.

— Ora, Chico. Eu sempre fiz isso no mato e de cócoras. Não tenho jeito de fazer sentado!

— Mas, meu sogro, aqui só se usa esse vaso.

Fechada a porta, o velho desceu o suspensório, subiu na beirada do sanitário e, em equilíbrio precário, “desabafou” a natureza.

Desceu, vestiu-se e voltou para a sala.

Ao entrar, todos começaram a torcer o nariz e fungar discretamente.

Chico Anibal avaliou que o caso era com seu sogro.

— Vamos um pouco para nosso quarto! - convidou-o.

Lá chegando, pediu que tirasse o paletó. Foi atendido. As costas estavam barreadas de fezes!

Ao descer os suspensórios, preocupado em manter o equilíbrio, o velho não reparou que eles, cruzados, recebiam os detritos intestinais. Vestindo as calças, os suspensórios levaram para as costas, “a carga” indesejável!

# Corpo Fechado

Conversando com meu primo José de Paula Dias sobre coisas antigas de Rodeiro, por ele me foi contado um dos fatos que deixam a cabeça fervilhando de interrogações.

José Dias é homem de verdade, honesto, trabalhador, sério, de moral impecável, modelo dos homens da antiga têmpera. Tenho plena certeza de que não me mentiu ou inventou patranhas.

— Eu era muito pequeno, - disse-me ele - mas me lembro muito bem. Apesar de pequeno fui acostumado, desde cedo, a trabalhar, pois foi essa a escola que meu pai me deu, graças a Deus.

Francisco de Paula Dias era pai de nosso narrador e parente do fundador do jornal “O Imparcial”, da atual cidade de Rio Pomba. Morava na Grotta do Cajangá pertencente, posteriormente, ao falecido Camilo Silva. Francisco Dias de Assis era o nome desse jornalista.

De princípios religiosos muito sólidos, a caridade era um dos apanágios de sua família. Foi devido a isso que recolheu em seu lar um menino, esfarrapado e faminto, de nome Otaviano Gonçalves.

Desde cedo, Sô Francisco e os seus, notaram certas esquisitices no procedimento do pequeno. Era arredio, emburrado e falava, entre outras coisas, que nada de mal sofria porque tinha o corpo fechado e conhecia muito rezas poderosas.

— Meu filho, esquece estas coisas. - aconselhava o velho a seu filho José Dias - Não perca tempo ouvindo essas patranhas.

Este passou a observar mais de perto, por curiosidade, o menino Otaviano.

Certa feita viu-o subir num pé de brejaúba (planta ouriçada de espinhos tidos como venenosos de baixo para cima) e, lá em cima sentar-se num cacho de cocos, comendo-os tranquilamente. Escondido, José Dias ficou apreciando aquela coisa impossível.

Saboreados os coquinhos, o menino Otaviano desceu, com a maior tranquilidade, do pé de brejaúba, sem se ferir, e rumou para casa.

— Eu não te disse que se afastasse desse menino? Isso que ele fez não pode ser coisa de Deus.

E a vida continuou naquela casa de trabalho e bons costumes.

Um dia, no entanto, a coisa chegou ao fim. Otaviano respondeu mal e desrespeitosamente ao seu protetor, Francisco de Paula Dias.

Acostumado a ser obedecido e respeitado, educado na escola antiga, passou a mão numa correia e quis exemplificar o malcriado.

Este safou-se das mãos do severo pai de família e correu para o terreiro.

Francisco foi-lhe ao encalço, dobrou a esquina da casa, deu volta completa. Do menino nada. Olhou para todos os lados. Tudo descampado. Tinha-se evaporado como fumaça.

Nunca mais alguém pôs-lhe os olhos em cima!

No íntimo, a mãe de José Dias de Paula rezava apavorada, esconjurando o “coisa ruim” que tomava conta daquele pobre menino.

# O futuro historiador

Sô Arthur, desde o nascer foi um enigma, um sinal de contradição para todos os que o conhecem.

Oitavo filho de um casal que por três vezes tiveram altos e baixos na vida, ora próspero comerciante, ora em sérias dificuldades financeiras.

O pai, Francisco Alves de Medeiros, Chico Branco, como o tratavam para diferenciá-lo do Chico Preto, um negão parrudo, e do Chico Roxo, um mulato de olhos apertadinhos, muito estimado e dono de um vocabulário todo cheio de “semiconflexos”, chegou, juntamente com o sogro, Marcelino Nunes das Chagas ou Marcelino Roso como era conhecido, a construir duas boas casas no então povoado de Rodeiro.

A mãe, Maria Rosa de Medeiros, sempre teve vocação para amparar os deserdados da sorte. Não havia pobre que dona Maricota não socorresse!

Ao chegar a este vale de lágrimas, nosso futuro herói veio logo pregando “peças” à sua mãezinha.

O pai, arruinado, estava quase à morte, e a família em extrema penúria. A mãe, quase nos dias da “délivrance”, sem recursos de espécie alguma, no dia 16 de março de 1909 fez uma promessa a São José: se a criança nascesse dia 19 de março, festa do glorioso Santo, e fosse homem; ela mandaria por-lhe o nome de José.

Para que tudo não saísse certinho, a criança abriu o “bué” pela primeira vez no dia 18, véspera do prazo marcado. Só para contrariar.

Seus sete irmãos que o precederam, ou nasceram mortos, ou viveram poucas horas.

Dona Ritinha, a avó do pequeno, uma indiazinha bonita e simpática como que, com muito jeito, com muito custo, conseguiu convencer a filha. E dona Maricota, receosa, arriscou-se. Aleijado nada! Muito birrento, isso sim! Era mesmo.

E o nome?! Dona Maricota queria que fosse José (lembrava-se da promessa).

Sô Chiquinho queria que fosse Arthur.

— Todo Arthur que conheço é inteligente.

E dona Maricota:

— Mas Chiquinho, eu não gosto de Arthur por causa daquele cego antipático de Diamante.

— Então ele será batizado como Arthur e nós o tratamos de Sô Arthur. Para não contrariar o marido, nas últimas, dona Maricota concordou. E o birrento passou a ser tratado por Sô Arthur.

# Os Primeiros Anos

Duros, muito duros, foram os primeiros anos de nosso estereotipado.

O pai morrera deixando-o com dois meses e doze dias de idade. Foi batizado com onze dias pelo padre Agnelo e serviram-lhe de padrinhos: o avô materno Marcelino Nunes das Chagas, representando São José que fora o padrinho escolhido; e Maria Gomes de Oliveira, esposa de João Antão.

Mãe e filho ficaram à beira da miséria. Os credores do pai, Chico Medeiros, se reuniram por iniciativa de Chico Vieira, mais tarde padrinho de crisma do futuro fazedor de “artes”, e perdoaram as dívidas. Chico Vieira, Chico Antão, Caseca Vieira e outras almas caridosas venderam os arreios e outros trastes do falecido, cotizaram-se e fizeram um chalezinho para a viúva e o filho morarem.

E os alimentos?

Marcelino Rosa (Nunes das Chagas) amparou-os nos oito primeiros meses. Depois... “distala” de fumo, lavação de roupa, plantação de horta, tudo para não morrer de fome.

Foi nessa época que o padeiro do lugar mostrou o grande coração que possuía. Ângelo Vieira de Moraes, Sô Ângelo como todos o tratavam, cada manhã batia à porta da casa e com um grande pão de duzentos reis, ia chamando:

— Cadê meu menino? Olha, aqui está o pão gostoso para ele. É pra ele se lembrar do Sô Ângelo.

Aquele pão, muitas vezes era com que mãe e filho matavam a fome o dia inteiro.

Remédios para o pequerrucho? Solero, o magnânimo José Gonçalves Solero, os fornecia de graça.



Assim foi crescendo o Sô Arthur. Não largava a camisola. Vestiu-a até os sete anos. Quando completou cinco anos foi para a escola do professor Altino José da Silva para dar um pouco de sossego em casa. Mal acabavam as aulas, ao entrar em casa, arrancava as calças e ficava no seu camisolão.

Naqueles tempos era permitido aos meninos, até os sete anos, vestirem-se de anjos para acompanhar as virgens nas coroações de Nossa Senhora, no mês de maio.

Sô Arthur não perdia uma noite do mês das flores. Não era por devoção. Era por causa dos cartuchos de doces e guloseimas após as coroações. Sabem quem conseguiu tirar-lhe a mania da camisola? Foi Braz de Souza Gretta, um baiano de alma abençoada que viera se fixar em Rodeiro. Abrira um negócio de secos e molhados. Casara-se com dona Sianhia, irmã de Manoel Vieira de Queiroz, fazendeiro abastado, muito conceituado e que foi até vereador na Câmara de Ubá. Braz Grotta chegara até a ocupar o cargo de Juiz de Paz no arraial.

Tinha um quê especial para com nosso menino buliçoso. Achava-o interessante. Era, talvez, o único a conversar amigavelmente com “foguetinho” ambulante e mostrar a todos como Sô Arthur sabia a história do Brasil.

Um dia Braz Gretta abordou nosso garoto com um canivete aberto na mão. Abaixou-se e foi suspendendo a camisola famosa.

— Que isto, Sô Braz? - estranhou nosso herói.

— Vou cortar seu pintinho. Você não precisa dele. Você veste saia como mulher!

Sô Arthur deu no pé. Chegou esbaforido em casa. Arrancou a camisola e, pegando as calças!

— Mãezinha. Não quero mais camisola! Sô Braz disse que sou mulher e quis me cortar o pintinho!



Anos depois Braz Grotta morreu.

Morreu, mas numa noite de domingo, na hora da Bênção do Santíssimo, pôs toda a igreja em polvorosa.

Em vida ele gostava de se sentar na escada que dava para o coro da igreja. Acompanhava os cânticos com voz e partitura de baixo. Era até muito bonito.

No entanto, como dissemos acima, depois de sua morte, certa noite as cerimônias da bênção corriam normalmente, quando a voz nítida de Braz Grotta ressoou pela igreja afora, acompanhando as cantoras.

Foi um pânico entre os fiéis. Com muito custo aguentaram-se no templo até o final das pompas litúrgicas!



Sô Arthur ia crescendo.

Em 28 de dezembro de 1912, sua mãe casou-se, em segundas núpcias com Leopoldo Araújo. A família, embora sem as agruras da penúria, continuava lutando pela vida.

Sô Arthur, apesar de encapetado, irrequieto, fazedor de “artes”, tomava parte no esforço comum para o sustento da casa.

Todas as semanas ia, com um porretinho na mão, à fazenda do Capitão Antônio Rodrigues do Carmo. De lá trazia mangas, frutas, e, sobretudo, o famoso queijo ali fabricado com fermento do bucho de tatu. Uma delícia e só ali na fazenda confeccionado.

E como o garoto gostava dessas idas! Valia a pena o bom estirão de chão (quase uma légua de distância). Como é que ficava quietinho, ouvindo o Capitão falar sobre as coisas da fazenda, da fabricação de queijos, da horta, dos pomares. O Capitão era para ele, assim como o Braz Grotta, dois entes especiais, fora do comum. Tudo, talvez porque sentia-se considerado como gente pelos dois e por dona Izabel, esposa do Capitão.

Era um casal de grande importância, descendentes de Alferes Ponciano, e de grande caridade para com os pobres. Deixaram filhos, netos e bisnetos que continuaram a honrar a trilha dos antepassados, contemos alguns nomes para ficarem gravados na história: Leopoldo Sizermano do Carmo, pai de José Rodrigues do Carmo, Aristides Rodrigues, João Rodrigues, Pedro Rodrigues, Sebastião Rodrigues, Antônio Rodrigues do Carmo (Totonio Rodrigues), pai do vereador Juarez Rodrigues e avô de João da mata Rodrigues, formado no Centro Superior de Ciências Sociais de Vila Velha, ES.

Duas filhas: Antônia Rodrigues Vieira, (falecida) esposa do Dr. Sinval Vieira, um crânio quando era mocinha; e Luiza Rodrigues Ferreira, (falecida) modelo de esposa e não idolatrada.



Finda a missão que fora cumprir naquela fazenda, o naniquinho voltava com o cesto de frutas ou de queijos espremendo-lhe a cabeça, e os pés nus calcando os pedregulhos da estrada mal nivelada.

# As igrejas e Rodeiro

No momento em que este livro está sendo escrito existem duas igrejas católicas, uma matriz e outra, uma capelinha de Nossa Senhora do Rosário, e há também uma igreja de Assembleia de Deus.

As duas primeiras pertencem à tradição de passado e têm uma longa história.

A matriz dos católicos foi feita em três etapas. A primeira começou com uma capelinha de tijolos, pequena, construída por João Cândido da Silva.

Pequena demais para uma população inteira de católicos, salvo uma família, a dos Cordeiros, que era metodista e uma espírita, a de Mariano Campos. Essa capelinha foi entregue no culto público em 1880, data esta que marca propriamente a fundação de Rodeiro. Seu centenário não foi comemorado porque o prefeito não tinha tempo para cuidar de uma coisa tão insignificante como a do primeiro cemitério de Rodeiro.

Pequena, mas engraçadinha! Tinha um sininho pequetito que depois foi usado para encomendação de anjinhos, e, afinal está na capelinha do Rosário. Nela cumpriram o ministério os padres Laurindo Queiroz e Agnelo Augusto Seabra.

Quando Rodeiro foi elevado a curata e para ele nomeado o padre Lourenço Mussachio, logo foi providenciado a construção da primeira parte da atual matriz, imponente no seu barroco, só faltando duas torres laterais. É verdade que possuía um arremedo de torre que servia para gasômetro e, no segundo andar, para os sinos em número de três.

A igrejinha inicial foi conservada como parte integrante da nova matriz. Estava apenas aos fundos da matriz e servia de santuário onde se desenrolavam as cerimônias do culto.

Quase na frente à pequena torre a que nos aludimos, construíram um coreto com um porão e dois andares. No último, ficava a banda de música por ocasião dos leilões. Na do meio ficavam as prendas e o leiloeiro.

O progresso de Rodeiro foi vertiginoso. Em breve essa igreja já era insuficiente para abrigar os católicos.

O operoso padre Lourenço, com apoio total dos moradores do curato, fez construir um acréscimo ao primeiro corpo, o barraco da igreja. Até o final

das obras, a capelinha primitiva foi conservada. Findos os trabalhos, derrubaram-na e, usando seu mesmo material construíram a capelinha do Rosário, no morro do Rosário, em terreno doado pelo capitão Antônio Rodrigues e sua mulher, dona Izabel.

Como o terreno do Cemitério Novo, esse terreno do Rosário, apesar de ser doação, teve sua escritura passada como de compra e venda, no Cartório de Primeiro Ofício em Ubá.

O estilo, a fachada, tudo menos a estrela de quatro pontas que continha o sininho primitivo de Rodeiro, foi a reprodução fiel da capelinha.

Tanto o segundo corpo da igreja matriz como a capela do Rosário foram construídas por Francisco Gomes de Oliveira (o Chico Antão).

Há pouco tempo essa capelinha sofreu reparos e seus reconstrutores que desconheciam sua origem e sua tradição, modificaram-lhe a fachada tirando todos os traços de sua historicidade.

A terceira parte, ou o acréscimo ao segundo corpo da matriz, foi construído pelo padre Geraldo Breyer e o padre Francisco Bunck completou o serviço modificando o santuário e a sacristia que ficou fazendo parte da capelinha do Santíssimo por este último inteiramente construída.

Recentemente houve uma reforma geral, com abóboda de cimento armado, modificação no sistema de arejamento, restauração do piso em que foi usado material do mais moderno, pintura totalmente racional e um rico lustre sobre o altar-mor, conservando a fachada no estilo barroco.

Essa reforma foi feita sendo vigário, o pároco padre Osvaldo Alves da Costa e, quase a totalidade, custeada pelo grande benemérito de Rodeiro, o banqueiro José Bernardes Ferreira, filho amado e dedicado de Rodeiro. Foi seu braço direito na administração e esforçado, correto e íntegro Niceias Domingos da Silva. Pelo vulto das obras pode-se imaginar o dispêndio feito por este nosso grande benfeitor.

Diga-se de passagem que, além dos esforços para a modernização de nossa matriz e de nosso campo de esporte, José Bernardes Ferreira ainda carreou para Rodeiro, por dádiva de terceiros, uma ambulância zero quilômetro para a Sociedade São Vicente de Paula de Rodeiro.



A igreja da Assembléia de Deus é simples, modesta, porém, feita com gosto e capricho por João Batista Victório. Está satisfazendo as necessidades de seu culto e aos trabalhos de evangelização que se desenvolvem de maneira satisfatória sob a égide dos pastores Irineo Francisco de Paula e Dervano Amaral. Hoje funciona sob a sábia orientação deste último e de presbítero Abelardo Corrêa de Freitas.



Além destas igrejas acima historiadas, Rodeiro também possui dois centros espíritas:

Um, de nome “Mariano Campos”, o mais antigo espírita conhecido em Rodeiro, é o mais antigo de nosso município. Foi regido durante muito tempo por dois espíritas convictos: Antônio Gomes Pinto, conhecido e respeitado como Antônio Caldeireiro, e Obde Braz de Oliveira.

O outro: “Verdade e Luz”, mais recente, em terreno doado pelo finado Heitor Augusto Mariano, espírita convicto e de tradição e de quem pode se dizer “passou na terra fazendo o bem”. Atualmente tem por orientador principal José dos Santos Benevenuto, outro que tem convicção do que ensina e é digno de todo o respeito.

# O Padre Lourenço Musacchio

Este capítulo foi reproduzido do livro “O FIM DO HOMEM MAU”, do mesmo autor.

Ele chegou a Rodeiro.

Nascera na Itália e ordenara-se no seminário de Maior de Mariana.

Seu nome era padre Lourenço Musacchio.

Espírito bonachão, falando mal o português, tinha o dom especial de fazer amigos, captar simpatias, liderar com rara habilidade a pequena comunidade de sua paróquia, pequeno mundo rústico perdido entre as montanhas.

Tornava-se “compadre” de todos os pais cujos filhos batizava.

Levava a sério todos seus deveres pastorais. Catecismo todos os domingos, ministrado por ele mesmo à toda criançada. Visita prestimosa e na hora precisa aos moribundos. Festas espetaculares terminando sempre com os “castelos” de fogos de artifício para atrair os fiéis ao trato da Igreja e dos Sacramentos. Missões especiais que se transformavam em verdadeiras romarias de fé.

Nos dias dos finados, fazia questão de ir em procissão a ambos os cemitérios da localidade: no velho, onde já não mais se faziam enterros, e no novo, por ele instalado e murado, dentro do povoado.

Fizesse sol ou, o que era mais comum, chovesse a cântaros tornando as estradas quase intransitáveis, lá ia ele, com seus fiéis, compartilhando da dor de seus paroquianos e rezando sobre os túmulos frios e tristes.

Para os desprotegidos da sorte, ele incentivava a Conferência de São Vicente de Paulo que graças a iniciativa do coronel Otaviano da Rocha, ao português Domingos Alves e a outros, possuía duas casas, espécies de albergues para os doentes desvalidos.

Gostava de pregar. Seu linguajar era bem “amacarronado”.

Mas não tinha complexos, por isso dava sábios conselhos, felizes diretivas para consertar o viver meio asselvajado daquele povo pouco evoluído.

Era, sobretudo, um homem de paz. Num ambiente onde a vida humana valia muito pouco, ele tudo fazia para diminuir as rixas, as brigas e os assassinatos.

Mas era das crianças que gostava mais. Dava-lhes presentes, sapatinhos, medalhas e divertimentos. “Batizava”-lhes as bonecas. Comia dos docinhos de mentira que a criança fazia. O “pau-de-sebo” era obrigatório nas principais festas. E ria com os fracassos dos molequinhos tentando arrancar notas de cinquenta e cem mil reis.



Estudar, naquela época, era a coisa mais difícil.

Na paróquia somente havia uma escola primária, salvo algumas aulas que professores abnegados davam nas fazendas, quase a troco de comida.

Até há pouco tempo era comum ouvir-se: “Eu só tive dois meses de escola e até hoje faço contas bem”.

O garoto aos sete anos ia candiar boi. Aos quatorze, podia vestir calça comprida e ganhava uma faca para ser enfiada no corrião, já começava a ser “homem”.

Ginásio não existia por aquelas bandas. Parece que em Ubá havia um, o Ginásio São José, internato dirigido pelo emérito educador Dr. Fecas.

Em Rodeiro, felizes eram os poucos privilegiados que terminavam o terceiro ano primário.

Alguns tinham boas tendências para o estudo.

As mães deles, coitadas, reviravam céus e terras para conseguir-lhes um meio de continuar os estudos.

Mas onde?

Somente os seminários poderiam dar guarida a esses párias da sorte.

Era a última esperança das mães que sonhavam com um futuro melhor para os filhos.

Dos políticos nada podiam esperar. Não havia colégios para pobres. Somente os ricos conseguiam pagar e arcar com os pesados ônus nas fábricas de futuros doutores.

Era, sobretudo, nesses momentos que o padre Lourenço Musacchio tornava-se o ponto alto da esperança dos desesperados.

O peditório do padre Lourenço devia dar bom trabalho aos reitores dos seminários do Caraça, de Mariana e do Juvenatos dos beneméritos Irmãos Maristas.

Quinze rapazes, dos que conheço, hoje são homens bem situados na vida e, entre eles, três são padres, sendo que um deles é monsenhor.

Dizer que o ambiente religioso era um paraíso cheio de anjinhos seria ridículo.

Ali era tudo na base do oito ou oitenta. Ou estavam envolvidos em crimes e assassinatos ou eram mais católicos que o Papa.

O fanatismo, sobretudo das Damas do Coração de Jesus, provocava, às vezes, situações ridículas e até grotescas.

Minha inolvidável mãezinha, por exemplo, se dava ao trabalho de percorrer a minguada estante de livros de meu padasto, retirar os livros espíritas e deles rasgar folhas e mais folhas. Depois surgia o futebol em família: o anjo bom contra o anjo mau!



Desses entreveros entre as duas correntes, “a do bem e a do mal”, saiu certa vez uma oportunidade para que o padre Lourenço deixasse bem claro seu modo de pensar e agir profundamente cristão, avançado pelo menos de sessenta anos de sua época.

Uma única família havia na paróquia que era adepta dos chamados protestantes metodista. Era a do finado Antônio Cordeiro Junior. Gente boa, trabalhadora, honesta e cujo único “crime” era fazer seus cultos dominicais em sua própria residência (um antro de satanáas no dizer das Damas do Coração de Jesus).

Entre as filhas do casal havia uma no ponto de se casar. Namorara, noivara e estava de dia marcado para a cerimônia matrimonial.

O pai, bem crente evangélico, conseguiu trazer um pastor metodista para presidir a cerimônia religiosa de confirmação matrimonial.

Um Pastor em Rodeiro!

Era o cúmulo!

Era a maldição de Deus que ia castigar a paróquia inteira!

Era preciso impedir esse sacrilégio! Era provocação! Era diabólico! Era uma afronta!

E o povo foi se aglomerando no largo. Excitando-se reciprocamente, à moda dos índios nas vésperas dos combates.

Arranjaram uma égua velha e algumas latas para serem arrastadas na cauda. Bombas e zabumbas para maior anarquia e barulhada fazerem. Iam expulsar o pastor.

Quando a excitação atingiu o ponto culminante, partiram rumo ao sítio dos “amaldiçoados”.

Mas, logo no começo da marcha esbarraram num obstáculo pelo qual não esperavam: o próprio padre Lourenço Musacchio.

Ele procurara saber sobre o motivo da aglomeração barulhenta no “largo”. Contaram-lhe, indignados contra o maldito, que aquela praga seria varrida da paróquia, montado, de costas, numa égua, olhando-lhe o rabo, e acompanhado por coro de latas velhas, bombas e vaias.

— Mas... isso não pode ser! – explodiu o padre.

Entrou para o quarto, vestiu a melhor batina e, com o cabelo bem penteado como soia sempre ter, esperou a multidão dos fanáticos que já se pusera em marcha. Postou-se no meio da rua e abriu os braços gritando:

— Parem! Parem!

A multidão estacou...

— Vocês, por acaso são cristãos? A bondade de Nosso Senhor fugiu dos seus corações? Voltem já para suas casas! Vou pedir a Nosso Senhor, o perdão desses maus pensamentos e dessa má ação que iam praticar.

— Mas, padre, o maldito é um herege!

— É um excomungado!

— Um agente de Satanás!

O padre a tudo ouvia com dor, tristeza e decepção.

— Meus filhos, sabem com quem vocês estão parecendo? Com os judeus do tempo de Jesus que o acompanharam no caminho do Calvário gritando, berrando, chicoteando o Mestre!

— Mas, padre, ele é parente do demônio.

— E quem é você para julgar uma criatura de Deus? Ele é filho de Deus, seu irmão!

— Mas padre...

— Não há padre e nem meio padre. O homem é um filho de Deus a quem adoro e a quem dedico minha vida.

E, encarando a multidão, firmemente:

— Cristo deu a vida para todos nós. Pois bem, voltem para suas casas. Do contrário, para dar cabo às suas malvadezas, vocês terão que passar sobre

meu cadáver.

E desafiando:

— Vamos. Matem-me também! Matem-me!

A multidão foi se dissolvendo aos poucos, envergonhados, de cabeça baixa, os mais exaltados se foram. Não podiam compreender a atitude do padre.

Essa atitude desassombrada enfrentando a ignorância e o fanatismo para defender um adversário, um ministro de outra religião, numa época em que padres e pastores viviam maldizendo-se reciprocamente, ficou ressoando pelos anos afora.

A luz do sublime Rabi da Galilea se esparzia serena por sobre a fronte daqueles homens rudes e violentos!

Até o insubordinado Sô Arthur de Rodeiro guardou para o resto da vida a grande lição do padre Musacchio!

# Uma Recordação Agridoce

— Há pessoas que, embora de posição social humilde, deixam marcas indeléveis em nossa vida. - sentenciou Sô Arthur. Assim foi José Luiz Designo, o José Sapateiro de Rodeiro.

A mãe morreu deixando-o com poucos meses de idade. O pai, trabalhador rural, lutando com a enxada desde a barra do dia até o despertar da 1ª estrela para ganhar quatrocentos reis, não tinha tempo de zelar o filho. Deixava-lhe pedacinhos de rapadura e de angu que o pequerrucho ia lambuzando nas próprias titicas e comendo com gulodice, tal era a fome que o atormentava.

Antes de chegar a um ano de idade, foi levado pelo pai ao Marcelino Rosa, avô de nosso conhecido Sô Arthur.

O rosto e o corpo estavam cobertos de perebas que lhe deixaram marcas para o resto da vida.

— Olhe aqui, “seu” Marcelino. Eu lhe trago um menino para o senhor ter a caridade de arranjar-lhe o enterro. Escapar, não escapa não senhor.

Mas ele escapou. Foi criado por Marcelino Rosa e dona Ritinha Rosa de Jesus, até que um desentendimento separou o casal. Continuou em companhia de dona Ritinha e de sua filha, Maria Rosa de Medeiros, mãe de nosso serelepe, até a morte de dona Ritinha. Daí por diante passou a viver às expensas desta última.

Aprendeu o ofício de sapateiro. Suas mãos ficaram curtidas pelos atanados saturados de chulé e dos mais “brabos”.

Certa vez, José de Felipo resolveu emprestar-lhe, num gesto de pura caridade, uma quantia para comprar um bom sortimento de couros e outros apetrechos necessários à montagem de uma boa oficina.

A falta de prática no manipular tanta fartura de dinheiro e de materiais foi sua ruína. O material acabou. E ele ficou sem saber como se virar para outro sortimento e para pagar a dívida.

Perdeu o que lhe restava da oficina e ficou dependendo, para as obras, de retalhos de couro que Cirilo Alves Vieira lhe dava.

Esses altos e baixos não impediram que tivesse um bom coração.



Eram tempos bicudos aqueles.

Sô Arthur vivia quase “aguado” pelo desejo de possuir uma bola com câmara de ar e velocípede.

Papai Noel vinha para poucos meninos de Rodeiro. Nunca para Sô Arthur. A propósito, daqui a pouco vamos contar o primeiro Papai Noel do serelepe. José Sapateiro condoía-se daquela tristeza do maroto. Afinal resolveu, a seu modo, o problema. Com retalhos de couro improvisou uma bola de gomos iguais aos das bolas de futebol. Encheu-a de algodão e o nosso maroto foi às nuvens, de tanta alegria.

Faltava o velocípede.

José Sapateiro, com um facão improvisou o veículo. Três rodas de tábuas, sanfonadas, cheias de entalhes defeituosos e, uma armação também de madeira, e... o velocípede estava pronto!

Foi outra festa para Sô Arthur. Pena é que não pôde rodar muito por causa dos defeitos nas rodas!



No entanto, estas páginas de bondades não podem terminar sem a narrativa de umas diabruras do molequinho.

Sô Arthur tornara-se cada vez mais insuportável.

Dona Maricota resolveu colocá-lo na oficina de José Sapateiro para aprender o ofício.

Um horror! O couro de atanado parecia-lhe ser de elefante. A sovela que, varando o couro para os pontos de costura, ia diretinho nos dedos do aprendiz, era seu tormento maior. Aquela catanga de chulé que dava para embrulhar o estômago... Sô Arthur tinha horror daquele trabalho.

A vida de nosso capetinha passou a consistir em estudo, oficina, e, de vez em quando, um passeio à casa dos Boniolos nos arredores de Rodeiro.

Mas, um dia... Um dia houve um charivari em casa por causas das embrulhadas com uma cabrita.

— Onde é que você aprendeu isto? - perguntava dona Maricota de tala de cavalo em punho.

— ...

— Onde?

Sô Arthur, calado, refletindo que saída arranjaría para o caso... Até que lhe chegou uma ideia luminosa.

— Onde?

(Se eu disser que foi nos Baliolos... Ah! Já sei)

— Onde?

— Na oficina do José Sapateiro.

— Pois você não pisa mais lá!

(Isso mesmo é que eu queria, pensou nosso poço de maldade!)



— E o caso do Papai Noel? - perguntei.

— Ah! É mesmo. - atendeu o maroto - O caso foi o seguinte: até meus trinta e oito anos nunca tive o prazer de um presente de Papai Noel.

Foi então que resolvi imprensar meu padraço, Leopoldo Araújo, ótica pessoa, porém descansado quanto a essas filigranas tradicionais.

— Olha, Leopoldo. Hoje é véspera de Natal. Vou colocar meu sapato e de todos meus irmãos atrás de sua porta... Vamos ver o que Papai Noel nos deixa de presente!

— Bobagens! - sentenciou Leopoldo.

Disse o que desejava, coloquei nossos sapatos no lugar marcado.

De manhã acordei esperançoso. Pelo menos umas bolas, pensei. Abri de mansinho a porta do quarto de velho. Nada. Todos os sapatos vazios! Somente o meu fora premiado.

— Algum presente bacana?

— Não! - respondeu - Macambúzio, o meu “impossível” amigo. O gato de mãezinha escolhera meu sapato para, dentro, fazer cocô! Foi meu primeiro presente de Natal...

# O cemitério novo

O Cemitério Velho ficava um tanto distante do povoado, hoje cidade de Rodeiro.

No tempo de chuvas as estradas de terra ficavam cobertas de lama e todas esburacadas.

Fez-se um movimento para a construção de outro cemitério, o novo, perto do arraial.

A ideia pegou fogo logo. Logo se achou quem doasse o terreno. Foi o Chico Tristão. Ele não tinha terras perto do povoado. Comprou-as de José Martins de Paula e Honorica Querubina de Paula e doou-as à Igreja. O interessante é que, na escritura, em vez de doação, figurou a Igreja como compradora e José Martins de Paula e Honorica Querubina de Paula, como vendedores. O nome mesmo do benfeitor, Chico Tristão, nem apareceu! A inauguração se deu por ocasião da pregação da primeira missão em Rodeiro ministrada pelos padres lazaritas, chefiada pelo padre mestre do nome Alberto e assessorado pelo padre Francisco Trombert.

Desceu-se o grande cruzeiro que havia no lugar da capela primitiva coberta de folhas de bananeiras. Desse descimento Sô Arthur ainda tem uma pequena fotografia.

Fincaram-na à porta do Cemitério Novo. Mais tarde o padre Geraldo Breyer a arrancou e mandou queimá-la reservando uma pequena parte para um pequeno cruzeiro que ainda existe dentro do Cemitério Novo.

Muraram o novo campo-santo. No final quase que houve desentendimento. Não havia portão. Ninguém queria deixar que o cemitério fosse inaugurado. “Cemitério aberto chama defuntos para enchê-lo!” Depois de muita discussão concordaram em fazer uma porta de madeira provisória.

O primeiro defunto a ser enterrado foi o doador das terras para o cemitério – Chico Tristão.

A benção do recinto sagrado foi feita pelo padre Alberto.

— Tempos depois, - falou Sô Arthur - quando já tinha mais idade, verifiquei que fora do cemitério havia um cidadão enterrado. Perguntei o porquê daquilo.

— É de um suicida. - disseram. Como o cemitério é eclesiástico, ele não dá permissão para o sepultamento de quem morre dessa espécie de morte.

Hoje o cemitério é da Prefeitura Municipal de Rodeiro, a igreja o comprou, bem como o resto das terras doadas por Chico Tristão, conforme escritura passada no Cartório de Rodeiro.

No Cemitério Velho, que eu saiba, a polícia arrancou o cadáver de uma prostituta, para necrópsia. No Cemitério Novo arrancaram dois outros para o mesmo fim.

Os atuais muros do Cemitério Novo foram totalmente reformados e o Cemitério ampliado no tempo do padre Geraldo Breyer, José De Felippo e Raphael De Filippo.

# Indústrias em Rodeiro

Lugar afastado de Estrada de Ferro, primeiro, e de estradas centrais e asfaltadas, depois, Rodeiro foi sempre deficiente neste ramo de progresso.

A Estação ferroviária mais próxima era Diamante, cuja estrada que a ligava a Rodeiro era péssima no tempo da seca e intransitável no tempo da chuva.

A estrada para Ubá, além de longa, era semelhante à de Diamante. Não havia condições, portanto, para indústrias.

Mesmo assim, tivemos pioneiros que muito lutaram para manter seus ramos.

A primeira fábrica aqui existente foi uma cerâmica cuja especialidade eram potes para guardar água das minas. Tal cerâmica era movida por roda d'água e os potes, centrifugados, eram tão perfeitos que eram procurados até por comerciantes de Ouro Preto, capital de Minas Gerais, antigamente, e que os vinham buscar no dorso de tropas de mulas.

Anexos à cerâmica, também movimentados pela roda d'água, havia fábrica de farinha de mandioca, de fubá, de fiação e que deu, pela multiplicidade de suas rodas, origem à palavra Rodeiro.

Também havia, no mesmo local, um monjolo para fabricação de farinha de milho.

Era dono desse vasto empreendimento, Marcelino José dos Santos, o famoso Marcelino Rodeiro, e o mestre de obras era um índio batizado, de nome Afonso, segundo alguns, ou de nome Justino Coelho, segundo outros.

A segunda fábrica foi a de meias. Do seu proprietário somente conseguimos o primeiro nome: Joaquim. Os antigos diziam que era italiano. A tal fábrica funcionava onde hoje é propriedade de Osvaldo Juste (Valiquinho). Teve muito pouca duração.

A seguir houve a fábrica de velas de Francisco Gomes de Oliveira (Chico Antão). Durou muito tempo e funcionou numa casa de altos e baixos, hoje propriedade do Sô Arthur. Florípes, sua mestra, era sua exímia técnica e suas velas tinham ótima aceitação. Durante os carnavais a fábrica tinha grande movimento com a fabricação de “limões de cheiro” para os entrudos.

Outra fábrica, agora de móveis, que exibiu progresso no seu maquinário foi a de Miguel Samor, que a manteve por bastante tempo. Era movimentada a vapor, alto progresso para a época e funcionava onde hoje é o sobrado do abastado comerciante Augusto Moreira Lopes. Os filhos de Miguel Samor: Miguel, Elias, Maria, seguiram as pegadas do pai; são bem situados no comércio de Ubá, sendo que Maria casada com Elias Jacob, mudou-se para Juiz de Fora onde dois de seus filhos formaram: Doutora Elimar, médica, e Doutor Emir, engenheiro; ambos de renome na Manchester Mineira.

Outra indústria caseira era a de cobertores de lã, cuja fiação e tecelagem eram feitas na sede da fazenda dos Corrêas. Dona Ibrantina Homem da Costa e suas filhas: Perciliana, Maria das Dores, Ibrantina, Cerise, Odete, Nair e Olga, todas Costa Corrêa, fiavam e depois teciam na roca, esplêndidos cobertores de lã, aclamados por toda a redondeza pelo seu acabamento e durabilidade. Dona Ibrantina era viúva de Francisco de Assis Corrêa e nora de João Corrêa Barbosa (o velho).

Também por dona Ibrantina e seus filhos Sinval da Costa Corrêa, Durval da Costa Corrêa, Waldemar da Costa Corrêa e neto Itagiba Eduardo Corrêa, todos criados na escola do trabalho, era mantida uma boa fábrica de rapaduras e açúcar mascavo.

Outras pequenas indústrias de móveis ainda existentes pertencem a Valdir Pedro Fernandes e a João Batista Bento (o Pelé rodeirense).

Houve uma tentativa de montagem de um laticínio em Rodeiro. Fracassou, em sua primeira e segunda arrancada, por falta de planejamento e administração, deixando um prédio ótimo, construído para aquela finalidade.

Agora tudo indica que nossa cidade está apta a entrar, definitivamente, na era industrial. Hoje, Rodeiro está ligado a todos os grandes centros: Rio, Belo Horizonte, Brasília, Juiz de Fora, Ubá, cidades da Rio-Bahia e do nordeste por estrada asfaltada. Por incrível que pareça, o asfalto vem até dentro das ruas de nossa cidade, sendo esta rodovia inaugurada em 3 de julho de 1981, pelo governador Francelino Pereira, ex-governador Ozanan Coelho e deputado Narciso Paulo Michelli.

Um filho de Rodeiro, com larga experiência na fabricação e venda de fumo, comerciante até com Mato Grosso, o Vice-Prefeito, Pergentino Leite da Silva, montou agora uma moderníssima fábrica de móveis com moderno maquinário e prédio especialmente construído para sua destinação. A fábrica

está em pleno funcionamento e Rodeiro está exportando, para outras regiões do Brasil, móveis de últimos modelos e com boa aceitação.

# Primeira Bicicleta Primeiro Automóvel

Por muito tempo julguei que o primeiro automóvel a rodar em Rodeiro fora de Manoel Vieira de Queiroz (Niquinha Queiroz), Vereador na Câmara Municipal de Ubá, de grande valor político, muito conceituado e respeitado, magro, alto, e com ligeiro defeito numa perna.

De fato, o primeiro que vi em minha vida fora o do Vereador Niquinha de Queiroz, lá pelos idos de 1920, 1921. Era um Ford de patinhas, novidade absoluta para mim e para meus colegas de classe. Comprado no Camilo dos Santos, em Ubá, custara apenas três contos de reis.

Nas pesquisas que fiz colhendo material para o presente volume tive uma enorme surpresa. Descobri que o Ford do Sr. Niquinha não fora o primeiro a aparecer em Rodeiro.



A casa onde hoje mora o Vereador José Toledo Rufato era habitada, naquele tempo, por uma família de grande amizade do Sô Arthur e onde, para a tranquilidade de sua mãezinha, podia brincar sossegado por que a bondade de dona Violeta, a senhora da casa, matava, no início, qualquer estrepolia do desmiolado menino. Além disso, o Otoni, um dos filhos do casal, era unha e carne com o arreliente colega.

O dono da casa, Francisco Vital Vilela, era alto, dinâmico e uma verdadeira caixa de surpresas para todos. Mantinha uma casa de negócios, mas não se contentava com a profissão.

Era sempre um curioso das novidades.

Ouvira falar de um veículo de duas rodas que podia ser utilizado pelo homem que soubesse manobrá-lo e tivesse o dom do equilíbrio.

Virou, mexeu, até que encontrou uma daquelas “geringonças” chamadas bicicletas.

Viajou longe. Comprou uma delas, treinou até conseguir montá-la sem cair e... veio para Rodeiro. Com grande estardalhaço fez uma bruta propaganda por todos os cantos onde achava uma roda de amigos.

— Sim, senhor. Eu tenho uma destas fantásticas máquinas em casa.

— Só duas rodas? Quero ver os brutos tombos que você vai tomar.

— Pois é amanhã, às cinco e meia da tarde.



No dia seguinte, lá estava ele, soberbo, firme em sua bicicleta, pelas ruas do arraial, fazendo medidas, caracolando, tudo no mais perfeito equilíbrio.

— Tá doido, sô! Só em duas rodas sem cair? O homem tem mesmo parte com o demo!

Estava estreada a primeira bicicleta que rodava pelas ruas poeirentas de Rodeiro.



Vital Vilela não era homem que se sentasse na curva chocando os próprios triunfos.

Já em Ubá, um homem cujo nome é digno de figurar na história, Camilo dos Santos. Honesto a toda prova, trabalhador incansável que começara com uma banca de sapateiro, conquistava a confiança do mercado e do mundo financeiro e, quando, num rasgo de audácia, tentou obter a concessão para a revenda dos automóveis Ford, foi logo bem recebido e garantido em suas pretensões.

Tornou-se uma potência na cidade-carinho. Educava os seus filhos na escola do trabalho. Até hoje são esteios da economia ubaense. José dos Santos seguiu as pegadas do pai no ramo automobilístico. Casou-se com a prendada Bibi Micherif, dona de altas virtudes, e, na mocidade, de rara beleza que até hoje guarda os traços. Hoje José dos Santos é dono da maior representação automobilística – Chevrolet – de Ubá onde também, como em Juiz de Fora, possui vários edifícios de apartamentos.

Camilo dos Santos Filho, sisudo, caladão, homem de trabalho, movimentado em Ubá, vários ramos, inclusive de representações e de transportes.

Pois foi na agência do Camilo dos Santos que Vital Vilela adquiriu seu fordeco. Adquiriu, aprendeu a dirigir e o levou para Rodeiro.

Foi o primeiro automóvel que nosso arraial de antanho conheceu, bem antes do carro de Manoel Vieira de Queiroz.

Vilela fez grandes exhibições. Rodou, buzinou, manobrou, roncou, soltou fumaça. Um sucesso!

O povo ficou embasbacado.

Vilela, aproveitando a oportunidade, começou a dar voltas com a criançada. Cada volta custava um tostão. No fim, a fêria foi compensadora.

Todas essas minúcias, eu as obtive do Teodoro Barra, antigo e muito estimado fabricante de rodas de carro e sogro do mais perfeito mecânico de automóveis existente em nossa terra: o prestativo Juarez Thinassi.

# A morte do primeiro escrivão

Chamava-se José Rodrigues Mariano.

Ao que consta era originário de Tocantins. Era alto e tinha um quê de imponente, pelo menos para a criançada de meu tempo.

Vestia-se bem; camisa de punho engomada onde, às vezes, tomava notas para os registros de Cartório. Tinha uma letra cursiva muito jogada e um tanto difícil de se ler. Letra de doutor, dizia o povo.

Rodeiro fora elevado a distrito de Ubá – Rodeiro de Ubá.

Na nova circunscrição havia um homem competente para o cargo de Escrivão. Era o professor Altino José da Silva. Boa instrução para a época. Letra muito bonita. Maestro emérito. Boa aceitação social.

No entanto, a engrenagem política de Ubá se movimentou e a nomeação saiu para José Mariano, totalmente desconhecido e sem raízes em nosso meio.

Foi nomeado e tomou posse. Sentia-se uma hostilidade surda contra ele por parte dos maiorais de Rodeiro-Diamante.

Era jogador. Nem sempre dava atenção ao Cartório. Corria a boca pequena que havia feito mal a uma das moças de Rodeiro, da família dos mandões desta terra.

Os boatos iam se avolumando e o rancor acumulado contra o elegante escriba. Iam matá-lo, dizia-se aos cochichos. Seus dias estavam contados.

Havia até uma senha para marcar a hora em que a fatalidade acontecesse. Era uma cantiga de carnaval:

“Chegou, chegou, chegou.

Agora, agora, agora.

Chegou, chegou, chegou.

Inda não tem meia hora!”

Certa noite, José Mariano, vindo de Ubá, desembarcara na Estação ferroviária de Diamante. Acabara de fazer a última viagem, vivo.

Tomara o trole do Miguel Caputo e nele se dirigiu para Rodeiro. Logo na saída do povoado de Diamante havia um lançante meio íngreme e, quase no topo, uma porteira atravancava o caminho.

Quando o trole ali chegou, um vulto se adiantou, abriu a porteira e pegou, a seguir a trazeira do trole. Sacou de uma garrucha de carregar pelo cano, encostou-a na nuca de José Mariano e puxou o gatilho. A carga enorme de chumbo penetrou na base do crânio e saiu na órbita ocular, espatifando a frente da vítima.

O assassino pulou, correu pelo capinzal e fugiu sem ser identificado.

O cadáver foi trazido para Rodeiro.

Estava consumada a tragédia tão esperada.



Movimentou-se a política por influência de fortes redutos eleitorais de Rodeiro.

Prenderam José Eleutério, um roceiro. Este sempre negou a autoria do crime. Mesmo sem provas que convencessem, foi condenado a dezoito anos de cadeia.

Preso exemplar, obteve regalia e, por ocasião da gripe “espanhola”, ele e Marciano ficaram em liberdade, somente se recolhendo à tarde à cadeia.

Aproveitando a oportunidade e, talvez aconselhado pelos lugares-tenentes dos mandões do crime, fugiu e... nunca mais foi visto e perseguido. Consta entre os antigos que o executante foi um semi débil mental de nome José da Margarida.

## Gregório, o mártir

A tarde já caía. As sombras da noite haviam coberto os socovões da Serra do Chapadão.

Pachorrentamente sentado em ajaezado arreio, balançando com o bambolear de seu cavalo de estimação tendo à garupa seu filho Zeca com cerca de seis a sete anos de idade, Segundino Afonso acabara de entrar numa capoeira rala na qual o caminho fazia algumas curvas. Quando menos esperava, um tiro ecoou pelas quebradas da serra.

Segundino recebera o impacto da bala, estremeceu, caiu sem dar um ai. O animal corcovara e saía a galope.

Zeca caía e rolara entre os cupins e o matagal e ali ficara todo encolhido, apavorado, escondido até o raiar da manhã.

Descoberto o cadáver, movimentaram-se os curiosos, os amigos e a polícia.

Os irmãos e parentes da vítima, fazendeirões como também o era o assassinado, abalaram-se, furiosos, para o local do crime.

Investigações foram feitas. O fato passara-se perto da casa de Gregório José de Souza cuja mulher, Emerenciana Maria de Jesus, era acusada de casos amorosos com a vítima. Os policiais do arraial foram buscar vestígios do crime na casa do coitado do Gregório. Diziam os antigos que, nessa busca apanharam um cabo de vassoura no terreiro e despistadamente o carregaram e o atiraram nas proximidades do cadáver.

Quando uma busca minuciosa foi feita no local do crime, “acharam” um cabo de vassoura pertencente a Gregório. Era o bastante. Estava ali o criminoso. Tudo o incriminava. Procedimento da mulher e o cabo... cabo da malfadada vassoura.

Seria o caso de perguntar: Se o homem foi morto com um tiro, de que serviria um cabo de vassoura?

O menino Zeca foi encontrado apavorado.

— Eu ouvi um tiro. Papai caiu. Eu rolei da garupa para o chão. Do lugar onde eu estava escondido vi o matador de papai aproximar-se do corpo, de faca na mão, naturalmente para sangrá-lo. Talvez, vendo que papai estava morto, não usou a faca e fugiu. - declarou o menino.



Que mais precisavam? Estava ali o criminoso!

Levaram o Gregório preso para a cadeiazinha (sapucaia) de Rodeiro, nos fundos dos prédios do teatro que, no momento, servia de escola.

Gregório fincou o pé. Não matara ninguém. Não era assassino. Jurava por Deus e todos os santos, por todos seus entes queridos.

— Conta a verdade, bandido. - objurgavam os policiais descendo a pancadaria nas costas do infeliz.

— Não fui eu não.

Murros, pontapés, “bolos” de palmatória, farpas de bambus debaixo das unhas. E Gregório firme:

— Não fui eu não.

Apelou para alguns maiorais. Nada.

Pedi que lhe trouxessem sua filhinha com apenas oito dias de idade. Espichou as mãos inchadas pelos bolos e pelas farpas de bambus, estendeu os braços entre as grades, pediu que o deixassem segurar a criança.

— Ora pois, minha filha, é a última vez que vou te pegar.

Muitos anos depois, no Rio de Janeiro, à Rua do Nuncio 7, sobrado, alguém bateu à porta do Sô Arthur pedindo ajuda para sair da má vida. Era prostituta. Era Eva, a filha de Gregório, acalentada através das grades!

Enquanto isso, nas encolhas, tramavam contra o infeliz. O subdelegado aliciava os matadores a mando de pessoas aparentadas com o assassinato.



Deram as investigações como encerradas. Era preciso transferir Gregório para a cadeia de Ubá. Só havia um meio de transporte: a Estrada de Ferro Leopoldina que servia de ligação entre Rodeiro, Diamante e Ubá.

A escolta foi formada: o soldado Alberto e Marciano tido como frio pistoleiro.

O trio, Gregório e as duas escoltas saíram de Rodeiro, na hora da Ave-Maria, seis da tarde. No topo do fim da rua, próximo à casa de um português conhecido como “Sô” Araújo, tratador por homeopatia, o soldado consultou Marciano:

— Agora?

— Tá doido! Olha gente ali, sentada à porta do Sô Vilela.

Gregório plantou-se de joelhos:

— Não me matem, gente!

— Ninguém quer te matar, bandido! - e um coice de fuzil acompanhou a afirmativa do praça.

Lá foram eles a pé. Perto do lugar denominado Lago, hoje fazenda do Paulino Contin, o soldado atrasou-se um pouco, e, traiçoeiramente, pelas costas pregou um tiro na nuca do Gregório.

Este foi caindo para o lado de Marciano.

— Atire nele, caboclo, se não eu lhe mando fogo.

E os dois descarregaram uma saraiva de tiros no peito do infeliz, já morto e rolando para a beirada do capim, à margem da estrada.

Um detalhe: ninguém se preocupou se os buracos foram feitos por arma curta de fogo ou por fuzil.

Estava consumada a tragédia.

Os assassinos voltaram correndo e anunciaram que uns mascarados tomaram-lhes o preso e o crivaram de balas.



Parecia que tudo ficaria por isso mesmo.

No entanto, meses depois, apareceu o famoso tenente Anibal Fonseca acompanhado de sua equipe, um pelotão de soldados treinados em transferir presos protegidos pela politicagem, de um lugar para outro, fuzilá-los e lavar o ato de tentativa de fuga ou de resistência.

— Não adianta prender esses bandidos, pistoleiros, toqueiros. Nós arriscamos nossas vidas, trancafiamos os malditos na cadeia e... os políticos os soltam. - justificava o tenente.



Quando a turma dos militares chegou a Rodeiro, foi um corre-corre enorme. Todo mundo apavorado, digamos de passagem, sem motivos.

Foram logo prendendo o Marciano. Coices de fuzis no peito, nas costas, no fígado e nos rins.

— Conta miserável, se não nós te arrebetamos.

— Nhor não. Não tenho nada com isto, não!

Mais pancadarias, agora com facões (sabres).

— Conta!

Afinal Marcelino não resistiu aos maus tratos. Confessou tudo. Era confessar ou morrer. Contou tudo conforme narramos atrás.

— Quanto você ganhou, patife?

— Um conto e quinhentos e uma junta de bois.

— Quem te contratou?

— O Escrivão a mando do Sô Nhozinho, o subdelegado.



A inquisição parou aí. Os que colocaram o subdelegado como intermediário eram poderosos demais para sofrerem vexames. Tinham muito dinheiro e... votos.

Somente três foram pronunciados: o subdelegado, Marciano e o Praça Alberto. Os dois últimos tomaram apenas quatro anos e oito meses. O primeiro, o subdelegado, saiu livre por falta de provas nos autos.

E os mandantes? Nenhum deles foram citados. Passaram por baixo do pano!

# Honra lavada

Gregório tombara inocente, covarde e vilmente assassinado.

A política se movimentara para encobrir responsabilidades dos mandantes e atenuar o castigo dos executantes.

Marciano e o soldado PM que crivaram de balas o pobre infeliz, apesar de crime premeditado e sem atenuantes, com inúmeros agravantes, alguns bastante berrantes, tomaram apenas quatro anos e oito meses, apesar do crime confesso.

O subdelegado acusado de aliciar os executantes, conforme confissão dos mesmos, foi absolvido, por unanimidade, por falta de provas!

Quanto aos mandantes, os pagantes, nem deles cogitaram.

Mas a justiça de Deus não falha!

A voz do povo, baixinha e medrosa, pois eram poderosos os responsáveis, os apontava por todos os cantos do distrito.

Coincidência ou não, os apontados morreram de morte violenta. Lá vai a história.



Pedro A... (não exaramos o nome completo, pois até hoje existem descendentes honrados e que nenhuma culpa têm dos erros de seus ascendentes), forte, bonitão, fazendeirão, sempre bem trajado, apaixonara-se pela mulher de um colega, também dono de boa gleba.

A senhora, porém, era honesta e não cedera. Pedro, no entanto, não se conformou. Não perdia a ocasião de assediar a pobre matrona rural. A recusa foi sempre categórica.

Até que, enfim, cansada com a insistência, ameaçou:

— Sô Pedro, já lhe disse muitas vezes que não. Pelo amor de Deus, deixe-me em paz, se não vou contar tudo ao meu marido. Olhe a tragédia que vai provocar!

— Você fazer isso? - respondeu com sarcasmo, o conquistador - Estou aí pra ver!

— O Senhor duvida?

— Gostaria de ver sua coragem!



Pois, levada ao paroxismo do desespero, a senhora tudo narrou ao esposo.

— Deixe ele, mulher. Eu lhe apronto o pelo.

Chamou um cunhado e os três tramaram a lição a ser dada ao audacioso conquistador.

A mulher concordaria aparentemente com a infâmia. Marcaria dia e hora para o encontro. Exigiria que ele praticasse o ato totalmente nu porque era assim que ela gostava.

Enquanto isso, o marido, que fingiria uma viagem muito apregoadada com antecedência, voltaria pelos fundos da fazenda para surpreender o atrevido.

Tudo foi feito conforme o combinado. Palestra na sala de visitas. Umas “quitandinhas” na sala de jantar e... enfim o tálamo sagrado.

— Tira a roupa toda, Sô Pedro. É assim que eu gosto.

Pedro não se fez de rogado.

Quando se achou todo despido, a porta do armário de roupas se abriu e de lá saíram o marido e o cunhado ultrajados, armados de porretes e cobriram o intruso com vergastadas de fazer ver estrelas. Depois de uma boa surra juntaram os dois sobre o conquistador barato e o castraram a macete como se castra os bois.



Desacordado, ensanguentado, Pedro foi amarrado em cima do próprio cavalo que foi enxotado rumo à fazenda do violador de lares.

Recolhido pelos seus, penou horripelantemente. Não quis que médicos fossem chamados. Tinha vergonha de se apresentar no estado em que se achava. Apenas tolerava banhos e “mesinhas”.

Oito dias depois apresentou-se a gangrena e o conquistador fracassado, no meio de dores atrozes, foi prestar contas a Deus dos atos que praticou na terra!

# No Tempo dos Escravos

Sô Arthur menino. O diabo em figura de gente!

Imaginem! Até o pobre Anastácio muito sofreu com suas maldades!

Tempo de chuva, naquela época, era mesmo tempo de chuva. De outubro a março, com pequenas interrupções de poucos dias fortemente ensolarados a que chamavam veranico, era aquela chuvinha leve, manhosa, constante. As estradas viravam caminhos. Os caminhos viravam trilhas que nem para cabritos serviam. Atoleiros em que os carros de boi afundavam quase até o eixo.

Médicos? Só a cavalo e dando volta pelos pastos!

Sô Arthur, já grandinho, morava numa casa, no começo da Rua São Vicente de Paulo. Naquele tempo, o terreno em frente à casa do menino pertencia ao Sô Marciano, da família dos Capitães.

As ruas de Rodeiro não eram calçadas e, naquele trecho havia uma argila liguenta e extremamente escorregadia no tempo das águas.

A determinada hora, todos os dias, Anastácio vinha ao povoado para se encharcar com cachaça, sobretudo nas vendas do largo de São Sebastião dizendo que era para espantar a friagem da chuva.

Sô Arthur ficava de tocaia nas janelas de sua casa.

Quando Anastácio passava, o garoto saía de seu posto e corria para rua. De pé no chão, ia alisando, bem alisando, o barro escorregadio. Uns vinte metros.

Tempos depois lá vinha o Anastácio, completamente embriagado e resmungando seu palavrão de costume.

Se alguém lhe perguntava:

— Anastácio, o que é que você comeu hoje?

A resposta era certa e curta:

— Merda!

Quando o pobre negro entrava na faixa de rua pelo garoto preparado, cada passo era um tombo em cima do traseiro! A cada tombo, o palavrão predileto:

— Merda!

E Sô Arthur, da janela, ria-se a mais não poder!



Mal sabia o “arrepinado” que aquele preto tinha sua história de heroísmo e de glória! História do tempo da escravidão.

Ele fora um negro bonito, forte, decidido, muito trabalhador.

O seu nome completo era Anastácio Ferreira de Brito.

Casara-se com uma crioula, também escrava, bonita e modelo de dedicação a seu marido e à sua sinhá. Chamava-se Josefá Maria de Jesus (a Sá Izefá, como todos a tratavam).

Era costume naqueles tempos, nas Fazendas cujos donos eram bondosos e humanos, dar-se licença aos escravos ficar com o produto de biscates e trabalhos que fizessem aos domingos. As moedas de cobre que ganhavam lhes pertenciam.

Anastácio e Sá Izefá nunca perdiam essas oportunidades. Ele fazendo balaios e outras catitas. Ela fazendo funcionar suas agulhas encantadas de crochê.

E, um a um, os cobres (moedas da época do Império e de começo da República), iam-se avolumando no “pé-de-meia” do casal.

Chegou a hora em que a quantia guardada era suficiente para comprar a alforria de um deles.

Anastácio não vacilou. Com sacrifício e risco próprio, comprou a liberdade de Sá Izefá para que ela não fosse vendida para outro dono.

Mas a luta continuou. Tudo tornara-se mais fácil. Sá Izefá (agora ela podia usar senhoria) tinha a semana toda para trabalhar por conta própria.

Os cobres que guardava, juntados com os que Anastácio “catitava” aos domingos, em breve deram para comprar também a alforria de Anastácio.

Os dois livres! Cidadãos do Brasil!

Fabuloso, não é?

Tão comovente que os antigos “sinhôs” dos dois compraram para o casal uma nesga de terra que depois ficou sendo chamado Sítio dos Morais, nas fraldas da Serra da Boa Esperança, perto do que depois seria o arraial, vila e cidade de Rodeiro.

Ali o casal de ex-escravos construíram uma casinha própria, um encanto de ninho cercado de árvores onde os pássaros vinham entoar suas sinfonias.

Desbravaram o terreno, fizeram prósperas roças de milho, aproveitaram as pequenas quedas d’água e as minas do precioso líquido. Tudo um amor!

Criaram família.

Infelizmente, com o decorrer dos anos e talvez graças a falsos amigos, Anastácio tornou-se alcoólatra inveterado. Perdeu a senhoria! Não era mais Sô Anastácio. Era apenas o Nastácio, objeto de zombaria para a molecada.

# Dois farmacêuticos ilustres

João Corrêa Barbosa Filho, farmacêutico formado, era filho do protagonista principal de um fato por nós narrado em um dos capítulos deste livro. “Vancê me chamou?”

Veio em sua terra, no velho e violento Rodeiro.

Era um senhor distinto, de fina educação, muito tratável e acolhedor.

Ganhara a confiança de todos os desconfiados caboclos do lugar.

— Sô Joãozinho! Aquilo é que é homem bão! - comentavam.

Viera casado do Rio de Janeiro.

Dona Maria (mulher bonita como que) era digna do marido. Sabia ganhar a simpatia de todos. Um sorriso, algumas palavras amigas, um cafezinho servido aos amigos e clientes do marido, aumentavam, cada vez mais, a fama e bom conceito do casal.

A casa era um brinco. Xícaras lindas, de louça bordada. Jarras lindas, flores, enfim, um lar como nunca aquele lugar, então rebarbativo, sonhara existir.

Os filhos, Olavo, Osvaldo, Otávio sempre bem arrumadinhos e muito bem educados, amigos de todas as crianças, sobretudo das mais pobrezinhas, com quem repartiam os livros de estórias da Gata Borralheira, do Arco da Velha, da Carochinha, eram um encanto para todos.

Sô Joãozinho amava sua terra natal, aquele Rodeiro que devia ser um cantinho do céu perdido entre as montanhas e que, no entanto...

Uma das primeiras iniciativas foi construir uma casa residencial com todo o conforto onde também reservou dois cômodos: um para a bem montada farmácia, outro para o laboratório. Sólida como quê. Paredes dobradas. Essa casa existe até hoje, muito bem conservada. Pertenceu, posteriormente, a vários outros donos, entre eles, o padre Lourenço Musacchio, ao Serafim Jorge, a Mario da Rocha Rodrigues, a Paulo Martins de Paiva.

Também idealizou e realizou uma companhia de seguros da qual Leopoldo Araújo era o secretário e guarda livros.

Tudo muito bonito.

Bonito demais. Essa boniteza foi a causa da derrocada daquela família em Rodeiro.

Os políticos e os mandões enciumaram-se com o prestígio e as amizades dos que rodeavam o feliz casal.

Primeiro providenciaram a vinda para Rodeiro de outro farmacêutico formado: Eduardo de Paula Reis, moço inteligente, hábil, bem falante. Parecia talhado para derrubar o prestígio do Sô Joãozinho.

Parecia. Mas não foi. Foi até o anjo mandado por Deus para salvar-lhe a vida.

Senão vejamos.

Sô Eduardo era bem apessoado. Seus dotes de inteligência supriam o que lhe faltava no que diz respeito aos dotes físicos.

Não era feio, mas, bonito também não era.

Formara-se, se não me falha a memória, na Escola de Odontologia da Academia de Comércio de Juiz de Fora. Era de rara felicidade em seus diagnósticos e em seu receituário.



No entanto, seu fraco eram as mulheres.

Em torno de sua áurea de sábio, de homem muito culto, iam-se queimando as borboletas mimosas do Rodeiro de antanho.

Frequentava a casa do Sr. Joãozinho. Com ele batia longos papos e era fã número um daquele cafezinho especial servido em xícaras bordadas a dourado.

Era também figura obrigatória nas reuniões dos mandantes locais.

Por eles ficou sabendo que Sô Joãozinho não era pessoa grata dos caciques da terra. Não compactuava com eles. Desaprovava seus métodos. Chegara a verberar as atitudes daqueles mandantes, daqueles empreiteiros da morte que afogavam em sangue qualquer veleidade de oposição a seus atos e a seu prestígio.

Aquele homem, aquele Sô Joãozinho, estava crescendo demais no conceito dos homens.

Era um estorvo no caminho dos manda-chuvas.

A solução do caso era, no entanto, simples.

Um “toqueiro”, uma garrucha nova, uns quinhentos mil reis e era uma vez o farmacêutico que os incomodava e podia destroná-los...

Eduardo ouvia lhes a trama numa das reuniões curtas, frias e fatais.

Sô Joãozinho, no dia seguinte iria a Ubá.

Como sempre, ia a cavalo.

No alto das Três Porteiras, na entrada daquela cidade, o toqueiro estaria à sua espera.

Uma certa pontaria.

Um pequeno arranco no gatilho.

Um tiro seco, preciso...

E era uma vez um homem que poderia se tornar um estorvo aos desígnios dos mandões daquele arraial.

À noitinha, na véspera daquela viagem que seria fatídica para Sô Joãozinho, Eduardo foi convidado, pelos graudões, a ir às possíveis suspeitas das más línguas.

Foram.

Conversaram muito e ruidosamente. Riram até mais não poder demonstrando a alegria e a amizade que os ligavam a sua futura vítima.

Lá pelas tantas, oito horas talvez, dona Maria chegara à sala com aquela rica bandeja, com aquelas xícaras de fino gosto, com aquele cafezinho que só ela sabia preparar.

Aquele sorriso que desarmaria, por sua simplicidade, por sua candura e espontaneidade, os mais empedernidos e maldosos corações.

Saborearam a bebida. Elogiaram-na.

Se fossem menos abrutalhados, e mais cultos, achariam que somente mãos de fadas poderiam produzir tão delicioso café.

Quando o movimento do povo na frente da farmácia escasseou, acharam que havia bastante testemunhas que estariam prontas a falar sobre os “laços de amizade” que os prendiam àquele homem sacrificado à sanha dos pistoleiros no alto das Três Porteiras.

Retiraram-se.

Eduardo foi para seu quarto de solteiro.

Nem fora ao encontro de suas fãs e apaixonadas.

Estava impressionado.

Impressionado com a frieza dos mandantes do crime que nenhuma demonstração deram de vacilação na empreitada da morte que ceifaria aquela vida voltada para o bem e o progresso.

Impressionado ficou pela insensibilidade daquelas feras que não se comovem e, talvez, nem notaram a beleza e inocência dos sorrisos da mãe

daquelas crianças que, no dia seguinte seriam órfãs.

Não. Aquilo era demais.

Ele era seu concorrente profissional.

Seu concorrente na escala do prestígio político que parecia querer bafejar-lhe a existência.

Mas... o outro era também um homem que ia cair miseravelmente à traição, deixando viúva e órfãos que nem poderiam saber de onde partiria o raio que provocaria a debacle total e irremediável.

Aquele sorriso.

Os monstros para ela olhavam sem nada ver, sem nada sentir.

Era demais.

Lá pelas duas e tanta da madrugada levantou-se.

Vestiu-se.

Colocou os mais cômodos sapatos.

Pediu a Deus que ninguém visse para onde ia. Estava em jogo sua própria vida.

Se apenas dele desconfiassem!

Sô Joãozinho atendeu seu discreto chamado, cochichando na janela do seu quarto. Veio até a sala que abriu sem acender luzes.

— Você vai amanhã a Ubá? – perguntou Eduardo.

— Sim. Precisa de algumas coisas?

— Vai passar pelo Morro das Três Porteiras ou vai dar volta pela Estrada do Triângulo?

— Pelas Três Porteiras. Você sabe que é muito mais perto.

— Pois não passe por lá. A morte estará ali à sua espera.

E de uma arrancada contou-lhe a trama, toda a conjura. Só lhe ocultou os nomes. Fez lhe ver que arriscava sua própria vida. Se dele, Eduardo desconfiassem bastava denunciá-lo aos mandantes e ele seria um homem liquidado.

— Para o bem de sua mulher e de seus filhos, acredite-me. Mude, mude já desta terra paradoxal, tão bonita, tão promissora e tão má.

Sô Joãozinho acreditou.

Não foi a Ubá.

Não passou pelo Morro das Três Porteiras.

Mudou-se. Mudou-se para Juiz de Fora onde montou uma própria farmácia em Mariano Procópio.

Foi poeta.

Foi professor na Academia de Comércio.

Foi autor de um livro sobre tóxicos e venenos.

Dona Maria finou-se serenamente. Os anos, uns distúrbios no fígado levaram-na desta para melhor.

Anos depois, Sô Joãozinho entregou também a alma ao Criador. Ao olhar pela derradeira vez a cruz que lhe puseram nas mãos talvez tivesse lembrado daquele impressionante soneto seu: “O crucifixo”, que escrevera anos antes.

Muitos anos depois, já no fim da vida, Eduardo numa confiança de desabafo tudo me contou.

— Sabe de uma coisa? Não pude me conter!

Aquele sorriso oferecendo aquele café, naquelas xícaras, com aquela simplicidade!

Parou soprando uma baforada de cigarro.

— E aqueles momentos não se comoveram!

E terminando:

— Aquela linda e santa mulher sacudiu alguma coisa que ainda havia de bom em mim e que estultamente tentava abafar em meio às minhas estroinices.

# Os anjinhos das missões

Foi no ano de 1917 que houve a segunda missão em Rodeiro.

Do Caraça vieram os padres Lazaristas para realizá-la. O fervor religioso era impressionante. O arraial todo se movimentava como só, ia acontecer por ocasião das grandes festas. Mais ou menos oito dias de preparação.

Armaram um coreto confortável junto à fachada da igreja matriz, no lado de fora.

As ruas se engalanaram com bandeirinhas e arcos de bambus para receber os padres missionários.

A dispensa e o aviário da casa paroquial estavam sendo lotados com dádivas dos fiéis: cestas e mais cestas de ovos fresquinhos; várias de frangos e galinhas; latas de vinte quilos cheias de banha de porco; panelões com lombos de porco fritos e guardados na gordura.

O Padre Lourenço Mussachio comprara com fartura queijos cavalos, mussarela e parmesão para as fenomenais macarronadas à italiana.

As alfaías da igreja receberam uma limpeza e reforma geral em grande forma. Até as campainhas ficaram brilhando.

Chegou o grande dia. Os missionários foram recebidos com carinho e amizade.

À noite, no coreto improvisado, primeiro rezaram o terço. O povo enchia mais da metade do largo, hoje praça São Sebastião. Iluminação a gás de carbureto a contento.

Depois vieram os sermões. Pregados com dura convicção. O céu com suas glórias, seus coros angelicais, suas delícias sem fim. O inferno com seu fogo maldito, com demônios a espetarem e atormentarem os réprobos. A eternidade apavorante do tão grande que, depois de milhões e milhões de anos, ainda estava apenas no começo.

E, para terminar, a bênção solene do Santíssimo Sacramento.



Na primeira noite a trinca tradicional: Sô Arthur, Francisco Bedendo e Carlinhos Moreira, sentadinhos na soleira da porta da igreja, bem junto ao coreto.

Caras de santinhos, olhando piedosamente para os “coques” e tranças das mulheres. Imaginando artes com que se divertir nas próximas rezas.

Finda a reza, a preparação e a bênção, o povo se retirou e os três se reuniram para trocar ideias e fazer planos para as noites seguintes. E foram dormir em paz o sono dos anjinhos.

Ao raiar do dia começaram as missas rezadas pelos missionários. As inúmeras confissões e comunhões fervorosas e o conhecimento dado aos fiéis dos programas do dia.

Nossos três pilantras só viviam pelos cantos cochichando, o que lhes valeram alguns “pitos” do Padre Lourenço.

Os missionários foram tomar a primeira refeição.

Os três pilantras se aninharam por baixo do altar-mor, junto aos caixotes onde eram recolhidos os restos dos cotoquinhos de velas. Dali só saíram para almoçar.

Encheram os bolsos com bolinhas de cera que ali mesmo fabricaram.

À noite, durante as cerimônias no coreto, sentaram-se na soleira da porta da igreja, como na noite anterior.

Bracinhos cruzados, com o maior cuidado, introduziam as mãos nos bolsos, tiravam uma bolinha de cera e, disfarçadamente, as atiravam nos cabelos das devotas, olhando para o padre pregador com a maior cara de “santo”.

No começo não houve reações. Mas, pouco a pouco, as mulheres foram se enfezando umas com as outras julgando que era as vizinhas que as estavam tirando a atenção do sermão.

No fim, duas delas, de sangue mais quente, bateram boca numa discussão e acabaram brigando e agarrando-se reciprocamente pelos cabelos. Um escândalo!

Quem foi? Quem não foi? Ninguém sabia.

Quem palpitou mais acertadamente foi o Chico Antão.

— Isto só pode ser arranjo daquele capeta de Sô Arthur!



Vigilância constante na noite seguinte. Chico Antão, de longe, não perdia os três pilantras de vista. Descobriu-lhes a manha. Levou tudo ao conhecimento do padre Lourenço. Este veio de mansinho, pé ante pé, dos

fundos da igreja. Parou bem atrás da trinca. Viu-lhes os movimentos e a molecagem dos três.

Não teve dúvidas. Mandou um senhor pontapé no traseiro do Sô Arthur, tão forte que chegou a levantá-lo.

Malandro não estriou! Sô Arthur raciocinou rápido que só o padre podia fazer aquela proeza. Ficou quietinho.

Mas não ficou nisso. O nosso saudoso Vigário emendou outro pontapé no traseiro de Bedendo.

A reação foi instantânea. Bedendo virou-se e soltou:

— Filho da...

— Cachorro. - explodiu o padre e agarrou o delinquente pelas orelhas e saiu arrastando-o.

Sô Arthur e Carlinhos, vendo as barbas de outro arderem puseram as suas de molho e fugiram antes que as coisas piorassem.

# O Melro do Micherif

Elias Micherif, conforme a ele me referi, era um sírio alegre, folgazão, seguro nos seus negócios, careca igual ao seu filho José Micherif (o branco), piadista como ele só!

Sabia zelar pelos filhos e educá-los na escola do dever, do trabalho, temperado com as diversões próprias da idade. Também a instrução não lhes era regateada.

Comprara um sítio que fora de João Zanela, depois de Alberto Niminato Lima, e hoje é de Domingos Aleixo Paschoalino.

De seus trabalhos no sítio, nem eu, nem Sô Arthur guardamos memória. Só nos lembramos do lindo pomar e dos cômodos da casa sede, limpíssimos e arrumadinhos. Dona Maria Olinda Micherif (dona Mulata) era um modelo de dona de casa. Suas filhas: Celina, hoje esposa de Dário Vieira do alto comércio de Ubá, e Miquinha, seguiam de perto o capricho e a dedicação da mãe. Tal ascendência dona Mulata adquiriu sobre o irrequieto Sô Arthur, naquela época, que ao se meter em enrascadas, depois de grande, ele obedecia melhor a seus conselhos do que aos de sua própria progenitora.

Quanto aos cuidados com a educação dos filhos, basta dizer que, naquela época em que os ginásios (apenas um em Ubá – o São José) eram quase inacessíveis até à parte da classe média, Elias Micherif contratou um velho mestre-escola, competente, austero, dono de longa barba negra.

Chamava-se Pedro Ministério. Era conhecedor profundo da aritmética de Trajano. Tinha um cuidado especial com as reduções de unidades métricas, com operações fundamentais com inteiros e frações, com cálculos de juros, porcentagens e regra de sociedades.

Pelo exposto pode-se aquilatar que achado de ouro era o sisudo mestre.

O pior eram os alunos. Uns capetinhas em figura de gente, José Micherif e Sô Arthur, entre outros.

Sô Arthur está sendo retratado ligeiramente neste volume. José Micherif, este apesar de endiabrado, tinha um carinho especial por passarinhos. As janelas do sítio, os alpendres e até as árvores do quintal viviam atapetadas de gaiolas com mil e uma qualidades dos bichinhos numa algazarra e “chilreado” loucos.

Estar junto deles, tratando, com eles “conversando”, era o maior prazer do Zezé.

E isto foi a desgraça para nossa escolinha que, em continuando, nos deixaria aptos para os mais intrincados escritórios comerciais e industriais da época.



A manhã estava linda. O ar perfumado. O dia claro. A alegria dos pássaros era incontida.

Zezé, perto da gaiola de um melro desses cantadores e até trovadores “in natura”, tal como um que Antônio de Pádua Paschoalino presenteou a Sô Arthur e que foi, por ele batizado de “Dr. Braúna”, mudava-lhe a água e os alimentos.

Foi neste momento que o austero mestre Ministério chegou. Por ironia, ou por zombaria porque era impossível quem não conhecesse pássaros, perguntou sério:

— Isto é anu?

A afronta não pôde ser engolida! Era demais.

O melro mais cantador apelidado de anu?

Zezé não se conteve. Deixou a gaiola e se atirou às barbas venerandas de mestre Ministério. Sacudiu e puxou aquele símbolo da honradez antiga e esbravejou:

— Isto é melro, velho caduco! Anu é a sua mamãezinha.



Azar. Nesse momento Elias Micherif foi chegando e pegou o flagrante. Procurou um porrete e “escovou” o “lombo” do Zezé.

— Cachorro! É assim que se trata os mais velhos e, sobretudo, os mestres?

E o pau comeu duro e agressivo.

Acabada a surra, Elias virou-se para Pedro Ministério:

— Quanto ao senhor, muito me admiro de não se dar ao respeito perante a molecada. Vamos fazer as contas. O senhor está despedido.

E a escola acabou...

# Água potável em Rodeiro

Luz elétrica, água encanada (potável) e estrada para Ubá, foram as grandes aspirações do povo do arraial de Rodeiro, já então sede de distrito, porém sem o título de Vila.

Água encanada era um conforto muito sonhado. Acabariam os banhos de bacia e as latas d'água penosamente carregadas das minas e dos poços.

Tanto pediram às autoridades de Ubá que estas resolveram atender. No sítio de Alípio Ferreira havia um manancial de água que satisfazia às exigências. Houve entendimento entre o dono do sítio e a Câmara Municipal de Ubá, esta representada pelo farmacêutico José Gonçalves Solero que já residira em Rodeiro onde deixara saudades. Em 10 de fevereiro de 1918, chegaram até a passar uma escritura pública de doação do manancial, passada no Livro 7 de Notas do distrito, a fls. 70. Escritura essa que foi tornada sem efeito por vontade das partes que não chegaram a um entendimento final perfeito.

Mesmo assim a autorização foi dada por Alípio Ferreira para uso da água para consumo público.

Os encanamentos foram feitos levando o precioso líquido para uma caixa d'água que, até hoje existe no lado da igreja matriz de Rodeiro. A sobra corria pela rua afora e era cheia de sangue-sugas.

Todo mundo gritava pela água, mas, na hora do requerer uma pena, somente seis ou oito casas foram abastecidas.

Colocaram um chafariz de grande utilidade pública no largo São Sebastião. Esse chafariz foi arrancado de perto da ponte da rua São José, em Ubá, e era ainda do tempo dos escravos.

Ligada a primeira vez, a água nesta não chegou à caixa de perto da igreja. Um engenheiro veio e resolveu o impasse. Era ar nos canos. Uma vez tirado, a água correu livremente.

Antes, porém, o Sô Marciano se opusera que os canos passassem por seu terreno e chegara mesmo a arrebetá-los com golpes de marreta. Também esse transtorno foi contornado.

Não conseguimos achar a data da inauguração; somente o ano, 1918, e o nome da oradora oficial na solenidade: a senhorita Olívia Moreira (a Livica)

de saudosa memória. Diga-se de passagem que Livica era tão amiga de Rodeiro que, no fim da vida para aqui se mudou, aqui morreu e aqui foi enterrada conforme sempre desejou.

Muitos anos depois, por iniciativa da Prefeitura de Ubá, foi furado um poço semi-artesiano nos terrenos de São Vicente e uma água cristalina e puríssima foi levada à uma grande caixa d'água, quase no alto do morro do Cruzeiro e, dali, distribuída a todas as ruas da cidade e abasteceu dois chafarizes públicos para a população pobre.

Com o excesso de água gasto na regação de ruas, a bomba elevatória, por sinal caríssima, queimou-se por diversas vezes.

Remediando esse gasto, a Prefeitura de Rodeiro mandou furar outro poço, à rua João Bicalho e que, por sinal, forneceu água de qualidade inferior à primitiva, de São Vicente.

# O sentido de uma palavra

Este episódio é curtinho, mas acabou em pancadaria fenomenal no “lombo” de Sô Arthur.

A professora, uma professora humilde, mas conscienciosa em seu trabalho, sempre dizia aos alunos que não carregassem dúvidas para casa. Era bondosa e paciente pra com aquela turma de insubordinação e procurando, com muito pouco proveito, dar-lhes educação.

É pena. É até uma falta de caridade. Mas é preciso não nos esquecermos de uma das mais atrevidas artes de Sô Arthur.

A professora por nós conhecida como dona Piteta (o nome real nunca consegui apurar) estava explicando, com toda a paciência e cuidado um trecho de leitura do livro de Felisberto de Carvalho.

O compêndio (cinco volumes) estava escrito em linguagem aprimorada e um tanto lusitana.

A certa altura surgiu a palavra pudibunda (originada de pudor). Imediatamente um aluno, como era de esperar, interrogou a mestra.

— Dona Piteta, que quer dizer pudibunda?

— Vou explicar-lhe de um modo que você possa entender. Um menino da roça, muito bonzinho, acanhado, caladinho, um menino que diz nomes feios e nem fala bobagens, é um menino pudibundo. Entenderam?

Todos disseram que sim. Somente Sô Arthur levantou o dedinho e pediu esclarecimento.

— Dona Piteta. Então quer dizer que um menino muito bem comportado, que não diz besteiras, é um menino pudibundo?

— Isto mesmo. Até que enfim você prestou atenção. - respondeu a professora sem perceber que Sô Arthur havia trocado uma letra na palavra.

— Espera aí, dona Pipeta. E se, em vez do menino, fosse uma menina, será que nós teríamos de chamá-la pudibunda?

Foi uma gargalhada geral.

Quem pagou o pato foi a régua da professora que foi quebrada na cabeça do safardana. Pela primeira vez, dona Piteta perdera a paciência.

— Ora, ora. - choramingou Sô Arthur - Uai, a senhora não disse que não devíamos levar dúvidas para casa?

# Telefones em Rodeiro

Também a história dos telefones em Rodeiro é antiga. Inaugurados por volta de 1917, no início a Companhia colocara dez a quinze telefones, e Rodeiro possuía não um posto, mas um centro com mecanismo completo e necessário para o bom funcionamento.

No entanto, o Centro durou pouco. Todos os assinantes não sabiam que só as ligações urbanas eram gratuitas. As interurbanas tinham que ser pagas.

Quando as contas começaram a chover com cobranças dessas últimas, foi um Deus nos acuda.

Revolta geral, pedidos, abaixo-assinados... Tudo inútil. A companhia ficou intransigente.

E começaram os cortes. Os dez ou quinze aparelhos, um a um foram cortados e retirados. Afinal ficou apenas o Centro – general sem comandados. Por fim, até ele foi retirado e substituído pelo PS1 (Posto de Serviço nº 1).

Anos depois houve nova tentativa de restabelecer o Centro. Infelizmente com pouco efeito. Apenas três assinantes: João Bassoto, Augusto Moreira Lopes e Escola da Comunidade “João Leonardo da Silveira”. Os dois primeiros desistiram, ficaram apenas o PS1 e o da Escola da Comunidade.

Apesar de tudo ficaram alguns casos a serem contados.

Um dos fiscais de distrito de Rodeiro de Ubá, quando necessitava falar pelo telefone com o Dr. Levindo Coelho, chefe absoluto e incontestado da região, enfarpelava-se por completo, vestia o terno de “ver Deus” nas missas de domingo. Colocava gravata das mais vistosas e se dirigia ao Posto Telefônico. Pedia ligação. Depois desta efetuada, o Dr. Levindo na linha o fiscal cumprimentava.

— Dr. Levindo, peço licença para tirar o chapéu para lhe falar. (e descobria-se). É um respeito, Dr. Levindo, que todos lhe devem.

E a conversa prosseguia normalmente.



Outro fato notável foi uma embrulhada por causa de um defunto.

Morreu um filho do Chico Tristão, doador do terreno para o Cemitério Novo e o primeiro a ser ali enterrado. Por ser grande benfeitor da paróquia, fizeram-lhe uma catacumba bonita e vistosa.

Era de todo direito que o filho nela fosse enterrado. No entanto, precisava autorização do pároco de Rodeiro, padre Paulo Cassagni Sodré que, então estava em Ubá, no Hospital São Vicente de Paulo tratando de sua saúde.

Uma pessoa interessada resolveu telefonar para o sacerdote.

— Alô! Telefonista. Aqui fala de Rodeiro. Morreu um filho do Chico Tristão, grande homem de nosso lugar. Agora eu peço o favor de ligar para o padre Paulo pedindo-lhe licença para ser enterrado na sepultura do pai.

— Defunto? Padre? Licença? Que embrulhada. - pensou a telefonista. Qual isto é assunto de funerária... E ligou para lá.

— Alô. Aqui é da funerária. Em que posso servi-lo?

— É que aqui há um defunto para enterrar. É que a catacumba...

— De que tamanho é?

— De uns três metros de comprimento e um metro e meio de altura.

— Cruzes! Defunto de três metros e meio?

— E quem falou do defunto? Essas medidas são da Catacumba.

— E a telefonista que permanecera na linha desligou da funerária e ligou para o Hospital.

— Alô! - atendeu a irmã - Aqui é do hospital São Vicente.

— Olhe. Aqui em Rodeiro há um defunto...

— Defunto? Aqui não há lugar para defunto! Trate de enterrar por aí!

O homem, desesperado, pegou um ônibus e foi a Ubá entender-se pessoalmente com o padre Paulo...

# Minha tinta virou água

Uma das diabruras do Sô Arthur que, durante muito tempo, deu o que falar foi a dos tinteiros.

Não é preciso dizer que nosso peralta, todos os dias ficava detido durante o recreio.

Naquele tempo isso até era corretivo suave. A coisa tinha-se tornado rotina e ninguém estranhava.

Até merendazinha pobre, Sô Arthur levava, pão seco que mascava com gosto. Ora, um pedaço de angu frito, e, às vezes uma fruta.

Aconteceu que dona Alice, certo dia voltou ao estribilho:

— Sô Arthur, hoje ficará sozinho.

O garoto saiu do lugar e abordou a mesa da mestra.

— Dona Alice, deixe-me ir lá fora, por favor.

— Nem pense nisto. Volte para seu lugar.

— Dona Alice, eu estou apertado.

— Nada disso.

— Dona Alice, eu preciso urinar.

— Já lhe disse: não!

— Dona Alice, dou minha palavra de honra. Vou mijar nas calças!

— Não, não e não!

Saiu fechando a porta e levando a chave da escola.



E agora?

O caso era sério.

Sô Arthur tinha necessidade de urinar e tinha vergonha de fazê-lo na roupa.

— Ah! Ali está a solução. - pensou Sô Arthur. Ali na fileira do quarto ano havia um buraco no soalho.

Para lá se dirigiu. Tirou o “pintinho” e se preparou para urinar.

Outra ideia fê-lo interromper a operação. Guardou o “pintinho”, foi nas fileiras de carteiras do fundo da classe, apanhou todos os tinteiros dos alunos

e foi despejando o conteúdo no buraco. Feito a descarga da tinta, nosso endiabrado passou a encher os tinteiros com urina...



Findara o recreio.

Dona Alice voltou.

Os alunos se acomodaram.

— Ditado para o quarto ano. - avisou a professora.

E a tragédia começou. O primeiro a reclamar foi Luiz Ferreira, filho do Sr. Raul Alves Ferreira.

— Dona Alice, minha tinta virou água.

E logo a seguir, outros e mais outros reclamaram: Lucas Vieira, José Micherif, Carlos Moreira, Francisco Bedendo, enfim, o quarto ano inteiro.

A balbúrdia era completa na sala.

Dona Alice foi até a primeira carteira e cheirou um dos tinteiros.

Urina pura!

Voltou à mesa, apanhou a régua e desdobrou-a na cabeça de Sô Arthur.

Não precisava perguntar. Uma molecagem daquelas só um Sô Arthur poderia idealizar e realizar!

# O telefone oculto

Ela era uma linda menina. Cabelos cacheados, olhos tristes, roupa sempre limpinha, bem feita, e bem passada, tudo um amor!

Era filha da mamãe de leite do Sô Arthur. Recatada, nunca se ouviu falar que tivesse namorado.

Pois foi esta a vítima que o malvado Sô Arthur escolheu para objeto de uma de suas perversidades.



Nossas professoras, por vezes, se entretinham em palestras nas horas das aulas.

A turma do quarto ano não era flor que se cheirasse, ainda por cima chefiada pelo supermoleque.

Logo seus componentes armaram uma das maiores diabruras da paróquia.

Com um objeto perfurante foram cavando buracos na parede, até parar na sala das mesmas.

Precisa-se dizer que as turmas masculinas e femininas eram separadas.

Foi um chulé. O pior era que os lugares dos meninos, junto à parede eram disputadíssimos.

Por esses buracos estabeleceram uma espécie “sui-generis” de telefones, veículos discretos dos namoricos.



Mas, um dia desmoronou.

Sô Arthur desentendera-se com a Zilá, a menina escol de que maneira descrevemos, numa entrada para as aulas. O motivo nem ele mesmo soube direito. Desentenderam-se e pronto!

Na hora das aulas as professoras, por coincidência, firmaram-se no bate-papo.

Sô Arthur, dono de um posto de escuta na parede, chamou uma menina. Atendido, pediu a presença da Zilá.

Esta compareceu e o malvado ouviu-lhe a voz meiga:

— Pronto, Sô Arthur. O que é que você deseja falar?

— Não é bem falar. - respondeu o pilantra - Quero é te mostrar uma coisa bonita.

Observando bem quando os olhinhos da coitada chegaram no “posto”, soprou-lhe areia da parede nos olhos.

Foi um Deus nos acuda: choro, sapateado, gritos.

Sô Arthur era calculista. Seu vizinho à esquerda era o Luiz Ferreira (o Luiz do Raul Ferreira).

— Quer trocar de lugar comigo, Luiz? - foi a pergunta.

— Neste momento. - respondeu o Luiz.

E a troca foi efetuada.

Pouco depois, dona Pepita Hipólito, a professora das meninas, chegara à sala dos meninos. Tomaram medidas e chegaram à conclusão de que fora o Luiz Ferreira o perverso.

Houve um bate-fundo grande.

Todo mundo se admirou ao ver Sô Arthur, o vizinho do Luiz, muito quieto e tranquilo, fora de seus hábitos de se intrometer em tudo.

O pior é que foi o pobre do Luiz que levou as sobras.

# Dupla empreitada

O tempo da capangada e dos toqueiros estava em plena efervescência.

Pelas bandas do rio Chopotó e da Serra da Onça, bem como nos altos da Serra da Boa Esperança, raro era o fazendeiro que não contasse com “boa” vivência com pistoleiros profissionais.

Chegamos até a analisar em capítulo deste livro as famosas cartas de apresentação de assassinos profissionais com a esdrúxula sigla num dos cantos da missiva: TFN (toca fora nele).

Vamos narrar um crime que abalou nossa região, tendo colhido, com cuidado, desde nossa infância a tradição corrente, bem como fatos apurados posteriormente.

Chico Anibal, genro de Maximiano Pereira, ex-cometa, movimentava boa parte da Fazenda do sogro.

Se tinha capangas próprios não consegui apurar. Mas tinha boas relações com pistoleiros. Um deles era Sebastião Teofilo, conhecido como Sebastião Crioulo. Por sinal, este mesmo Sebastião era muito mimado por outro fazendeiro, Leandro Coelho.

Por mal dos pecados os dois fazendeiros, Chico Anibal e Leandro Coelho, se desentenderam e acabaram ficando inimigos capitais.

Leandro chamou o Sebastião Crioulo e lhe deu a tarefa de liquidar Chico Anibal. Boa presa entre o fazendeiro e o pistoleiro, o jantar junto com a família, quinhentos mil reis e uma garrucha nova e de boa marca e a sorte do ex-cometa ficou traçada. Escala atrás de um toco, boa pontaria e... o “servicinho” estaria pronto!

Sebastião não conversou. Partiu para a fazenda de sua futura vítima. Mas... aconteceu que o pistoleiro e o ex-cometa eram grandes amigos.



— Sô Chiquinho!

— Olá, Sebastião. Você por aqui é novidade.

— Quero um “particulá” com vancê.

— Pois não, vamos para nosso escritório.

Lá chegando, ambos sentados, Sebastião desembuchou:

- Tô aqui para mata vancê!  
— Que é isto, Sebastião? Logo você, meu amigo do peito! E quem foi que mandou?  
— Foi Sô Leandro Coelho.  
— Cachorro! Quanto te deu?  
— Quinhentos mil reis e uma garrucha.  
— Pois toma aqui. Toma um conto de reis e vai liquidar aquele miserável.



O crioulo embolsou o conto de reis como havia embolsado os quinhentos mil reis primitivos.

Partiu para a fazenda do primeiro mandante.

— Já fez o “serviço”? - perguntou Leandro Coelho.

— ‘Nhor não. Fui estudar bem o melhor lugar para a tocaia. Amanhã, a esta hora, já terá parado de respirar.

— Bom, entre. Está na hora do jantar. Vamos a ele!

Os dois entraram, forraram bem o estômago e foram dormir.

De madrugada, a barra do dia começava a clarear, Leandro já mandara carregar carros de boi com café em casca para ser levado para Dona Euzébia. Deu a ordem de partida e deitou-lhe sobre os sacos de café.

Sebastião saiu pouco antes, de manhazinha, “torou” por um atalho e foi se colocar em ótima posição de tiro, na estrada por onde os carros com café iam passar. José Pinto, outro pistoleiro fazia-lhe companhia.

De longe ouvia o chiado dos carros de bois. Escondeu-se bem, sacou da garrucha, amarrou o cão para não despertar a atenção dos carreiros e esperou com toda a calma.

Lá vinham eles cantando a monótona canção dos carros bem carregados. Esbarraram num valão da estrada. Um, dois, três... doze...

O Leandro Coelho...

Sebastião firmou bem a pontaria e o tiro partiu. A vítima nem gritou. Morreu na batida do cão!



— Tudo certo, Sebastião?

— Tudo, Sô Chiquinho. O bicho nem tugiou. Foi direto para as caldeiras do Belzebu.



Daquela vez o crime não ficou impune.

A família da vítima era também poderosa.

Belo Horizonte se movimentou, mandando um reforço policial. Prenderam Sebastião em Rodeiro e o levaram para Cataguases.

Audiência pública judicial. O Dr. Juiz do Distrito interrogou.

Sebastião responde calmamente: Matei fulano por ordem do Coronel N... Matei beltrano por ordem do capitão da Guarda Nacional, N... Matei SECUNDINO AFONSO por ordem do N...

E a lista foi ficando grande demais. Famílias das mais importantes viviam envolvidas em bárbaros crimes.

Houve interferência de poderosos e a audiência foi suspensa e adiada para o dia seguinte.

No dia seguinte... Sebastião amanheceu morto, envenenado dentro da cadeia!

E Gregório morrerá inocente. Fora Sebastião quem matara Secundino!

# Glórias do passado

Três boas coisas fizeram Rodeiro ficar calibre: o futebol, as bandas de músicas e os carnavais de rua.

O primeiro time organizado em nossa terra foi o Levindo Coelho Futebol Clube, cujo campo estava nos terrenos do João Zaneli, mais tarde de Elias Micherife, do capitão Alberto Nominato Lima e hoje de Domingos Aleixo Paschoalino. Os maiores da cancha eram Sinval Vieira, José de Filippo, Sário Vieira, Vitor, Pedro, Alberto e José Boniolo, Alberto Lemos, Guarani, Rafael (Faié) e Nonato Lima. O presidente era Alberto Nominato Lima. As pugnas se realizavam em terrenos que foram da olaria ali existente.

Depois fundaram o Espartano Futebol Clube, que realizou seus jogos em campo feito nos termos da Conferência de São Vicente de Paulo. Na primeira etapa de sua existência seus principais craques foram: Canário, Antônio Cordeiro, Vicente Doca, João do Sonogo, Malaca, Pedro Vila Filho, José Lúcio Vieira, Sebastião Teodoro, Chico Teodoro, Pintinho e Batista, José B. Paschoalino, Antônio Tomé, Tãozinho, Jurandir, Itamarati, Faié (o super craque), Babão, Cloves, João Marreco, Pedro Vila, João Ricardo, J. Missiague, Joviano D. Patrício, Tampinha, João Beçudo, Taí (outro super craque), José Marinho, Sonogo Fraga, Lará Fraga, Elier Fraga, Chico Lima, Geraldo Malaca, Olinto, Valdemar e Osório Pereira. Mais recentemente: Mario Silva, Voacir de Paula, José Gomes, Nêgo Lau, Itagiba e Mirim, Filgueirinha, Valdemar Cozinheiro, Dino, Tatão do Morito (outro super craque), Antônio Geraldo, José dos Santos, Jacó e outros que não pude obter os nomes e que se perderam na sombra dos tempos.

O nome de Espartano Futebol Clube foi escolhido por Eduardo de Paula Reis, que durante muitos anos dirigiu todos os setores da vida rodeirense, com eficiência e pleno êxito, e José de Araújo (José Sérgio de Araújo Flávio Marlière), o filho de Rodeiro que, até hoje mais alto escalão conseguiu ocupar no plano federal como Inspetor Geral do Ministério de Indústria e Comércio, na gestão de Três Ministros de Estado.

Teve vários períodos de glória e de amortecimento. Seu campo sempre esteve e está nos terrenos de São Vicente de Paulo. Hoje, graças à generosidade de José Bernardes Ferreira, filho dileto de Rodeiro e também

um rodeirense que até hoje ocupou mais alto escalão no campo bancário, como um dos diretores do Banco Nacional, o campo do Espartano é cercado com magnífico alambrado, tem uma concha muito bem gramada, e possui dois ótimos vestiários e ótima visibilidade para os torcedores.

Quer em outros tempos, quer agora, disputou célebres partidas com os campeões dos arredores, inclusive com Aimoré F. C., com o Itararé, com o Bandeirantes, o Industrial, lutando ombro a ombro com eles e, não raro, vencendo-os.

Certa feita o farmacêutico Antônio Araújo, grande entusiasta e batalhador pelo progresso de Rodeiro, tentou fundar outro time, o Independente Futebol Clube. Arrendou o antepiano do “tio” Augusto (Augusto Pereira), mandou terraplaná-lo, mas não teve o prazer de ver realizada e em função sua obra.

Outros times rurais como o Moradinha F. Clube, o Vira Copos, Boa Esperança F. Clube têm feito prezas em suas categorias e fornecendo bons craques para o Espartano.

Também com o nome de Independente, agora recentemente, Geraldo Paro tentou organizar outro time. Mandou fazer um campo em terreno seu, à rua Francisco de Assis Corrêa, escolheu jogadores, mas... parou quando tudo parecia ir bem.

E ficamos com o Espartano, sempre Espartano!



Outro padrão de glória para nossa terra foram as bandas de música. Afirmam alguns antigos que o fundador da primeira banda de música nossa foi o velho Antônio Cordeiro (Banda de Santa Cecília).

Outros, a maioria, atestam ter sido o professor Altino José da Silva, maestro exímio, requintista de primeiro plano. Um dos primeiros professores primários da povoação, foi Escrivão de Paz de nosso distrito, mas dava a vida pela música.

Certa vez teve que ficar de cama por mais de seis meses. Pois até desse tempo de sofrimento se aproveitou. Sô Arthur de Rodeiro tem uma partitura de uma valsa sinfônica que o grande maestro escreveu, peça digna da assinatura dos grandes mestres da música brasileira. Intitula-se ALEGRIAS E DORES.

Sua primeira Banda chamou-se Lira Rodeirense. Depois mudou seu nome para Banda do Sagrado Coração de Jesus. Ombreou-se com as maiores bandas da redondeza em desafios musicais, mesmo com a “22 de maio” do grande maestro José Gonçalves Solero, com a de Belarmino Campos do Sapé, e sempre saía-se honrosamente.

Entre seus companheiros houve muitos que se destacaram. Eis alguns nomes: Rafael Sanches de Lima (o Faié) pistonista de mão cheia, Ricardo Roaioari e Manoel Monteiro (Manoel Pedreiro), contrabaixista de primeira água, Leopoldino Almeida, Altamiro Campos (Taí) que podíamos chamar malabarista da Clarineta, Armando Almeida, clarinetista, saxofonista e violonista dos velhos tempos de glória, Chico Roxo, dono do oboé, Epifânio, que fazia milagres com seu fagote, José Marinho, o maior bombardinista da região, assassinado pela esposa em Juiz de Fora, Altinho, ótimo requintista Altino do Nascimento (o Nenego) o comandante da bateria, José de Paula Oliveira (José Vicente), Diocesles e Sô Nego Maria, trunfos na clarineta, Joviniano D. Patrício, Horácio e João de Paula oliveira (o Jota), centristas da velha guarda, João Victório (o Chuvisco), o dono dos pratos, Sebastião Fernandes (o Tatão Malaca) e tantos outros, cujos nomes vão se perdendo na noite dos tempos. O próprio Sô Arthur bateu triângulo na velha banda.



Com a morte do Maestro Altino, a banda com as congêneres dos municípios vizinhos foram se diluindo, diluindo e estão em plena agonia, sem nenhuma paca de harmonia, com uns dobrados muito sovados, e... marchas e sambas carnavalescos.

O próprio Sô Arthur tentou, por vezes, soerguê-la. Chegou a ensaiar, e muito bem, pequenas peças de harmonia. O ciúme, a inveja e a politicagem fê-las fracassar.

Hoje o maestro Domingos Mendonça, também senhor da clarineta, esfola-se bravamente para resolver cinzas do passado. É admirável em sua persistência e coragem. É um herói. Fazemos votos para que, no fim, consiga colher os louros de seus esforços. Aliás, ultimamente, seu grupo recém formado está se saindo muito bem.

Gravemos aqui os nomes dos componentes da nova banda.

Domingos Mendonça, Pergentino Leite da Silva, Juarez Thinassi, Ercio Paschoalino, Antenor Teixeira Paiva, Aloisio Teixeira Paiva, José Genebalde da Silva, Amarildo Paiva, Mário Gomes da Silva, Neivaldo Paiva, Adilson Carlos Paschoalino, Aílson Cesar Paschoalino, Raimundo Damásio de Oliveira, Johnny Jacques Garcia Victório, Vanilo Geraldo Paiva, Antônio Samuel de Oliveira, Marco Antônio Pereira, Jorge Luiz Carioca, João Victório, Paulino Silva, Geraldo Lopes da Silva e Agenor Antônio Paschoalino.

Até a tradição dos enterros com banda de música está desaparecendo aos poucos.

O passado nos faz lembrar duas magistrais marchas fúnebres: a “Pe. José Corrêa”, de autoria de nosso saudoso José Gonçalves Solero; a “In pace”, trazida de Ouro Preto pelo mesmo inolvidável maestro.



Uma outra tradição que parece estar definitivamente morta para nosso Rodeiro, é o carnaval de rua. Só se conservam os bailes nos improvisados clubes.

No velho Rodeiro as ruas ferviam desde as noites de sábado até altas horas da terça-feira gorda.

A preparação começava um mês antes com os famosos “Zé Pereiras” organizados pelo grande folião Chico Antão.

Blocos e blocos de sujos, com os mais exóticos instrumentos percorriam as ruas do povoado, depois vila, seguindo seu “Bumba meu Boi”, com caixas, reco-recos e baterias a gritar e cantar:

“Olha o Zé Pereira,  
Detrás da bananeira  
Comeu muita banana  
E morreu de caganeira!”

Durante anos esta tradição ficou interrompida. Raimundo Dias Pereira reviveu-a. Em nossos dias Raimundo Damásio de Oliveira encarregou-se de firmá-lo em nossas ruas. Até uma brilhante Escola de Samba organizou e dirige com maestria.

Como dissemos, mal chegava a noite de sábado de carnaval e as ruas do Rodeiro viravam pandemônios e assim ia até o final de terça-feira gorda.

Lança-perfume, limões de cheiro fabricados por Chico Antão, serpentinas, confetes e o famoso entrudo.

Ah! O entrudo! Era a coisa mais gozada!

Grupos de moços e de moças, de velhos e de rapazes, de solteiros e de casados, e até de vovôs e de vovós, com saquinhos de farinha de trigo, cestinhos de limões de cheiro, seringas d'água (duvidosas às vezes!) assaltavam os incautos, davam-lhes “banhos de farinha”, judiando com o infeliz e, depois, fugindo às léguas de sua ira!

Lembro-me de ter ouvido a mãezinha do Sô Arthur contar um desses assaltos.

Domingos Alves, português abastado, teve a infelicidade de jogar lança-perfume nos olhos da Maricota do Chico Roxo, Maricota do Chico Medeiros, Guiomar esposa do Domingos Alves, dona de reforçado traseiro, e outras. Umas nove ao todo.

Domingos só teve um recurso: fugir para casa.

— Vamos lá, pessoal. – gritou sua esposa, dona Guiomar Martins, irmã de José Martins, chefe político invicto de Diamante. Suas companheiras não vacilaram. Acompanharam-na.

Domingos fechou-se no seu quarto de dormir. Em vão dona Guiomar resolveu a parada. Virou o traseiro e arremeteu-se contra a porta. Esta cedeu. Tiraram o Domingos de sob a cama e encheram-no de farinha!

Todos brincavam em família, com alegria e respeito.

Os cordões carnavalescos trançavam sem cessar pelas ruas. Uma fila de homens e outra de moças. Uniformes vistosos. Músicas de acordo com o ambiente. Volteios clássicos. Estandartes. Um amor.

Lembro-me de uma foliona, se assim pudéssemos chamá-la, linda como as flores primaveris. Era a Antonina, filha do capitão Antônio Rodrigues. Sô Arthur, com apenas seis anos, sempre a chamava de sua namorada, ficou tão entusiasmada com o carnaval daquele ano que arriscou seu noivado e seu cargo de Secretária das Damas do Coração de Jesus. Arriscou e pediu-os. Foi voltejar no mais lindo cordão da temporada.

Outro caso que mostra o fulgor do carnaval de Rodeiro foi o de um filho do coronel Otaviano da Rocha que hoje deve ter seus oitenta anos de idade. Durante os três dias gastou em lança-perfumes e confetes cerca de quinhentos mil reis, quantia essa que dava para comprar uma fazendola, naquela época!

Hoje... é só bailes barulhentos nos salões!

# T.F.N.

Rodeiro estava começando a tomar impulso. No arraial a febre de construções era grande.

Chalés em quantidade. Os primeiros sobrados estavam sendo levantados.

O comércio aumentava. Os “cometas” (viajantes comerciais) aumentavam suas passagens por essas matas.

Até hotéis (pensões familiares melhoradas) já tinham regular movimento.

A zona alegre do meretrício também crescia. Onde havia dinheiro lá vinham elas. Havia até duas zonas: a do Bongue que é o atual bairro conhecido como “Albuquerque”, perto do cemitério até a ponte do Olívio Contin; era a mais chique. A segunda era a do Quinho, hoje rua Eugênio Nicolato, era a mais pobre, a do rebotalho humano. Suas casas pertenciam a Patrício Batalha.

São três as coisas que acompanhavam e faziam prosperar, antigamente uma localidade endinheirada: a prostituição, o jogo e os ladrões de cavalos.

Mas, com elas vinham outras desgraças: o açougue humano, os pistoleiros, os toqueiros. Eram homens que, por quinhentos mil reis e uma garrucha nova, contratavam e realizavam a morte de um cidadão que, muitas vezes nem conheciam.

No longínquo oeste americano eram conhecidos como pistoleiros.

Pelo menos tinham, em americanos, em grande parte, uma atenuante para seus bárbaros crimes. Matavam cara a cara, em duelos públicos nos quais a rapidez em sacar a arma e a boa pontaria eram as “qualidades” de um bom assassino.

Aqui para nossos lados a coisa era mais negra e repugnante. Levavam uma boa garrucha de carregar pela boca, um bernal de carne seca com farinha e uma garrafá com água.

Estudavam os usos e costumes das vítimas até saber todos os seus detalhes: onde iam, de onde vinham, quais os caminhos por que passavam e as horas dessas mudanças.

Escolhiam um bom lugar para a tocaia. Escondido, discreto, e, se possível, perto de uma porteira que tinham o cuidado de amarrar ou de emperrar...

Ali ficavam quietinhos, horas e horas, até que a vítima se aproximasse. Engatilhavam a “artilharia” e esperavam.

Quando a hora chegava, “dormiam no ponto” para uma pontaria perfeita. Pronto. O gatilho era acionado, o tiro partia espalhando chumbo e pregos por todos os lados.

A vítima tinha raramente, ao menos, a oportunidade de gritar. O tiro fora perfeito. O assassino estalava os lábios e murmurava:

— Sim, senhor! Isto é que foi um tiro.



Raramente eram presos. Só levados a júri, saíam livres porque os mandantes, grandes senhores e rodeados de “capangas”, acionavam a política e o chefe mandava os jurados absolvê-los.

Outras vezes o toqueiro era mandado para outra fazenda, longe daqui, e a vítima ia para o cemitério pura e simplesmente.

Isto até que aparecesse, por aqui, um Delegado Militar duro na parada. Eram os tenentes Anibal ou Fonseca do 2BC da polícia.

— Para que prender esses bandidos? Para servirmos de palhaços? Para eles só mesmo o nosso remédio!

Prendiam o celerado, encerravam-no numa cadeia local, e, depois, transferiam-no para a cadeia de outra localidade. No caminho, os soltavam e os punham para correr. A poucos passos de distância ferravam-lhe fogo e lavravam o auto de resistência a ordens superiores.



Para evitar que os miseráveis denunciasses os mandantes, pediam a outros fazendeiros coiteiros, de longe, em geral de Miraí, que lhes mandassem um homem de “confiança”.

O pedido era logo atendido.

O outro coiteiro entregava ao toqueiro uma carta elogiando os dotes, a fidelidade e a perfeição com que o portador se desempenhava das tarefas que lhe eram entregues. No alto e de um lado da carta havia três letras: T.F.N.

Se o toqueiro soubesse ler, ou mandasse outro ler a carta, ficava todo satisfeito com os elogios.

Apresentava-se ao fazendeiro daqui, recebia as instruções, a nota de quinhentos mil reis e a garrucha nova.

Realizava o “trabalho”. Mandava a vítima desta para melhor!

Poucos dias depois, o malvado toqueiro, aparecia morto, assassinado. Ninguém o conhecia, pois era de outras bandas.

Apenas aquelas três letras tinham um significado lúgubre: TOCA FOGO NELE!

# Leopoldo, o escrivão

Hoje quem palmilha a estrada que liga Rodeiro à rodovia Guidoal-Dona Euzébia, já nas proximidades da Fazenda de Agostinho Pereira de Moura, logo depois de um altiplano, quando o leito da primeira entra em declive, vislumbra um deslumbrante panorama.

Ao longe, a famosa e famigerada Serra da Onça, cujos píncaros se escondem nas nuvens no menor prenúncio de chuva. E, entre a Serra do Queira Deus e as vertentes da Serra da Onça, existe um vale maravilhoso, cortado pelo sinuoso rio Xopotó. Nele, encrustado em um canto, um povoado catita ressumando a hospitalidade. Uma ponte liga os dois municípios de Rodeiro-Guidoal. O povo primeiro o denominou “Três Vendas”, reminiscências de três pequenos e rústicos estabelecimentos comerciais. Hoje ele é conhecido pelo nome de “Monumento”, pois em seu perímetro se eleva uma erma contendo os restos de Guido Thomaz Marlière, o civilizador dos índios do alto do Rio Doce.

No tempo do grande desbravador, essa adorável nesga de terra dele recebeu o nome de Guidowal (respeitando a ortografia empregada em suas cartas), foi ali que escolheu para quartel-general de suas atividades.



Ali nasceu o único filho, produto de amores com uma índia, e, depois legitimado por ele e sua caridosa e compreensível esposa dona Maria Vitória, a estéril.

Por essa legitimação ganhou o título e as honras de cadete do exército. Boêmio e farrista, o cadete Leopoldo, com a fardeta desabotoada e desalinhada, vivia jogando carteadado nas vendas. Dele, seu neto Leopoldo Araújo de que trataremos neste capítulo, contou-me a história da única quadra por ele lançada à posterioridade.

Havia, naquelas redondezas, uma negra formosa, repentista e frequentadora das vendas de Guidoal.

Certa vez, numa delas deparou com o cadete Leopoldo ferrado no jogo. Os “sapos” de jogo entraram logo a provocar a crioula.

— Vamos filha da escuridão, solta logo uma quadra para nosso cadete!

— E qual é o mote?

Mote compunha-se das últimas palavras que deviam fechar a quadra.

— Na venda. - gritou um dos sapeadores do jogo.

E a negra toda desempenada, estufou sua enorme peitaria soltando a esperada improvisação:

“Cadete bandalho,  
De meia fardeta,  
Jogando carteta  
Na venda!”

A turma vibrou.

— Agora é você, cadete! Vamos, cadete!

Leopoldo não era forte em poesias e improvisações.

— Vamos, cadete. Vamos! - instigavam os presentes.

O cadete ajeitou um pouco a fardeta, raspou a garganta e começou:

“Negra fandanga,  
De pente de pedra,  
... de pente de pedra...  
... de pente de pedra...”

A turma vibrou com a derrota do cadete. Este aborrecido e nervoso, concluiu de um arranco:

“Ora vai beber merda  
Na venda.”



O cadete Leopoldo foi progenitor de vários filhos e filhas. Entre estas destacamos dona Maria Flávia Marlière, casada com Manoel Joaquim Araújo, conhecido como Neca Novato, nascida no lugar onde hoje se eleva da situação de destacados ex-alunos, José Silvério Mendonça e Maria de Fátima, filho do saudoso e sempre lembrado Altamiro Furtado de Mendonça (Coutinho).

Senhora de excelsas virtudes, humilde como todas as moradoras de nosso meio rural, dona Maria, a querida vovó como eu a chamava, teve uma prole numerosa: Leopoldo Araújo, Mulata, Zezeca, Vína, Bebem e outros.

Aprimorada “quitandeira”, era mestre na feitura de biscoitos e outras “quitandas”, como antigamente eram conhecidas essas variedades de

guloseimas de nossos lanches e “pagodes” (banquetes).

Dela, além de uma terna e querida recordação, guardei a lembrança de um episódio referente à inauguração da Praça Guido Marlière de Ubá.

A sede de nossa câmara, a cidade carinho, estava em pleno reboiço preparando as festividades. O próprio Presidente do Estado de Minas Gerais ali viera presidir as solenidades.

Era de absoluta necessidade que um ou uma das descendentes de Guido Marlière estivesse presente naquela data magna. A mais velha descendente viva do grande civilizador dos índios era minha idolatrada vovó.

O Dr. Levindo Coelho veio até Rodeiro convidá-la para tomar lugar de honra na festa.

— Eu, Dr. Levindo Coelho, para ir a Ubá terei que tomar o trem-de-ferro. O senhor me desculpe, Dr. Levindo, mas eu nunca andarei naquela barulhenta geringonça, enquanto for viva.

— Então, dona Mariquinha, eu mandarei buscar a senhora num automóvel.

— Deus me livre, Dr. Levindo. Aquilo fede muito e sacode a gente para um lado e para o outro. Cruzes! Deus me defenda!

— Dona Mariquinha, na inauguração da praça Guido Marlière precisamos ter um representante da família, e, ninguém melhor do que a senhora está indicada para isso. Olhe, mandarei arrumar o automóvel com almofadas e travesseiros e a senhora não sentirá os balanços.

— Não adianta, Dr. Levindo. O senhor me desculpe, mas eu não vou não, senhor.

E, na referida inauguração, foi Leopoldo Araújo, o Escrivão, bisneto de Guido Marlière, que representou a família em todas as solenidades programadas.



É deste Leopoldo Araújo, o Escrivão, que vamos tratar neste capítulo.

Filho de dona Maria Flávia Marlière, nunca foi amigo dos trabalhadores do campo. Desde cedo dedicou-se aos estudos com um daqueles beneméritos mestre-escolas que espargiam seus poucos conhecimentos pelas fazendas da Onça.

Parece-me que foi a única escola que frequentou. Inteligente, prosseguiu por conta própria seus estudos e chegou a desempenhar com eficiência o cargo de guarda-livros em várias firmas comerciais, inclusive na do progressista Domingos Alves Caetano, na época, o mais forte comerciante em Rodeiro.

Espírito boêmio, Leopoldo não tardou a fixar residência no Sapé (hoje cidade Guido Marlière). Exímio manipulador de baralhos, chegou a ser um dos maiores fãs do pano verde.

Isso não impediu que se tornasse um grande cultor das artes cômicas. Naquela época, criou-se no Sapé o famoso “Ateneu” cuidando do teatro e também se propondo melhorar os conhecimentos dos sapeenses. Muitos anos depois, eu tive a oportunidade de visitar o prédio do Ateneu, espaçoso e provido dos recursos técnicos da época: amplo auditório, bem arejado, eleva-se a casa sede da organização, ao lado da igreja matriz de Santa Ana do Sapé. Quando da minha visita às semi-ruínas do prédio, ainda constatei o que restava da vasta biblioteca e ali tive a oportunidade de ver a existência de vários volumes estrangeiros, inclusive anuários do Smithsonian Instituto (em inglês) dos Estados Unidos da América.

De longe, até a “Corte” (assim chamavam a cidade do Rio de Janeiro), vinham aficionados de teatro e até célebres artistas da Capital do Brasil eram convidadas para tomar parte nas lidas do palco do Ateneu.

E Leopoldo Araújo era o secretário eficiente e entusiasmado daquele centro de cultura.



Leopoldo era um mestre narrador dos casos patuscos daquela época.

De alguns deles lembro-me muito bem. Lá vão eles!

A turma do teatro tinha-se preparado para a representação de um famoso dramalhão português em que a principal figura era Dom Nun’Alvares, fundador e condestável do reino de Portugal.

Tudo ficou pronto. A turma em perfeita forma, os convites impressos e espalhados pelos quatro cantos da região e até pelo Rio de Janeiro.

No entanto, ninguém esperava pela desgraça que chegou sem ser percebida. Na manhã da apresentação, um dos principais atores acordou totalmente sem voz.

Como sair desta?

Alguém se lembrou de um aficionado “crônico” de teatro a que assistia, como “penetra” a todos os ensaios: o Zé Galinha, como era apelidado.

— Quem sabe se o Zé Galinha poderia nos tirar desta atrapalhada?

E foram à procura do famigerado “sapo” do teatro.

— Pois não! Pois não! Eu me sinto perfeitamente em condições de desempenhar o papel!

Chegou a noite. Uma noite vibrante à espera da hora do teatro.

A plateia está à cunha.

Subiu o pano para o primeiro ato. Tudo correu bem.

Subiu o pano para o segundo ato. Logo no começo, em cena havia, no palco, debruçado sobre uns papéis, Dom Nuno Alvares, o heroico condestável do reino, chorando aflito.

Nessa altura Zé Galinha devia entrar e se espantar com aquele quadro exclamando: “Que vejo? Dom Nuno em pranto”! Mas o Zé se afobou, trocou a frase e exclamou, patético:

— Que vejo? Dom pranto em Nuno?

Foi uma gargalhada hercúlea em toda a plateia.

No entanto, a representação prosseguiu. Em dado momento, certo personagem, em cena, lia um papel comprometedor, e, acabando, tirava um isqueiro do bolso e o queimava.

Como o ambiente era de nervosismo por causa da mancada do Zé, o citado personagem esqueceu-se do isqueiro ou outro apetrecho para fazer fogo. Embaraçado, saiu-se bem rasgando o papel e atirando-o num canto e se retirando de cena.

Naquela altura o nosso Zé deveria entrar, farejar o ar e exclamar: “Estou sentindo cheiro de papel queimado”. No entanto, a afobação mais uma vez o traiu. Estufou o peito e muito posudo, soltou uma das suas:

— Estou sentindo cheiro de papel rasgado!

A vaia estourou alto e, entre apuros, só se ouvia:

— Zé Galinha! Zé Galinha!

Nosso homem, irado, não se conteve. Virou-se para a plateia e desabafou:

— Zé Galinha é a p.q.p.!

O choque foi grande e a plateia, em peso, se retirou. Acabara-se o dramalhão!



Outro episódio que o Leopoldo gostava de contar era a do famoso sermão da ressurreição pregado pelo Padre Vicente, o padre que celebrou a segunda missa em Rodeiro. Era um italiano de linguagem “amacarronada”. Tinha enorme dificuldade em manejar o nosso português. O povo do Sapé vivia aborrecido, pois, em todas as paróquias vizinhas, até as semanas santas eram comemoradas. Só o Sapé permanecia triste, chué, sem as tradicionais cerimônias.

Tanto atazanaram o padre Vicente que, um dia, ele resolveu:

— A Semana Santa ieu non faço! Má, vá lá! O Semana da Ressureiçon há de sair. Porca miséria!

Chegou o domingo de Páscoa. A igreja de Sant’ana fervia de gente. Pudera! O padre Vicente se virou, e, pródigo de gostos como bom italiano calabrês, começou:

— Mios caros irmos! In questa semana noi comemoramo a passion e morte de Gesu Cristo. Coitado do Cristo! Pegaram nele, batern nele (lápote! Lapote! Com gestos mostrava como fôramos bofetões). Levaron o Cristo para Pilato, um covarde que memo reconhecendo sua inocência mandou flagelar o coitado. (E arremedando) Metram o relho nele (lápote! Lápote!). O Cristo só gemia (hum, hum, hum) cuspiram nele (tchou; tchou) Botaram uma coroa com cada bruto espinho deste tamanho (e mostrou o tamanho dos espinhos). E poi, condenaron a morte. Botaram uma bruta arrocho nos ombros dele e o coitado saiu pelas ruas afora (hum, hum) e levou um bruto tombo (orraaa) de nariz no chon. Chegaram no calvário. Botaram a crochê no chon. Tiraram a roupa do Cristo. Ficou pelado! Pelado! Deitaron o coitado na crochê, pregaron os pés e as mons assim (toc, toc, toc). E o Cristo calado! Suspenderam lá crochê e deixaram o pobrezinho padecer. Trei hora de agonia! No fim o Cristo levantou a cabeça para o céu, deu um bruto berro assim (uáiii) e morreu. Coitado do Cristo! Tiraran o Cristo da crochê, imbrulharon num lençol, botaron num sepulcro novinho, novinho. Rolaron uma bruta pedra por cima.

Nessa altura o padre Vicente estava terrivelmente eufórico, entusiasmado com o final em que ia mostrar a vitória de Cristo.

— Ma, penson que ele ficou lá?

Gesticulando impressionantemente, levou a mão esquerda na curva do braço direito e mandou três brutas “bananas” para os fiéis:

— Tó! Tó! Tó.



No final da vida, Leopoldo Araújo foi Escrivão de Paz em Rodeiro durante 23 anos, mudando-se para o Rio de Janeiro onde morreu e está dormindo o último sono no Cemitério do Catumbi.

# Iluminações de Rodeiro

Rodeiro teve luz de três fontes diferentes.

A primeira foi a de gás de carbono. Ao lado da igreja montaram um gasômetro numa pequena torre que ficava no plano direito.

Dali partiam os canos levando o gás de iluminação a todos os terminais da igreja que ficava bastante clara e iluminada.

Quem mandou realizar este progresso no arraial foi o benemérito Padre Lourenço Musacchio.

A torre a que me referi, também servia em seu 2º andar para sustentar os sinos da igreja. No começo apenas havia um pequenino que servia para avisar a chegada de um defuntinho (anginho) na igreja. Esse sininho encontra-se hoje na capela de Nossa Senhora do Rosário.

O grande sino era uma espécie de baixo servindo para acompanhamento. Ele e o terceiro sino (intermediário) foram adquiridos no mandato do saudoso padre Lourenço Musacchio.

Também o grande negociante e progressista Domingos Alves Caetano mandou construir outro gasômetro em sua casa de residência e negócio.

O construtor desses dois gasômetros foi Reinaldo José de Almeida, ao que conseguimos apurar.



A segunda fonte de luz foi de querosene.

A população de Rodeiro estava cansada de reclamar a iluminação elétrica para as ruas e casas.

O Dr. Levindo Coelho, talvez por falta de verba na Prefeitura de Ubá, então com os seus recebimentos de impostos penhorados, não podia atender os reiterados apelos.

Para consolo da população mandou instalar luz a querosene nas ruas de Rodeiro.

Mandaram uns postes muito bem lavrados, suportando uns lampiões seiscentistas, lindos, com desenhos lavrados, tudo tipo de Ouro Preto de tão saudosa memória para o Dr. Levindo.

Na inauguração houve festas, alegria e muitos foguetes e discursos. Solero (José Gonçalves Solero), o grande tribuno, empolgou o povo.

Enquanto ele falava, Sô Arthur imaginava que barulho bacana fariam aqueles vidros se rebentados com pedras!

Ficou encarregado da manutenção, do acender e apagar as luminárias, o conhecido José Teobaldo.

Mas a ideia vandálica do quebra-quebra do Sô Arthur não lhe saía da mente.

Uma noite realizou-a. Uma pedra bem dirigida acabou com o primeiro lampião.

Foi um sinal para a molecada.

Em menos de oito dias não sobrava mais um só lampião inteiro em Rodeiro.

E o arraial voltou às trevas durante as noites sem luar.

Chegou, enfim, o dia 25 de outubro de 1925, dia da inauguração da luz elétrica em nossa terra.

Pelas ruas, os postes altos da Companhia Força e Luz Cataguases-Leopoldina.

Por toda a parte guirlandas, arcos, flores, alegria. Ia ser inaugurada a luz elétrica. Recepção das autoridades às 13 horas, sendo orador o farmacêutico Sinval Vieira. Às 14 horas inauguração do coreto, sendo orador emérito, José Gonçalves Solero, seguindo-se a precisão em homenagem ao santo padroeiro do arraial. Às 18 horas inauguração da luz elétrica, sendo o orador Eduardo de Paula Reis. Às 19 horas cinema ao ar livre, fogos de artifício e baile.

Esses festejos foram organizados pelo dinâmico Raimundo Contruci e sua prendada esposa dona Guiomar Trócoli Contruci, sendo secretário da comissão, o guarda-livros Leopoldo Araújo.

# Além-túmulo folclórico

Cada região de nosso Brasil tem suas estórias de assombrações e almas do outro mundo. Nosso Rodeiro não poderia fugir à essa regra. Fazem parte de nosso folclore.

# Capelinha mal assombrada

Rodeiro da época do padre Laurindo Queiroz e do padre Agnelo era um arraial pitoresco. Umhas poucas ruas convergindo para o largo central. A mais “aristocrática” era a rua do Diamante. Até a presente data mudou várias vezes de denominação. Foi rua do Comércio, depois rua Presidente Getúlio Vargas. Era ali que passava quase todo o movimento comercial.

Depois vinha a rua do Sapé, mais tarde rua Vinte de Setembro, lembrando, a elevação de Rodeiro à distrito de Ubá, posteriormente chamada, também, rua Governador Valadares cuja atuação entre nós foi negativa (tirou-nos boa parte de nosso patrimônio: Sobral Pinto, Campestre e parte da Fazenda das Três Cachoeiras) e atualmente rua Farmacêutico Eduardo de Paula Reis e, afinal, se desdobrou em outra rua Manoel Lino Rodeiro, em homenagem a um homem desconhecido por nossos lados (o nome Rodeiro foi tirado do apelido de Marcelino José dos Santos cuja história escrevemos alhures, neste livro).

A rua do Quiabo, (em parte, naquela época, ocupada pelo baixo meretrício) depois foi chamada rua Bela Vista, e, atualmente rua Eugênio Nicolato. Juntamente com o Beco da Olaria, hoje rua José Lourenço, iam desembocar na rua São Vicente, hoje rua João Bicalho.

Enfim a rua dos Suspiros (por ser o recanto dos seresteiros e dos namoros secretamente avançados de alguns poucos dodivanos), hoje desaparecida, paralela, morro acima, a atual rua Farmacêutico Eduardo de Paula Reis. Todas convergiam para o largo de São Sebastião, cujo encontro existia a famoso angico, marco do encontro dos três caminhos que originaram o arraial de Rodeiro. Foi num canto desse largo que surgiu a primeira Capela de São Sebastião da Boa Esperança, construída pelo pedreiro João Cândido da Silva (antes havia apenas um toldo de folhas de bananeiras onde se faziam as rezas do santo padroeiro e do mês do rosário).

À noite, os bois e vacas ocupavam displicentemente todo o largo, ruminando e tirando sua soneca.

Naqueles dias, Rodeiro contava com três personagens que marcaram época: Chico Branco, meu pai; Chico Roxo cujo perfil traçamos neste

volume, homem alto, mulato duro e corajoso, porém, de uma calma e filosofia digna de nota; Chico Preto cuja memória se perdeu nos tempos.

Chico Roxo gostava de tomar a fresca até alta madrugada, sentado nos degraus da Capelinha. Esta tinha fama de mal assombrada, as almas dos matadores e de suas vítimas vinham caminhando capela abaixo, ora arrancando tábuas do assoalho, ora fazendo um sarilho de arrepiar cabelos.

Chico Roxo não era homem que tivesse medo de caretas.

— Olhe, “fute”, isto é bom para mulher velha se benzer, ou pra crianças que não querem dormir. Eu cá, aguento o “leme”!

Mas... uma noite Chico Roxo estava no seu posto nas escadas da Capelinha. Não havia luar e tudo estava escuro como breu. Chico cochilava serenamente quando um barulho esquisito dentro da Capela o acordou sobressaltado. Parecia que o assoalho vinha sendo arrancado de perto do altar e descendo, aproximava-se da porta. Os pixains da cabeça do Chico se desenrolaram e espicharam no alto de seu cocuruto!

Chico levantou-se com um pulo e, sem olhar para trás, tentou fugir rumo à sua casa. Esqueceu-se porém, das vacas que dormitavam no largo. Tropeçou nelas diversas vezes, outras caía acavalado sobre novilhas, e... assim foi aos trambolhões até sair daquele curral improvisado, e chispou até sua moradia.

Nunca mais quis voltar ao frescor da escadaria daquela Capela!

# As doze badaladas da pêndula

Para o lado das Três Vendas, nas proximidades da atual residência do Senhor Antônio Miranda, havia uma fazenda de encher os olhos dos apreciadores das belas coisas. Imponente, majestosa, cômodos amplos, todos forrados com papéis fantasias, mobilhado ao último gosto, e até um realejo, instrumento desconhecido então em nosso meio e que atraía inúmeros visitantes e curiosos.

Os donos eram gente da época em que a valentia, a dureza, a arrogância, fazia o figurino daqueles que, abastados, olhavam os outros de cima para baixo.

Hoje seus descendentes são pessoas boníssimas que vivem e se apoiam no domínio das leis e olham seus semelhantes como irmãos. Não podem e nem devem ser responsabilizados pelos erros de uma época que não é a nossa.

Na senzala, mais de duzentos escravos se empilhavam à noite, trancados a cadeado e sem ter onde defecar e urinar.

No centro do enorme terreiro existia um esteio ou pelourinho onde os negros eram açoitados com cordas de “bacalhau”, muitas vezes até morrer.

Conta-se que entre os escravos da fazenda havia um fiel cumpridor de seus deveres e que nunca fora punido.

Certa manhã de domingo, o senhor daquele feudo, antes de sair para cumprir seus deveres religiosos, ouvir missa no Sapé, em lugar de destaque na igreja, chamou o dito escravo e marcou-lhe uma tarefa.

— Olha, negro! Quando eu chegar quero tudo certinho!

O pobre escravo deu duro, trabalhou com capricho, e, antes das dez horas tudo estava prontinho, a gosto do orgulhoso “sinhô”.

Com muito respeito chegou-se à “sinhá” e justificou um pedido.

— Olha, nhanhã, tarefa que recebi está prontinha, uma beleza. Tou com vontade de ir no Sapê. A senhora quer fazer a esmola de me dar licença?

— Pode ir, negro veio!

O destino foi-lhe ingrato, porém. A primeira cara que viu no Sapé foi a de seu imperioso “sinhô”.

— Que está fazendo aqui, negro fujão?  
— “Sinhô”, num sô negro fujão não, “sinhô”. Acabei a tarefa e pedi licença “sinhá”.  
— Vai embora para casa, negro atoa. Lá iremos acertar as contas. Já!  
O pobre negro curvou a cabeça e rumou para casa.  
Pouco depois chegou o desalmado escravocrata.  
— Amarrem este negro no cepo.  
— Sinhô, tem dó! Nunca fui castigado e sempre trabalhei com boa vontade.  
— Cortem este negro no “bacalhau”!  
E o malvado puxou a cadeira para perto de uma janela e ficou “saboreando” o castigo injusto que impusera ao pobre negro.  
— Sinhô, tem piedade! Eu pedi licença à sinhá.  
— Cala a boca, negro!  
O pobre infeliz foi perdendo as forças.  
— Num me mate, sinhô!  
Nada movia o coração do carrasco.  
Tirado do cepo, o pobre infeliz morreu pouco depois!



Passaram-se os anos. Primeiro veio a lei da liberdade para os escravos. Depois a debandada dos mesmos. Sem braços para movimentar as fazendas, a derrocada começou. Cafezais danificaram-se. A tristeza invadiu tudo. Os donos das fazendas morreram. As terras foram repartidas. O prédio com toda a extensão de riquezas foi decaindo. Dizem que para se entrar no casarão, usava-se uma escada de carpinteiro.



Chegamos à época de nossa estória das doze badaladas do pêndulo.  
Em Rodeiro, três italianos confabulavam: Eugênio Nicolato, Alexandre Juste e um tal Afonso de Campestre.  
— Dizem que à meia noite um arrastar de chinelos vem pela casa afora. Uma cadeira (que não existia) é puxada para a frente da janela onde o “sinhô” apreciava a flagelação dos pobres escravos.  
— Será que é verdade?

— Quem sabe se não é ouro enterrado que está fazendo aquela alma penar?!

— Olhe, vamos até lá, esperemos o “bruto” e, então, nos ofereceremos para mandar celebrar missa para sua alma. É só ele falar onde está enterrado o ouro e nós o desenterramos para dar fim ao castigo que está sofrendo, o mandaremos celebrar uma porção de missas para ele!

Assim combinados, uma tarde rumaram a cavalo pela estrada precária e foram percorrer a casa. Nenhum deles tinham medo.

Tudo estava vazio. Nenhum móvel. Somente, na sala, uma caixa de um pêndulo (aqueles relógios altos das fazendas antigas) completamente vazia.

— Olhem! Olhem aqui! - exclamou um deles - Per la madona! Foi fabricado na nossa terra! Olhem esta plaquinha!

E ele tinha razão. Pena era que o interior da grande caixa estivesse vazia!

Os três se esconderam num dos quartos da sala. As horas foram passando. De vez em quando um dos três tirava o relógio do bolso e olhava as horas, à luz do luar.

— Cuidado. Não se esqueçam de que combinamos falar com o “bruto”!

Dez minutos para meia noite! Cinco! Meia-noite! E nada de arrastar pés, cadeira, nada!

— Talvez nossos relógios estejam atrasados!

Foi então que se deu o que nunca imaginavam poder acontecer.

Da pêndula completamente vazia começou a sair as apavorantes badaladas: Ban, Ban, Ban...

As doze terrificantes badaladas ressoaram lugubrememente!

Foi um corre-corre medonho procurando alcançar a frágil escadinha por onde tinham entrado. Um deles despencou escada abaixo e quebrou uma perna. Os dois outros tiveram que levá-lo carregado até onde estavam os cavalos e, dali, rumaram às pressas para Rodeiro.

# Tá danado, diabo!

Foi minha mãezinha quem me contou.

Seu pai, meu avô Marcelino Nunes das Chagas, quando moço, ficou até tarde ouvindo casos de assombrações, ao pé do fogo, na cozinha de uma fazenda entre Rio Pomba e Guarani.

O velho dono daquela enorme gleba de terra descombinou com a mulher. Separaram-se debaixo do mesmo teto. O velho ocupava a sala de visitas e os quartos adjacentes. A velha era da sala de jantar para dentro.

Nunca mais se juntaram!

Na sala de visitas havia uma enorme arca em que, conforme todos pensavam, eram guardadas as moedas, frutos do rendimento da fazenda.

Um dia foi preciso mudar a arca de lugar porque o soalho estava se estragando com o peso. Somente quatro homens puderam removê-la.



Os anos foram se escoando e passavam sobre os ombros do velho proprietário. A linha divisória entre ele e a mulher continuava intocável. Ele para cá e ela para lá!

Certo dia uma onda de curiosidade invadiu aquele rincão.

O velho mandara fazer, sem nenhuma necessidade e justificativa, um grande desaterro em certo local da fazenda. Nunca puderam compreender o porquê daquela medida.

Como sói acontecer, mais cedo ou mais tarde, a cada um de nós, um dia o velho entregou sua alma a Deus. Velório na sala de visitas. A velha, nem naquela hora pôde despedir-se do cadáver do marido. Ficou na sala de jantar!

O enterro saiu.

No dia seguinte, reunião da família: mãe e filhos.

Entraram nos antigos domínios do velho. Transpuseram a porta fatídica.

Na presença das autoridades quiseram verificar o conteúdo da arca. Procuraram tirá-la do lugar. Apenas dois homens, e com a maior facilidade removeram o móvel. Arrombaram a fechadura. Abriram. Dentro, nada havia!

Para onde teria ido o dinheiro do velho?

Somente uma resposta era plausível: estava soterrado no aterro!

Marcelino ouvira toda a história.

— Pois vou passar por lá, agora. O velho teimoso bem podia me dizer em que parte do aterro estava o dinheiro!

— Cruzes, Marcelino! - exclamaram os presentes - Tesconjuro!



Marcelino partiu a pé, rodando um porretinho na mão, conforme era seu costume.

Ao chegar junto do aterro, um redemoinho se levantou fazendo um enorme e aterrorizante cone invertido de terra. E o importante era que nenhum vento movia as folhas das árvores. E aquela coisa veio rodando, rodando para onde estava Marcelino.

O terror dele se apoderou e largou um berro arrepiante:

— Tá danado, diabo! E caiu desacordado. Desacordado ficou até que os parentes, aflitos por sua demora, foram encontrá-lo à beira dos monturos de terra!

# Que é isto, Joviniano?!

Altino José da Silva, é um nome que deve ser lembrado e cultuado por todos os rodeirenses.

Desde jovem se dedicou à música. Tocava concertina. As primeiras rezas de São Sebastião e do mês de Maria, no barraco coberto de folhas de bananeiras estavam à seu cargo na parte musical.

Daí partiu para a organização de uma formidável banda musical, Lira rodeirense, que mais tarde passou a se denominar banda do Sagrado Coração de Jesus. Tornou-se famosa nas tertúlias com outras bandas das localidades vizinhas. Altino tornou-se um requintista de mão cheia. Compôs uma valsa sinfônica, “Alegrias e Dores”, de efeitos maravilhosos, numa ocasião em que se achava preso a um leito de dores e sofrimentos. Foi uma das poucas partituras que pude salvar do arquivo da famosa Banda e que conservo com carinho especial.

Altino foi meu primeiro professor nas primeiras letras. Dava aulas no salão da Banda. Usava longas e flexíveis varas de marmelos que alcançavam longe, buscando as costas dos meninos vadios, sonolentos ou malcriados. Em seus “argumentos” de tabuada, o que entrava em cena era a “santa Luzia” de sete furos, uma palmatória que deixava empoladas as mãos das pequenas vítimas. “Argumento” era uma espécie de maratona em que o aluno interrogava outro. Se a resposta fosse certa, o “argumento” prosseguia. Se o interpelado errasse a resposta, o arguido recebia meia ou uma dúzia de “bolos” com a temida “santa Luzia”.

Com o assassinato do primeiro escrivão de Paz de Rodeiro, José Rodrigues Mariano, Altino foi escolhido para substituí-lo por ser o homem mais culto de Rodeiro. Fechou sua escola primária e prosseguiu com a Banda e o Cartório até que a morte repentina o colheu de surpresa. Sem ele a Banda que executava tantas peças clássicas de harmonia, aos poucos foi definhando e morrendo.

Durante o período de sua longa enfermidade, Altino arranhou um ajudante de toda a confiança para fazer-lhe as vezes no Cartório: Joviano Dutra Patrício, que se tornou uma peça principal na casa do maestro.



O maestro Altino morrera. Joviniano continuou a morar na casa da viúva, durante certo tempo.

Foi durante este período que aconteceu o fato que passamos a narrar.

Todas as tardes Joviniano vinha do sítio da viúva para se divertir em Rodeiro. Numa dessas tardes, um grupo de homens estava tomando a fresca na porta do Chico Alves (Francisco Caetano Alves). Palestravam descontraidamente quando Joviniano chegou correndo, arquejando, cinzento na cor. Parou quase desmaiado na frente do grupo, Leopoldo Araújo, Chico Alves, Termoziros, Chico Vieira e outros.

— Eu... vi... eu... eu... vi... ele!

Deram-lhe uma cadeira e um copo com água. Mais calmo, Joviniano contou-lhes, ainda arrepiado, o que se passara.

— Eu vinha passando calmamente, andando a pé, quando quase em frente à casa do João Romanhol (hoje pertencente a Edmundo Teixeira Ervilha) senti um tropel de animal atrás de mim. Virei-me e reconheci sô Altino montado em seu cavalo branco. Dei-lhe boa tarde e ele me respondeu e me perguntou:

— Como vai de saúde, Joviniano?

— Graças a Deus, bem. - respondi.

— Foi só então que me lembrei, - continuou Joviniano - que o mestre tinha morrido. Botei sebo nas canelas e, com muito custo, consegui chegar até aqui.

Foi então que Chico Alves, com aquela franqueza lusitana, interrogou:

— Escute, Joviniano, quantos copitos da branquinha bebeste hoje?

— Nenhum. - respondeu o escriba - Olhe, “seu” Chico, foi ele mesmo, é sô Altino. Conheci-lhe a voz e o jeito de falar. Tudo era dele. Foi ele mesmo! Ô, Sô Arthur!

# Um esquife na capoeira

Fazenda Bonsucesso!

Que delícia recordar os tempos de minha infância!

Foi naquela cozinha ampla da fazenda velhíssima que eu comi o meu primeiro feijão com angu. Muito fraquinho e desnutrido, eu era tratado com excesso de zelo em matéria de alimentação. Somente sopas e caldos para que o intestino não desandasse. Já contava dois para três anos e os caldos não variavam.

Sebastião Tavares da Silva (Sô Tião Tavares), dono da Bonsucesso e compadre de minha mãe apiedou-se de mim e convidou-nos, mãezinha e a mim, para passar uns tempos na Fazenda.

Conluido com a esposa, dona Sebastiana Pereira (Tana como a chamavam) e com a mestra da cozinha, a preta Jozina, prepararam um succulento almoço na sala de jantar para entreter minha mãe.

Na cozinha fiquei com Jozina e os demais filhos do casal: Antônio, Maria, José, João, Mariano, Lídia, Eliza, Ernesto e Júlia. Os dois caçulas Iolando e Iolanda, ainda não eram nascidos.

Sentados no chão, em roda, foi-nos servido um sortido prato de feijão com angu. Eu não sabia comer, mas, olhando os outros, aprendi. Tanto comia como lambuzava a cara!

Foi então que mãezinha deu por minha falta e ficou nervosa. Todos riam ao bom rir.

— Que fizeram do meu filho?

E saiu me procurando e gritando. Foi encontrar-me na cozinha, todo alegre, todo besuntado.

— Mataram meu filho! - minha mãe disparou a gritar.

Mataram nada! Fiquei uns quinze dias na fazenda e voltei gordo e rechonchudo.



Sô Tião era um homem formidável. Alegre. Brincalhão e tão estimado que mais de duzentas crianças foram seus afilhados.

Há um episódio curioso a respeito. Quando uma de suas comadres ganhava mais uma criança a visita de Sô Tião era certa.

— É homem ou mulher, comadre?

Se a resposta fosse homem, Tião emendava logo:

— Mas é a cara do pai!

Se a resposta fosse mulher, Tião saía com seu inefável:

— Mas é a cara da mãe!

Certa vez nosso fazendeiro foi visitar uma parturiente. Como de costume o quarto estava no escuro para não quebrar o resguardo. A mãe tinha acabado de lavar a criancinha e a deitara de bruços, no colo, para enxugar.

— Como é comadre, tudo correu bem?

— Graças a Deus, compadre!

E Sô Tião, apesar da forte penumbra do quarto, procurou ver o bebê.

— É homem ou mulher, comadre?

— É homem, compadre.

E Sebastião Tavares saiu com seu comentário de sempre, tentando encarar o pimpolho:

— Mas é a cara do pai, comadre.

E a mulher:

— Compadre, isto aqui não é cara. O menino está de bruços. Isto é sua popinha!

Sô Tião não perdeu a parada e nem se embatucou:

— Oh diabo! É. O uso do cachimbo põe a boca torta!



Como soia acontecer os anos passaram. Sô Tião e dona Tana envelheceram. Seus filhos deram-lhe um montão de netos.

Do Antônio, por exemplo, a ratatilha foi grande inclusive um homenzarrão, magro, calado, sem medo, porém piadista de marca quando se lhe apresenta ocasião: o Jesus Ribeiral Tavares.

Os cafezais da fazenda foram acabando, as encostas transformadas em pasto e, em alguns lugares, em capoeiras. Uma destas ficou com fama de mal assombrada.

Certa noite, num bar, Jesus foi interpelado por amigos: — Olha, você vai levar o caminhão para a fazenda hoje?

— Vou, por quê?

— Vai passar na capoeira perigosa. Cuidado! As almas penadas podem cercá-lo. Se acontecesse, que faria você?

— Eu não zombo de nada. Se me cercarem, ficarei parado até que me abram caminho!

E lá se foi ele, esquecido até da interpelação do amigo. O caminhão rodava firme em suas mãos. Os faróis varriam a escuridão dos caminhos. Jesus entrou pela estrada da tal capoeira, nada lhe passava pela mente, conforme me contou.

De repente, numa curva a coisa se deu.

Os faróis bateram em cheio num caixão de defunto, atravessado no caminho.

Jesus não se descontrolou. Parou o carro, esperou que a visão sumisse, e, como tal não acontecesse, apagou os faróis e não demorou a tirar um cochilo.

O dia já tinha raiado, quando Jesus acordou. Em sua frente, nada na estrada. O caixão de defunto desaparecera.

Jesus ligou o motor e rumou para seu destino.

Homem de coragem, sangue frio e respeito, é o Jesus Tavares, não acham?

# Não foi morcego!

Lembro-me muito bem da história do tio Antônio (meu tio em segundo grau), herói da guerra do Paraguai, contada por minha avó, a Mandinha Rita.

Tio Antônio era moço, forte, trabalhador e de caráter.

Fora se empregar numa das grandes fazendas existentes entre Rio Pomba e Guarani. Não me foi possível apurar os nomes dos proprietários daquele rincão.

De porte másculo, possuía o dom especial de chamar a atenção do belo sexo.

Ganhou a simpatia e a confiança do fazendeiro. Mas, infelizmente a fazendeira por ele se apaixonou. Jogava indiretas, provocava-o, insinuava em sua intimidade, enfim, tudo fazia para conquistá-lo.

Meu tio, no entanto, era homem de têmpera antiga, fazia-se de desentendido. Não sujava no prato em que comia.

Certo dia o fazendeiro foi viajar. Sua mulher aproveitou a oportunidade.

— Vamos Antônio, vamos para meu quarto. Vamos gozar a vida. Meu marido só volta amanhã.

— Dona, por nada neste mundo eu trairei a confiança que seu marido deposita em mim!

Foi um estouro. A mulher tremendamente despeitada, esperou o marido chegar. Contou-lhe o fato, mas às avessas. Acusou tio Antônio de ter faltado com respeito e de fazer-lhe propostas obscenas.

O marido, furioso, chamou dois escravos e mandou matar o atrevido.

Uma escrava, preta velha, muito amiga do tio Antônio, correu para avisá-lo.

— Nhonhô, preta veia ouviu sinhô manda dois negros desalmado matar vancê. Fogo, nhonhô! Vai pro mato. Negra veia leva comida pra vancê.

E assim foi feito, até que certo dia a preta velha chegou espavorida.

— Nhonhô, num vai à cidade não. Os sordado tá pegando todos os moços de mais de vinte ano. É o recrutamento!

De fato, era assim que se fez o heroico corpo de “voluntários” da pátria. Pegavam os rapazes, prendiam-nos na cadeia e dali os mandavam para a

Corte (Rio de Janeiro). Ali esses “voluntários” eram treinados e mandados para a guerra do Paraguai.

Mal a empregada voltou para a fazenda, tio Antônio pôs-se a pensar. Se ficasse acabaria sendo assassinado. Se fosse estava sujeito a ser morto nos combates.

— Ora, resolvi. Morto por morto eu prefiro acabar a vida lutando nos campos de batalha.

Naquele momento, porém, lembrou-se do ato infame e covarde da patroa. Pondo-se de joelhos, implorou:

— Só se aquele que morreu na cruz foi um morcego. Se foi Jesus, aquela desgraçada não terá mais sossego, mesmo depois de morta, até que venha me pedir perdão!

E foi oferecer-se. Talvez fosse o único voluntário de verdade, no meio de todos os “voluntários”.



Levado para Ouro Preto, ali recebeu instruções militar e seguiu sob as ordens do coronel Camisão, atravessou Goiás e Mato Grosso e chegou até a cidade de Laguna. Derrotados, tiveram que recuar. Foi a famosa retirada da Laguna. O inimigo apossando a heroica coluna, a fome, o cólera-morbus dizimando a soldadesca. Apenas oitocentos homens conseguiram chegar vivos em Ouro Preto. Tio Antônio estava entre os sobreviventes! Todos foram dispensados.



E agora? Voltar para a fazenda era morte certa.

Tio Antônio se apresentou de novo e, mandado para o Rio de Janeiro, de lá seguiu, via marítima e fluvial para os campos de luta. Humaitá, Curupaiti, Lomas Valentinas e Assunção.

Lutou como um bravo. Arrestou a metralha paraguaia e saiu incólume. Foi promovido por bravura e chegou ao posto de capitão.

Acabada a guerra foi desmobilizado com o soldo de capitão: R\$ 20.800 (vinte mil e oitocentos reais) se não me falha a memória.

Sabendo que o fazendeiro, seu algoz, havia falecido, bem como sua depravada mulher, rumou para sua terra natal.

Imponente, dentro de sua farda de gala, foi recebido e aclamado como herói.



À noite, na rede do pé de fogo, na fazenda, ficou rodeado dos parentes, dos escravos da casa-sede e de conhecidos, contando suas peripécias na guerra, até alta noite (dez horas e meia).

Cansados, cada um foi para seu canto, dormir.

Tio Antônio verificou que o quarto não tinha taramela. Apenas um barbante que, partindo da porta, se enrolava num prego no portal.

O sono foi chegando e o valente herói dormiu tranquilo.

De repente despertou sem saber como. Uma luz baça e amarelada vinha passando por debaixo da porta. Foi então que o barbante se desenrolou, a porta se abriu e a fazendeira perversa foi entrando, com um sorriso triste até que chegou junto à cama do capitão Antônio e nela se sentou. Um frio de morte passou dela para o heroico voluntário da Pátria. Foi então que meu tio se lembrou da praga que rogara: “Só se foi um morcego que morreu na cruz...”

Tinha perdido a fala, mas em pensamento orou!

— Senhor Jesus, eu perdo, de todo coração esta pobre criatura. Que vá em paz!

A mulher se levantou sorrindo, saiu andando de costas. Quando passou pela porta, esta se fechou, o barbante voltou a se enrolar e a luz desapareceu.

Meu tio pôde então gritar.

Acudiram. Ele pediu:

— Não tragam luz!

Afobados vieram de lamparina acesa. Meu tio desmaiou. Só voltou a si na manhã seguinte.

Da noite para o dia, todos seus cabelos da cabeça haviam embranquecidos!

# Risque a cova, tenente!

Zeca Barbosa!

Foi um nome dos mais badalados e, por que não dizer dos muitos temidos entre as montanhas e serras de Rodeiro.

Eu o conheci. De estatura mediana, uma barba longa, preta e bem cuidada. Falava desembaraçadamente, apesar dum cacoete que lhe fazia cair levemente o maxilar inferior, cada vez que interrompia a conversa. Sua esposa, muito magra, era conhecida como dona Gorda e por ela recebera como herança, uma boa situação na Serra da Boa Esperança.

Outra boa situação que possuiu estava localizada perto da povoação de Ubeba, no hoje distrito de Diamante de Ubá.

Todos são unânimes em declarar que Zeca Barbosa era fanático por demandas. Os que o conheceram mais de perto, afirmam que foram as demandas e uma segunda família que mantinha as causas de sua ruína.

Um dos seus filhos, o Tião Barbosa, foi grande amigo e colega de nosso Sô Arthur, apesar da briga tão bem descrita no capítulo “Este não precisa de luz!” deste livro.

Fato inegável fora que Zeca Barbosa também entendia um pouco de medicina e de remédios. Certa vez, ele curou o Sebastião Bassoto de uma doença de pele, uma erupção que atormentava o menino com coceiras infinitas.

Em suas fazendas, sobretudo na Boa Esperança, Zeca Barbosa mantinha bom número de capangas. Para matar? Nenhum dos que, por nós foram consultados, nem afirmaram e nem negaram. Ficaram nas evasivas.

O fato que marcou a têmpera de Zeca Barbosa é o valor que dava à sua barba, passou-se entre ele o famigerado tenente Fonseca.

Este, à frente de uma equipe especializada na caça aos ladrões de cavalos, aos assassinos e aos toqueiros, um dia bateu à porta de Zeca Barbosa, no Ubeba, depois de lhe cercar a residência.

Prendeu-o pra levá-lo para a cadeia de Ubá. Ali mesmo no Ubeba começou o interrogatório. Estavam sindicando furtos de cavalos e Zeca Barbosa era apontado como um dos envolvidos no caso, ou de ter aceitado

capangas envolvidos no furto. Interrogaram-no com brutalidade e impiedosamente.

— Tenente, eu nada tenho neste caso e nem ao menos sei de nada a respeito. - respondia Zeca, com firmeza.

— Confessa ou vai apanhar!

— Só se eu inventar o que falar. Já disse, nada sei.

— Exemplifique este sabidão. - comandou o tenente.

E os soldados, a isso acostumados, esmurraram e espancaram o preso indefeso.

Vendo que todas as ameaças e pancadarias foram inúteis, o tenente ficou pensativo. Foi então que, por acaso, observou a barba do Zeca. Teve uma ideia que julgou luminosa.

— Soldado. Corte a barba deste salafrário com facão!

O praça não se fez de rogado, sacou do sabre e caminhou para o preso.

Foi, então, que Zeca Barbosa com os olhos marejados de lágrimas interpelou o militar:

— Tenente. O senhor mandou cortar minha barba a facão. Uma coisa eu lhe peço, pelo amor de Deus. Depois de me cortar a barba, mate-me ou mande me matar. Do contrário, risque sua cova, pois eu irei buscá-lo nem que seja debaixo da saia de sua mãe!

E, depois de uma pausa:

— De sua mãe. Ouviu?

O tenente encarou-o nos olhos, ficou por um instante parado e acabou dando contra ordem.

Zeca salvara sua barba!



O final da história é digno de registro. Dá um confronto entre um homem de convicção e um colerado que se escondia debaixo de uma farda para trucidar entes humanos enormes.

O coronel Isaac Cabido, vizinho de Zeca Barbosa no Ubeba, logo ao saber da prisão, mandou a todo galope um pião comunicar o fato ao Dr. Levindo Coelho, chefe político da região, e pedir proteção para a vida do Zeca.

O Dr. Levindo Coelho comunicou-se imediatamente com o então Presidente do Estado, Dr. Raul Soares de Moura. Mandou que o Dr. Levindo tomasse um automóvel de linha da Estrada de Ferro Leopoldina e fosse interceptar a caravana do tenente Fonseca na estação de Diamante para aí, todos aguardarem um telegrama do Presidente do Estado.

Assim foi feito. O Dr. Levindo cercou a caravana policial e, por ordem do presidente Raul Soares mandou que ali aguardasse um telegrama de Belo Horizonte. Naquele tempo, o único meio de se comunicar urgente com Diamante era pelo telégrafo da estrada de ferro.

Enquanto o telegrama não chegava, os dois, o Dr. Levindo e o tenente Fonseca, mediam a passo em sentido inverso um ao outro, a plataforma da Estação. O tenente vomitando improperios contra o médico e os políticos, e o Dr. Levindo apenas respondendo: “dentro em pouco lhe darei a resposta que você merece”.

Não demorou muito e o telégrafo funcionou e o Agente da Estação apareceu com um papel na mão.

— Aqui está, Dr. Levindo, é dirigido ao senhor.

O Dr. Levindo leu, olhou para o Fonseca e falou com serenidade:

— Está aí, tenente. É ordem do Presidente do Estado para que você e seus comandados se recolham a Belo Horizonte com a maior urgência. Você me insultou demais e repetidamente, acusando-me de ser o protetor-mor e o coiteiro maior dos celerados. Há um engano, tenente. Sou católico e vicentino e me pauto por minha consciência. Aos prevaricadores e criminosos, eu os entrego à justiça. Para isto há juízes no Brasil. Quanto a você, você não passa de um covarde que se aceita sob as dobras da farda da polícia mineira, desonrando-a para covarde e estupidamente assassinar homens que as leis do país colocaram sob sua guarda. Eis a diferença entre nós dois!

O tenente Fonseca tomou, brutalmente, o telegrama que o Dr. Levindo lhe estendia e se desabafou:

— Está bem, Dr. Levindo. Mas uma coisa eu lhe juro: haja o que houver, meus pés nunca mais pisarão em terras de sua jurisdição!

Ainda bem que cumpriu a palavra!

# Mais outro Baluarte de Rodeiro

Quem visita Rodeiro não pode deixar de admirar o bellissimo prédio de linhas arquitetônicas apuradas e que hoje leva em seu frontispício o traçado de sua finalidade; ensino do 1º e do 2º grau e o nome do seu patrono: JOÃO LEONARDO DA SILVEIRA. É uma obra que honra nosso lugar e cuja história traçaremos em outro capítulo.

Dedicamos algumas linhas para gravar para a posteridade o nome de quem foi João Leonardo da Silveira. Melhor não podíamos ter em mãos do que o exemplar do jornal “Cidade de Ubá” de 29 de junho de 1947 que traçou, com mãos firmes, o perfil desse benemérito patrono do Palácio da Cultura em Rodeiro. Eis o que encontramos:

“O coronel João Leonardo da Silveira, falecido com 74 anos de idade, nasceu em 25 de março de 1873, no município de Ubá, na fazenda das Três Cachoeiras, antigamente situada no distrito de Sapé e, atualmente no de Rodeiro.

Era filho de Antônio Leonardo da Silveira e de Francisca Gabriela de Jesus.

Aos doze anos, mal terminando o curso primário, ingressou no comércio como empregado, num estabelecimento existente na fazenda de seu amigo e orientador, coronel Antônio Martins da Costa Cruz. Aos dezesseis anos tornou-se um dos sócios da casa onde trabalhava. Tempos depois mudou-se para o antigo porto de Santo Antônio, hoje município de Astolfo Dutra. Ali casou-se e residiu alguns anos, para depois se transferir para a fazenda de Santana onde nasceram oito de seus nove filhos, e onde passou grande parte de sua vida.

Em 1927 fixou residência na cidade de Ubá e, em 1946, partiu com destino a São João Nepomuceno onde morreu.

Foi casado com dona Elisa Martins da Silveira, hoje falecida tendo deixado os seguintes filhos: Sebastião Martins da Silveira, falecido, de saudosa memória, casado com dona Aracy Estevam de Oliveira, deixou numerosa prole, todos criados na escola do trabalho e da honradez; Dr. Geraldo

Martins da Silveira casado com dona Carmen Peixoto Martins da Silveira, grande benemérito a quem nossa terra deve tudo, no ensino de grau médio; dona Alzira da Silveira Rocha, casada com José Martins da Rocha (Sonego Rocha) de alto comércio de Ubá, homem respeitabilíssimo e altamente conceituado entre seus pares; dona Maria de Lourdes da Silveira Barbosa, casada com Marcelino Dias Barbosa, ex-prefeito de São João Nepomuceno; dona Antoninha da Silveira Martins de Oliveira, casada com provecto farmacêutico José Martins de Oliveira, fazendeiro e proprietário em Ubá; Irmã Maria Rosina das Chagas, de excelsas virtudes, religiosa Carmelita que muito se dedicou ao Azilo dos Velhos em Ubá; dona Neusa da Silveira Barbosa, casada com Antônio Dias Barbosa, de alto conceito em São João Nepomuceno; a senhorita Maria José Martins da Silveira, de aprimoradas virtudes.

Homem de negócios, proprietário em muitos municípios, o coronel João Leonardo da Silveira nunca ingressou em Juízo, quer para defender direitos ofendidos, quer para ajustar conta com devedores.

De temperamento enérgico, mas cordado ao extremo, venceu pelo esforço próprio. Amigo certo, nas horas incertas, impôs-se à estima geral como homem de caráter inamalgável, tendo sido eleito vereador à Câmara Municipal de Ubá, em 1936, tendo ocupado anteriormente o mesmo cargo na Câmara Municipal de Cataguases.

Sua vida foi uma linda reta entre o trabalho honesto e o cumprimento do dever. Serviu de exemplo e modelo não só a seus descendentes, como à posteridade inteira.”

# A Espanhola em 1919

O ano de 1919 foi fatídico para Rodeiro.

A primeira guerra mundial havia terminado. O acervo de mortos na Europa ultrapassava a casa dos nove milhões. Dali surgiu uma terrível epidemia de gripe fortíssima a que o povo apelidara de “a espanhola”.

No Rio o resultado foi arrasador. Milhares de pessoas morriam como moscas.

A mortalidade foi monstruosa. Os coches fúnebres da Santa Casa não davam vazão aos enterros. A princípio mobilizaram caminhões. Não foi suficiente. Passaram a utilizar os caminhões de lixo da limpeza pública.

Caixões e as sepulturas, mesmo as de terra, não comportavam a carga fúnebre. Abriam enormes valas comuns e ali atiravam os cadáveres aos trambolhões e de misturada e os cobriam com terra.

Ficou célebre o famoso chá da meia-noite. Na Santa Casa quando havia agonizantes desenganados, mas que resistiam longamente às vascas da morte, aplicavam (ora voz geral no Rio) o chá envenenado. O sofrimento acabava e ficavam mais vagas, pois até os corredores estavam atulhados de doentes. Minha santa sogra, Virgínia Leite Pinheiro, contava-nos muitas vezes quase inacreditáveis se não tivessem partido daqueles lábios incapazes de uma mentira ou de uma falsidade. Ela era parente do famoso Antônio Cordeiro que pareceu na hecatombe, e sócio do Dr. Bezerra de Menezes na tradicional farmácia-laboratório homeopático Cordeiro. Conhecia, portanto, o assunto de muito perto.

Houve casas e apartamentos em que todos arriaram de cama com terrível doença. Ninguém podia socorrer os outros. Se morresse algum dos doentes, quem iria providenciar os caminhões de lixo para o enterro?

Os defuntos ficavam fedendo nas camas, três, quatro dias. Quando o mau cheiro tornava-se insuportável até para a vizinhança, alguns dos que moravam perto e não tinham sido atingidos pela peste, cercavam os caminhões fúnebres, a maior parte das vezes já atopetados de cadáveres.

— Aqui tem um defunto pobre. Pelo amor de Deus, livrem-nos dessa catanga!

— Minha senhora, o caminhão está lotado e se empilharmos mais, está arriscado despejar a carga pelas ruas.

— Vamos então fazer o seguinte: troque o defunto pobre por um mais fresco!

E assim faziam. Tiravam alguns cadáveres em melhores condições e os deixavam empilhados nas calçadas e levavam aqueles que já se achavam em plena decomposição.

Durante essa época, de Rodeiro seguiram para o Rio centenas de quilos de melão de São Caetano para manipulação do remédio específico para o mal.



Sô Arthur de Rodeiro foi desde criança um privilegiado de Deus com respeito a saúde. Quantas vezes, no decorrer da vida esteve em plena agonia, e, no entanto, sempre escapou. Chegaram até a apelidá-lo de Gato de Sete Fôlegos!

Por ocasião da Espanhola, estava na Escola da dona Mariquinha do Juca dos Santos, na Fazenda Bonsucesso, de Sebastião Tavares.

Tornara-se insubordinado no arraial. Somente a enxada poderia corrigi-lo. E foi o que aconteceu!

Nas horas de aulas estudava. Depois ia para a capina do milho ou do fumo.

Passara cinco anos sem sair do 1º livro de Felisberto de Carvalho. Depois de oito meses voltou para o povoado. Fez teste para a Escola Pública... e foi para o quarto ano, que formidável professora era a dona Mariquinha, a famosa “Momestra”!

Foi justamente no fim desses oito meses que ele pegou “espanhola”. Recaiu três vezes. Na terceira, a coisa esteve feia. Complicou com os rins e bexiga, criou pedra na parte interna da uretra. Um Deus nos acuda!

Sô Arthur era o diabo em figura de gente. Mesmo assim o povo o adorava.

Um vinha receitando chá de folhas de abacate. E a bexiga ia se enchendo mais.

Outro era pelos cabelos de milho. E a bexiga se enchendo.

Outro era pelo “arrebenta pedra”. E a bexiga se enchendo.

Às três horas da tarde o coitado não se aguentava mais. Tinha vertigens e desmaio.

Chamaram o Dr. Ângelo Moreira Barleta. Veio apressado, a cavalo, por caminhos esburacados. Heróis os médicos daqueles tempos! Dr. Barleta, Dr. Levindo, Dr. Felipe Balbi, Dr. Jacinto de Souza Lima, Dr. Agostinho, Dr. Adjalme Carneiro e tantos outros.

Chegando em casa do doentinho, o Dr. Barleta mandou colocá-lo de pé, em cima da cama. De um lado Leopoldo Araújo, de outro a mãezinha segurando o garoto, mantendo-o em pé.

O Dr. Barleta ajoelhou-se, munido de uma onda, e, ali ajoelhado rente ao pequeno paciente, foi introduzindo a sonda na uretra. Quando esta chegou ao fim do canal, um barulho como o de uma pedra caindo na água se fez ouvir. E a urina represada empurrou, com toda a força a sonda e o Dr. Barleta não teve tempo de se levantar.

Recebeu em cheio uma bruta urinada no rosto!



Antes de encerrarmos este capítulo, precisamos fazer justiça a um dos maiores beneméritos de Rodeiro. Aqui, também, a mortandade, sem nem ao menos se aproximar daquela do Rio, foi grande.

Defuntos atrás de defuntos eram trazidos à igreja para as orações de encomendação dos mortos.

Nosso inolvidável padre Lourenço Musacchio ficou incansável. Que ninguém fosse carregado para o cemitério sem primeiro passar pela igreja! Nada cobrava, pois todos tinham o direito às orações rezadas por ele mesmo.

Recordo-me de um defunto que chegou já em adiantado estado de decomposição. O padre Lourenço não vacilou. Acompanhado do Sô Arthur que funcionava como acólito (coroinha), o padre aproximou-se do caixão com o ritual e a água benta.

No entanto, o mau cheiro era horrível. O padre e seu coroinha foram se afastando até a porta lateral da igreja e dali rezou, parece, com mais fervor, as orações dos mortos!

Este homem que construiu a igreja atual em estilo barroco, que proporcionou a primeira iluminação (de carbureto) para nosso lugar, que se tornou benquisto e “compadre” de quase todos os casais rodeirenses, que

proporcionou estudo a quinze meninos pobres, muitos dos quais, até hoje, ocupam cargos de destaque na vida, inclusive nosso atual pároco, que fundou, com o coronel Otaviano da Rocha e outros a Conferência de São Vicente de Paulo para socorro dos pobres, teve apenas uma homenagem em nossa terra. Sô Arthur de Rodeiro conseguiu que o nome deste benemérito figurasse no frontispício de nosso Grupo Escolar.

Entretanto, até desta homenagem foi despejado. Tiraram-lhe este preito, e nenhum outro ato público relembra mais tão querido nome!

Política é assim!

## Escola pública em Rodeiro

**ATA DE INSTALAÇÃO** – Aos quinze dias do mês de janeiro de 1920, presente o Inspetor Escolar distrital, capitão Altino José da Silva, foi instalada a escola do sexo masculino do distrito de Rodeiro, regida pela professora Alice Perilo. Verificou-se a presença de 35 alunos matriculados. Pelo que lavro o presente termo. Eu, Alice Perilo, secretária “ad hoc”, o escrevi, dou fé e assino juntamente com o senhor Inspetor. a) Alice Perilo – Altino José da Silva.

**ATA DE EXAMES** – (os primeiros exames oficiais feitos em Rodeiro). Aos vinte e sete de novembro de 1920, neste distrito de Rodeiro, presentes no edifício em que funciona a cadeira de sexo masculino, o Inspetor Escolar, Capitão Altino José da Silva, e os examinadores Leopoldo Araújo e major João Júlio dos Santos Bicalho, e a respectiva professora dona Alice Perilo, às onze horas, à portas abertas, o referido Inspetor assumindo a presidência da mesa examinadora declarou, o representante do Governo do Estado, que íamos proceder os exames dos alunos dos 1º, 2º, 3º e 4º anos, matriculados na referida escola, começando pelas provas escritas como determina o regulamento. Feita a chamada verificou-se a presença de 38 alunos, dos 71 matriculados. Feita a prova escrita, a prova oral foi feita individualmente, de acordo com seu ponto sorteado. A comissão, depois de conferenciar com os examinadores, publicou os seguintes resultados: aprovados com distinção grau 12, no 4º ano, o aluno José Nicolato; com distinção grau 12; no 3º ano: Luiz Valentino, Carlos Nogueira, Arthur Nunes de Medeiros, Lucas Ouvídio Vieira, A. Nicolato, Luiz Alves Ferreira, José Micherif, Francisco Bedendo, e plenamente grau 10: João Alves de Azevedo; com distinção grau 12 no 2º ano, os alunos: Waldemiro Gomes, José Furtado do Carmo, José Gregório, Ângelo Martins de Paula, Sebastião Rodrigues do Carmo e Antônio Pires; aprovado em grau 12 no 1º ano os seguintes alunos: José Vieira Filho, Vitorino Vicentino, Sebastião Rodrigues, Felício Romunhol, Isidoro Benevenuto, Isaias Pimentel, Antônio Roniolo, Manoel Cordeiro da Silva, Saturnino Cordeiro da Silva, Geraldo Trócoli, José Cândido Vieira, José Martins Filho, Miguel Maria de Mendonça. (O original está danificado e alguns nomes ilegíveis). A comissão examinadora, de acordo com o senhor

Inspetor Escolar, resolveu lançar um voto de louvor à Exm<sup>a</sup> professora, dona Alice Perilo, pelo rápido progresso exibido por seus alunos no decorrer do ano de 1920, certos de que continuará sendo esforçada como até hoje. Eu, Leopoldo Araújo, a escrevi e assino com o examinador João Júlio dos Santos Bicalho e o Inspetor Altino José da Silva (assinado pelos três).

# Compromisso Sui Generis

Chico da Silva sempre foi um homem de atitude.

Magro, alto, de porte muito parecido com meu particular amigo Camillo da Silva Filho, o Camilinho, sitiante abastardo, trabalhador, empreendedor. De vez em quando aparecia com algumas novidades inesperadas, causando surpresa a todos.

Quando o conheci, ele morava na sede da propriedade que depois pertenceu a Frontino Teixeira. Aproveitava o terreno para culturas variadas e, até lavoura de café ali existia. Não desprezava nem mesmo pequenos ramos de pouca renda.

Foi de um desses ramos que surgiu a primeira originalidade do Chico da Silva.

Certa manhã, surgiu nas ruas do arraial com uma carroça cheia de botijões de leite desnatado.

— Leite desnatado? Que será isso? - perguntavam todos.

Era que o Chico da Silva fora o primeiro a comprar uma desnatadeira, a primeira que entrara em Rodeiro.

— Hoje estou dando. Amanhã estou vendendo. - ia gritando de casa em casa.

E cada residência ganhava, agradecida, um litro de leite desnatado.

— Hoje não é nada. Amanhã voltarei vendendo.

Todos provaram do leite desnatado. Provaram e cuspiram fora!

— Que porcaria!

Até as crianças rejeitavam o presente do Chico.

— Horrível! - e o leite foi atirado à lavagem dos porcos.

Mas... no dia seguinte lá estava o Chico às portas das casas.

— Como é? Hoje estou vendendo.

Todo mundo se sentiria envergonhado se não comprasse. Muito poucas casas deixaram de adquirir a porcaria para atirá-la depois aos porcos.

O Chico da Silva apurou uma boa fêria. A primeira e a última, pois nunca mais voltou com o tal desnatado.



Outra atitude que abalou Rodeiro foi a notícia que Chico da Silva iria se casar.

Casar?! Com quem?

— Com dona Joaquina Marcelo, a que induzira um negro a matar o marido Mariano Lopes da Rocha.

— Cruzes! O homem ficou doido!

E Chico, com sua voz meio estridente, contestava:

— Tô doido não! É que comigo a coisa é outra. Sou macho de verdade, e de olho vivo! Se tretar, eu é que dou cabo dela.

Casaram-se e viveram na santa paz até que a morte (natural) os separou.



Chico da Silva tinha outra originalidade. Empregado seu, para comprar nas vendas, não levava bilhetes e nem cartas de apresentação.

Chegava perto do patrão e contava o que precisava para surtir a casa e pedia ajuda. Levava a lista pronta.

Chico enfiava a mão no bolso, tirava uma chave de formato esquisito e original, a entregava ao parceiro e lhe indicava qual a venda ou as vendas onde poderia fazer as compras.

Lá chegando o empregado se apresentava.

— Trabalho para o Sô Chico e vim fazer compras.

— Quêdê a ordem? - perguntava o vendeiro.

O parceiro apresentava a chave que lhe fora entregue. Imediatamente era servido a contento.

A chave do Chico da Silva era o talismã que operava milagres. Valia mais que uma ordem e mesmo do que uma promissória!

# Gordura nas orelhas

Como vimos, Sô Arthur de Rodeiro era de família pobre. Pouco faltava para passar necessidades em certos dias.

Suas calcinhas eram seguras por suspensórios de pano e, em geral, tinham o traseiro remendado. As camisas eram de algodão. Tudo muito limpinho, alvejado, passado.

Só de uma coisa nosso endiabrado tinha orgulho e a mantinha com todo o cuidado. Era do seu topete de cabelos. Podiam até ferir-lhe a cabeça com uma pedrada, como era uso entre os meninos da época. Mas, que não lhe tocassem no topete!

Quantos dissabores, quantos ódios, quantas brigas não lhe acarretaram aquele penteado!

Houve um dia em que o famigerado topete foi abaixo!

Inacreditável!



Foi assim a história.

Fiel à sua tradição de super peralta, todos os santos dias Sô Arthur encrocava-se com a professora, dona Alice Perilo.

Era um beliscão num colega, um pontapé no outro. Uma bolinha de papel nas nádegas da professora. Um inferno!

A reação sempre vinha sem tardar. Dona Alice, a raiva estampada no rosto, avançava contra o molequinho e... zás! Ia-lhe ao topete!

Sô Arthur enfurecia-se. Não tanto pela dor. Era pelo desalinho que os dedos da mestra deixava no intocável topete.

— Um dia esta danada vai me pagar!

Quando menos se esperava, nosso herói chegou de cabeça raspada na escola.

— Que foi? Que não foi? - perguntavam todos os que sabiam do carinho com que aquele topete era tratado.

— Dona Maricota. Que houve com seu filho, ou melhor, com o topete de seu filho? - perguntavam.

— Uai! Eu sei lá! O Genuino barbeiro me chamou para dizer que Sô Arthur queria rapar o topete. Rapar com máquina zero.

— Uai. - respondi - Se ele quiser, rape!

E o coquinho do bruto ficou até brilhando.



Ao chegar na aula o primeiro cuidado do molequinho foi fazer uma “arte”.

— Você, seu porcariazinha, - esbravejou a professora - você rapou o topete, mas deixou as orelhas que, por sinal são bem grandes.

Foi uma morte para o pequeno capetinha.

Tinha sacrificado inútil e estupidamente o topete! O resto do dia passou amuado, calado, macambúzio.

Acabada a aula, voltou para casa. Atirou os livros para um canto. Sentou-se na soleira da porta da cozinha e ali ficou emburrado.

Sô Arthur sem fazer artes? Sem matar passarinhos? Sem destripar pintinhos? Sem pisar no rabo do gatinho? Só poderia estar doente.

— Meu filho, o que é que você está sentindo?

— Nada, mãezinha.

Virava e mexia com as panelas e a velha voltava a perguntar:

— Tá com dor de cabeça?

— Não, senhora.

Pouco depois:

— Tá com dor de barriga?

— Não, senhora.

Que teria ele para não fazer diabruras?

— Vou te dar um purgante.

— Não bebo não, senhora. Não estou doente.

E assim ficou sem jantar, e, à noite foi para a cama. Não havia meio do sono chegar! Afinal, lá pelas dez horas teve uma ideia luminosa e... ferrou no sono.

De manhã, antes de ir para a escola, foi à cozinha, destampou a panela de gordura e besuntou bem as orelhas.

Ao se apresentar em classe foi logo implantando uma desordem.

Dona Alice veio correndo apartar a briga. Segurou firme as orelhas do malandro.

Era isto que o pilantra queria. Sacudiu a cabeça e as orelhas escaparam deixando os dedos da professora emplastados de gordura.

Sô Arthur estava vingado!

# Os Pereiras na história de Rodeiro

Os Pereiras como o Alferes Ponciano e o Coronel João da Silveira Costa, tiveram influência no desenvolvimento de Rodeiro.

Trazer a lume a biografia de cada um é trabalho imenso e que a pequenez da história que escrevemos não comporta.

No entanto, não é justo deixar de mencionar pelo menos suas respectivas genealogias, embora um tanto incompletas.

## **JACINTO GABRIEL PEREIRA DA SILVA**

Foi o tronco de um dos ramos importantes dos Pereiras que se estabeleceram no atual município de Rodeiro. Fazendeiro de grande fama, progressista e amante do conforto no lar, teve grande influência nos destinos políticos de Ubá e de Rodeiro. Foi o primeiro a exhibir nossas redondezas um dos antigos e famosos realejos.

De sua descendência podemos citar, entre outros, os seguintes netos:

**AGOSTINHO PEREIRA DA SILVA**, trabalhador incansável criou na grande escola do dever três filhos que honraram as tradições de seu saudoso progenitor.

**ASTOLFO PEREIRA DA SILVA**, fazendeiro abastado, homem da velha têmpera, sempre cultivou e fez progredir o rincão que lhe trocou por heranças e compras. Casado com dona Carlota de Mendonça, senhora de grandes pendores, de uma simplicidade a toda prova. Este casal criou com todo o zelo aquela que sempre foi seu braço direito e sustentáculo no avançar dos anos, a Ritinha (Rita Jovelina de Jesus).

**ALFREDO PEREIRA DA SILVA**, também fazendeiro arrojado e consciencioso, homem que tratava seus velhos meeiros como seus mais chegados amigos. Gostava de se intitular “padrinho” de Sô Arthur. Foi casado com dona Alice Juste. Era farmacêutico formado, porém nunca dirigiu ou possuiu farmácia. Era verdadeiro “médico” de toda aquela redondeza, suas receitas eram sempre acertadíssimas. Soube angariar e conservar amigos.

Dr. Arthur Pereira da Silva, médico de nomeada, tipo democrata e amigo de todos e, em especial, de seus clientes pobres. Clinicou quase a vida inteira na vizinha cidade de Astolfo Dutra. Dentre seus filhos destacamos o

Dr. Antônio Carlos Pereira da Silva, jovem médico com grande, promissor e brilhante futuro.

**JACINTO PEREIRA DA SILVA e GABRIEL PEREIRA DA SILVA**, cuja ascendência não nos foi possível bem apurar, foram varões grandemente dedicados ao amanhã de suas terras e ao bom trato de seus familiares.

Mais descendentes de Jacinto Gabriel Pereira da Silva a serem citados:

**JOSÉ PEREIRA DA SILVA** levou ao município filhos que souberam honrar-lhe a memória como José Pereira da Silva (filho) e Waldemar Pereira da Silva. Merecem também destaque especial dois outros filhos de que se orgulham nosso Rodeiro: **LEANDRO RODRIGUES FERREIRA DA SILVA**, nome de alta penetração nos meios sociais e políticos de Rodeiro, benquisto e bem-visto por seu trato sincero e certo com seus inúmeros amigos. Dono de fazenda confortável e de uma gleba que sabia fazer crescer e multiplicar, progressista que chegou a montar uma ultramoderna serraria que abastecia quase todo o mercado da região. Morreu vítima de um acidente com arma de fogo deixando abandonada a população de Rodeiro, e inconsolável sua dedicada esposa, dona Nevil da Rocha Rodrigues.

Dentre seus filhos destacamos dois: **MÁRIO DA ROCHA RODRIGUES**, o único dos irmãos que ficou fiel às terras e tradições ruralistas deixadas por seu finado pai. O outro, **JOÃO BATISTA RODRIGUES**, se dedicou, desde cedo, ao comércio e muito progrediu graças a seu tino para os negócios, primeiro associado a seu cunhado Francisco Valente Ferreira, que também progrediu muito, e, depois, sozinho soube multiplicar a fama e o progresso com seu afamadíssimo empório. Soube fazer crescer cada vez mais seus empreendimentos. Além de seu belo prédio residencial e seu surtido “stand” de ferragens, tinham cerâmicas de luxo e todos os objetos que sonham se encontrar em residências de alto gabarito. J. B. Rodrigues ainda montou e desenvolveu uma grande metalúrgica e, hoje, obtém ótimos contratos para construção de prédios escolares para o Estado. Um detalhe: o nosso J. B. Rodrigues, ao que sei, foi um dos poucos rodeirenses que, com a família, percorreu vários países da Europa, visitando, além do Egito onde se fez fotografar junto às pirâmides, os lugares santos do Estado de Israel.

Outro filho de José Pereirinha Silva, sempre lembrado com saudade e muita amizade foi **JACINTO RODRIGUES PEREIRA DA SILVA**,

com uma vida inteira dedicada ao conforto da família. Amigo de seus amigos passou pela vida como verdadeiro marco das tradições antigas de lisura e honestidade. Casado com dona Evangelina Lima Rodrigues, deixou filhos que são o retrato vivo do modo de viver do pai: Márcio Pereira Lima, Vasco Pereira Lima (contabilista), José Ismael Pereira Lima, João Pereira Lima, Marta Pereira Lima, Eneida Pereira Lima, Maria Pereira Lima (a Mirinha), Vera Pereira Lima e a saudosa Vanda Pereira Lima.

Outro tronco de numeroso ramo dos Pereiras foi **VINDILINO PEREIRA DA SILVA**. Citamos alguns de seus descendentes: Cezar Pereira da Silva, pai de Jacinto Pereira Medina e de Severo Pereira Medina. Agora duas de suas filhas: Gabriela Pereira Medina e Augusta Pereira Medina, célebres no município pelas esplêndidas festas juninas e com suas famosas “quitandas” e, em especial, pelo tradicional bolo: “o Jacaré”, que marcava o ponto alto das comemorações.

A primeira (a Biela), casada com Horácio Pereira da Silva, deixou dois filhos: Valdemar Pereira da Silva que, até hoje conserva, com eficiência, a tradição de seus antepassados e Olímpio Pereira da Silva.

A segunda (a Gugusta), casou-se com Américo Hilário Pereira da Silva e deixou numerosa prole, entre a qual a nossa sempre alegre e risonha Luzia Pereira Dal Sasso.

Outro descendente de Vindilino que deixou nome em nosso meio graças a uma plêiade de filhos foi José Pereira Medina. São seus descendentes: Sebastião José Pereira (o Tião do Neguinho), que tanto tem de pequeno na estatura como de gigante na multiplicidade de seus empreendimentos: amanho da terra, modelo dos hortigranjeiros, exportador em grande escala de produtos de nosso solo, e tendo sempre como incentivadora sua esposa, dona Júlia Pereira da Silva.

Ainda temos que citar outros filhos de José Pereira Medina: João José Pereira, Orlando Pereira, Durval José Pereira e José Pereira Medina, grandes exemplos de donos de glebas, o Osvaldo José Pereira, ótimo oficial de carpinteiro, prestativo e sempre alegre no trato com nossa gente.

Não podemos deixar de mencionar mais dois filhos de Jacinto Gabriel Pereira da Silva: Emília Brígida de Mendonça, mãe de Antônio Miranda de Mendonça, grande horticultor e avó do maestro Domingos Miranda que se esforça, com bom resultado para levantar a Banda Musical de Rodeiro, e o

derradeiro: Severino Pereira da Silva, pai de Mario Medina, Oscar Medina, Adolfo Medina e Ibraim Medina.

Mais três nomes não podem ficar esquecido: Severino Pereira da Silva, Arthur Pereira da Silva e Alfredo Pereira Medina.



## JOAQUIM PEREIRA DA SILVA

Outro tronco de mais uma plêiade de descendentes foi este grande fazendeiro, respeitabilíssimo, cioso de seu prestígio e valor pessoal, homem que cuidava com carinho especial de sua belíssima casa-sede que até hoje existe extremamente conservada, uma das raríssimas ou talvez a última das relíquias dos velhos e grandiosos tombos antigos.

Mencionemos alguns filhos desse ilustre sustentáculo dos meios rurais:

JOAQUIM PEREIRA FILHO e seu filho ADOLFO PEREIRA DA SILVA, fazendeiros abastados e que fizeram suas terras progredir.

AGOSTINHO PEREIRA DE MOURA, venerando ancião que nos encanta com os relatos dos fatos históricos de nossa terra a que muito nos ajudou na coleta de dados para este livro, graças a sua prodigiosa e lúcida memória. É um dos vultos cuja amizade SÔ ARTHUR sempre cultivou com carinho. Os filhos do Agostinho Pereira de Moura seguiram-lhe a trilha do bom gosto e da prosperidade. EDGAR PEREIRA DE MOURA, que comprou todas as inúmeras benfeitorias da fazenda, inclusive a casa-sede, e todo o casco da gleba, por sinal enorme. Hoje Edgar é uma das fortunas mais sólidas de Ubá. DIOGO PEREIRA DE MOURA e IVAN PEREIRA DE MOURA são outros filhos de Agostinho Pereira de Moura que também souberam fazer prosperar seu vasto pecúlio. No ramo feminino podemos destacar dona Geny Pereira Garcia, casada com Alberto Garcia, com um casal de filhos: LUCIO JOSÉ GARCIA e EDNA MARIA GARCIA, alunos que deixaram saudade no nosso ginásio e na Escola Normal de Rodeiro; dona-Sinhá, dona Nhazinha e dona Júlia, todas de fino trato, sendo, esta última, mãe de Joaquim Coelho, Vianélio Coelho, José (Juca) Coelho e Antônio Coelho.



Toda esta plêiade de homens e senhoras, e mais alguns nomes que nos possa ter fugido à memória, ajudaram de modo eficiente, cada um conforme seu temperamento, a construir o rápido processo da terra de SÔ ARTHUR, em seu tempo de crescimento vertiginoso.

# Tipos populares de Rodeiro

O avô de SÔ ARTHUR, Marcelino Nunes das Chagas, ou Marcelino Rosa como era conhecido por causa de sua pele rosada, foi pessoa abastada no arraial.

Nascera em terras entre Guarani e Pomba (hoje Rio Pomba).

Viera para Rodeiro logo no começo da colonização destes rincões. Rita Maria de Jesus acompanhou-o e uma filhinha de doze anos de idade, Maria Rosa de Jesus, a futura dona Maricota, segunda Irmã Paula da região, tão grande eram sua bondade e sua caridade.

Marcelino Rosa, primeiro, foi proprietário de pequenas situações.

Comprou de Marcelino Rodeiro, desbravou e cultivou um sítio no local denominado Limoeiras, hoje fazendo parte das terras de Olívio Contin. Não era tão pequeno assim. Abrangia uma grande grota no local agora sede dos Contin e chegava nos limites do famigerado bairro do Bongue, das altas prostitutas do endinheirado Rodeiro de antanho.

Mais tarde, Marcelino Rosa vendeu essas terras e comprou outras, no lugar denominado Arruda, entre Rodeiro e Diamante, hoje pertencente ao Paulino Contin.

Foi inspetor de quarteirão, cargo que correspondia, mais ou menos ao de sub-delegado de polícia e só era concedido a pessoa idônea, de respeito e posses.

No fim da vida veio morar no povoado de Rodeiro, depois de ter vivido bastante tempo nas imediações do Guidoal.

Gostava de ficar de cócoras na soleira da parte da oficina de sapataria de José Luiz Designo, picando fumo e fazendo seus cigarros de palha.



— Foi nessa última etapa da vida de Marcelino Rosa que, muitas vezes, presenciava cenas que me deixavam pensativo. – declarou-me Sô Arthur. Eis uma delas:

Havia no arraial um crioulo mal encarado, de largas beiçolas e um dos alcoólatras e tipo mais populares de Rodeiro.

O povo e, sobretudo, a molecada tinham-no apelidado “Joaquim Beijudo”.

Quando ele ouvia alguém chamá-lo pelo apelido, ficava uma fera, sacava a faca e, se pudesse, sangrava o atrevido.

Apenas uma pessoa podia chamá-lo de beijudo sem que ele se enfurecesse. Era Marcelino Rosa.

Pudera. Sô Marcelino tinha um jeito todo especial de saudar o crioulo:

— Bom dia, sô Joaquim Bei-çu-d-o Barbosa!

— Bom dia, Sô Marcolino. - respondia o negro, todo ganjento.



Saudosa Balbina!

Era outro tipo popular a velha Balbina de Jesus.

Era uma mulata fechada, meia aloucada, sempre de chinelos, roupa toda “estrambólica”.

Vivia pelas ruas. Gostava de subir morros e de lá entoar hinos e cânticos religiosos misturados com calangos mineiros dos tempos coloniais.

Era totalmente inofensiva.

— Balbina, você é solteira?

— Nhor não. Eu sou viúva.

— E como se chamava seu marido?

— Joaquim.

— Joaquim de quê?

— Não sei nhorí não. O povo o chamava de Joaquim Chinelo.

— Ele era bom pra você?

— Com licença da santa (e persignava-se). Num era não, tinha muito ciúme de mim. Brigava muito comigo.

— E você, não quer se casar de novo?

— “Curuzes”. Mar São Sebastião me defenda.

E lá ia ela cantarolando, “bençoando” os pastos e o povo, abrindo o peito com seus calangos.



Os Pichatas!

Formavam uma família “distamancada”, como dizia nossa gente antiga.

Eram austríacos.

O velho morreu pouco tempo depois de chegar a Rodeiro.

Ficaram: a velha “desengonçada” e estrábica e dois filhos defeituosos, mudos e leves dos miolos: o Piro e o Luritche.

O Piro tornou-se o “dodói” de todos os rodeirenses. Andar desengonçado, muito chegado à sacristia da matriz. Quando os padres o proibiam de tocar o sino, ficava furioso, gesticulativo, mostrava que ia matar o sacerdote, fingia que puxava uma garrucha e dava a entender que ele ia ajustar as contas com o padre.

Em lugar de responder “não me amole” quando a conversa não lhe agradava, soltava uma exclamação meia gutural: “aleca”.

Era prestativo e defendia os animais.

Quando já velho, o “tio” Augusto (Augusto Pereira Pontes), um sitiante de beira rua, alma caridosa, com a maior paciência, deu guarida ao Piro em sua casa, com quarto, comida e roupa lavada.

Piro foi acabar seus dias no Asilo dos Velhos, em Ubá. Foi enterrado em Rodeiro com grande acompanhamento e, se não me falha a memória, com Banda de Música tocando marchas fúnebres.

E o Luritche?

Luritche, como seu irmão, era leve das ideias.

Desapareceu de Rodeiro, com sua mãe. Destino ignorado.

Na vida, Luritche sofreu uma injustiça da qual os autores até hoje se lembram com pesar.

No quintal do Sô Marcelino, uma turma chefiada por Geraldo Trócoli, hoje titular de uma das Delegacias de Polícia do Rio de Janeiro, Sô Arthur, Faié (Rafael Sanches de Lima) e outros, resolveu montar um Circo de Cavalinhos.

Mastro central, picadeiro, arquibancadas. Tudo improvisado.

E como arranjar pano para os tapumes laterais?

Sô Arthur logo matou a charada. Miguel Trócoli, casado com dona Madalena, pai de Miguel Trócoli Filho, hoje médico e advogado, delegado de polícia no Rio de Janeiro e de uma linda moça, a Guiomar, era negociante forte exportador de galinhas, frangos e ovos em alta escala.

Como tal, nos depósitos de Trócoli havia grande quantidade de sacos de estopa e de mauá.

E Sô Arthur.

— Você, Geraldo, escamoteia alguns sacos e, com eles, faremos a lona do circo.

Assim falou e assim foi feito.

Quando quase tudo estava pronto, apareceu o Luritche. Quis entrar na brincadeira. Sô Arthur, espírito de porco como sempre, negou. Os outros o acompanharam.

Luritche, com gestos, deu a entender que iria pôr fogo no circo.

No dia seguinte, o desastre estava feito. O circo fora incendiado. E quem poderia ser? Somente o Luritche!

Reuniu-se a turma, pegaram o coitado de mal jeito e aplicaram-lhe uma “tunda” de tirar bicho no lombo.

O caso, no entanto, não ficou nisso. Oito dias depois, Sô Arthur remexendo nuns ninhos de galinha, nos fundos de sua casa, descobriu pedaços de sacos queimados. Interpretou a mãezinha:

— De onde são estes sacos meio queimados, mãezinha?

— São daquele danado do circo que ia deixando vocês na vagabundagem em lugar de ir estudar!

— Foi a senhora que pôs fogo no circo?

— Fui. E daí?

Daí era que o coitado do Luritche apanhara, completamente inocente!



**SEBASTIÃO BOI** foi outro tipo que se tornou popular por parecer ter estômago elástico.

Aqui em Rodeiro havia três pessoas tidas como “garfos” de primeira: o falecido padre Geraldo Breyer, o falecido José de Fillipo e nosso Sô Arthur.

A prova é que, certa vez, houve uma missa festiva no sítio dos Pimentões, em Diamante. Depois da missa, um almoço tipo “pagode” ou banquete.

Mesas enormes. Leitoas assadas, pernis de porco, galinhas, cabritos, arroz de diversas maneiras e macarronadas apetitosas.

Os três garfos, fora de série que citamos, sentaram-se à primeira mesa, continuaram na segunda quando os comensais da primeira se retiraram, continuaram e foram até o meio da terceira.

Foi um espetáculo que chamou a atenção!

Tudo isso era fichinha comparado com o Sebastião Boi!

Certa vez, vencendo uma aposta, comeu todo o arroz doce contido numa lata de vinte quilos, mais uma mortadela inteirinha e uma lata de goiabada ajudada a ser empurrada com quatro pães, tudo regado com duas garrafas de cachaça!

Isso é que era comer! Acredite quem quiser. A informação foi de pessoas que o viram devorar a “ligeira” refeição.



**LEANDRO TANQUE**, como era conhecido, foi um dos tipos populares de Rodeiro. Português de nascimento, radicou-se em Rodeiro desde sua mocidade. Fabricava diversas espécies de peneiras, desde as de soprar café e arroz até a peneira para fubá e farinha.

Casara-se com dona Maria, senhora de regulares dotes físicos e dona de uma paciência a toda prova.

Leandro Tanque tinha fama de sovina e miserável.

— Imagine! - queixava-se. - Sá Maria é uma mulher desperdiçada. No começo do mês comprei duzentas e cinquenta gramas de toucinho. Pois acredite! Hoje é dia 27 e o toucinho já acabou!

O certo é que as fofocagens das comadres diziam que Leandro Tanque havia colocado um cordel móvel em torno de um carretel, por cima do fogão. Para temperar a comida. Sá Maria colocava as panelas no fogo e, quando bem quentes, descia o cordel, o toucinho chiava no fundo delas e era imediatamente suspenso para não gastar gordura demais.

Leandro Tanque foi protagonista de outro episódio patusco: uma briga com o Manoel Pedreiro.

Este último, já bem embriagado, se alterou demais e sacando de uma garrucha atirou no pobre peneireiro. Atirou e errou.

Embora não tivesse sido atingido, Leandro Tanque pôs a boca no mundo:

— Chacó, meu irmão, acode. Estou ferido. O sangue está correndo pela perna abaixo!

Bom. O fato é que não era bem sangue que corria pela perna abaixo. Era outra coisa meio visguenta e mal cheirosa!

# Cinemas e Teatros em Rodeiro

A história das diversões em Rodeiro é curta.

O primeiro cinema que aqui existiu foi num barracão para isso construído, nos fundos da casa que foi de Braz de Souza Grotta e hoje pertence a José Fernandes Volpato, quase na esquina da então rua do Diamante com o largo de São Sebastião. Tenho boa lembrança dele, embora me falhe a memória de como eram as cadeiras para o público.

Rodeiro não tinha eletricidade. A corrente elétrica era produzida por um motor a gasolina, barulhento, mas funcional. Os filmes eram mudos e um conjunto musical abafava o ruído do motor.

Era mais uma das inúmeras promoções do comerciante Domingos Alves Caetano, português aqui radicado.

Durou pouco o cinema, pela dificuldade em conseguir filmes para alugar. Era anterior a 1914. Sessões teatrais foram ali exibidas. Lembro-me até de ter visto meu padrinho, Chico Vieira, declamar um longo e aplaudido poema.

A elevação de Rodeiro a distrito deu novo ânimo à população. Uma turma de amadores das artes cênicas, chefiadas por Francisco Gomes de Oliveira (Chico Antão) tinha empreendido a construção de uma espaçosa casa para teatro com palco amplo. Foi construído com adoubes grandes (tijolos) feitos com estume de boi, capim picado e argila.

Infelizmente não ficou memória das peças ali ensaiadas e exibidas pelo Chico Antão, outro benemérito do progresso rodeirense.

Mais tarde esse prédio foi adaptado para servir de Escola Pública, palco principal das diabruras do Sô Arthur de Rodeiro.

Ao lado fizeram uma “sapucaia”, pequena cadeia para bêbados e delinquentes. Foi nela que o infeliz Gregório foi martirizado conforme descrevemos em outro capítulo deste livro.

A partir de então, os aficionados do teatro improvisaram palcos em salões dos grupos escolares.

Os mais perseverantes nesses trabalhos foram o Dr. Sérgio Marlière (José Araújo como nos de Rodeiro o conhecíamos), Sô Arthur e Raimundo Dias Pereira, o farmacêutico.

Nosso velho conhecido Sô Arthur, então, foi incansável. Entre muitas peças que exibiu pode-se contar: “A maldição do céu”, “Sidraque de Nazaré”, ambas de sua autoria, “Os transviados” e outras, todas pelo Grupo teatral “João Bicalho”. Representaram, com muito brilhantismo e capricho, os seguintes amadores: Cléia de Paula Reis, Terezinha de Almeida, Glória Fernandes, Francisca Reis Salum, Luzia Bittencourt, Maria Concheta De Filippo, Maria Helena de Oliveira, Norma de Almeida, Maria da Glória Rodrigues do Carmo, José Geraldo Rodrigues, Jarbas Rodrigues, José Arcanjo Juste, Marley Azevedo, Laercio dos Santos, Cirilo Alves Vieira, Raimundo Dias Pereira, Maria Tereza Nicolato Martins, Mário Silva, Cornélia Constância da Silva Thinassi, Sebastião Marcelino, Sô Arthur e o cachorrinho amestrado Topsy.

Pelo grupo teatral Leopoldo Araújo foram exibidos, além de outras peças: “Rosas de Fátima”, da autoria de Sô Arthur e o “Louda Aldeia”, que fizeram sucesso, no salão paroquial. Nelas trabalharam Wanor Miranda de Souza, João batista Gomes Filho, Antônio Célio Paschoalino e Rosalvo de Oliveira.

Quanto aos cinemas houve empresas, todas elas de pouca duração. Os mais teimosos empreendedores foram Altamiro Campos, o saudoso Taí, chefe de um conjunto que dava vida aos filmes, todos eles mudos, e o Raimundo Dias Pereira, chefe de um grupo de escoteiros por ele criado.

Também Leopoldo Araújo manteve por bastante tempo um cinema em Rodeiro num prédio para isso construído por Eduardo de Paula Reis e hoje transformado em duas casas residenciais.

Somente em 1965, Sô Arthur, amparado pelo padre Paulo Cassagni Sodré, montou um cinema sonoro com ótima projeção e som, primeiro no Salão Paroquial, e depois no Salão do Josias da Silva. A empresa durou até 1968. A partir de então nenhuma outra tentativa foi feita. As novelas de televisão, o fraco poder aquisitivo das classes pobres e a falta de salões apropriados impediram novas tentativas no ramo.

## Entre os irmãos maristas

Tempos depois, pedi, roguei, implorei meu terrível conterrâneo para que me contasse algo sobre aqueles mestres tão lembrados a todo instante.

Nada.

— Você não tinha medo de ser expulso?

— Bem que o mereci muitas vezes! O que me salvava era que eu era humilde a toda prova. Cumpria castigos sem revoltas. Estava sempre pronto a me apresentar como voluntário para qualquer tarefa extra, mesmo as mais penosas. Por isso faziam vista grossa sobre meus pecadilhos.

Aproveitei o desabafo de “enfant terrible” e, manhosamente, lancei-lhe o pedido:

— Maristas! Maristas! Você fala muito neles mas nunca me contou o que eram!

— Vá lá! Prepare-se para ouvir uma história das mais belas e emocionantes para mim.



Vinte de maio de 1789.

O dia raiava lindo, ensolarado, emoldurado de flores, perfumes e vida.

A primavera naquele recinto de França!

Parecia que a natureza se engalajara para dar as boas-vindas a Marcelino José Bento Champagnat, que acabara de nascer na aldeia do Rosey, na paróquia de Marlhes, uma região montanhosa, rude e onde, apenas em pequena escala, chegavam amortecidos os ecos da grave convulsão em que se debatia a grande nação gaulesa.

O povo começava a se rebelar contra o freio que o amordaçava e contra as tiranias que o oprimiam.

O rei, espírito simples, bonachão, cuidava mais de mecânica do que de observar o que em seu redor se passava.

A rainha acusada, justa ou injustamente, de se envolver em graves escândalos públicos, morais e políticos.

A nobreza só cuidando da boa vida, dos prazeres e diversões estonteantes, esbanjava fortunas que arrecadava dos pobres camponeses que já estavam

chegando ao fim de uma era de servilismo e de esmagadora opressão.

A religião ia perdendo rapidamente a ascendência que tinha sobre a população laboriosa e desprotegida dos campos.

O alto clero envolvia-se em grandes escândalos.

Richelieu fora cardeal sem ter ao menos recebido as ordens do sacerdócio. Comandara com mão de ferro os destinos do país e esmagara em sangue escândalos e conspirações.

Mazarino, cardeal, avarento e mesquinho, nunca fora padre. Casara-se secretamente com a rainha mãe tornando-se padraсто do “rei-sol” – Luiz XIV.

Nos reinados de Luiz XIV, as abadias, os bispados e dignidades eclesiástica eram distribuídas aos áulicos e sabujos das ante câmeras das alcovas das amantes dos reis.

Eram, acima de tudo, cortesãos que fechavam os olhos aos desmandos da corte e eclipsavam para não perderem as boas graças na hora de defender os humilhados e espoliados.

O povo chegava ao ponto mais alto de tolerância para com seus escorchadores.

Um mês e pouco depois, em 14 de Julho, a avalanche transbordara. A bastilha foi tomada, a realeza achincalhada. O trono tremeu pela base.

No entanto, a confusão que arrasara pela base os alicerces da grande nação, não chegara, quase, aos recantos rudes do Rosey, onde Marcelino José Bento Champagnat fora crescendo, sob as vistas dos pais, voltados para o trabalho, sustento e educação dos filhos: João Batista Champagnat e Maria Chirat.

Marcelino ia crescendo e quase alheio à tragédia vivida por seus contemporâneos, algozes e vítimas da grande Revolução Francesa.

Passados os piores momentos, amainados os ódios e vinganças, Marcelino sentiu pendores para o sacerdócio, tornou-se padre e foi coadjutor da paróquia de Lavalá. Foi um dos fundadores da Congregação dos Padres Maristas, destinado à instrução e educação da mocidade.

Aos poucos os irmãos Maristas foram se espalhando pelas paróquias da França e, depois da morte do seu fundador, pelo mundo inteiro.

No apagar das luzes do século XIX, era arcebispo de Mariana em Minas Gerais, D. Silvério Gomes Pimenta, de veneranda memória.

De cor escura, lutara ao extremo para se instruir. Aproveitava a luz dos lampiões públicos e das lamparinas da casa tosca de seus pais para dar os primeiros passos nas letras.

Sua tenacidade fora coroada de êxito. Ordenara-se padre. Criara fama, bem merecida, de orador empolgante de homem sábio e virtuoso. Chegado até sólio de Mariana, foi membro emérito da Academia Brasileira de Letras, tais aos seus conhecimentos e sua cultura.

Dele se conta fatos notórios. Citemos dois:

O primeiro, chamado a tomar parte num conclave de bispos, arcebispos e cardeais, em Roma, foi olhado com pouco caso e desprezo por seus pares e companheiros, devido à cor escura de sua pele. Cada um devia expor as suas ideias e suas sugestões. O português era pouco conhecido naquela sábia assembleia. Chegando a vez de D. Silvério, este, com simplicidade e humildade, consultara a alguns dignitários, qual a língua em que devia se exprimir. Quase sem lhe dar atenção e até com uma ponta de escárnio, com um encolher de ombros, deram-lhe o entender que ele se virasse. E, subindo à tribuna, o escuro arcebispo de Mariana a todos empolgara falando longamente no mais puro e correto latim dos tempos clássicos. Latim. Uma língua morta! E todos tinham a impressão de estarem de volta ao tempo do culto Senado do império Romano!

O outro foi vivido por este que estas linhas escreve. Rodeiro, um recanto bucólico perdido entre as montanhas de Minas, lá pelos anos de 1915, foi visitado pelo venerando arcebispo, D. Silvério Gomes Pimenta. Muitas festas. Muito entusiasmo. Muito movimento. Dos grotões desceram todos para ouvir e ver o grande arcebispo e para levar-lhe seus filhos para a crisma. Muitos e muitos sermões fez D. Silvério. Doutrinou o povo rude de antanho. Todos o ouviam com respeito. Todos entendiam e guardavam suas palavras. Mas houve um, um garotinho magricela e muito arteiro que, ao chegar em casa, interpelou o padrasto:

— Olha, Leopoldo. Todo mundo diz que D. Silvério é um colosso! Pois eu não gostei de uma coisa que ele disse.

— Uai! Que é que houve?

— O senhor sempre me corrige quando eu falo errado. Pois olhe! O D. Silvério soltou uma porção de “batatas”!

— Que é isto, menino?

— Foi sim, senhor. Ele disse: “nois tem”, “nois vai”, “nois semo”. Isto é português? Isto está certo? Então por que é que o senhor me corrige?

E o padraço, rindo-se com bom humor:

— Olhe, pequeno. Você mais tarde entenderá por que D. Silvério assim falou!

E mais tarde eu entendi. O grande sábio, a cultura clássica personificada talvez lembrando-se do seus tempos sob os lampiões do meio inculto em que nasceu, desceu ao nível daquela gente boa, simples e rude de Rodeiro. E todos o entenderem e compreenderam!

Numa das andanças de D. Silvério pela França rumo à cidade de Roma, na Itália, o grande arcebispo conheceu os Irmãos Maristas, a maneira com que agiam para educar as crianças, sobretudo as crianças pobres, ficou encantado com os pupilos do Padre Champagnat.

No Brasil, sobretudo no interior, não havia ginásios, colégios e escolas para os pobres como ele fora. Se alguns deles tivessem vontade de se instruir, tinham que procurar uma vaguinha num seminário. Ou então ficar no cabo da enxada.

Os seminários não comportavam muita gente. Era preciso abrir escolas, colégios e educandários para o povo miúdo.

E era essa a finalidade que o padre Champagnat dera aos seus Irmãos Maristas!

O venerado arcebispo entrou em entendimento com o Superior Geral da Congregação Marista e conseguiu convencê-lo de que era chegada a hora em que Brasil se tonara um campo missionário para os discípulos do Padre Champagnat.

Tudo ficou assentado.

D. Silvério, ao voltar para sua arquidiocese, tratou de preparar o terreno para recebê-los. Escolheu Congonhas do Campo, junto ao santuário do Bom Jesus com suas célebres obras do Aleijadinho e centro de grande peregrinação, para ser o primeiro lugar brasileiro a abrigar os Maristas.

Montou um colégio. Mobilhou-o da melhor forma e depois entregou-o aos grandes e beneméritos educadores.

Para nossa terra vieram levadas e mais levadas dos mais respeitáveis elementos da congregação.

Irmão Adorador, venerado por todos seus subordinados.

Irmão Exuperânncio, grande moldador de almas e caracteres. Formador de personalidades. Superior que conduziu com mão segura, suave e convincente os jovens que desejavam ingressar entre os beneméritos educadores. Cativava a todos que a ele se chegassem.

Irmão Benigno, de poucas palavras, mas um grande condutor de principiantes na vereda das virtudes. Mestre de noviços durante anos e anos deixou gratas recordações entre os que foram seus discípulos.

Irmão Clovis, diretor do Juvenato de Mendes Baixinho, agradável. Um verdadeiro pai. Carinhoso, para a pecurruchada, todos pobrezinhos, do Juvenato de Mendes.

Irmão Mario Marciano, grande musicista, alma de escol.

“Petit Père”, Vice-Diretor crônico do Colégio São José do Rio.

Irmão Evelius, artista nato, pintor emérito, uma criança grande, trazendo na alma, nas palavras, nos gestos a inocência preconizada pelo Rabi da Galileia como condição indispensável para entrar no reino dos céus.

Irmão Wilfridus, inglês, alma irmã-gêmea do irmão Evelius.

Irmãos Sacerdos e Irmão Eustaquio, Irmã Maria, Irmão Marcelino, Irmão Paulo, Irmão José Cláudio, Irmão Gaspar, Irmão Pedro Senador, Irmão Marcos, bastava a presença deles para servir de modelo de trato humano e cristão para com todos os irmãos.

Irmão Senador, de bondade cativante.

O Irmão Gilberto, simples, modesto e eficiente em seus lazeres de Diretor Fundador do Externato São José da rua Barão de Mesquita, no Rio de Janeiro.

O Irmão Luiz Severino, morto e odor de santidade.

Formaram discípulos, outros Irmãos, como o Irmão Mario Gobriano que chegou ao provincialato, e outros brasileiros, dignos de seus mestres e educadores.

Há, no entanto, um nome que é preciso ser destacado. É o do Irmão Isidoro Dumont. Lá vão alguns episódios que bem retratam sua personalidade marcante e servem para gravar em nossa mente.

Na França, devido ao novo campo de ação aberto por D. Silvério, os superiores dos Irmãos Maristas encararam, a fundo, a conjuntura em que se tinham colocado.

Era preciso enviar Irmãos para o Brasil. Irmãos que tivessem pendores para obra missionária. Irmãos totalmente imbuídos do espírito da

Congregação fundada pelo Padre Champagnat. Irmãos com queda para os diversos misteres que requeriam o novo empreendimento. Irmãos com suficiente cultura para dirigirem seus confrades nas lides do magistério da cultura e da própria formação espiritual.

Feita a seleção, havia pelo menos um para cada ramo de trabalho, capaz de servir de alicerce e exemplo para moldagem de futuros consolidadores da obra do humilde coadjutor de Lavalá.

Um deles despertou a atenção dos superiores. Acabara de conquistar o bacharelado, título muito cobiçado e difícil de ser obtido, naquele tempo, entre os professores franceses.

Cultura ímpar, enciclopédica mesma, jovem em pleno vigor da idade, o Irmão Isidoro Dumont tinha diante de si um futuro brilhante entre seus pares naquela terra de luzes que sempre foi a França.

Consultado por seus superiores, abraçava de pronto a ideia. Era o homem capaz de dirigir os irmãozinhos na trilha da cultura para o bom nome da humilde congregação.

Na França, a coleção de livros didáticos FTD estava fazendo sucesso. Instruía. Educava. Era preciso transplantá-la para o Brasil. O homem capaz de dirigir esse ramo de trabalho seria o Irmão Isidoro.

Na longa viagem marítima de então, o operoso Marista se dedicava ao estudo do português. Foi tão eficiente que, ao desembarcar, não só já conhecia o suficiente para se fazer entender, como tornara se senhor do emaranhado da sintaxe de nossa língua vernácula.

Chegou a ocupar o cargo de provincial e, depois, foi encarregado de dirigir a Casa de Formação em Mendes.

Medicina, engenharia, didática, todos os currículos do ensino desde a matemática até matérias mais rudimentares, para ele não tinham segredos.

Às vezes, sorria. Quase nunca ria. Num simples relance de olhos adivinhava as intenções e as finalidades almejadas por aqueles que o procuravam.

Muitos o acusavam de frio, despido de sensibilidade, incapaz de conceber a vida fora dos rígidos princípios da Regra e Constituição dos Maristas.

Parodiando a frase de Clemanceou. Ele dava impressão de manter-se, em tudo, com o coração acima do estômago e com a cabeça acima do coração.

Consigo mesmo era, então, de uma severidade a toda prova.

Os Maristas eram intransigentes a respeito do cumprimento de certos costumes da Congregação. Um deles era o “grande silêncio”. A partir das vinte e uma horas ninguém devia mais conversar. Pouquíssimas palavras, só em casos de extrema necessidade. No mais, uns discretos gestos, quando necessários.

Ora, não sei porque, o irmão Isidoro cismava que um dos irmãos de Mendes, o organista, se não me falha a memória, à noite, deixava sua cela e se dirigia para o alto da caixa d’água, com violão para cantarolar baixinho, inocentemente, numa fuga psicológica aos rigores do convento.

Nada de mais. Porém... e a regra? E o grande silêncio?

Uma noite com seu andar maneiroso, às vinte e duas horas se dirigiu para a cela do suposto irmão Seresteiro. Abriu-lhe a cortina da porta, bruscamente, certo de surpreender, em flagrante, o “culpado”.

Para sua grande surpresa, o Irmão dormia tranquilamente, o melhor de seu sono, em seu leito de colcha clara e modesta!

O irmão Isidoro voltou para seu quarto. Não cabia em si de tristeza, fora injusto, em pensamento, para com aquele irmão, cumpridor fiel do regulamento.

Ele, Isidoro, superior de casa Provincial, encarregado de formar os jovens e futuros discípulos do Padre Champagnat, o homem tido e havido como a Regra em pessoas, julgara mal, caluniara em pensamento um de seus subordinados!

A noite passara-se em claro.

De madrugada, às quatro e meia horas, o sino fizera ouvir sua voz, tronitante chamando a todos para a labuta do dia.

O irmão supostamente seresteiro, levantara-se, lavara o rosto e estava se barbeando quando ouviu um movimento na cortina da porta e o baque de um corpo dentro de seu cubículo.

Olhou assustado.

Era o próprio irmão Isidoro, o superior de todos os superiores da casa, que se atirara de joelhos aos seus pés e dizia com voz sufocada:

— Meu irmão! Venho pedir-lhe perdão. Fiz mau juízo do senhor. Em pensamento levantei-lhe falso, julgando-o seresteiro e quebrador do grande silêncio! Perdoe-me, irmão. Eu me reconheço culpado!



### **Outro episódio do emérito Educador.**

A Casa Provincial dos Maristas, em Mendes fora construída junto à sede de uma fazenda de 150 hectares. Quase tudo em pasto.

Nos meses de agosto, era raro o ano em que alguns desocupados ou malvados deixassem de atear fogo nos pastos.

Todos corriam para acudir, para debelar, abafar e apagar o incêndio que, às vezes, lavrava alto.

Numa dessas vezes até os Escolásticos, irmãos em fase final de sua formatura, tiveram de acudir.

O incêndio fora muito grande e ameaçava devorar tudo.

Com muito custo fora abafado.

Como de costume, terminada a tarefa, todos, inclusive os escolásticos, voltaram para casa. Em silêncio. Braços cruzados.

Um vulto passara junto ao irmão Lourenço que depois deixara a Congregação, um endiabrado jovem muito ardiloso e, também, muito querido de seus mestres.

Quase instintivamente, o irrequieto jovem adiantou um pé e passou uma rasteira no pobre descuidado. O tombo que levava foi uma queda desamparada montanha abaixo.

Todos precipitaram, inclusive o irmão Lourenço, para socorrer o coitado.

Esse “coitado” era o Irmão Isidoro, superior dos superiores da casa.

Quando chegaram perto, o irmão Isidoro já havia se levantado.

Todo arranhado. Rosto. Mãos. Uma lástima.

— Não foi nada. - disse, sacudindo a poeira da batina - Não foi nada. Voltem a seus lugares!

O irmão Lourenço tremia de pavor.

— Logo o irmão Isidoro! - pensava.

Chegaram em casa. Todos tomaram banho.

A seguir foram assistir à aula de álgebra superior. E o professor era o irmão Isidoro! Todo arranhado, dava a aula com a maior serenidade.

— É. Hoje à noite tenho que enfrentar a penitência: a chamada “culpa”. Enfim... - pensava o endiabrado irmão Lourenço.

Nada aconteceu.

E assim passaram-se o primeiro, o segundo e o terceiro dia.

E nada! Para o irmão Isidoro era como se nada tivesse acontecido!

No quarto dia o culpado pedia uma entrevista (uma direção espiritual conforme chamava) com o Superior. Foi-lhe concedida imediatamente.

Estou às suas ordens, Irmão, começou com toda a naturalidade.

— Vim falar-lhe a respeito do incêndio nos pastos há quatro dias passados.

O senhor se lembra?

— Perfeitamente.

— O senhor levou um tombo morro abaixo!

— Perfeitamente.

— Esse tombo não foi casual!

— Perfeitamente.

— Fui eu quem passei-lhe uma rasteira.

— Eu o sabia.

— Pois bom! Venho pedir-lhe um castigo, seja qual for.

— Um castigo?

— Sim!

— Impossível!

— E por quê?

— Um homem não pode ser punido duas vezes pelo mesmo crime!

— Mas eu não fui punido!

— Foi.

E o irmãozinho, no auge do nervosismo, elevou a voz:

— Pois eu lhe digo que não.

Muito sério, o irmão Isidoro emendou:

— Pois eu lhe digo que sim. Há quatro dias que sua consciência o persegue e recrimina. Quatro dias de mudas e constantes reprimendas. É por isso que o senhor está aqui. Como vê não posso, eu, depois de sua consciência, puni-lo pela mesma falta.

E, sem um daqueles raros sorrisos:

— Vá em paz, irmão. Não pense mais no caso.

O irmão Lourenço sentiu um nó apertar-lhe a garganta. As lágrimas brotaram-lhe dos olhos. Preferia que o irmão Isidoro lhe tivesse batido na cara. Saiu de cabeça baixa, sem saber o que dizer.

Quando pegou a maçaneta da porta para abri-la, ouviu o chamado do irmão superior:

— Irmão Lourenço!

E voltando-se:

— Pronto, irmão Isidoro!

Num tom paternal que só ele sabia imprimir na voz e que punha os interpelados à vontade e contentes, apesar de tudo o que tivesse havido:

— Vê se cria juízo! Você não acha que já é tempo?

Nunca mais. Nunca mais mesmo, aquele irmãozinho, hoje velho professor de cinquenta anos de magistério, se esqueceu daquele episódio.

Não é com repelões que se burila o caráter de uma criança. E esse irmão Lourenço era nosso incorrigível Sô Arthur!

# Um engasgo terrível

O Colégio São José das Paineiras de Mendes deixou marca indelével na existência de Sô Arthur de Rodeiro. Muitas vezes ele me fez confidências a respeito.

Vida tranquila, dedicada toda ao estudo e aos exercícios de piedade.

Passeios pelos campos e pelas matas duas vezes por semana. Férias gozadas no próprio estabelecimento de formação pedagógica e o religioso.

Coral religioso de alta perfeição, chefiado por mestres de música e compositores: irmão Luiz Severino, irmão Hipólito Maria, irmão Mario Marciano...

Teatros, piqueniques, futebol, barras, críquetes, bandeiras, e uma infinidade de brincadeiras, inclusive para os dias de chuva.

Com tudo isso, Sô Arthur sempre fazendo das suas! Logo no primeiro dia deu uma demonstração de seu espírito irrequieto.

Na hora do chá, no grande refeitório comportando cento e vinte e oito alunos e a mesa do Diretor do Juvenato, irmão Clovis Elias e mais dois professores, o baixinho estranhou o silêncio impressionante que ali reinava.

Tentou conversar com os vizinhos. Nada. Deu-lhes beliscões. Nada. Chutou-lhes as canelas. Nada. O recurso foi soltar um retumbante miado.

— Vem cá, meu gatinho! Sobe naquele caixote e ali fique até o fim do chá!

Foi a conta! Desde então, até o fim dos estudos, foi o “gato” da turma!



— Você se lembra de algumas de suas maiores atrapalhadas? - perguntei-lhe um dia.

Depois de pensar um pouco:

— Uma das melhores foi a do amoníaco. Acabávamos de chegar de um piquenique na Fazenda de São Paulo. Duas léguas a pé para ir e duas para voltar. Estávamos arriadíssimos. Foi quando um de meus vizinhos abordou-me:

— Olha, Arthur. Você sabe que dormindo eu ronco muito. Hoje estou muito cansado. Se, na hora do estudo eu começar a cochilar, acorde-me

antes que ronque, senão o irmão Marcos Severiano me caçará e me corta com a vara de marmelo!

— Fique descansando. Eu tomo conta de você.

— Tomei mesmo. Fui no gabinete de química. De lá, num vidrinho, arranjei um pouco de amoníaco. À noite havia estudo. Meu vizinho, o da direita, não demorou a cochilar. “Pescava” que era uma maravilha! Deixei que começasse a ressonar. Fingindo-me muito atento no preparo da aula do dia seguinte, com jeito, tirei o vidrinho do bolso, destapei-o e, sorrateiramente, o cheguei debaixo do nariz do coitado.

O maldoso deu uma boa risada e depois continuou:

— Foi uma calamidade. O amoníaco queimava as vias respiratórias do coitado. Tossia, espirrava, pulava sem ar, urinava nas calças. Coitado! Mas... eu apenas havia cumprido minha promessa! Não o deixara roncar.



Em outra ocasião perguntei-lhe:

— Você, certa vez me disse que não tinha férias!

— Os outros. Eu tivera duas férias por ano.

— Indo para casa?

— Que esperança! Era para a enfermaria.

O peralta foi desenrolando a estória.

Havia uma tradição em Mendes. Quem adoecia, fosse do que fosse (e em geral era pura manha), tinha que tomar um purgante de óleo de rícino. Depois de curada a “doença”, oito dias de recuperação, comendo comidinha especial feita em panelinhas, bifés, ovos fritos, arroz soltinho, etc.

Era assim que saíam da monotonia dos enormes panelões do irmão Sacerdos.

Nosso malandro, duas vezes por ano, se livrava daquela gororoba feita em enormes caldeirões para cerca de trezentas pessoas.

Apresentava-se ao Diretor Geral da Casa, o irmão Izidoro Dumont, homem que não tinha adjetivos bons suficientes para qualificar sua sabedoria e suas virtudes.

— Irmão Izidoro, - começava o malandro - estou com uma dor aqui (apalpava o fígado). Tenho a boca amarga. (Era tudo mentira).

O bom Diretor, profundo psicólogo era conhecedor daquela “bisquinha”, levava-o para a enfermaria. Mandava esticar a língua, olhava as pálpebras por dentro, colocava o termômetro e... saía sorrindo.

O malandro tirava o termômetro, esfregava-o bem para fazer o mercúrio subir, e esperava a volta do Diretor.

— É, a febre desta vez subiu até demais! Só mesmo um bom purgante de óleo de rícino!

— Por favor, irmão Izidoro, traga-me um pouco de açúcar para que não vomite o purgante.

Lá vinha o “bruto”! Quase uma xicara de chá com o purgante.

Efeito cavalariço! Só faltava evacuar a alma!

No dia seguinte o coitado era testado com o termômetro.

— A febre passou, meu pequeno. Agora oito dias de convalescência aqui, na enfermaria para recuperar as forças!

Oito dias de arrozinho com caldinho de feijão, bifês e ovos! Lendo revistas ilustradas. Uma delícia!

E encarando-me:

— Eram ou não eram férias deliciosas?!

# Sô Arthur na política de Ubá

O garoto travesso e incorrigível terminara seus estudos em Mendes, em 1927.

Em 1928 lecionara no Externato São José dos irmãos Maristas e, 1929, continuara a lecionar no colégio Diocesano São José, também dos Maristas, no Rio de Janeiro.

Em fins de 1929 deixara os Maristas de quem sempre guardou a mais acendrada e inesquecível lembrança e a eles é sempre profundamente grato pela formação que recebera.

Fora daquele ambiente sadio, ele se tornou um inadaptado.

Sáira de um convento onde passara parte de sua infância e toda a sua juventude. Vicente Veiga, um poeta e ex-colega de estudos, teve que reapresentá-lo a todas as pessoas gradas, sobretudo às autoridades, médicos e ao mundo intelectual em Ubá.

De onde viera, havia trazido tremendos complexos: primeiro o “mundo” (é assim que achava o ambiente profano) era um amontoado de armadilhas e tentações montadas pelo demônio para perder as almas pervertendo-as e embotando-as. Segundo o orgulho, o sentimento certo ou exagerado de seu próprio valor era o maior pecado, era um rastilho de satanás, o pai da rebeldia contra seu Criador. Haviam-no, em grande parte, despersonalizado no convento.

Tinha consciência de seu próprio valor, mas tinha que esperar que os outros o reconhecessem e o chamassem para os postos a que fazia jus. Se agisse fora dessa diretriz estaria incorrendo no pecado de orgulho e caindo no ridículo.

Era professor.

Conhecia, em profundidade, a matemática e tinha um impressionante dom de transmissão. Aquela disciplina, em geral o terror dos estudantes, tornava-se um prazer para os jovens ao assistir suas aulas.

Falava e escrevia o francês corretamente. Era então, o idioma da cultura e da moda.

Seu padrasto, Leopoldo Araújo, alma boníssima e dono da impressionante filosofia de vida, arranjou-lhe um lugar de professor no curso de admissão no Colégio Brasileiro da saudosa dona Sinhá.

Na sua humildade, o jovem achava tudo bom porque assim era a vontade de Deus. No entanto, fora verificando que seus colegas da cidade ficavam muito a quem dos conhecimentos que trazia do convento.

Para ser docente do Ginásio Mineiro Raul Soares o que parecia ter valor era apenas o pergaminho de médico ou de advogado. Ótimos amigos, porém fora da linha mestra do magistério. O ensino para eles, era um bicho de que satisfazia a vaidade e reforçava o orçamento doméstico.

Sem favor, o jovem sentia estar apto até para orientar os catedráticos. No entanto, marcava passo. Ninguém dele se lembrava para aproveitar-lhe os conhecimentos acumulados na adolescência.

Um princípio de revolta começava a minar-lhe a sagrada diretiva de humildade, simplicidade e modéstia em que fora educado, ou melhor, domesticado.

Um fato veio precipitar os acontecimentos. Moreira, o professor de francês do colégio Mineiro da cidade, o padre Belchior Homem da Costa e mais dois outros cidadãos que conheciam de perto nosso jovem, sabendo-o senhor do idioma de Racine, indicaram seu nome ao Dr. Levindo Coelho, chefe incontestado do município.

Seria o homem certo para o lugar certo.

O pedido ficou à espera de solução por mais de um mês.

Afinal saiu a nomeação. Não para o jovem esperançoso, mas para outro que já manejava a cadeira de inglês no mesmo colégio e já se achava realizado na vida. Era um homem respeitável, digno, muito conceituado e amigo. Porém de francês... Suas aulas seguiram a velha e ultrapassada rotina de leitura e tradução.

A revolta do jovem chegou ao ápice. Ele e os livros pessimistas de Albino Forjas de Sampaio, Spenser, Shapenhauer e outros muito em moda entre os jovens intelectuais da época, minaram e fizeram ruir os sagrados princípios do convento.

O Dr. Francisco Campos e outros mentores da política mineira haviam criado a Legião Libera Mineira (camisa cáqui). O Dr. Arthur da Silva Bernardes recusara dela participar e caíra no ostracismo. O Dr. Levindo

Coelho acompanhara o patriarca de Viçosa e perdera os beneplácitos dos mandantes do Estado.

Um pequeníssimo grupo de jovens rodearam o Dr. Felipe Balbi que passara a ser o homem de confiança do governo do Estado.

Entre eles alinhara-se, em primeiro plano, o nosso ex-frade que se revela um vidrante, violento e destabocado orador, sensação dos comícios políticos. Ficou conhecido como o Arthurzinho.

A habilidade do Dr. Felipe Balbi, o bafejo oficial e a motivação causada pelas manifestações públicas, desfiles e discursos desassombrados e impunes de nosso jovem, galvanizaram o ambiente de Ubá e a quase totalidade dos coronéis donos dos então redutos eleitorais e decretaram a derrota do Dr. Levindo Coelho.

Nosso jovem, em tudo, ocupara um lugar de destaque. Corajoso até a loucura, seus discursos eram verdadeiras catilinárias. Arrasava tudo: auréola de “manda-chuvas”, mística de chefe supremo incontestado, fama de dono absoluto do município, tudo fora sabotado.

E o Dr. Levindo Coelho?

Sofria pacientemente as provocações e humilhações.

Quando os ataques ultrapassavam todos os limites da dignidade e da caridade cristã, quando sua família se sentia no auge do desespero e da revolta, ele reunia seus familiares no santuário de seu lar e ali, de joelhos, todos rezavam, acompanhado pelos companheiros da via crucis, para que Deus perdoasse a seus detratores e desse a eles, sofredores, a coragem para não vacilar na hora amarga da adversidade.

Os anos passaram.

O jovem, destacado mitingueiro, colhera outras amargas decepções.

Seus novos companheiros o marginalizaram.

No “Minas Gerais” saiu sua nomeação para professor de História.

Uma semana depois, outra publicação atirara por terra seus castelos. Por engano, dizia o ato, saíra o nome errado. O nomeado era outro, um quase homônimo.

Completamente destruído, o jovem deixara Ubá e fora para Vitória do Espírito Santo, onde, graças à intervenção do falecido Jerônimo Salgado, Francisco Peixoto e Paulo Caiafa, conseguiu um lugar de professor na então Escola Superior de Comércio de Vitória.

Por lá ficara até que surgiu o Integralismo. A nova doutrina de cunho eminentemente nacionalista (apesar do que dizem em contrário) por suas promessas de lutas contra as oligarquias políticas, de uma nova ordem em que os menos favorecidos seriam, pela nova estrutura do Estado, olhados com mais justiça, atraía o nosso professor.

No primeiro Congresso Nacional da Ação Integralista Brasileira em Vitória, ele fora o primeiro ajudante de ordem do Chefe Nacional, Plínio Salgado.

Tornou-se fervoroso paladino da nossa doutrina.

Mas... também ali, decepções o amarguraram.

Voltou para sua terra natal. Montou e dirigiu um curso primário e de admissão: o Instituto Propedêutico.

Nesse meio tempo, Getúlio Vargas resolvera dissolver o Integralismo e os partidos políticos, fechara o congresso e criara o Estado Novo. Em maio seguinte, houve um levante contra o Chefe de Estado. Levante prontamente abafado.

O Dr. Levindo Coelho, membro do extinto Congresso Nacional e de volta às boas graças dos dirigentes políticos, por alguns meses, enquanto se delineavam os novos padrões do Estado Novo, passou a ser Prefeito de Ubá.

A repressão contra os integralistas levantara-se feroz em todo o país. Culpados e inocentes foram caçados como animais e massacrados pela terrível polícia de Felinto Muler.

Um investigador de ordem política social de Juiz de Fora chegara a terra natal de nosso ex-frade. Vinha com o intuito de levar o Arturzinho e mais dois companheiros para as masmorras do Estado Novo.

O delegado que conhecia de perto a atitude e a conduta dos três, totalmente alheios a movimentos políticos e subversivos, entregues unicamente a seus afazeres, não se conformou. Levou o investigador ao Prefeito de Ubá, Dr. Levindo Coelho.

Falou longamente. Disse que se responsabilizava pelos três acusados.

O Dr. Levindo tudo ouviu calma e serenamente. No fim apenas perguntou:

— Arturzinho? Arturzinho? Não é aquele que gostava de fazer discursos?

E o delegado, desanimado e apavorado com a sorte que esperava os infelizes inocentes:

— É, Dr. Levindo. É ele mesmo. Estava na hora da vingança.

Bastava uma palavra do Dr. Levindo e... era pouco provável que Arthurzinho voltasse das masmorras e dos suplícios.

Um silêncio reinou na sala de visita da residência do Prefeito.

O Dr. Levindo meditou um pouco e depois chamou sua filha.

— Helena. Traga meu chapéu e meu paletó.

Ao recebê-los, vestiu o paletó, tomou o chapéu e dirigindo-se ao investigador:

— Estou pronto. O senhor pode me levar preso. Mas o Arthurzinho não sairá de meu município!

Arthurzinho, o destabocado, carregou na lembrança este gesto magnânimo, digno de um cristão de verdade.

O Dr. Levindo passou a ser para ele um personagem legendário, digno de ser apontado aos seus jovens alunos como modelo vivo a ser imitado.

# O bombardeio de Ubá

A revolução, dita Liberal, fora declarada às 17 horas do dia 03 de outubro de 1930.

Foi o epílogo de uma grande luta.

De há muito uma revolta surda e contínua minava boa parte dos elementos atuantes na pátria brasileira.

Em 05 de maio de 1922, estourara a revolta do Forte de Copacabana. Decepcionados e traídos pelos companheiros de fora da grande fortaleza, resolveram morrer, mas não se entregar. Liberaram os companheiros e dezessete elementos, entre os quais Eduardo Gomes e Siqueira Campos, armados apenas com fuzis, saíram pela praia de Copacabana. No caminho um civil a eles se juntou. Cercados, abriram fogo e foram massacrados.

A seguir o governo de Arthur da Silva Bernardes. Foi realizado sob estado de sítio.

Graças à máquina eleitoral, solidamente montada, Washington Luiz Pereira de Souza fora eleito. No fim de seu governo rompeu-se o eixo político Minas-São Paulo. Repudiando as ideias liberais do mineiro Antônio Carlos Ribeiro de Andrade, presidente do Estado de Minas Gerais, o presidente Washington Luiz quis impor como seu sucessor outro paulista, Júlio Prestes de Albuquerque.

Criou-se a aliança Liberal sustentada por Minas Gerais, Rio Grande do Sul e Paraíba do Norte. João Pessoa da Paraíba foi assassinado. Em março de 1930 realizaram-se as eleições.

Graças ao poder das oligarquias, aos “currais” eleitorais e a votação a bico-de-pena, Júlio Prestes de Albuquerque saiu vencedor sobre seu contendor, Getúlio Dornellas Vargas.

Só restava um recurso: as armas.

Minas abriu fogo, e, cinco minutos depois, Rio Grande do Sul acompanhou, seguido pela Paraíba.

Ubá, com bandeiras e muito entusiasmo, organizou um batalhão patriótico. Muitos discursos e muita valentia!

O 10º Regimento de Infantaria de Juiz de Fora era uma ameaça ao 2º Batalhão de Caçadores da política mineira, também ali sediado. Este teve

que realizar uma retirada estratégica e veio se abrigar na fazenda das Palmeiras, então pertencente ao Dr. Levindo Eduardo Coelho, na madrugada do dia 04 de outubro.

Mais ou menos às 14 horas do dia 05 de outubro, um barulho de avião sobrevoando a cidade, sobressaltou a população da cidade carinho.

Viera fazer reconhecimento sobre o paradeiro do 2º BC da polícia. Era um simples teco-teco, um “paulistinha”, monoplano, com capacidade para dois tripulantes. Visado por um gaúcho que num “side-car” fez fogo contra o aviãozinho. O teco-teco respondeu iniciando o bombardeio. Com a mão, um dos tripulantes atirava bombas que, ao que parece, não atingiam cinco quilos.

Foi um pânico.

Um das três bombas atingiram o cemitério Santo Antônio, quebrando catacumbas e desenterrando defuntos.

Outras duas atingiram os arredores da então igreja, hoje magnífica basílica de Nossa Senhora do Rosário. Por ali houvera um cemitério dos tempos do império. Totalmente abandonado. Uma ou duas bombas por ali explodindo, desenterraram mais alguns defuntos. Parece que os homens só matavam defuntos!

No alto do pasto da fazenda das Palmeiras mais uma explodiu.

No beco do Padilha, hoje rua Coronel Carlos Brandão, outra bomba caiu sobre uma casa antiga, de um pavimento, e derrubou-lhe uma parede. Eu estava nas proximidades, em frente ao Colégio Brasileiro, de dona Sinhá (Maria Augusta Carneiro Grandis) onde eu era professor. Ouvi a explosão, vi a nuvem de poeira levantada, vi os postes e fios da Força e Luz balançarem com bastante violência; nenhuma vítima.

A última bomba lançada contra um minúsculo barraco à rua Nova (hoje rua 15 de Novembro) seria a única a fazer vítima. Uma velhinha estava junto à cama rezando. A bomba furou o teto de zinco, caiu a meio metro da fervorosa criatura e... não explodiu!

Então o avião sumiu no horizonte.

— Foi buscar outros. - diziam muitos, e punhos raivosos elevavam-se para os céus.

O pânico, um pânico indescritível, apoderou-se da população da cidade. Em menos de quarenta minutos Ubá ficou praticamente vazia.

Os mais exaltados componentes do Batalhão Patriótico foram os primeiros a dar o fora para o “mato ou morro”, como depois foram apelidados.

Eram automóveis, carroças, bicicletas... enfim, qualquer condução! Os que não conseguiam transporte fugiram mesmo a pé para as localidades vizinhas, para as fazendas e sítios, para onde pudesse.

E o avião não voltou!



Passaram-se os dias.

Em 24 de outubro houve o triunfo da Revolução.

A cidade ferveu de novo. Bandeiras, passeatas, multidão nas ruas. Um delírio embriagante no festejo da vitória!

Eu vi um caso pitoresco. Um cidadão baixotinho, trepado na janela da antiga sede da “Folha do Povo”, estufava o peito e berrava:

— Dai-me um clavinote e eu descerei o retrato de Washington à bala!

Era o cúmulo, mas era pitoresco!

# Rua Halfeld

Certa tarde bonita de setembro, a primavera fazendo de conta que chegara para aquelas bandas de Minas Gerais, parecia convidar-me para descansar sentado num dos bancos do Parque Halfeld.

Corriam os idos de 1938.

Quando menos esperava, o “impossível” Sô Arthur me apareceu.

— Olá, velho. - fui logo saudando.

— Velho é o colarinho do vovozinho. - respondeu-me brincando - Que está você fazendo aqui?

— Pensando na vida.

— Olha! Eu também acabo de subir a Rua Halfeld e parecia estar só, desligado de tudo, só relembando os bons momentos que vivemos. Você se lembra?

— Hum! Rua Halfeld, à noitinha? - emendei logo.

— Sim. À noitinha. O “footing”. A charutaria Campos!

— Isto mesmo. - e mergulhamos em nossas recordações.

Geraldo Gaspar, boníssimo, emérito manipulador das máquinas de cinema popular de Carriço. Alto, meio curvado, companheiro fiel das lutas de antanho. Tinha o costume de fingir que cuspiam quando Sô Arthur saía com uma de suas infames piadas.

— Porco. - resmungava.

Mauro Moreira, ou melhor, tenente Mauro Moreira, com ares de gente grande, mas, no fundo, tão brincalhão e gozador como nós.

Recordamos de uma noite em que trabalhávamos na feitura de um jornal, no Correio de Minas, ele compôs um lindo poemeto, CONTRASTES...

“No portal de uma casa

Encolhido o sombrio,

Um pobre desgraçado

Ia morrer de frio...”

— Foi também uma noitada, - atalhou Sô Arthur - em que se deu um dos fatos mais gozados que vi. Você se lembra?

Lembrava-me sim. Três horas da madrugada. Todos nós com fome. Fizemos uma “vaquinha”. Ao todo apenas seiscentos reis! Mal dava para os

pães. Mesmo assim alguém foi comprá-los. Recomendamos que os trouxessem partidos para fazer sanduíches.

Cada um, ao receber seu pedaço, pôs-se a imaginar que dentro havia mortadela.

Começamos, e por incrível que pareça, sentimos o gosto de sanduíches completos!

Almir de Oliveira. Era o intelectual da turma. Era e ainda o é. Mais tarde fez curso de Direito, advogou brilhantemente. Escreveu livros, folhetos e artigos, todos de grande brasilidade e cultura. Tornou-se professor destacado e acabou sendo Diretor da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Abel Rafael Pinto. Compenetrado, seguro em suas asserções e em sua conceituação, ponderado, demonstrava desde cedo os pendores para ocupar grandes cargos. Foi ou é industrial e deputado estadual por Minas Gerais e chegou a ser Secretário de Agricultura no governo Magalhães Pinto.

Sô Arthur! Que diremos dele? Sempre em suas atrapalhadas e barafundas!

Como dissemos acima, a Rua Halfeld era o lugar do “footing”, desde o cinema Central até a esquina da Avenida Rio Branco.

Moças bonitas, bem trajadas, perfumadas, à procura de namorados.

Nossa turma, de pé, em frente a charutaria Campos apreciava aquele vai e vem insensato.

Sô Arthur tinha um dom especial para adivinhar as espécies de perfumes das beldades.

Aquela ali: pedia a turma.

Sô Arthur se preparava, e, quando a garota passava rente a ele, expirava profundamente.

— É “Origem de Galli”. - sentenciava.

— E aquela?

Outra aspiração, outra sentença:

— Alfazema, da melhor.

E assim, uma por uma iam sendo classificadas pela qualidade do perfume que usavam.

Mas, um dia...

— E aquela ali?

Sô Arthur preparou-se para aspirar conscienciosamente o perfume da moça, aliás muito bem feita de corpo e bem trajada.

Aconteceu que, naquele instante, a dita cuja tinha largado um daqueles ventos mal cheirosos.

Sô Arthur aspirou, tossiu engasgado, soltou um palavrão.

— É peido!

Não precisa dizer que levou uma sonora vaia e nunca mais quis aspirar perfumes de mulheres!

# Sô Arthur Jornalista

— Jornalista?

Sim. E profissional!

Onde nosso herói desenvolveu mais suas atividades foi na Editora Mineira S/A, de Juiz de Fora, chefiada pelo Dr. Rocha Lagoa, de célebre família, tendo um irmão desembargador e outro médico de nomeação.

Anos depois, Sô Arthur foi encontrar o seu antigo patrão e guia, Dr. Rocha Lagoa, como Diretor da Faculdade de Filosofia do Distrito Federal, no Rio de Janeiro.

Essa fase da vida do nosso peralta foi uma das mais ricas em cincadas, atrapalhadas e embrulhadas.

A Editora mantinha dois jornais, sendo um, o Correio de Minas, espalhafatoso, tipo popular; o outro era a Gazeta Comercial, sério, economista, dirigido pelo velho e emérito jornalista Heitor Guimarães.

Era secretário dos dois o jovem e eficiente Augustus Gribel, apelidado por Von Gribel.

Sô Arthur esteve sempre envolvido no ramo policial como repórter ou redator.

Seus mal arranjos?

Lá vão alguns.

# Os Bombons

— Sô Arthur. Tenha a paciência! Estou precisando de você fora de suas funções. - pediu Augustos Gribel.

— Canta canarinho!

— Não brinque. O caso é simples. Abriram uma fábrica de bombons laxativos à rua Santa Rita, um pouco antes dos fundos do Cine Central.

— E daí?

— Preciso que você vá até lá e faça uma reportagem em regra, bem detalhada sobre o maquinário, matéria prima, produção. Capricho. Aquilo pode nos valer bons anúncios.

— É para já, Von Gribel!

— Deixe de brincadeira e faça a coisa bem feita.



Muito bem recebido, nosso repórter percorreu toda a fábrica, verificou tudo, elogiou muito o empreendimento.

— Isto vem cobrir uma grande lacuna no campo medicinal. - sentenciou.

O proprietário demonstrou satisfação e, ao despedir-se ofereceu ao repórter um punhado de “bombons”. Era do tipo hoje conhecido como “Sonho de Valsa”; somente era laxativo. Papel estanhado, colorido, sob um invólucro de celofane.

— Olhe, cuidado! Um, faz efeito laxativo, suave. As crianças o estão aceitando muito bem. Mas... de dois para cima é purgativo, dos bons. - concluiu o industrial, rindo a bom rir.

Agora vejam o que aconteceu quando a maldade entrou no bestunto do nosso endiabrado. Foi para um bar. Com uma lâmina de gilete abriu pequenos rasgos no invólucro, com muito cuidado tirou a pequena etiqueta que identificava o bombom como purgativo e... partiu para a redação.

— Quem quer saborear bombons de luxo? Mas, cuidado, é um para cada um!

Foi um avanço geral. Recebiam seu bombom; avançavam em mais outro, tudo apesar dos protestos do repórter.

O Tenente Fíntias Guimarães seguiu o exemplo dos outros. Tirou um segundo. Sô Arthur protestou, quis recolher os bombons, e, na luta, um deles caiu no chão. Foi o terceiro que Fíntias embolsou!



A turma só voltou ao trabalho no terceiro dia.

O Tenente Fíntias, porém, faltou cinco dias. Quando apareceu estava magro, pálido, escorando numa bengala. Dirigiu-se para a mesa do repórter. Levantou a bengala para acertar as contas com o colega “urso”. Não chegou às vias de fato, porque, fraco demais, foi fácil desarmá-lo. Os outros aproveitaram a ocasião para ir à forra. Formou-se o bolo e a confusão. Sô Arthur só teve um meio para escapar: passar entre as pernas dos combatentes e... deixá-los na confusão! O efeito dos bombons fora além de purgativo. Provocara uma famosa disenteria!

# O casamento

Certa feita o Von Gribel pediu a nosso jovem para fazer uma reportagem na capela do Alto dos Passos. Tratava-se de um casamento na alta classe social de Juiz de Fora. Eram padrinhos, entre outros, o Dr. Arthur da Silva Bernardes, ex-presidente da República.

— Mas, Gribel, isto é função do Osmar, redator social.

— O Osmar não veio hoje.

— Escute. Seu redator policial, acostumado com meus macetes e jargões, com gente do “bas-fond”. Lá estarei completamente deslocado, no meio daquela grã-finagem.

— É. Mas o recurso é você ir. Você é um moço inteligente, culto. Poderá perfeitamente se sair bem.

E lá se foi nosso desajeitado redator social improvisado. Paletó, gravata, cabelos penteados, bloco de anotações. Entrou na capela (de luxo) do Alto dos Passos, toda soberbamente enfeitada.

Ambiente estranho. Nenhum conhecido. O carro do Dr. Arthur da Silva Bernardes necessitara de um reparo na altura da cidade de Matias Barbosa. O Dr. Daniel de Carvalho substituíra o ilustre ex-presidente.

O improvisado repórter social sentou à frente de um casal com uma filhinha. Sem ter a quem abordar, ficara pensando no seu meio policial: xadrez, testemunhas, assassino, vítimas...

Justamente neste instante a criança começou a chorar. Os noivos no altar.

— Não chora, minha filha. Agora é hora de sorrir. Titia está se casando. Olhe como está bonita! Choro não é para casamento!

— Oba. - pensou Sô Arthur - Tá pra mim. Este casal vai me dar as coordenadas para a reportagem.

E virando-se muito cerimonioso para o casal:

— Com licença! Sou repórter da Editora Mineira S/A. A senhora poderia me fazer a grande fineza de informar: é parente da VÍTIMA?

Da VÍTIMA?! Maldito jargão policial!

Silêncio. Ninguém respondeu. O marido só faltou comer o repórter-foca com os olhos!

# O caso da C.C.P.L.

Naqueles bons tempos o leite das vacas era vendido cru na cidade.

Havia os burricos com dois latões, no dorso, sob forma de cangalhas, e até as carrocinhas puxadas por cavalos, com buzinas estridentes; o povo as apelidara de “vacas leiteiras”.

Nessa altura, sendo Ditador o Dr. Getúlio Dornellas Vargas, sendo Governador de Minas o Dr. Benedito Valadares Ribeiro, sendo Prefeito de Juiz de Fora o Dr. Menelique de Carvalho, criaram em Juiz de Fora a Cooperativa Central de Produtores de Leite (CCPL).

Foi um Deus nos acuda.

Os produtores de leite, mesmo os mais conscienciosos que não “batizavam” o leite e nem dele faziam aquários para lambaris, puseram a boca no mundo. Não podiam mais vender o leite cru. Tinham que entregá-lo à Cooperativa por preço muito inferior ao que obtinham com a venda direta ao povo.

O transporte para a CCPL era pago. As exigências sobre a qualidade do leite, porcentagens de gorduras e outras, eram asfixiantes.

A grita foi se avolumando e tomou conta da cidade. O próprio povo, acostumado com o fornecimento a domicílio, reclamou barulhentemente.

Estava na hora do Correio de Minas entrar na dança.



Diante da escrivania do Diretor, Dr. Rocha Lagos, Sô Arthur escutava atento.

— Precisamos ficar ao lado do povo que reclama nosso trabalho de apoio aos produtores tão prejudicados. - falou o Diretor - Escolhi você para dirigir esta campanha. Faça-a com vibração, com entusiasmo. Oriente o povo. É preciso motivá-lo para diminuir os inconvenientes que pesam sobre os prejudicados. No entanto, escreveu sempre somente fatos e com linguagem serena.

Sô Arthur, se bem ouviu, melhor cumpriu. Daquele dia em diante os pais de quaisquer crianças que morressem, eram entrevistadas, fotografadas ao lado do cadáver.

— Do que morreu este querido inocente?

— Com terrível disenteria.

— Tomou leite da CCPL?

— Tomou sim, senhor. E foi desde então que começou a definhar.

Cada número do jornal trazia cinco ou mais reportagens deste estilo na primeira página. O caso virou “coqueluche”. O jornal não dava vasão aos casos atribuídos à “periculosidade” do leite da CCPL.

Houve uma última reportagem que botou fogo no estopim.

O agente da Estação da Estrada de Ferro Leopoldina telefonou para a redação.

— Venham aqui em casa. Tenho uma boa reportagem para vocês. Meu gato tomou leite da CCPL e morreu!

Sô Arthur saiu da redação como um foguete. Levou fotógrafo. De fato lá estava o cadáver do falecido gato. O repórter mandou colocar um prato de leite junto ao defunto gato. Bateu chapas, publicou tudo, com grande espalhafato, na primeira página.

Foi uma bomba!

No dia seguinte, grande multidão, mais de cinco mil pessoas saíram reclamantes. O abusado repórter também subiu entre os reclamantes.

Fora a multidão ululava. Menelique ouviu as queixas e, ali mesmo, na frente de todos, telefonou para o Governador do Estado.

Benedito Valadares fez diversas ponderações conforme deduzimos das réplicas de Menelique. Acabou aconselhando o prefeito a suspender a vigência do Decreto Municipal que proibia a venda do leite cru por trinta dias até que o caso fosse melhor estudado.



Antes que a multidão se dispersasse, o irrequieto jornalista sugeriu que se fizesse o enterro solene do falecido gato!

Acharam que assim, também, seria demais!

# Uma homenagem a Machado Sobrinho

Um longo ano era passado depois que Sô Arthur de Rodeiro deixou a batina.

Passou a lecionar no Colégio Brasileiro de dona Sinha (Maria Augusta Carneiro Grandis), emérita educadora que tantos cidadãos prestimosos formou, e que, durante longos anos nenhuma homenagem, nem mesmo o nome de uma rua mereceu.

Em 1931, nosso rapaz fora a Juiz de Fora e ali travaram relações com o contabilista Luiz Gonzaga Machado Sobrinho, numa reunião de grêmio Afonso Celso a fina flor da intelectualidade da Manchester Mineira.

Abordado no fim da reunião por Luiz Gonzaga (o Lulu) foi nosso jovem convidado para ser professor no Instituto Comercial Mineiro dirigido pelo venerando Antônio de Araújo Machado Sobrinho, poeta parnasiano de primeira água e pai do estudo contábil em Juiz de Fora.

Foi um tempo admirável de aprendizagem da vida que desfrutou nosso herói.

Além dos vastos conhecimentos do velho Machado Sobrinho, teve a oportunidade de aprender a transformar os pequenos fatos do nosso dia-a-dia em hosanas à beleza harmônica da vida e do universo.

O desprendimento do velho mestre era notável. Certo dia mandara o Magalhães, que era cria de casa, cobrar as mensalidades atrasadas.

Na volta foi a prestação de contas. Magalhães foi lendo a lista dos que não puderam pagar. Chegou a determinado nome de que hoje não me lembro, e o velho exclamou:

— Como você teve coragem de cobrar essa senhora? Você reparou na grossura do pescoço dela? Sabe o porquê disso? É de carregar roupas para lavar, passar e sustentar a família!

E, com ênfase:

— Nunca mais, ouviu? Nunca mais cobre essa pobre mulher. Deixe que eduquemos seus filhos!



Para o dia de aniversário do grande mestre, o Grêmio Literário Afonso Celso preparou uma sessão de gala. Convites, engalanamento do salão, enfim o que soe acontecer em circunstâncias semelhantes.

Para o discurso chave foi designado o orador oficial do Grêmio, o nosso Sô Arthur de Rodeiro, um dos comensais do grande poeta.

Decepção geral. Sô Arthur recusou!

Nomeou-se outro orador “ad hoc”.

Na grande noite o salão estava repleto. A fina da intelectualidade juiz forana: juízes, promotores, advogados, médicos, professores, Salvador Bergo, Luiz Gonzaga Machado Sobrinho, Píndaro José Alves Machado Sobrinho e tantos outros cujos nomes me falham agora que os cabelos brancos começam a pintalgar-me o crânio.

Entrou o velho educador. Ereto, com seu indefectível “pince-nez”, sua piteira de ouro e sua elegância que só um poeta de nascença sabia!

Palmas, flores, música!

Começou a sessão. O presidente teceu a escala de declamadores e oradores.

Afinal, o tradicional: — Se alguém quiser usar da palavra!

Levantou-se Sô Arthur de Rodeiro. Surpresa geral. Se ele havia recusado a honra de falar por que agora a postulava?

Caminhou para a tribuna e começou com energia fora do comum, apontando para o venerando homenageado:

— Machado Sobrinho! Tu és pó, és cinza, és nada!

Estupefação geral.

Pausa.

— Machado Sobrinho. Tu és pó, és cinza, és nada. - secundou o orador rodeirense.

Mal estar geral. Lulu e Píndaro começaram a se remexer nas poltronas.

— Machado Sobrinho, tu és pó, és cinza, és nada: pó da sublime poeira da poesia, da sublime poeira com que os astros entretecem as harmonias das canções eternas! Pó das sublimes inspirações de que vivem os vates!

Pausa.

— És cinza. Cinza desse adubo precioso que afugenta os parasitas das plantas, que dá força aos solos pobres e esgotados, que limpa e purifica nossa

pele e nossa roupa. Assim és tu, purificando o pensar dos moços, elevando suas aspirações, livrando-os dos germens das doutrinas deletérias!

Pausa.

— És nada, em o nada do caos primitivo Deus criou, com suas próprias vibrações a universidade dos astros e dos seres, assim tu, no caos que ameaça a vida cintilante dos jovens, com tuas sublimes vibrações e inspirações, neles criaste um mundo de sabedoria e de produtividade!



O salão quase veio abaixo de tantas palmas e encômios.

Foi então que nosso rodeirense teve o maior e o mais entusiástico abraço que em sua vida recebeu de um homem.

E que homem! Antônio de Araújo Machado Sobrinho!

# Parece mentira

Há fatos que contados parecem mentira.

Aí vão alguns deles. Todos vividos e bem vividos em Rodeiro.

## **1- SE VANCÊ ESTIVESSE CARÇADO:**

Isso foi no tempo de padre Lourenço Musacchio, padre que sabia fazer amigos e ganhar todos para a prática da religião.

Os domingos, dias santos de guarda e até de devoção eram respeitadíssimos. Ninguém trabalhava. Só o estritamente necessário, como o tratar das criações.

Todos vestiam suas melhores roupas (os ternos de ver Deus, diziam os homens) e andavam léguas e léguas para assistir à missa. Vinham descalços como sempre andavam, mas traziam amarrados a um porretinho seu par de botinas de atanado (couro duro, mas muito duradouro).

Na chegada do arraial procuravam um córrego ou rego d'água, lavavam os pés e calcavam.

Terminada a missa, as paradinhas nas vendas, voltavam para casa. Ao sair do povoado, tiravam as botinas e as amarravam no porretinho e caçavam o rumo de casa.

Certa vez, vindo para a missa, dois compadres conversavam animadamente. Mas, em dado momento, um deles distraído tropeçou violentamente numa pedra mais escondida na areia. O choque foi tão violento que a unha de um dos dedos do pé se desprende da carne e ficou pendurada.

O coitado segurou o pé com ambas as mãos, pôs-se a rodar como um corrupio, a gemer de dor.

Quando o coitado se acalmou e voltou a pisar com os dois pés, o compadre o interpelou:

— Vancê é um homem de sorte, hein compadre!

— De sorte?

— De sorte, sim. Imagina! Se vancê estivesse carçado, já pensou no prejuízo que iria ter?!

## **2- SE VOCÊ FOSSE UMA PORCA!**

Esta foi o Waldemar Nicolato, um dos grandes amigos de Sô Arthur juntamente com seu parente Aurélio Nicolato que me contou.

Era dia de eleição. No Campestre (naquele tempo pertencente a Rodeiro), o povo afluiu às urnas.

Waldemar também fora cumprir o seu dever cívico acompanhado de um vizinho e amigo.

Cumprida a obrigação, colocados os votos nas urnas, os dois saíram para passear um pouco. Conversa vai, conversa vem, Waldemar propôs ao companheiro:

— Vamos tomar um cafezinho ali na casa de Joaquim?

— Vamos.

Bem recebidos pela dona de casa, sentaram-se e começaram uma boa “prosa”. À medida que a conversa ia sendo entabulada, rapazes e moças iam chegando, entrando e cumprimentando os dois visitantes.

— Este é meu filho. - ia dizendo a dona da casa.

— Esta é minha filha.

— Este é meu filho.

E a ladainha parecia que não ia terminar.

O companheiro de Waldemar, admirado, perguntou:

— Dona. Quantos filhos vancê tem?

— Treze.

— Ó “chente”! Imagine se vancê fosse uma porca, que valor vancê teria!

### **3- É PORQUE QUERO!**

Cartório de Paz de Rodeiro.

Dia de casamento.

Sô Arthur, Escrivão, e Sô Heitor Augusto Mariano, Juiz de Paz, ambos engravatados e solenes presidiam o ato matrimonial.

Como de praxe, a pergunta indispensável:

— Senhor fulano, o senhor se casa com dona fulana por sua livre e espontânea vontade?

O noivo muito sério:

— Não, senhor.

Foi uma bomba. Pasma geral. O Juiz, meio atrapalhado, insistiu:

— Como? O senhor não se casa por sua livre e espontânea vontade?

— Não, senhor. - foi a resposta firme.

Ora, todos sabiam que o casamento era a aspiração de ambos os noivos. Já tinham até se casado no religioso.

Sô Arthur percebeu o equívoco e perguntou:

— Senhor Juiz, dê-me licença para interrogar os nubentes.

— Pois não.

— Olha aqui, fulano, o senhor Juiz está perguntando se você se casa é porque você quer.

— Mas tá na cara. Eu me caso é porque eu quero.

#### **4- A FUGA DAS GALINHAS**

Esta agora é anedota. E muito bem bolada!

A igreja estava em obras. Despesas grandes. Dinheiro curto.

Lançou-se mão de um costume antigo. Colocaram em cima de andores imagens de Nossa Senhora e, à noitinha, ia a procissão de casa em casa. Paravam. Rezavam o terço. Depois iam para o terreiro efetuar um leilão cata-níquel.

— Quanto me dão por este frango assado?

— Quanto me dão por esta dose de cachaça?

— Quanto me dão por esta galinha recheada?

Era uma atrás da outra. E os níqueis iam caindo.

Cada dia uma casa. Cada casa um leilão.

O forte dos leilões eram as galinhas.

O pavor se apossara dos galinheiros. As penosas sentiam verdadeiras torturas só em pensar no que lhes ia acontecer!

A coisa chegou a tal ponto que as pobres coitadas não podiam ouvir uma criança, uma mulher, uma pessoa qualquer cantar: “Ave! Ave! Ave, Maria!”.

O desespero se apoderava delas e, batendo asas, saíam apavoradas e se metiam nos capinzais ou nos matos!

#### **5- BENZEÇÕES**

O nosso povo, até hoje, em geral, tem grande fé nas benzeções. Mesmo aqueles que dizem não acreditar, na hora do aperto correm para o benzedor para tirar um “mau-olhado”, um quebranto do menino, uma “espinhela caída”.

A propósito de benzeções, Sebastiana Dal Sasso contou-me uma, verdadeiramente digna de nota.

Antigamente, lá pelos lados da Boa Esperança, havia um fazendeiro que se dedicava à criação de gado.

Numa tarde apareceu-lhe um benzedor pedindo-lhe pousada. Foi logo bem atendido. O nome dele perdeu-se com o tempo. Pensei que fosse o nosso Relantino, mas mudei de ideia. Relantino é homem sério e que leva a sério suas funções.

Na hora do jantar a conversa caiu sobre benzeções.

— Eu cá, benzo tudo. Com “os poder de Deus num faia.”

— Tudo mesmo. - cortou o fazendeiro - Foi bom você vir. Amanhã vou mandar capar uma bezerra e eu sempre perco alguns.

— Pois chegou a hora, meu senhor. Você não precisa capar os bichos. Eu capô por benzeção.

— Por benzeção?

— Vancê vai vê!



Na manhã seguinte os novilhos estavam no curral. Bezerrada bonita e numerosa.

O fazendeiro e o benzedor para lá se dirigiram. Foram parar no meio do gado.

A mulher do fazendeiro colocou-se à janela para apreciar as ocorrências. Mas quando viu o marido e o benzedor entre os bezerros teve medo.

O benzedor tirou o chapéu. A benzeção ia começar. Foi então que a dona não se conteve e gritou:

— Ó marido! Saia depressa daí, senão você também pode ficar capão!

## **6- AS BERRUGAS**

Tudo vai da fé da pessoa.

Em nossa cidade existe um ex-fazendeiro, homem abastado, muito conceituado e estimado chamado Sebastião Contin.

Muito brincalhão e caçoísta, imita com perfeição médiuns e pais-de-santo com tanta perfeição que se chega a pensar que está mesmo tomado de espírito.

Certo dia em sua casa, Sebastião Contin recebeu a visita de uma senhora de Dona Euzébia.

A tal dona se queixava de muitas berrugas que estavam nascendo em suas mãos e braços.

— A senhora quer que eu benza as berrugas? - perguntou Sebastião com ar meio patusco e meio sério.

— O senhor sabe benzer?

— Com os poderes de Deus e do meu guia, costumo acertar.

— Então me benza.

Sebastião Contin, com cara muito séria, imitando com perfeição os benzedores, engrelou algumas palavras cabalísticas sem pé nem cabeça, fez uns gestos largos sobre os braços e as mãos da mulher e terminou.

— A senhora pode ir. Vai ver o resultado. - concluiu Sebastião com a maior cara de pau.



A mulher partiu e Sebastião até se esquecera de sua patuscada.

Acontece que, dias depois, bateram-lhe à porta duas senhoras que lhe eram conhecidas.

— Nós somos de Dona Euzébia. O senhor benzeu as berrugas de uma amiga nossa e elas secaram. Foi um milagre! Agora queremos que o senhor também benza as nossas.

Sebastião coçou a cabeça meio atrapalhado.

— É minhas senhoras! O que nos vale é mesmo a fé!



A propósito de galinhas, ao escrever a anedota sobre nossas galinhas da raça, veio-nos à memória uma frase “notável” escrita sobre um dos muros da cidade de Ubá. Vamos reproduzi-la.

“Sei que você é muito caridoso. Faça uma galinha sorrir adotando um frango sem pai”!

# Um prato de sopa

Puxa! Você só me contou a seu respeito estripulias, maluquices, disse certa vez a Sô Arthur. Será que não tem algo de bom e construtivo para narrar?

Sô Arthur calou-se, refletiu um pouco, e depois começou a falar:

— Vou lhe fazer a vontade. É um fato passado com minha sogra, dona Virgínia Leite Pinheiro Alves, já falecida e de saudosa memória.



A tarde estava radiante no Rio de Janeiro, a cidade maravilhosa, a Capital do Brasil naquela época. O calor era bem carioca. Não era excessivo e ainda mais amenizado por uma brisa suave e acariciante.

No passeio da casa 121 da rua Junqueira Freire, um banquinho atestava que os donos da casa gostavam de ali apreciar a fresca do crepúsculo.

Na rua um bando de crianças divertia-se soltando pipas.

Naquele momento o banco estava vazio.

Os moradores da casa estavam na sala de jantar, sentados em torno à mesa, a espera... da magra sopa!

Os dias tinham sido duros para os moradores do 121.

O que valia era que tinham uns vizinhos que eram amigos de verdade.

Fernando e sua esposa dona Genil. Osvaldo, um hábil mecânico, e sua esposa dona Chiquita, e outros.

O dono da casa era oficial de exército. Antônio Leite Pinheiro Alves. Patente de capitão. Sua vida fora tumultuosa.

Tinha uma honrosa folha de serviço. Servira como tenente na ocasião da revolta da Armada. Era Florianista. Numa trincheira, na Lapa, o fogo estava cerrado.

Um de seus colegas de igual patente muito jovem teve um trauma psicológico natural em todo o batismo de fogo e apelou para o nosso Pinheiro Alves.

— Pinheiro Alves. Vamos trocar de lugar. Tenho um pressentimento de que, aqui, eu vou morrer.

A troca foi feita. Mal o jovem ocupou o lugar onde momentos antes estava Pinheiro Alves, uma bala perdida o feriu em cheio na testa.

O destino o perseguira. Ele mesmo procurou seu fim.

Durante a guerra de Canudos, nosso Pinheiro Alves, “Patativa” como era conhecido entre seus colegas de oficialidade, serviu na última leva que liquidou o reduto de Antônio Conselheiro.

Também seguiu o rumo traçado pelo marechal Rondon. Dezoito anos de fronteiras no Mato Grosso.

Mantera-se em revoluções no tempo do Presidente Artur Bernardes. Vencido, com seus companheiros, tivera que se refugiar no Paraguai. Oficial com o curso das três armas, fora sempre preterido no exército.

A família ficara no Rio. Em sérias dificuldades, a mãe, oito filhos e uma amiga fiel, verdadeira agregada da casa. Colavam saquinhos de papel para armazéns, mercearias. Isabel fazia quitutes. As meninas ajudavam.

Dias havia em que o cardápio era mais generoso. Outros, em que apenas uma sopa com ossos, com langanços de carne.

No entanto, a vida era vivida com resignação e sem resmungos. É que a veneranda matrona, dona Virginia, era uma conformidade a toda prova. Nenhuma queixa, nenhuma reclamação. Apenas palavras de animação, de conformação e de perdão para os pequenos e normais atritos com a garotada da vizinhança.

Naquela tarde amena, conforme dissemos acima, a mesa estava posta. Os pratos e talheres muito arrumadinhos. Toalha branquinha. No centro da mesa apenas a terrina de sopa. Era um dos dias magros.

Isabel e as mocinhas: Isaura, Carmem, Ondina, Mariazinha, Ruth, Alberto, Augusto e Arthur, sentadinhos, à espera.

Foi naquele momento que um estrondo na rua assustou-os.

Isaura, a mais velha, saiu para ver o que teria acontecido.

Nada de importância. Um tambor ou outro vasilhame grande caiu e rolou no quintal de um dos vizinhos de frente.

No entanto, Isaura percebeu uma senhora de idade, muito trêmula, apoiando-se na grade da frente da casa. Parecia que ia cair. Estava cambaleando.

— Mamãe! Ondina! Isabel! Corram aqui. — gritou.

Num abrir e fechar de olhos todas estavam juntas à velhinha.

— O que tem?

— O que é que a senhora está sentindo?

— É dor?

— É tonteira?

A velhinha mal podia falar.

Carregada para dentro, sentaram-na numa poltrona, abanando-a.

— Quer que chamemos a assistência?

— O que a senhora sente?

E a velhinha, com os olhos rasos d'água, mal pode articular:

— É fome... minha filha!

Dona Virginia não vacilou.

Tomou de uma concha e, de cada prato das crianças, dela e de Isabel, tirou um bocado da sopa, lotando assim o prato que ofereceu à faminta criatura.

Todos puseram-se a comer, comovidos, com “boca boa”.

Dona Virginia deixara seu prato e fora ajudar a velhinha.

Aos poucos esta foi se recuperando. Tomando alento. Melhorando de aspecto. A sopa descia-lhe, revitalizante, confortante pela garganta abaixo.

Afinal, terminou de ingerir a gostosa e “substanciosa” comidinha.

Todos olharam, alegres, para a fisionomia reconfortada da velhinha.

Foi então que dona Virginia dirigiu-se a ela:

— Minha filha. Não leve a mal. É só o que temos para lhe oferecer: uma sopa. Nossas panelas ficaram vazias.

A velhinha não se conteve. Debulhada em lágrimas:

— Meu Deus! O que fui fazer? Por que não tive forças para andar mais um pouco e bater em outra porta?

E dona Virginia, com a maior simplicidade:

— Foi Deus, minha filha! Foi Deus! Não chore. Você não sabe quanta alegria você me deu! Foi Deus que desejou me experimentar, ou melhor, me dar uma oportunidade para colocar meus atos de acordo com minha fé!

E ambas se abraçaram, profundamente comovidas. Para mim tudo isso parecia irreal, inacreditável.

Com minhas ideias pessimistas, nunca poderia acreditar que alguém podia se privar da própria comida para socorrer o próximo!

Outro Sô Arthur que eu não conhecia, quebrara meu encanto.

— Valeu?!

Nada respondi. Tinha meus olhos marejados de lágrimas e sentia um terrível nó nos “gragumilos”.

# Rodeiro só dá boa gente

De relance falamos no Dr. Geraldo Trócoli quando narramos o episódio do circo do Luritché.

Pouco tempo depois, Sô Arthur foi para a casa de formação dos irmãos Maristas, em Mendes – RJ.

Geraldo cresceu, estudou, tirou o curso de Direito e acabou ocupando o cargo de Delegado de Polícia no Rio de Janeiro, antigo Distrito Federal.

Casou-se com uma santa mulher que, em momentos de grande crise e apertura do marido, de braços abertos rezava com todo o fervor o terço da Virgem Maria. Digamos de passagem, sempre obtinha o que, com devoção e fê, pedia para seu querido marido.

Geraldo passou por diversas Delegacias do Distrito Federal.

Ser Delegado de Polícia no Rio não é brincadeira, mesmo nos tempos em que o banditismo e o marginalismo, comparado com os dias de hoje, não existia.

As favelas e os morros sempre foram e continuam a ser antros de maus elementos, e o policiamento era bem precário e não tinha as armas sofisticadas de hoje.

Até mulheres de ban-ban-ban existiam. Lembro-me de certa vez em que eu viajava em um bonde para o Meier, no Rio. Ao chegar defronte à estação ferroviária o bonde parou. Tinha havido um desentendimento entre uma mulher e um cavalheiro, desentendimento ao qual não se deu atenção, contou-me Sô Arthur. No entanto, o final foi de uma traje-gaiatice inenarrável. A mulher pulara do bonde, trançara a saia entre as pernas e desafiara:

— Vem seu “branco azedo”! Vem se tu é homem! Vem que te quero mostrar o que é a Mariazinha do Sargueiro! Vamos? Perdeu a língua e a coragem? Vem “seu” amarelão...

E o chorrilho de desaforos continuava até que o bonde se arrancou enquanto o cavalheiro não sabia onde meter a cabeça.

— E eu, - dizia-me o endiabrado Sô Arthur - gozava o espetáculo e fazia a torcida, atiçando os dois!



Os morros... são a fonte de maior dor de cabeça de todos os delegados.

Quantas vezes Geraldo, no meio daquela barafunda, não suspirava pelo seu Rodeiro sossegado!

Sim. Porque Geraldo nunca se esqueceu de sua terra natal. Até hoje adora aquele pedaço de chão.

— Logo que me aposentar, antes de morrer, irei ver minha querida terra e lá morar. - repete até hoje, com ênfase.



Certa vez, na Delegacia dera entrada uma parte super carregada. Um cidadão, morador de uma das barulhentas favelas, havia espancado a mulher e filhos, desafiado vizinhos e, ao que parecia, estava se dando a furtos.

Tipo de mau elemento escrachado!

— Guarda, leia esta carta e vá depressa trazer este malandro, pois eu quero ouvi-lo hoje mesmo, nem que seja à noite.

O guarda saiu a cumprir a ordem. Estava na hora do jantar e nosso sustentáculo da ordem ainda não tinha forrado o estômago. Vestiu o paletó e foi reforçar a máquina humana, conforme costumava dizer.

Lá pelas tantas voltou. O guarda já havia cumprido a ordem e o desordeiro estava no xadrez.

— Já trouxe o homem?

— Sim, doutor. Está “guardado”.

— Vamos inquiri-lo.

Tomadas as disposições legais, o Delegado começou a trabalho.

— Qual é o seu nome? - foi assim que Geraldo começou o interrogatório. E continuou:

— Sua idade?

— Os nomes de seu pai e de sua mãe?

— Onde você nasceu?

— Na bagagem, doutor. - respondeu o delinquente.

— Bagagem... Bagagem... Onde fica isso?

— Em Rodeiro, doutor.

Geraldo teve um sobressalto. Depois, muito sério, virou-se para o guarda:

— Olha, amigo. Nisso tudo só pode haver muita invenção de vizinhos despeitados.

E, depois de uma pausa:

— Este homem é de Rodeiro e em Rodeiro só há gente boa. Solte-o já!



Outro.

Um carro desgovernara-se e fora bater contra um poste da Light, na circunscrição da Delegacia do nosso Geraldo.

O carro ficara bem amassado e o poste relativamente danificado. Dentro havia o motorista e um acompanhante, parente ou amigo dele.

Foram intimados a comparecerem na Delegacia e para lá conduzidos. Encontraram o delegado de mau humor, bravo.

— É sempre a mesma coisa, falta de atenção quando dirigem! Nem um poste daquele tamanho conseguiram ver. Seus documentos. - pediu ao motorista.

— Agora os seus. - disse com cara de poucos amigos, dirigindo-se à testemunha. Olhou-os com muita atenção, franziu a testa com ar de dúvida, leu com mais atenção:

— Jair! Jair! Jair! Parece que o conheço. Você não é de Rodeiro? Filho de Candido Alves Antunes? Não é Sô Candinho?

— Sou, doutor.

— E você não me está conhecendo? Sou o Geraldo Trócoli.

Voltando-se para o advogado da Light que acompanhava o inquérito:

— Doutor, este você perdeu. Jair é meu irmão de leite. Meu companheiro de travessuras, enfim, é como pessoa de minha família. Além disso, é filho de Rodeiro. Não, doutor, eles não bateram por culpa própria. Merecem até elogios porque o acidente foi ocorrido com a finalidade de salvar as vidas de uma pobre senhora com um filhinho no colo! Ouviu, doutor? Gente de Rodeiro é assim. Arriscam-se a aborrecimentos para salvar a vida de seus irmãos em Cristo!

E o caso deu em nada.

# Este não precisa de luz

Existem homens cuja imagem e nome ficam gravados para sempre na memória de quem os conheceu.

Raul Alves Ferreira foi um deles.

De boa estatura, rosto redondo, não era de muita conversa, porém senhor de um humor invejável mesmo nas horas amargas, piadista discreto, sempre tinha um comentário a fazer sobre os homens e as coisas.

Nasceu em cinco de dezembro de 1883. Era filho de Nicolau Alves Ferreira e de dona Francisca Angélica Ferreira.

Desde cedo se dedicou ao ramo de farmacêutico prático. Tinha um pendor e um dom especial para exercer a profissão que abraçara. Manipulador de primeira, consciencioso, era, também, como soe acontecer nas pequenas localidades, um “médico” dos mais procurados.

Um ouvido finíssimo, podíamos chamar, quase eletrônico, bastava encostá-lo nas costas ou no peito de um cliente para obter um diagnóstico perfeito sobre os pulmões, brônquios e coração dos pacientes. Essa fama virou tradição em Rodeiro.

— Fulano - diziam - tem um ouvido quase igual ao do Sô Raul.

Aliás esta frase era um plágio de uma que Sô Raul gostava de usar quando se comentava peraltices de um menino extremamente endiabrado:

— Esse - dizia o nosso retratado - é quase, quase igual ao Sô Arthur!

Raul Alves Ferreira tinha mão excepcionalmente firme para aplicar injeções, inclusive na veia. Era amigo firme do Dr. Adjalme Carneiro de quem recebia todo o apoio.

Chefe político incontestado, nunca perdeu uma eleição em Rodeiro. E era tão grande seu prestígio que não saía, nos últimos tempos, de casa para aliciar eleitores. Eles vinham ao seu encontro. Foi fiel a seus chefes, o Dr. Levindo Coelho e o Dr. Arthur da Silva Bernardes.

Casou-se o nosso bom Raul em primeiras núpcias com dona Luiza Rodrigues Ferreira, filha do importante e conceituadíssimo capitão Antônio Rodrigues do Carmo.

Dessas primeiras núpcias vieram os filhos Luiz Alves Ferreira, eficiente funcionário da Coletoria Estadual de Ubá, hoje aposentado e proprietário

em Ubá. Francisca Alves Ferreira, professora emérita, severa, profundamente interessada no processo de seus alunos e tida, juntamente com dona Guiomar de Queiroz Pereira, como as melhores mestras da região. Hoje é proprietária em Ubá. Alicinha Alves Missiague, a Bilu, catita, mimosa, um encanto de moça que fazia bater o coração da mocidade de Rodeiro. Casou-se com Francisco Messiague e mora em Belo Horizonte.

Morta a primeira esposa, Raul casou-se em segundas núpcias com dona Iracy Gomes Magalhães e dela houve dois filhos: Aristides, que faleceu na mocidade, e José Bernardes Ferreira, uma das glórias de Rodeiro. Ele, com José Sérgio de Araújo Flávio Marlière, foram os dois filhos de nossa terra que ocuparam as mais altas posições entre nossos contemporâneos na conjuntura financeira e política do nosso Brasil. José Bernardes Ferreira é um dos esteios fortes do Banco Nacional, do qual é um dos Diretores. Sérgio Marlière ocupou, durante a gestão de três ministros, o posto de Inspetor Geral de Finanças do Ministério de Indústria e Comércio.

Ritinha foi outra filha adotiva de Raul Ferreira, que a criou com desvelo de pai extremoso. É casada e mora em Belo Horizonte.



Agora que traçamos o perfil desse homem, vejamos dois episódios vividos por ele e pelo destabocado Sô Arthur.

Todos os rodeirenses sabiam que o endiabrado garnizé era franzino, metido a valente, como todos os nanicos humanos ou animais. Apanhava como boi ladrão. Todos os colegas podiam surrá-lo. Mas... nem todos tinham a coragem de ir-lhe ao pelo. Arthurzinho era terrível na pedrada. O sangue descia mesmo da cabeça de suas vítimas. Certa vez, Sô Arthur brigava seriamente com seu amigo Tião Barbosa (Sebastião Rodrigues do Carmo). Tião era forte, “sacudido”, parrudo. Deu uma tremenda bofetada no “garnizé” de briga. Tão violenta que o atirou no chão de costas.

Pouca sorte do Tião. Sô Arthur caíra com a mão sobre um pedaço de tijolo. Com ele o “valiente” se levantou armado e partiu contra o agressor. Tião, lembrando-se da fama das pedradas do naniquinho, correu para a farmácia do Sr. Raul... E o baixinho em seus calcanhares! Não queria jogar-lhe o tijolo. Queria era quebrá-lo na cabeça do Tião. Este passou pela

farmácia, pelo laboratório, pela sala de jantar... Sô Arthur, nos seus calcanhares!

Daí, Tião passou pelo corredor e entrou no quarto de dormir do Sr. Raul.

O garnizezinho não lhe largava o rastro. Seguiu-lhe o trajeto, mas naquele justo instante nosso farmacêutico ia saindo do quarto. Tião conseguiu entrar, mas Sô Arthur foi chocar-se de cabeça contra a barriga do dono da casa.

— Que é isso, menino?

— Sô Raul. Eu vou buscar aquele malvado até debaixo da saia da mãe dele!

— Ô, seu atrevido. Você não respeita nem meu quarto?

E pegando o projeto de valentão pela orelha, levou-o até a porta da sala e o atirou fora, com um pontapé naquela parte do corpo onde as costas mudam de nome!



O tempo rolou. Raul envelheceu. Sô Arthur parecia ter virado gente.

A mãezinha dele caíra gravemente enferma com tétano. Morre, não morre. Injeções e mais injeções de soro antitetânico e de socorro ao coração da velha.

Nada. Os dias iam passando e já estava no vigésimo oitavo da crise. Nenhuma melhora.

— Sô Raul, vamos aplicar-lhe o soro antitetânico na veia? Os músculos já não seguram mais os líquidos injetados!

— Olha! É muito perigoso, Sô Arthur. O coração dela pode não aguentar com a reação.

— Vamos fazer o seguinte. Preparamos a injeção de soro e um coquetel para o coração em outra seringa. Eu seguro a mão da mãezinha e, ao mesmo tempo lhe controlo o pulso. Em caso de alarme o senhor arranca a agulha da veia e aplica o coquetel para o coração.

— Olha!

— Vamos tentar fazê-la reagir, senão é a morte inevitável com ou sem soro na veia.

O quarto estava escuro, Sô Arthur munuiu-se de uma vela acesa. Com a mão direita iluminava o ponto de aplicação segurando a veia, e com a

esquerda segurava o braço e controlava o pulso da doente.

Tudo correu bem na primeira e na segunda aplicação. Na terceira a agulha entupiu. Sô Raul a tirou, aprumou o corpo para desobstruí-la. A vela do Sô Arthur foi afastada do lugar. Quando Sô Raul se abaixou para tornar aplicar a injeção, a mão direita com a vela passou a ficar atrás do traseiro do farmacêutico.

Sô Arthur esperou pela injeção! Levantou então os olhos e nosso querido Raul, com um sorriso maldoso:

— Sô Arthur. Este olho daí não precisa de luz!

# O colchão de Monsenhor

Extraído do Livro “O fim do homem mau” do mesmo autor.

Paraisópolis é uma cidade encanto.

Parece um ninho de águias escondido entre montanhas escarpadas.

Altitude: quase mil metros.

Pitoresca, amiga, acolhedora.

Sociedade de uma distinção toda a prova.

— “My teacher”, como eu era conhecido. - disse-me Sô Arthur.

Foi lá que vivi alguns dos melhores meses de minha vida. Naquele tempo a Rede Sul Mineira servia a cidade. A estação ficava a uns cinquenta metros abaixo do centro urbano. Um fato pitoresco a propósito: havia um trem que trafegava à noite; parava quando o maquinista, foguista ou chefe sentiam necessidade de verter água; muitas vezes rodava com o farol apagado; por isso deram-lhe o apelido “galo cego”.

Hoje a cidade mudou muito de aspecto. Naquela época as ruas não eram pavimentadas. Devido a altitude e a posição, num vasto altiplano varrido pelos ventos por todos os lados, no mês de agosto, sobretudo, mal se podia andar pelas ruas devido à poeira das ruas não calçadas.

Os homens deixavam apenas uma fresta dos olhos abertos. As senhoras e mocinhas costuravam chumbo na barra das saias, por sinal bem longas.

Isso não desmerecia o ambiente adorável daquela comunidade.

Fundara-se o Ginásio Municipal dirigido pelo Dr. Antônio Eufrásio de Toledo, um verdadeiro pioneiro da Educação no Sul de Minas.

Ao que me recordo, a administração do município estava a cargo do senhor Wolfigango Brandão, se não me falha a memória. Homem empreendedor, amigo e de agradabilíssima prosa.

Como toda a cidade do Sul do Estado, uma imponente Igreja dominava a praça principal, lindamente ajardinada, um Clube Recreativo, centro dos grandes movimentos e iniciativas sociais e culturais, e no fim do arruamento, quase na beira do planalto, um cemitério simples, bem tratado e adornado.

Era pároco, naquela época, Monsenhor Antônio Dutra.

Monsenhor era seu título canônico.

O povo, porém, mudara-lhe o título: Monsenhor. Não: ele era Bonsenhor Antônio.

E bem que merecia o título.

A porta de sua casa, mesmo à noite, estava sempre trancada. Mas... a chave sempre para o lado de fora! Quem quer que fosse, caso desejasse entrar, era só bater, virar a chave, empurrar a porta e, no topo de alguns degraus internos encontraria Bonsenhor, sempre com um sorriso discreto e um bandão de palavras bonitas, alegres, amigas e acolhedoras.

Todos os pedidos, mesmo de empréstimo de dinheiro eram prontamente atendidos. Só falhavam quando, de tudo eram humana e materialmente impossíveis.

— O senhor quer que passe uma promissória?

— Pra que, meu filho? Sei que você vai me pagar. Se for, em consciência impossível, lembre-se deste meu pedido que ora lhe faço: viva em paz com Deus e não peques mais.

Bonsenhor Antônio era assim. O que era dele, era dos pobres. Era de todos.

Quando sua batina ia ficando no fio, ou quando começava a comprar fiado nas vendas, era sinal de que o dinheiro tinha se evaporado para as mãos dos necessitados.

O povo, sobretudo os mais abastados da paróquia, reunia-se, fazia uma “vaquinha” que nunca era inferior a dez contos (muito dinheiro naquela época!) E tudo entregava ao Bonsenhor!

Quando surgiu a novidade dos colchões de molas, o Wolfigango e os maiores da comunidade acharam por bem fazer uma surpresa a Bonsenhor Antônio, no dia de seu aniversário.

Coletaram dinheiro e mandaram vir de Taubaté um dos mais bonitos e macios colchões, com molejos que convidavam a um bom sono.

No dia, lá foram eles acompanhando o presente Real.

Coitados! Foi um banzé dos diabos! Bonsenhor, longe de se alegrar ficou bravo, encheu-se de santos escrúpulos, pregou um bonito sermão.

— Nosso Senhor dormiu entre as pedras dos desertos e morreu “deitado”, encostado numa dura cruz de madeira!

Apalpou o colchão, sentiu-lhe o molejo suave, alta novidade na época.

— ... e eu, mísero pecador, iria deitar nesta gostosura?

Foi um tempo quente, uma luta insana para convencer Bonsenhor.

— Mas nosso Senhor também disse que os obreiros merecem seu salário!  
- argumentaram.

Bonsenhora parecia irredutível.

Afinal teve que ceder. Fizeram ver a decepção e o desaponto de todos que julgavam ter feito o melhor presente a seu pároco.

O colchão ficou. Bonsenhora agradeceu muito. Pediu perdão por ter sido deselegante e até meio grosseiro. Que levassem tudo isso em conta de seus escrúpulos e de seus rígidos princípios evangélicos.

Mas a história não terminou.

Bonsenhora tinha uma governanta que se encarregava de todos os serviços domésticos. De idade. Dotes físicos muito precários. Um tanto estrábica.

Acostumara-se com o sistema de vida de seu superior. Muitas vezes “ralhava” com ele pela displicência com que espalhava dinheiro e mantimentos.

— Caridade verdadeira deve começar em casa.

— É. - respondia sorrindo e zombando, Bonsenhora - Nosso Senhor disse que não se pode servir a dois senhores: Deus e o dinheiro. Pois eu só quero servir a um. Fico com Deus.

E essas portas todas abertas?

— E que tenho eu para ser roubado? Tudo aqui é de Nosso Senhor, portanto de quem precisar. Sou apenas o caixa que recebo e pago!

No entanto, uma bomba estourou; um dia, naquela casa abençoada.

A governanta quase sofreu um desmaio.

O quarto de Bonsenhora amanhecera fechado a chave. Ele fora celebrar a missa e carregara a chave consigo.

Inacreditável!

— Bonsenhora, hoje não pude varrer seu quarto. - foi logo dizendo a governanta no corredor da entrada onde o fora esperar, ao acabar a missa.

— Ahm! E por que? - respondeu o sacerdote pensando de qual subterfúgio lançaria mão para sair daquela enrascada.

— A chave, Bonsenhora! A chave!

— A chave? Que chave?

— A de seu quarto. Bonsenhora!

— Ahm! A chave? Ah! Sim. A chave. Eu me esqueci de avisá-la. Não quero que você entre lá, pois tem alguns papéis importantes que não tive prazo de por em ordem.

— E a limpeza? Vai virar pulgueiro!

— Nada. Nada. Eu mesmo farei a limpeza e pronto!

E a velha governanta saiu resmungando:

— Veja só! Ele nunca fez isto! Fechar o quarto a chave! Papéis importantes! Então eu não sou mais pessoa de confiança?! Hum!

O desfecho veio uns oito dias depois.

O hábito é uma segunda natureza.

Bonsenhora Antônio nunca trancara o quarto e levava a chave. Um dia, segundo o velho hábito, o tradicional costume, saíra deixando a chave na porta!

A governanta de longe percebeu o “descuido”. Mal ele entrou na igreja que ficava pertinho da casa paroquial, ela correu para o quarto. Virou a chave, abriu a porta, curiosa por ver os tais papéis tão importantes. O queixo caiu-lhe.

Parou e se encostou no portal até dominar a própria emoção.

No catre nenhum colchão.

— Oh! O colchão, o colchão de mola! Para onde terá ido?

No chão, a um canto, servindo de leito, um montão de jornais estendidos. Eram os papéis importantes citados por Bonsenhora! Jornais que lhe serviam para forrar o chão duro!

Somente cinco anos depois de sua morte, ocorrida em 6 de junho de 1968, se não me falha a memória, é que o paradeiro do famigerado colchão de molas foi revelado por um motorista de praça, dono de um ford 29 e homem de confiança do Bonsenhora Antônio. Fazia-lhe todos os carretos, por dedicação.

Sem interesse monetário, é óbvio.

Bonsenhora fora chamado para sacramentar uma doente, quase moribunda. Morfética em último grau. Moradora num sórdido barraco, para lá do cemitério. Bonsenhora foi encontrá-la deitada no chão, sem colchão, num monte de capim. Cheia de bichos.

Nosso homem de Deus entrou naquele ambiente fétido.

Mandou o motorista arranjar uma bacia, uma lata de querosene vazia, roupas de mulher e toalha.

A partir daquele momento ninguém, a não ser ele, penetrou no casebre. Varreu o barraco, arranjou uns trapos para servir de cama. Colocou água na

bacia, ele mesmo, limpou a bicheira da morfética, deu-lhe banho, aseou-a, deitou-a nos trapos.

Cuidado o corpo, Bonsenhor passou a cuidar-lhe da alma.

Deu-lhe a absolvição, ministrou-lhe a extrema unção. Consolou-a da melhor maneira falando-lhe longamente de Jesus, o bondoso rabi da Galileia.

Ao sair, despediu de seu motorista. Depois de dar-lhe, baixinho, algumas instruções. Voltou a pé para a casa paroquial.

E, aproximadamente às três e meia da madrugada, ele e o motorista carregaram o colchão de molas, colocaram-no no velho ford 29 e rodaram até o tugúrio da morfética.

Ele, só, pegou o colchão, arrastou-o para dentro, colocou o num lugar de chão menos irregular e, em cima, deitou a doente, cobrindo e agasalhando-a com roupas que trouxera de sua própria cama.

— Louvado sejais, meu Deus, por ter inspirado aquela boa gente, dando-me este colchão. - pensou levantando os olhos para os céus - Vós sabeis que havia outra criatura precisando dele muito mais que eu!

A morfética durou ainda três dias. Durante esse tempo Bonsenhor não arredou pé do casebre. Até comida para a doente levou. Quando a doente entregou o espírito, Bonsenhor mandou providenciar-lhe o caixão e uns dez litros de querosene.

Ali mesmo encomendou o corpo, colocou-o no caixão que ficara do lado de fora e mandou que fiéis carinhosos o levassem direto para o cemitério.

A procissão do enterro foi se distanciando. Bonsenhor atirou o querosene sobre o casebre, riscou um fósforo e ateou fogo.

— Para não contaminar os outros. - explicou a alguns curiosos que tinham ficado.

Seria mesmo? Ou seria para que ninguém soubesse da grande caridade que praticara?

O colchão de mola!

Dele subia aos céus a fumaça. Fumaça que era agradável ao Senhor da Terra e dos mundos.

O fogo deu cabo de tudo. Apenas ficou cinzas.

Bonsenhor Antônio, com aquele sorriso simples de quem nada fizera demais, voltara para casa.



Este episódio me foi contado por Sô Arthur de Rodeiro. O desfecho, a revelação do motorista, saiu publicado num jornal da região de Pouso Alegre.

E Sô Arthur completou:

— Menino, quando li a notícia, palavra que senti um abalo aqui dentro do peito. Durante muitas semanas fiquei jururu, sem pregar peças a ninguém!

— Será que ele está doente? Comentavam meus amigos!

# Doce de Cotia

Todo mundo sabe que a fruta da cotia dá um excelente doce, se, antes de levá-la ao fogo, se tomar a precaução de retirar o embrião, plantinha em miniatura, que existe entre as duas metades da semente.

Mas que tem isto com as peraltices do eterno endiabrado Sô Arthur de Rodeiro?

Vamos rememorar uma de suas monumentais peças pregadas a uma luzidia equipe esportiva de Taubaté.

Naqueles idos, o nosso incorrigível era professor de inglês no Ginásio Municipal de Paraisópolis.

Vibrátil, dinâmico, traduzia canções carnavalescas para o inglês, canções estas que se tornavam a “coqueluche” de todos e, em especial das babás levando as crianças, de carrinho a passear pelos jardins da cidade.

Mas não se contentava com seus deveres profissionais.

Até nos esportes enfiava o bico. E fazia cada uma!



Taubaté é uma lindíssima, bem tratada e, tirando a Capital, está entre as cidades de primeiro plano do Estado Bandeirante. Aliás, foi de Taubaté que saíram as mais importantes bandeiras para desbravar nosso Brasil.

Uma das glórias de Taubaté, no tempo de Sô Arthur, era o basquetebol. Invencível em sua linha. Primus inter pares!

Pois foi dessa equipe líder absoluta, que o Ginásio Municipal de Paraisópolis recebeu um convite para disputar uma partida naquela fulgurante metrópole.

E agora? Recusar não era possível. Aceitar?!

Sô Arthur foi julgado tábua de salvação pela sua vibratibilidade, seu entusiasmo e seu dom de motivar torcedores.

Ele colocou-se em campo. Organizou equipes. Treino em cima de treinos. Hino especial para a ocorrência. Incentivo dos colegas. Torcida. Enfim, tudo bem planejado e realizado com método.

Afinal o grande dia! Partida de Paraisópolis. Alegria. Fogos. Música. Muita esperança. E lá foi o trem serra abaixo.

Chegada festiva. Muito cavalheirismo de parte a parte.

E... rumo à quadra. Quadra espetacular. Medidas olímpicas. Um primor!  
Foi dada partida.

Jogo renhido, apertadíssimo. Torcidas organizadas corretíssimas.

Mas... cestas? Pouquíssimas de parte a parte.

Paraisópolis tomou a dianteira com pouquíssima diferença. Assim foram até o final com um placar de 12 a 9 a favor dos visitantes.

Aí a partida chegou ao clímax. 12 a 9 nunca foi resultado de basquete. No entanto, ali era uma realidade. Venceu o tempo. O Juiz local, com tempo esgotado, ia extraoficialmente prorrogando a partida para que Taubaté tirasse a diferença. Quando o escore atingiu 13 a 12 para os visitantes, a Delegação fez sentir o fato ao Juiz e este não teve outro recurso do que encerrar o jogo. Primeira vez que Taubaté perdia, e em seu campo.

Indescritível as manifestações de entusiasmo do pessoal do GP.

Jantar magnífico no melhor hotel. Pena é que o baile tivesse sido cancelado!

Foi então que um telefonema de Guaratinguetá (Guará) fez Sô Arthur cair das nuvens. O quinteto feminino daquela cidade lançava o desafio para um entrevero.

— O quê? Olhe, minha filha, é impossível atender a seu tão amável convite. Amanhã nossa turma estará lá em cima fazendo prova de inglês!

Um curioso:

— Quem era?

— As moças de Guará desafiando-nos.

— E você não topou a parada?

— É besta! Para quê? Para apanharmos vergonhosamente de mulheres?!



Passaram-se semanas. Taubaté pediu revanche. Paraisópolis topou.

A vitória nessa finalíssima era por demais problemática.

Lançou-se, sem o conhecimento do Diretor, o impecável Dr. Antônio Eufrásio de Toledo, a ideia de preparar uma sobremesa inédita para o lauto almoço que aos visitantes seria oferecido.

Cotia. Doce de cotia. Espetacularmente assessorado. Uma gostosura!

Somente houve um pequeno sinal. Um pequeno toque. Esqueceram de tirar os embriões!



O resultado foi lamentável. De minuto em minuto os atletas de Taubaté, procuravam as privadas, os banheiros, um buraco qualquer para dar vazão a uma terrível disenteria.

Entraram em campo abatidos, arrasados. A derrota foi medonha para eles!



Dispensaram o resto da programação.

A cotia foi-lhes absurdamente adversa!

Em Rodeiro, quando souberam do fato, o Antônio Caldeireiro comentou em termos de pilhéria:

— É... Com este ninguém podemos!

# As galinhas da Carmela

Nunca deixei de ser uma criança grande. Dizia-me um dia, Sô Arthur de Rodeiro.

Corria os idos de 1937 – 1938.

Formamos em Rodeiro uma seleta turma de seresteiros: José Sérgio de Araújo, Flávio Marlière, Chiquito Caputo, Major José Vieira Sobrinho, Adelécio Fernandes e mais uns dois outros violonistas e uns dois ou três seresteiros de cujos nomes agora não me lembro.

Nossas serestas eram monumentais.

Havia primeiro a “preparação”. Reuníamos no Instituto Propedêutico, às tardes dos sábados e domingos.

Nossa vizinha de perto era a Carmela Vital, antiga cozinheira do padre Lourenço Musacchio então morando em Juiz de Fora. Era uma italiana forte, gordona, de bom trato social, amável em geral, porém “virando barbicha” quando raivosa. Gritava, gesticulava, fazia-se respeitar.

Nos dias de serenata, à tarde, dois ou três dos nossos iam entreter a Carmela, com ela batendo um longo “papo”.

O quintal de sua casa comunicava com o nosso. Enquanto o “papo” estava serrado, um dos nossos abria um buraco na cerca e vinha deixando grãos de milho pelo caminho até nossa cozinha. Chiquito ficava com um violão às mãos, à espera de que os frangos entrassem. Logo que tal acontecia, a porta da cozinha se fechava, o chiquito sambava no violão, nós cantávamos para abafar os gritos das aves, e, depois lhe torcíamos o pescoço.

A segunda parte era o preparo dos bichinhos: depenar, abrir, esquartejar, temperar para fritar, com bastante cebola e pimenta.

Depois, lá pelas 22 horas, todos se reuniam em torno de uma mesa e atacavam os apetitosos pedaços de frangos que desciam pelas gargantas, com fartura de bebidas.

Era nessa hora que Leopoldo Araújo chegava, coçando o nariz e perguntando:

— Guardaram um pedaço de peito para mim?

Aquela reserva do pedaço de peito era sagrada, embora fosse a peça predileta do Sô Arthur.

Uma vez todos fartos, e, nessa altura todos bastante “tocados” com a mistura de bebidas, afinavam os violões e saíam pelas ruas.

De vez em quando uma parada. “Temperadas” as gargantas, lá iam pelos ares silentes, as modinhas, as valsas e canções, falando da bem amada, de amor não correspondido, de paixões veementes...



Entretanto, com o avançar das horas, as bebidas produzindo seus efeitos, o romantismo ia acabando e a avacalhação começava.

Lembro-me de uma dessas serestas. O major José Vieira, exigiu silêncio, temperou a garganta e tentou cantar a patativa de Vicente Celestino.

— Acorda patativa... Bão esse negócio está muito alto. Quero o tom de dó.

E recomeçou: “Acorda patativa...” Não. Me dê o tom de Lá menor. “Acorda patativa...”

E todos os tons percorridos, a cachaça subindo, os seresteiros reagiram e o barulho só terminou quando um dos violões ficou transformado em gravata no pescoço de um dos cantores apaixonados.

Outra vez a turma foi para frente da casa do Dr. Armando de Almeida, dentista, por sinal um dos melhores músicos e exímio violonista.

Resolveram infernizar o coitado, e começaram:

— Um elefante amola muita gente! Dois elefantes amolam, amolam muita gente! Três elefantes amolam, amolam, amolam muita gente...

Quando chegou a vez dos “quarenta elefantes, amolam, amolam, amolam, amolam, amolam...” o Armando abriu a janela e pediu que o deixassem dormir em paz.

Que nada! Os “elefantes” continuaram.

Aos cinquenta “elefantes” Armando abriu a janela de novo e, com urinol em punho, deu um banho no pessoal.

Nem assim! Aos sessenta elefantes, a janela foi aberta e apareceu Armando, de revólver em punho, atirando para o ar.

A turma debandou.



De outra feita a vítima foi o coitado do Nagib Iabrude, um sírio pacato, gentil, sempre sorridente e prestativo.

Naquela noite beberam cerveja demais. O efeito não se fez esperar. As bexigas ficaram lotadas de urina. Olharam onde poderiam verter água. Estavam no meio do largo. Nada. Foi então que um da turma teve uma ideia luminosa e “genial”.

Pessoal, vamos forçar um pouco as portas de Nagib?

Todos aprovaram. Em cada porta ficou uma fila de dois ou três “rouxinóis”.

Quando acabavam de esvaziar as bexigas, a loja do bondoso Nagib estava toda alagada!

Nem assim Nagib perdeu a calma. Fechou a cara, ficou um pouco triste e... o tempo fê-lo voltar ao seu sorriso costumeiro.



Tudo ia muito bem e o povo aceitava, mais ou menos resmungando, nossas patuscadas.

Mas... uma noite a coisa foi demais e acabou com os “corujas” da noite.

Depois de cada serenata, juntávamos os ossos dos frangos, fazíamos um embrulho e, carinhosamente, depositávamos numa das janelas de Carmela, só pelo prazer de vê-la xingar e esbravejar no dia seguinte. À tarde um de nós ia pagar os frangos que tínhamos devorado.

No entanto, como dissemos há pouco, uma noite a coisa foi demais. Arranjaram um jornal, nele colocaram os ossos e... alguém defecou por cima deles. Bem embrulhado e amarradinho tudo, o pacote foi parar na janela de nossa vítima, a Carmela!

De manhã foi um Deus nos acuda. Carmela só faltava subir pelas paredes acima! Pudera!

As pessoas sensatas do lugar nos intimaram a parar com nossos “arroubos românticos”.

# Colégio estadual “Raul Soares”

Certa ocasião Sô Arthur de Rodeiro fez-me algumas confidências sobre sua carreira profissional.

— De todos os colégios em que lecionei desde o Externato São José, dos Maristas, no Rio, até o Colégio Estadual “Raul Soares” de Ubá, de todos guardo boas recordações. Sempre boas recordações com os alunos, com os colegas e com os Diretores.

— Mas de qual você gostou mais?

— Homem, é difícil escolher. Nos Maristas, eu ainda não tinha bastante maturidade para julgar.

— E agora, você tem? - perguntei ironicamente.

— Vai catar piolhos em cobras! Bem, voltando à vaca fria. Um deles é o Colégio Nova Friburgo, da Fundação Getúlio Vargas. Um estilo completamente novo para mim, meio americanizado. Alunos seguindo uma disciplina consciente. Método de ensino igual ao preconizado hoje pela Lei 5692, última reforma. O aluno redescobre, analisa e assimila. O professor está em segundo plano; apenas o orientador. Diretor: Amaury Pereira Muniz, mestre absoluto em didática, homem de grande capacidade administrativa, era talhado para dirigir aquele grande laboratório de didática e pedagogia.

— Outro!

— O Colégio Estadual “Raul Soares” de Ubá, onde há cerca de vinte e cinco anos exerço o magistério. Hoje o considero meu segundo lar.

— Por quê?

— Por muitos motivos. Nele me aclimatei perfeitamente durante um quarto de século de convivência com diretores, mestres e alunos.

— Diretores?

— Sim. Primeiro o Dr. Agenor Barbosa, maneiroso, amigo, digno da sabedoria do rei Salomão no dirimir questões entre professores, firme orientador dos alunos. Deixou muitas saudades e sua abençoada memória até hoje é reverenciada. Foi durante seu período que fiz meu estágio de dois

anos na Fundação. Quando a Ubá voltei, encontrei um ambiente turvo. O Dr. Agenor havia se aposentado. Um grupo de professores queria para a substituição o fator capacidade para o cargo e cerravam fileiras em torno do professor Manoel Arthidoro de Castro, realmente o homem que enfeixava todos os requisitos necessários. Outra parte se conformava com o fator político. A luta era acirrada. Afinal, depois de três ou quatro experiências, saiu a nomeação do Dr. Antônio Lisboa Silveira. Naquela época turbulenta já era professor no “Raul Soares” o Antônio Araújo, altão corajoso, um dos “cabeças quentes”.

— Por que esta citação especial?

— Você vai ver. Estava eu dando minha aula no pavilhão do meio. Olhando pela janela vi, no piso do corredor do pavilhão da direita, alguma coisa que despertou minha mania de pregar peças.

— ?!

— Acabada a aula fui direto ao gabinete do Diretor. Lá encontrei também o Dr. José Campomizzi Filho, então Inspetor do Estadual.

— Dr. Antônio, - fui logo dizendo com olhar maroto - foi bom encontrar aqui o senhor Inspetor. Os senhores sabem que este Colégio faz parte de minha vida e tudo o que fere sua dignidade me magoa fortemente.

— Mas o que foi, professor? - interrogou o Diretor, pálido e julgando tratar-se de mais uma encrenca.

— É melhor os senhores me acompanharem e vejam com seus próprios olhos.

Assim o fizeram. No caminho foi preparando o ambiente para a surpresa.

— Sinto fazer-lhes sentir que o autor do caso só pode ser um de meus colegas, o professor Antônio Araújo!

— ?!

Quando chegamos à esquina do pavilhão da direita, fui logo apontando:

— Olhem bem. Pelo tamanho só pode ser do professor Antônio. Não acham?

É que à porta de uma das salas de aulas havia um monte de excremento de cavalo de mais de meio metro de altura!

— Oh! Doido! Você pregou essa peça?

— Preguei. E tem mais outras.



Todos os professores conhecem e adoram os irmãos Arthidoro: Manoel e Francisco. Manoel é sisudo, amigo até debaixo d'água. Francisco é um brincalhão incorrigível. Ambos são de Tocantins, cidade linda e próspera.

Francisco, o Chiquinho, novato no Colégio, todos os dias de pagamento levava para os colegas um quilo de bombons finos. Aqueles que por qualquer motivo não comiam logo a parte que lhes tocava e a guardassem nos escaninhos, ficavam a ver navios. A turma de ratazanas: professores João Batista, Eudes Campomizzi e Sô Arthur de Rodeiro se encarregavam de deixar nas gavetas apenas os papéis multicoloridos dos envoltórios!

Tantos presentes deu à turma que a turma de ratazanas resolveu retribuir-lhe os mimos.

Lembrando-se de que o cemitério de Tocantins, aliás como o de Rodeiro, era dos que tinham as maiores minas de chumbo de Minas Gerais (assassinatos em pencas), Sô Arthur encarregou-se de arranjar uma bala calibre 44 e uma bandejinha de plástico. João Batista arranjou e “preparou” um reforçado bombom, bem grande e com um invólucro vistoso e festivo.

Estava tudo pronto. Na hora do intervalo, a sala dos professores apresentava um ambiente alegre. Era a homenagem ao querido Chiquinho. Sô Arthur seria o Orador.

— Não vou nisso, não. Onde está o baixinho de Rodeiro, ali está a molecagem.

— Oh! Que é isto! - protestou o Eudes.

O discurso foi vibrante, entusiástico, mirabolante.

João Batista, sisudo, com a bandejinha e o bombom acompanhava o palavreado do baixinho.

— Pois, Chiquinho, procurando retribuir tantas gentilezas e tantas alegrias que nos dás, aqui oferecemos, de coração, o melhor bombom que encontramos na praça!

Chiquinho, entre comovido e desconfiado, aceitou a oferta, retirou-lhe a capa, e deu-lhe uma delicada dentada... e... ficou chupando a bala de carabina que até hoje conserva em seu escaninho!



Algumas vezes estava dando sua aula de Ciências, usando o quadro negro. Faltou-lhe o apagador. Procurou-o e não o achou. Virou-se para os alunos.

— Vocês têm algum pano para servir de apagador?

Ninguém o tinha. Mas os olhos dos alunos estavam fixos em determinado ponto acima do quadro negro. Sô Arthur seguiu lhes a direção e... lá estava o apagador.

— Vocês estão pensando que sendo nanico não o alcanço? Estão enganados! Olhem!

Puxou a cadeira, subiu e tirou o apagador, mostrando-o, sorrindo aos alunos.

Foi um desabafo para todos!



Mais tarde essa cena se repete. Apagador sumido.

— E agora? Pensam que não sei onde está? É lá em cima como da outra vez! Mas a diferença é que não vou usar cadeira. Vou pular!

— Não pule, professor. - gritou a turma - Não pule!

O pulo estava preparado e foi dado. O apagador apanhado. Mas, na outra ponta do mesmo havia um barbante amarrado. Com um arranco tudo veio abaixo: apagador, barbante e, na ponta deste, um sanhaço morto que, caindo sobre o professor, o encheu de penas!

Silêncio sepulcral na sala. Os alunos apavorados esperando um estouro!

Sô Arthur contemplava o pássaro morto!

Afinal, olhando a turma de frente:

— Coitadinho! Coitadinho do bichinho! Se um grandalhão de vocês batesse neste menor da frente, como merecia ser chamado? Covarde, não é? E vocês mataram o coitadinho tão pequenininho! Talvez os filhotes estejam esperando por ele e os alimentos no ninho! Olhem... os últimos raios de sol estão batendo na janela. Vou colocar o passarinho para se despedir da luz e da vida!

Olhou fixo para os alunos. Todos tinham os olhos marejados de lágrimas!



Quem for a Rodeiro encontrará, na parede, atrás da mesa de nosso herói à sua maneira, uma ótima caricatura retratando-lhe feições e atitudes costumeiras.

— Quem fez aquilo? - perguntei.

— É uma longa estória. - Sô Arthur me respondeu.

— Vamos a ela.

— Você se lembra do tempo em que nosso colégio funcionava no prédio da atual Escola Técnica de Comércio? Foi naquela época. Eu lecionava física, naqueles idos, como sempre gostando de dar minhas aulas andando e percorrendo os corredores das carteiras. Pois foi numa dessas andanças que vi, de relance, um aluno escamotear um papelzinho.

— Deixe-me ver.

— Não é nada, professor.

— Melhor, então, deixai-me ver.

— O senhor não me castigará?

— Não.

O papel veio para minhas mãos.

— E que havia nele?

— Uma miniatura perfeita desta caricatura.

— E você, que fez?

— Parei, olhei para a caricatura e para o aluno. Fiz uma pausa, pigarreei, e, afinal:

— Vou lhe dar um castigo!

— Professor! E a sua palavra que me deu?

— Vou lhe dar um castigo

E o aluno já meio revoltado:

— Professor! É a primeira vez que o vejo faltando à sua palavra! E qual será este castigo?

— Fazer de novo essa caricatura, colorida, para que fique sempre no lugar em que eu trabalhar!

As palavras soaram e... até hoje lá está ela alegrando todos os que a fitam e contemplam.



Rodeiro ficava a dezoito quilômetros de Ubá. Hoje fica a doze quilômetros. O asfalto encurtou a estrada, cortou-lhe as curvas!

Naquela época, quando o tempo era de chuva, era um Deus nos acuda. Atoleiros, carros, juntas de bois para arrancá-los, eram o pão nosso de cada dia!

Daí começaram os apelidos para os carros do Sô Arthur.

No começo era um Ford 29, aberto, devendo muito tempo à aposentadoria. No entanto, todos os dias, às oito da manhã, estava em frente ao Colégio. Os alunos chegavam até a fazer apostas. Deram um apelido ao fordeco. Era o “Jerônimo, o herói do sertão”! O apelido pegou. Um dia, até o juiz de Direito, precisando de um carro, fosse qual fosse, perguntou se o “Jerônimo, o herói do sertão” estava por perto!

E os alunos o empurravam a braço, para outra rua, frente à cadeia para escondê-lo do professor!



Dali partiu uma série de apelidos para os carros do professor. Depois de Jerônimo veio uma baratinha vermelha, também Ford 29. Chamaram-na de “Hermengarda”. Por que? Ninguém sabia. Talvez por parecer com mulher velha.

“Hermengarda” foi vendida. O baixinho de Rodeiro comprou um Jeep. Certa tarde, no caminho para Rodeiro, a barra da direção partiu-se e o carro foi barranco acima. O apelido não se fez esperar: “Lagartixa”! Somente o fusquinha ficou sem batismo.

Tudo isso indica que o espírito alegre do endiabrado Sô Arthur de Rodeiro cativava os alunos, e que era meio caminho andado para o bom resultado nos estudos.



Meus filhinhos!

Esta era uma expressão mais constante na boca do velho mestre.

Um dia foi-lhe perguntado o porquê.

— Ora, é porque gosto muito deles, mesmo quando fazem peraltices.

— Por quê?

— Primeiro, é próprio da idade. Depois... por maiores que forem as peraltices nunca chegarão aos pés das minhas. São anjinhos em face do que fui.

— E quando se excedem e se tornam atrevidos, mal educados?

— Bem, aí eu os chamo de “filhinhos” mas... não digo de quem!



Ainda faltam muitas “atrapalhadas” que mostram como o molequinho goza do carinho de seus diretores e de seus colegas.

Lá vai mais uma.

Uma tarde, o agora velho mestre ia entrando na sala dos professores para merendar.

João batista, Antônio Araújo, José Aldair Mendes e Eudes Campomizzi estavam ferrados numa discussão.

— Pois eu afirmo que pode ler até de cabeça para baixo. - dizia Antônio Araújo.

— Tolice. Quem diz isto não sabe o que faz. - afirmava o Aldair.

Foi aí que Eudes Campomizzi entrou:

— Olhem, o Sô Arthur que sabe tudo, vai acabar com a briga.

— Mas de que se trata?

— Estamos discutindo se aquele que faz curso de leitura dinâmica pode ler ou não de cabeça para baixo e você vai acabar com nossa briga.

Sem esperar resposta, o Eudes e o Antônio Araújo agarraram o baixinho, seguraram-no pelas pernas, puseram-no de cabeça para baixo. Chiquinho Arthidoro abaixou-se com um livro para ser lido.

Sô Arthur não se fez de rogado. Leu com o maior desembaraço.

— Estão vendo! Eu não disse. - sentenciou o João batista - Leu ou não leu de cabeça para baixo?

Todo o professorado presente bateu palmas pela “bela” e irrefutável demonstração.



Finalizando, muito sério, Sô Arthur foi-me dizendo:

— Tudo isso me faz viver apesar das amarguras da vida. E os Diretores? Como me lembro deles todos com saudades para os que se foram, com alegria com os que ainda me dão o prazer da convivência: Dr. João Martins de Oliveira, Dr. Carlos Pereira de Souza, Dr. Gladston de Faria Alvim, Dr. Agenor Barbosa, Professor Manuel Arthidoro de Castro, Dr. José Campomizzi Filho, Professora Stela Brandão Campello, Professor Ulysses Newton de Campos e Dr. Antônio Lisboa Silveira.

E, com voz embargada e olhares perdidos ao longe, foi relembrando alguns colegas mortos:

— Dr. Gldston de Faria Alvim, a retidão e bondade em pessoa, médico dos pobres, sobretudo das criancinhas; Dr. Agenor Barbosa, o homem até hoje pranteado por todos os que o conheceram; o “Risadinha” Antônio Ribeiro Guimarães, sempre alegre e comunicativo; dona Olga Silva Reis, calma, serena, estimadíssima por todos graças a seu trato lhano; dona Irtes Terezinha Lisboa Andrade, a secretária, uma santa em vida e que, nos últimos dias conservava os que iam consolá-la; o querido Geraldo Domingos Penna, porteiro que, tenho certeza, irá nos receber com aquele sorriso e aquela amabilidade inconfundível, nas portas do céu; Dr. Sebastião Lisboa de Andrade, alma de escol e que sabia ser amigo; Dr. Hércio Campomizzi, meu colega na cadeira de Ciências, o homem dos sorrisos cativantes; Dr. Galdino Brandão Alvim de grande cultura; Professor Honório Carneiro, a mansidão estereotipada; Antônio Peluso (o Nico que não era príncipe); Adjalme Carneiro, apóstolo da medicina; Levindo Coelho, que trouxe de Ouro Preto a sede de espalhar o saber; Newton Carneiro, o prosseguidor dos trabalhos de Dr. Fecas; José Augusto de Rezende, outro pai dos enfermos pobres; Professora Leocádia Godinho, a fina poetisa de Ubá; todos, todos tão queridos, tão bem lembrados!

— E da atual direção? - perguntei.

— Devo-lhes tantas e tantas atenções, tantas solitudes comigo tiveram que não há palavras para traduzir minha gratidão: Doutor Antônio Lisboa da Silveira, o homem para as horas difíceis; Professora Sônia Maria Rosa Marcelo e José Bigonha Gazola, regulamentos vivos; José Aldair Mendes, aparentemente explosivo, com bom humor e uma piada na ponta da língua; e, recordando também, Professor Ulysses Newton de Campos, um longo passado vivo de Ubá.

E depois de curta pausa:

— Diretores dessa altura é que fazem o Estadual “Raul Soares” de Ubá ser o que é: um paraíso para nele se trabalhar. É por isso que o considero meu segundo lar!

# A emancipação de Rodeiro (I)

Foi na época do Instituto Propedêutico, cursinho primário de admissão fundado e dirigido por Sô Arthur, em nosso Rodeiro.

Em 1938, a Semana da Pátria foi comemorada com todo o cuidado naquele estabelecimento. No dia 7 de setembro houve uma parada feita com todo o esmero, bem treinada e cuidadosamente realizada. Bandeira Nacional, desfile de alunos, e, como fosse o primeiro desfile escolar talvez realizado na Vila, muito pouca gente apreciando.

Falaram o Diretor, alguns alunos e o alfaiate João Pereira Gonçalves, português de nascimento, porém grande amigo de nosso Rodeiro. Durante seu discurso pronunciou uma frase que ficou gravada na memória do Diretor, Sô Arthur: “Assim como o Brasil se emancipou de Portugal, por que Rodeiro não se emancipa de Ubá?”

A semente germinou e Sô Arthur passou a estudar os meios de fazê-la frutificar.

Já em 1957, fixado em Rodeiro pelo cargo de Escrivão de Paz, o jovem professor estudou a fundo as leis e regulamentos que regiam as emancipações. Comparou a conjuntura rodeirense, de então, com as referidas leis e se pôs em campo para obter os documentos necessários.

Realizado esse intento, provocou uma reunião das pessoas gradas no Cartório de Paz da Vila e lançou oficialmente a ideia. Para realizá-la, era preciso duas coisas: 1ª- os documentos necessários; 2ª- a ação do poder político, indispensável à realização da meta a ser atingida. Foram os dois motivos da reunião. Passemos a transcrever a Ata do evento:

“Aos dois dias do mês de Janeiro de 1958 da Era de Cristo, nesta Vila de Rodeiro, Comarca de Ubá, Estado de Minas Gerais, República dos Estados Unidos do Brasil, no Cartório de Paz desta Vila, à rua Eduardo de Paula Reis, às onze horas, reuniram-se as pessoas gradas da localidade a saber: o vice-prefeito do município de Ubá, o reverendíssimo Pe. José de Andrade Machado, Pároco de Rodeiro, José Jorge, Juiz de Paz do distrito de Rodeiro, Antônio José de Oliveira, sub Delegado de Polícia, Arthur Nunes de

Medeiros, Escrivão de Paz, José de Paiva, Vereador e Vice Presidente da Câmara Municipal de Ubá. José de Filippo, proprietário no distrito, a fim de tratar das providências necessárias para a emancipação do distrito de Rodeiro.

Por aclamação foi eleito presidente de honra da reunião Pe. José de Andrade Machado e presidente efetivo o Vice-Prefeito de Ubá. A seguir, o presidente da reunião convidou o professor Arthur Nunes de Medeiros para ler o texto da Lei, detalhando o mais importante, ou seja: população mínima de dez mil habitantes; duzentos prédios com capacidade para Prefeitura Municipal, para Centro de Saúde e para Matadouro. Aparteado pelo Sr. José Jorge se tínhamos essa capacidade mínima para emancipação, o professor que, particularmente já havia tomado as informações necessárias, nas fontes oficiais e havia constatado, tanto na Agência Municipal de Estatística, como na prefeitura de Ubá, que possuíamos população e mínimo de casas e renda municipal acima do mínimo exigido pela Lei. O senhor Antônio José de Oliveira perguntou qual era essa renda municipal mínima e foi-lhe respondido que é de cem mil cruzeiros. Quanto às outras exigências todos os presentes sabiam que as possuíamos. Depois dessa exposição o senhor presidente deixou livre a palavra. O senhor José de Paiva propôs então que os presentes dessem autorização ao presidente para efetuar as providências necessárias para obtenção oficial dos documentos exigidos por lei e tomasse todas as providências necessárias para a obtenção da emancipação de Rodeiro, inclusive constituir Procurador em Belo Horizonte para encaminhar e acompanhar o respectivo processo em todos os seus trâmites e com todos os poderes que se fizeram necessários. O professor Arthur Nunes de Medeiros propôs que esse Procurador fosse o Dr. Paulo de Paula Reis, filho de Rodeiro e grande amigo de sua terra natal. O senhor presidente aceitou a incumbência que lhe foi conferida e pediu a cooperação de todos os presentes e, em especial, do professor Arthur Nunes de Medeiros, para que sua tarefa fosse coroada de êxito. Congratulou-se com os presentes pelo entusiasmo com que acolheram a ideia da emancipação de Rodeiro e estava certo de que, com o amor pela sua terra natal demonstrado por todos os presentes, Rodeiro, com a proteção de Deus e de seu glorioso São Sebastião, honraria nosso Estado e nosso Brasil. Nada mais havendo a tratar, encerrou-se a reunião e, pelo Sr. Presidente foi mandado lavrar esta ata que vai por ele e por todos os presentes, assinada e por mim, secretário, subscrita. Seguem

as assinaturas do pároco de Rodeiro, do Vice-prefeito de Ubá, do Juiz de Paz de Rodeiro, do vereador e Vice Prefeito da Câmara de Ubá e pelo professor secretário da reunião.”



Resumindo: João Pereira Gonçalves lançou a ideia. Sô Arthur a enquadrou na Lei e a entregou no poder político para que a realizasse.

## Emancipação de Rodeiro (2)

Na primeira parte, vimos as duas primeiras fases dos trabalhos para a emancipação de Rodeiro.

A terceira e última fase, a que dependia do poder político, foi entregue ao então Vice Prefeito de Ubá, conforme observamos na Ata anteriormente transcrita.

Essa etapa foi conduzida a contento e dela saiu o resultado final dos trabalhos empreendidos para a obtenção da meta final, concretizada pela Lei nº 2.764 de 30 de dezembro de 1962, que criou o município de Rodeiro.

A 1º de março de 1963 foi solenemente instalado o novo município conforme Ata que passamos a transcrever:

“A 1º de março de 1963, no Edifício da Prefeitura, sob a presidência do senhor João Gomes Pereira, Intendente, na conformidade com as disposições a respeito, reuniram-se, em seção solene, as autoridades e pessoas gradas com numerosa assistência popular, para o fim de proceder a instalação do município de Rodeiro, criados nos termos da Lei nº 2.764 de 30 de dezembro de 1962, com jurisdições que tem por sede esta localidade que ora recebe os foros de cidade.

Aberta a sessão pelo senhor Presidente, convidados todos os presentes a aplaudir os membros chamados para constituir a mesa: e representante do Exmº. Sr. Governador de Estado, o Dr. Ary Gonçalves; o sub-delegado de polícia, Obde Braz de Oliveira, o Juiz de Paz em exercício Heitor Augusto Mariano, e Escrivão de Paz, Arthur Nunes de Medeiros, os vereadores Nicolino De Fillippo, Paulo Contin, Armando Bigonha; o representante do distrito de Diamante de Ubá, Mario Calçado, o representante da lavoura Olívio Contin. Para secretário da reunião foi designado o professor Arthur Nunes de Medeiros. A seguir, todos os presentes de pé, o senhor Intendente pronunciou, em voz clara e pausadas as seguintes palavras: “Em virtude dos poderes que me foram conferidos e outorgados, declaro instalado o município de Rodeiro, com jurisdição sobre as circunscrições que têm por sede esta localidade que ora recebe os foros de cidade, com a competência e atribuições que a Lei lhe confere e determina”. Sentando-se, a seguir, a mesa e a assistência, o senhor presidente deu a palavra ao representante do

senhor Governador, o Vereador Nicolino De Filippo e ao professor Arthur Nunes de Medeiros que enalteceram o significado da solenidade histórica de Rodeiro, e conclamaram todos a uma grande e sólida união para o progresso e futuro brilhante do recém-criado município. Afinal o senhor Presidente, no mesmo sentido, usou da palavra, delineando também seu plano de governo. A seguir o senhor presidente pediu à senhora Luiza Teixeira Cancela, representante das professoras, a descerrar o véu que encobria a imagem de Jesus Crucificado que, assim ficou entronizada na Prefeitura de Rodeiro. Ninguém mais fazendo uso da palavra, o senhor presidente declarou encerrada a sessão, convidando os presentes a ouvirem a leitura desta Ata que foi assinada pelo senhor presidente e pelas demais autoridades presentes. E eu, Arthur Nunes de Medeiros, secretário “ad-hoc” escrevi a presente Ata e a li no término da sessão cuja realização aqui se registra. aa) – João Gomes Pereira, Ary Gonçalves, o secretário Arthur Nunes de Medeiros, Heitor Augusto Mariano, Paulo Contin, Armando Bigonha, Obde Braz de Oliveira, Nicolino De Filippo, Mario Calçado, Bruno Espíndola Gomes, José Teixeira de Abreu Sobrinho, Luiza Teixeira Cancellata, Itacy Tavares Pereira, João Batista Costa, Geraldo Bicalho Calçado, Sinval Raimundo da Silva, Flávio Alencar Teixeira Cancela, José Luiz de Almeida, Mario Rocha Rodrigues, Meridio Ferrari, João batista Rodrigues, José da Silva Paschoalino, José Ferreira Costa, Vicente Fernandes Volpato, José Saturnino da Silva, Camilo da Silva, Lourival de Oliveira, Eugênio Juste, Antônio Gomes Pinto, Manoel Rodrigues do Carmo e mais duas assinaturas ilegíveis.”

Para encerrar o histórico da emancipação de nossa terra, transcrevemos, da Lei nº 2.763 de 30-12-1962, os **LIMITES DO MUNICÍPIO DE RODEIRO:**

Com o município de Ubá:

Começa no divisor da vertente da margem direita do córrego da Cachoeira, no ponto fronteiro à cachoeira do córrego do Paiol, segue pelo divisor de águas entre o rio Xopotó e o córrego do Diamante até o alto próximo à cachoeira do córrego de Água Limpa e próximo à fazenda do Tanque Grande, segue pelo divisor de águas entre o ribeirão de São Pedro e córrego da Água Limpa e depois por um espigão secundário atinge o ribeirão de Ubá na foz do ribeirão de São Pedro.

Com o município de Guidoal:

Começa no ribeirão de Ubá na foz do ribeirão de São Pedro, desce por aquele ribeirão até sua foz no rio Chopotó; desce por este rio até a foz do córrego das Três Cachoeiras.

Com o município de Astolfo Dutra:

Começa no rio Chopotó, na foz do córrego das Três Cachoeiras, continua pelo divisor da vertente da margem direita do córrego das Três Cachoeiras até a serra do Capitão Roberto, segue por esta serra e depois divisor da vertente da margem direita do córrego de Cachoeira até defronte a cabeceira do córrego do Paiol.

# Começo de vida nova

Pela Lei que criou o município de Rodeiro, o primeiro governante devia tomar, como de fato tomou, o título de Intendente Municipal.

Por ato do Governador Magalhães Pinto, foi nomeado para o cargo o cidadão João Gomes Pereira, o nosso conhecido João Berto.

Descendente do Comendador Antônio Gomes, nascido e criado em nosso meio rural, de espírito comunitário muito acentuado, cedo se ligou ao pessoal da ACAR e com eles trabalhou intensamente dando-lhes todo o apoio e chegando até a criar e edificar um Centro Cívico Rural, amplo e funcional e que, infelizmente, com a ida de João Berto para Ubá, depois de seu governo, cessou de funcionar.

O medo de cuidar do solo e do terreno mais produtivo graças à orientação da ACAR, do Dr. Walter Henrique Furtado e do Intendente, muito beneficiou os agricultores da região.

Tomando posse a primeiro de março de 1963, o Intendente João Berto enfrentou um dos períodos mais difíceis que é o da organização de uma prefeitura partindo da estaca zero. Mesmo assim saiu-se muito bem e, seis meses depois, entregou o governo ao seu sucessor, o primeiro prefeito eleito.



Escolhido por eleição direta, tomou posse o agricultor José Francisco Paschoalino, homem pacato, atencioso, delicado, que, ao todo governou apenas cerca de um ano, seis meses no começo e seis meses no final do mandato.

O restante do seu período governamental foi ocupado por outro agricultor, profundo conhecedor de nossos problemas e que tudo fez, apesar das dificuldades do exíguo orçamento, para dar a Rodeiro melhores condições para conseguir sair do marasmo em que nos encontrávamos e para abrir caminho para o futuro.

Seus primeiros cuidados foram voltados para cuidar das estradas. Sem material adequado, colocou sua caminhoneta a serviço da Prefeitura.

Sem recursos para adquirir ou alugar tratores possantes durante todo o seu governo, deixou as estradas pelo menos carroçáveis graças a um pequeno

trator que Paulo Queiroz, a preço médio, colocou à sua disposição.

No entanto, a maior glória do governo de José de Paiva, o que fez o embasamento para a possibilidade de progresso de Rodeiro, foi a criação de um ginásio que viesse a servir à população menos favorecida do município.

Com a volta do Sô Arthur que acabara de fazer um estágio de dois anos na Fundação Getúlio Vargas em Nova Friburgo, José de Paiva deu-lhe todo o apoio no empreendimento, entrou em contato com a CNEC e dela obteve, por intermédio de Dr. Geraldo Martins da Silveira, a encampação como sociedade mantenedora do ginásio para nossa terra.

Criou-se, então, o primeiro Setor Local em concorrida reunião num dos salões do Grupo Escolar “Padre Lourenço Musacchio”, cabendo a presidência do mesmo ao venerando Prefeito José de Paiva.

Custou-lhe caro a instalação desse abençoado ginásio que levas e levas de alunos levou à obtenção do certificado de conclusão do curso ginásial.

Os mandantes do lugar, enciumados por não ter partido deles a iniciativa, marginalizaram o benemérito prefeito que nunca mais conseguiu, por este enorme benefício prestado a Rodeiro, tomar pé no setor político dominante.

# Uma tragédia que deixou trauma

MARCIO NICOLATO

O sábado amanhecera ensolarado e a alegria exsudava de todos os recantos da natureza. Era dia 11 de dezembro de 1971.

A casa de Orlando Juste e de dona Maria Bassotto Juste, na Serra da Boa Esperança, amanhecera em grande atividade. Ia se casar um de seus filhos, Luiz Gonzaga Juste, alegre e folgazão com a senhorita Cecília Teixeira Ervilha. Também era dia do aniversário de um dos genros, Antônio Fernando Schiavon.

Leitoas, galinhas, patos, frangos eram sacrificados aos montes. De Rodeiro subiam engradados e mais engradados de bebidas e refrigerantes. Um verdadeiro “pagode” no linguajar antigo de Rodeiro.

Pela volta do dia, os convidados compareceram em massa. Comeram, cantaram, brincaram, e, sobretudo, beberam.

Orlando foi sempre aquele formidável anfitrião que todos conhecemos.

Acabado o banquete, todos foram procurando o caminho de Rodeiro onde ia se realizar o “casório”. Todos ou quase todos estavam bastante “alegres” pelas bebidas que correram a rodo. Mal sabia eles a tragédia que os esperava!

Mauri Nicolato, rapaz alegre e estuante de mocidade, sentara-se em um dos bancos do jardim da Praça São Sebastião, fronteiro à igreja matriz, e mandara um garoto engraxar-lhe os sapatos, o que é proibido pelas autoridades locais.

Foi então que o jardineiro da Prefeitura, Valdemiro, se aproximou e intimou o engraxate a se retirar.

Mauri ponderou, pedindo, por favor, que deixasse o garoto acabar o trabalho que já estava quase terminando.

— Ou cai fora agora mesmo, ou eu chamo a polícia. - foi a réplica brutal do jardineiro.

Por falta de sorte, o soldado Lomeu estava perto e já tinha “um cravo encostado” contra o Mauri. Ambos, em briga anterior, tinham chegado às

vias de fato.

Lomeu, de cassetete em punho, avançou contra Mauri, agredindo-o a bordoadas.

Mauri reagiu a cabeçadas chegando a derrubar o militar. Foi então que a turma do “deixa disto” entrou em cena e apartou os dois.

Momentos depois, o pai de Mauri, chefe político do lugar, procurou Lomeu para se queixar da maneira com que tratara o filho.

— Muitos anos eu mandei aqui e não deixei espancar ninguém. E agora, é logo meu filho que você espanca em público!

O povo do lugar, movido por curiosidade natural, querendo ouvir o chefe tirar satisfações com o militar, foi se aproximando dos dois. Nessa altura, Marcio Nicolato, irmão de Mauri temendo que o pai ou irmão se tornassem vítima de Lomeu, deixou o jantar de seu aniversário na mesa e correu para ver o que estava se passando.

O soldado Lomeu vendo o povo se aglomerar, temeu uma agressão e foi logo advertindo:

— Eu respeito seus cabelos brancos, chefe. Mas (apontando para os curiosos que se aglomeravam apertando o cerco) aqui não há homem para mim!

— Deixa de bobagem, Lomeu. - falou um dos expectadores, José Pacheco Tavares - Você não é de briga! Eu sei que você não é capaz de atirar aqui. - e abriu a camisa, mostrando o peito.

Lomeu, num gesto inesperado sacou a arma e atirou firme, ferindo o rapaz perto do coração.

Foi um corre-corre geral. O soldado apavorado, de arma em punho passou a atirar a esmo sobre a multidão. Márcio Nicolato chegou naquele momento, correndo em defesa do pai. Ficara entre os primeiros da multidão e recebeu quatro tiros: um perto do externo-clídeo-mastoide e três no peito (nos pulmões junto ao coração). Outro tiro feriu Altamiro Campos (o Taí), na barriga quando o mesmo se achava perto da venda de Sebastião DalSasso. Outro foi ferir um menino de nome José Guide Teixeira, filho de um meu dileto amigo João Teixeira de Abreu, proprietário da situação que foi de Salvador Vital, um homem de alto conceito em Rodeiro.

Por detrás da multidão um outro praça, Jarbas, sacando o revólver, abriu fogo sobre Marcio pelas costas, completando os cinco tiros de que foi vítima.

Conforme pude constatar, dezoito dias depois, na autópsia feita em Marcio, no Cemitério de Rodeiro, foi esta quinta bala que penetrou pelas costas que foi a causa-mortis de Marcio Nicolato. Dos cinco tiros, este foi o que atingiu o ponto mais perigoso e fatal.

Márcio caíra com dez perfurações de balas no corpo: cinco penetrantes e cinco como saída depois de varar-lhe o corpo.

Caído no local, foi socorrido a toda a pressa e levado para o hospital São Vicente, em Ubá, onde faleceu ao dar entrada.

Sua morte foi uma tragédia que deixou trauma, marca profunda durante muitos anos na população de Rodeiro.

Os assassinos foram condenados a dezoito anos de prisão, cada um.

# Sô Arthur no ensino em Rodeiro

Já vimos que, desde os primórdios de Rodeiro cuidou-se do ensino naquele torrão bendito.

Abnegados mestre-escolas se fixavam nas fazendas para transmitir ao povo rural os rudimentos de instrução que possuíam a troco de comida, cama e roupa lavada.

Tudo fazia para que seus alunos aprendessem a ler, escrever e contar. Até bem pouco tempo era comum ouvir-se pessoas afirmar com orgulho: “Estive apenas três meses na escola e ali aprendi o suficiente para lidar com a vida!”

Depois vieram professores mais capacitados como Eliza Campos, Eliza e Raimunda Noé, Pedro Ministério, Leopoldo Araújo, Paulino Silva, Maria Helena de Brito, Maria Erondina, Oraide Figueiredo (dona Nhazinha) e a famosa dona Maria Rosa de Jesus, conhecida como dona Mariquinhas do Juca dos Santos e tratada carinhosamente por Momestra por seus alunos das Fazendas do Bonsucesso dos Tavares do Córrego São Pedro, de Camilo Silva.

A propósito, foi Momestra que desbravou a selva bravia da inteligência do nosso Sô Arthur, moleque irrequieto, endiabrado e encapetado que ainda costumava se vangloriar: “Eu só fazia uma arte por dia; começava de manhã e acabava de tarde. Só apanhava uma coça ou tunda por dia; começava de manhã e acabava de tarde”! Durante 5 anos não conseguiu sair do primeiro livro de Felisberto de Carvalho (1º ano). No capítulo “A Espanhola em Rodeiro” vimos como em poucos meses de escola na Fazenda Bom Sucesso, Momestre abriu-lhe a inteligência a ponto de, no ano seguinte conseguir matricular-se no quarto ano da Escola Pública.

Não podemos deixar no esquecimento os nomes de Manoel Gregório, Sô Heitor e sua mulher dona Piteta, Manoel Paulino de Assunção. Pena é que muitos outros tenham seus nomes apagados pela fumaça dos tempos.

Com a passagem de Rodeiro a distrito, criou-se uma escola pública com duas classes de rapazes e outra de meninas. Os primeiros professores mantidos pelo governo foram Randolfo Gomes Pereira, dona Alice Perilo e dona Pepita Hipólito, ambas ainda vivas. Merece menção honrosa dona

Alice Perilo por ter suportado com paciência evangélica o encapetado Sô Arthur.



Passaram-se os anos. Sô Arthur fora estudar com os irmãos Maristas, em Mendes, graças ao empenho do saudoso padre Lourenço Musacchio. Ali concluíra os cursos então existentes para o magistério, em 1927, e voltara como professor cômico de seus deveres de educador.

Por diversos lugares ministrou aulas com esmero e hoje, o Dr. Geraldo Martins da Silveira e tantos outros, altamente colocados nos escalões da vida, ainda se lembram de suas movimentadas e alegres aulas.

Mas voltemos os olhos para sua ação em Rodeiro.

Em 1938 fundou o Instituto Propedêutico que deixou saudades na lembrança de seus alunos. Ele, José Sergio de Araújo, Flávio Marlière, seu irmão, Maria José de Araújo, hoje esposa de Niceias Domingos da Silva, o homem de confiança de José Bernardes Ferreira, que financiou o alambrado para o campo do Espartano, a monumental reforma da igreja matriz e conseguiu uma ambulância para os doentes de Rodeiro, e Esmeralda Belo, hoje residente em Cataguases, pessoa de fino trato e grande amiga de Rodeiro trabalharam com afinco no embasamento de um futuro ginásio para nossa terra.

O Instituto Propedêutico, por conjunturas especiais teve que cerrar suas portas, mas deixou lançadas as sementes de um futuro mais radiante para o ensino em Rodeiro.

O segundo avanço para a fundação do ginásio foi realizado por nosso batalhador, com a fundação, mais tarde, do Instituto Padre Lourenço Musacchio (curso de admissão). Um ano inteiro de lutas de árduos trabalhos, de aulas muito bem preparadas e ministradas pelo jovem mestre, foi concluído com a aprovação de uma brilhante turma de cinquenta e dois alunos, destacando-se entre muitos esforçados Laci Tavares Pereira, hoje funcionário do INPS.

Foi então lançada a ideia da criação de um curso do tipo art. 91 (ginásio em dois anos para maiores de dezoito anos). Feito este curso e prestado exames nos Colégios estaduais designados pelo governo, uma vez aprovados, os alunos teriam em mãos os certificados oficiais, válidos perante as leis.

No entanto, forças adversas, incompreensões, ignorância de que seriam os exames pelo art. 91, as descrenças mataram a ideia. Apenas quatro alunos se matricularam no curso em projeto!



A seguir, no Rio de Janeiro onde trabalhava no antigo Departamento Nacional do Café, Sô Arthur conseguiu que o Dr. Camilo Nogueira da Gama se interessasse na criação de um ginásio comercial do SESC em Rodeiro. Os mínimos detalhes, inclusive até o sobrado que fora de João Dias Fróes, na esquina do largo de São Sebastião, e o mobiliário completo, carteiras, etc. entraram em cogitação e estudos.

As mesmas forças adversas que derrubaram no nascedouro o ginásio tipo art. 91, mais uma vez, prejudicaram Rodeiro derrubando o ginásio do SESC sob o pretexto que aqui era zona rural e os alunos, terminando o curso primário, voltavam era para a enxada!



Em 1965, depois de um estágio de dois anos na Fundação Getúlio Vargas em Nova Friburgo, Sô Arthur voltou resolvido a concretizar seu ideal de um ginásio em Rodeiro.

Fundou o Curso de Admissão “Nossa Senhora de Fátima” que dirigiu dentro dos moldes da futura Lei 5.692, que viria lançar as bases do ensino atual no Brasil. Iria por em prática os conhecimentos que aprendera no estágio na Fundação: estudos dirigidos, verificações de sondagens e de aprendizagens, dramatização em classe, leitura nos moldes modernos ministrada com apresentações obtidas com gravações feitas pelos alunos, enfim, o que havia de melhor no ensino.

— Foi o melhor curso que ministrei. - costuma afirmar o velho mestre.

Em 13 de dezembro de 1965, deu entrada nos papéis para a criação do ginásio que se chamaria “João Leonardo da Silveira” como gratidão para com o Dr. Geraldo Martins da Silveira, filho do homenageado e incansável patrocinador da obra.

Em 26 de janeiro de 1966, o ginásio comercial insipiente foi encaminhado pela atual CNEC (Companha Nacional de Escolas da

Comunidade) em memorável reunião em que ficou fundado o primeiro Setor Local da Instituição, estando presentes altas autarquias do CNEC.

Em primeiro de março de 1966, foi oficialmente inaugurado o estabelecimento de ensino, autorizado pela Portaria nº 295 do MEC.

Necessário se torna ressaltar o grande auxílio prestado pelo Inspetor Regional de Ensino Comercial de Juiz de Fora, professor Júlio Camargo com suas orientações e atos de que resultou na corporificação do ideal. A ele, às suas dignas e eficientes colaboradoras da Inspetoria, à CNEC incansável em nos dar cobertura nos momentos de dificuldades e ao Dr. Geraldo Martins da Silveira, pedra angular do estabelecimento, a eterna gratidão de Rodeiro.

A consolidação do Ginásio Comercial “João Leonardo da Silveira”, velho e sempre acalentado sonho do nosso Sô Arthur, foi feita pela publicação de seu reconhecimento definitivo pela Portaria 338/74 de 15 de janeiro de 1974, Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais.



Entretanto Sô Arthur, o fundador do Ginásio, verificou que seu trabalho podia prejudicar os alunos deixando-os, em meio do caminho, com um certificado sem direito a uma profissão definida.

Idealizou a fundação de uma Escola Normal em Rodeiro.

A tarefa era hercúlea para um município de baixa renda. Mas, graças à interferência do deputado Geraldo Martins da Silveira, ao grande empenho da CNEC, o empreendimento foi levado a bom término e o Colégio Normal “Raul Alves Ferreira” foi autorizado a funcionar pela Portaria 136/70 de 15 de abril de 1970.

A alegria do triunfo da ideia foi muito empanada pela morte de dona Ruth Pinheiro Alves de Medeiros, companheira dedicada de nosso esforço mestre e seu braço direito nas lutas pela instrução da mocidade rodeirense, colhida pela fatalidade em 20 de abril de 1970.

Com muita coragem, os obstáculos foram superados e a Escola Normal (Formação de Professores) lançou e continua lançando cada ano, turmas de eméritas batalhadoras da educação e de ensino.

Pela Portaria 398/76, o curso normal foi também reconhecido e consolidado em Rodeiro, mercê de Deus.

No entanto, havia duas denominações para dois ramos de ensino, ginásial – “João Leonardo da Silveira”, e normal – “Raul Alves Ferreira, ambos na mesma localidade e mantidos pela mesma entidade.

De acordo com a Lei 5.692 e as resoluções do governo, os nomes tinham que se fundir num só e ficou o mais antigo “João Leonardo da Silveira”, 1º e 2º Graus.



Hoje, o antigo peralta e endiabrado Sô Arthur pode se ufanar de ter cumprido sua missão. Levas e maisavas de alunos formados no Magistério, nas Ciências Contábeis, no ramo Agrícola técnico e superior, honram sua terra natal, alguns deles com cursos pós-graduatórios.

# Templo de cultura em Rodeiro

No dia primeiro de março de 1966, conforme já vimos, o Ginásio Comercial “João Leonardo da Silveira” foi solenemente inaugurado e instalado no prédio do Grupo Escolar “Pe. Lourenço Musacchio”, em Rodeiro, assinado o termo de compromisso de zelar pelo prédio, exigido pelo convênio entre Estado e CNEC. Este termo existe no arquivo da CNEC em Rodeiro.

Entretanto, alguém despeitado ou mal intencionado com o processo que o ginásio representava para Rodeiro, malevolamente informou à Secretaria da Educação sobre a utilização do prédio da CNEC. Em abril, disse, o ginásio estava prejudicando as matrículas do primário, matrículas estas que já tinham sido encerradas em fevereiro, deixando até uma sala vaga à disposição do Grupo.

Foi quando, em 11 de abril de 1967, conforme Ofício de arquivo da CNRC, o professor Levindo Furquim Lambert, chefe do Departamento de Ensino Primário de Minas Gerais, mandou que fosse desocupada todas as salas pelo ginásio o mais depressa possível, baseado na falsa informação prestada.

A Diretoria do ginásio apelou para o mesmo professor Lambert, esclarecendo o equívoco causado pelo malévolo informante e provando a realidade dos fatos.

Tomando conhecimento de apelo e das razões apresentadas, em 25 de abril de 1967, o eminente Chefe do Departamento do Ensino Primário enviou uma contraordem tornando sem efeito o ofício anterior, graças à interferência do Dr. Geraldo Martins da Silveira.

Estava salvo o ginásio e o sonho de Sô Arthur, porque a cidade não tinha outro prédio com as condições exigidas.

Sô Arthur não dormiu sobre os louros dessa vitória. Outras medidas, em futuro próximo, poderiam acarretar o fechamento daquele estabelecimento de ensino por falta de prédio.

O Dr. Geraldo Martins da Silveira e o incansável fundador do ginásio puseram-se em campo para obter um terreno onde pudessem erigir um prédio de acordo com as exigências do Ministério da Educação.

Primeiro voltaram as visitas para o morro do Rosário, pertencente à Cúria Metropolitana de Leopoldina. O lugar era ideal pela vista panorâmica que oferecia e o sossego próprio para um estabelecimento de ensino.

O Bispo de Leopoldina, Dom Geraldo Reis colocou o morro em haste pública. A CNEC só poderia perder face a outros concorrentes mais fortes. Desistiu.

As vistas dos batalhadores pró-ginásio voltaram-se para os terrenos da Conferência de São Vicente em Rodeiro. Não puderam ir avante porque a Escritura de origem era do tipo “não-morta”; não podiam os terrenos ser vendidos.

Lourival de Oliveira, grande amigo do ginásio colocou um terreno que possui no morro do Cruzeiro à disposição da CNEC. Infelizmente o terreno era alto demais e oferecia perigo nas saídas das aulas, por alunos a correr numa grande e soberba escadaria que ligava o terreno à praça São Sebastião.

As dificuldades pareciam intransponíveis. Foi quando o grande sonhador e idealizador do ginásio, Sô Arthur, se dispôs a oferecer gratuitamente a metade da chácara que comprara da viúva do Francisco Gomes de Oliveira, dona Mariquinhas. A Escritura foi passada em Rodeiro em 18 de junho de 1967.

Foi uma apoteose entre os amigos verdadeiros de Rodeiro!

Agora faltava o pior: a construção do prédio partindo da estaca zero em matéria de finanças. Esforços não foram medidos. Região pobre, a comunidade não comportava grandes ofertas, grandes dádivas para a construção.

Mais uma vez o Dr. Geraldo Martins da Silveira, então deputado, apresentou-se em socorrer o empreendimento. Enquanto a comunidade só pode concorrer com cerca de cinco mil cruzeiros (atuais) o grande benfeitor Dr. Geraldo Martins da Silveira, por intermédio da Loteria Estadual e da Secretaria da Educação, concorreu com cerca de sessenta e dois mil cruzeiros!

A pedra fundamental lançada pelo saudoso professor Helvécio Dahe, Administrador da CNEC que veio de Belo Horizonte a Rodeiro, especialmente para esse fim, e, 7 de setembro de 1968, sob intenso regozijo dos mestres, alunos e verdadeiros amigos de nossa terra. Pela primeira vez desfilou pelas ruas da nossa cidade uma “marche aux flambeaux”!

Mais tarde, Itagiba Eduardo Corrêa e sua esposa, dona Maria Aparecida dos Santos Corrêa, honrando dignamente suas promessas anteriores, doaram, também à CNEC um terreno medindo cerca de oitocentos metros quadrados. Gesto nobre e dignificante que proporcionou à mocidade rodeirense a construção de um Ranchinho para bailes e diversões. A respectiva Escritura foi passada em Rodeiro em 15 de outubro de 1975.

Daí partiu a grande odisséia para a construção do prédio: plantas, terraplanagem, aterros, nivelamentos, alicerces, paredes, ferragens, cimento, areia, laje (feita em mutirão com alunos e voluntários), transportes, tudo partindo de uma falta total de dinheiro para as mínimas dificuldades.

Em primeiro de março de 1970, com as paredes sem reboco e sem pintura, o chão apenas cimentado, as janelas sem vidros, o prédio passou a abrigar os alunos nas horas de aulas e estudo.

Aos poucos, o ginásio e o normal nele funcionando, as demais acomodações foram construídas e o acabamento, inclusive com lindos e modernos balaústres, foram terminados, surgindo o formidável “Palácio da Cultura”, honra e glória de nosso querido Rodeiro.

Sua inauguração realizou-se com a maior pompa e presença do homenageado-mor, Dr. Geraldo Martins da Silveira, do representante do Vice-Governador do Estado, Dr. Ozanam Coelho e do representante do Secretário da Educação de Minas Gerais, da nossa grande benfeitora, a CNEC, com luzidia caravana chefiada pelo Major Salvador Teodorico de Carvalho, Administrador Regional da Campanha.

Foi um dia de glória para nossa cidade. Foi um dia de maior euforia para o grande sonhador do progresso de nossa terra, Sô Arthur de Rodeiro!

# Uma plêiade de moços ilustres

O nosso Rodeiro, pequenino e modesto, tem dado ao Brasil uma plêiade de moços que vem cooperando brilhantemente para o engrandecimento do país. Citemos alguns deles que mais se têm destacados.

**CARLOS EUGÊNIO MARTINS**, engenheiro agrônomo e “Magister Scientiae” pela Universidade de Viçosa, trabalha com êxito e afinco na EMBRAPA, em Coronel Pacheco.

**CAULE JOSÉ MARTINS**, engenheiro agrônomo, e **CLAUDIO AFONSO MARTINS**, tecnólogo em laticínios, ambas otimamente colocados em Barra das Garças, no Estado de Mato Grosso do Norte. O pai destes três jovens, Agnelo Martins de Paula, bem como a mãe, Maria Tereza Nicolato Martins e uma tia, Olga Nicolato, ex-Diretora do Grupo Escolar “Padre Lourenço Musacchio” merecem uma citação pelos esforços e sacrifícios que fizeram para a formação destes rapazes. É preciso não esquecer um dos filhos das primeiras núpcias de Agnelo, **CELSO MARTINS DE PAULA** que reside em São Paulo, onde vem granjeando ótimas amizades e vai progredindo brilhantemente em seus empreendimentos.

**JOÃO DA MATA RODRIGUES**, filho de Juarez Rodrigues a quem já fizemos referências neste livro, formou-se em Administração de Empresas no Centro Superior de Ciências Sociais na Vila Velha, no Espírito Santo.

**JOSÉ CÉLIO DE AZEVEDO**, filho de José de Azevedo Juste, um dos sustentáculos de Rodeiro pela lisura de sua conduta, alto crédito e conceito social, é formado em zootecnia pela Universidade Federal de Viçosa.

**JOSÉ DE ANDRADE**, filho de Sebastião de Andrade, um dos grandes amigos da Escola da Comunidade “João Leonardo da Silveira” de Rodeiro, é formado em Engenharia Florestal pela Universidade Federal de Viçosa.

**MÁRIO DE ANDRADE**, irmão de José de Andrade que, antes mesmo de terminar a Faculdade demonstrou ser um grande professor, em potencial, de matemática.

**JOSÉ PEREIRA PAIVA**, brilhante aluno do Ginásio de Rodeiro, filho de João Pereira da Silva, resolvendo brilhantemente as tarefas que lhe foram

confiadas, formou-se na Faculdade de Ciências Contábeis e Administrativas de Visconde do Rio Branco.

**SEBASTIÃO TAVARES PEREIRA**, filho de Daniel Pereira da Silva, brilhante aluno em nosso Ginásio e consciencioso cumpridor dos deveres dos cargos que ocupou e ocupa, formou-se em Administração de Empresa.

**RUI PEREIRA TAVARES**, irmão do precedente e, como ele, nosso ex-aluno, fez brilhantemente o curso para Oficial da Polícia Militar Mineira e hoje ocupa o posto de tenente.

Entre os médicos filhos de Rodeiro temos a mencionar os doutores:

**RAFAEL DE FILIPPO, NICOLA DE FILIPPO E GERALDO DE FILIPPO**, filhos do inesquecível José De Filippo, grande amigo de Rodeiro.

**MAURI BICALHO AZEVEDO**, filho de Osanan Alves Azevedo, grande ruralista em nosso município.

**ADEMIR DA SILVA**, filho de João Eduardo da Silva, esforçado comerciante de produtos avícolas, seu curso na Universidade Federal de Juiz de Fora foi feito sob a égide da família de Eduardo de Paula Reis.

**JOÃO BATISTA ROCHA**, filho de Antônio de Oliveira Rocha, é emérito professor pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

**SINVAL VIEIRA**, advogado e farmacêutico, já falecido, filho de um dos primeiros batalhadores pelo progresso de Rodeiro, José Augusto Vieira, lutou brilhantemente em nosso meio e foi prefeito de Iconha, Espírito Santo.

**JOÃO CORRÊA BARBOSA FILHO e ALFREDO PEREIRA DA SILVA**, já falecidos, farmacêuticos formados pela Universidade do Rio de Janeiro e que grandes benefícios prestaram a Rodeiro.

**JOÃO EVANGELISTA DE PAULA REIS**, com brilhante curso de Bioquímica na Universidade Federal de Juiz de Fora, filho do saudoso Eduardo de Paula Reis um dos grandes mentores de nosso município.

Monsenhor **IBRAIM CAPUTO**, pároco inamovível de Guarani, filho de Miguel Caputo, um dos que se beneficiaram da ajuda do padre Lourenço Musacchio, bem como os padres **FRANCISCO VITAL e SEBASTIÃO CORRÊA JORGE**, este último com brilhante curso no Pontifício Colégio Pio Brasileiro.

**Dr. JOSÉ SÉRGIO DE ARAÚJO FLÁVIO MARLIÈRE**, advogado, contador, bacharel em Ciências Econômicas e que ocupou, com rara

eficiência, o cargo de Inspetor Geral do Ministério do Comércio e Indústria em Brasília; já falecido.

**ROBERTO DE OLIVEIRA ROCHA**, bioquímico pela Universidade Federal de Juiz de Fora, filho de Antônio Roberto Ribeiro da Rocha.

**GILBERTO TEIXEIRA DA ROCHA**, eletrotécnico de nomeada, filho de Antônio de Oliveira Rocha.

**JOSÉ BERNARDES FERREIRA**, um dos Diretores do Banco Nacional do qual é uma das colunas mestras e já largamente retratada em nosso livro, filho de Raul Alves Ferreira.

**ORLANDO ALOÍSIO JUSTE**, filho de Orlando Juste de quem já fizemos referência, ex-aluno brilhante de nosso ginásio. Técnico Agrícola formado pelo Colégio Agrícola do Rio Pomba, exerce sua profissão respondendo pelas fazendas da Usina Açucareira de Astolfo Dutra.

Outro filho que muito honrou e honra nossa terra é o major reformado do exército, **JOSÉ VIEIRA SOBRINHO**. Amigão de todas as horas, culto, com ótimo lastro de matemática militar, espírito sadio e alegre, deixa em todos os que dele se aproximam uma aura de alegria e satisfação.

**ANDRÉ RUBINICH**, formado em Ciências Contábeis, Administração e Economia.

**GEORGE RUBINICH**, formado em medicina veterinária, com curso pós-graduatório na Unge Hjemts Hojskole da Dinamarca, participante do congresso na Argentina e Coordenador de Veterinária na UFMG.

**Dr. GERALDO JORGE CORRÊA**, formado em cirurgia odontológica.

**MARIA DE FÁTIMA JORGE CORRÊA**, assistente social, formada pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

**MARIO LÚCIO CALÇADO**, com brilhante curso para oficial da Política Militar Mineira, hoje já com a patente de Capitão PM.

**PAULO DE PAULA REIS**, advogado exercendo brilhantemente sua função em Belo Horizonte.

**Dr. ATÍLIO GERALDO NETO**, médico pediatra que vem exercendo com brilhante êxito, sua missão. E é filho de Antônio Geraldo e Maria José Contin Geraldo.



Depois de rememorarmos o árduo caminho de ensino em Rodeiro e o número, não esperado por muitos, de rodeirenses cultos, não pude me conter e interpelei o agora sisudo Sô Arthur:

— Como é? Valeu a pena o sacrifício?

— Naturalmente que valeu. O maior prazer de um professor é contemplar o resultado de seus trabalhos nos semblantes vivos e risonhos de seus ex-alunos, sobretudo daqueles que, graças ao estudo, conseguiram melhores posições na escala da vida.

— E... dissabores e ingratidões valem a pena serem rememoradas?

Sô Arthur calou-se longamente, fitou-me, firme e sereno, e saiu com uma das suas:

— É! Cristo foi um homem feliz!

Sem saber onde ele queria chegar perguntei:

— Por quê?

— Simples. - retrucou-me - Ele só teve um Judas na vida!

# APENDICE

# Homens e coisas de Rodeiro

## **ERNESTINO LOPES BICALHO**

Foi um homem que nasceu, viveu e morreu alegre. Expansivo e empreendedor, fez de seu pequeno empório comercial, a “Casa do Paraíso”, na periferia de Rodeiro, um centro de otimismo onde todos se sentiam bem.

Era filho de João Júlio dos Santos Bicalho, ex Juiz de Paz de Rodeiro, e de dona Maria Madalena (dona Cocota), senhores da fazenda da Alegria. Ernestino casou-se com dona Maria Gomes Bicalho, filha de Joaquim Gomes e de dona Damásia de Jesus.

Os filhos de Ernestino eram excelentes músicos e, eles só, formavam um conjunto musical afamado e muito apreciado. A mais velha Edite, casada com Joaquim Martins de Paiva, executava qualquer instrumento do conjunto. Ernestina Bicalho Teixeira, casada com José Teixeira de Siqueira, juiz de Paz e homem de grande voga em Rodeiro, era a única filha que não tomava parte nos lazeres musicais. Edina Bicalho da Silva, casada com Cezalpino São José da Silva grandemente relacionado em Rio Casca, e Edir Bicalho Teixeira, casada com Erasmo Teixeira de Abreu do Comércio de Cataguases, eram filhas que completavam o conjunto da Alegria.



## **FIORAVANTE PARO**

Protótipo da colônia italiana, amanhou a terra que lhe pertencia, com carinho, cuidado e persistência. Era casado com dona Virgínia Contin. Dava gosto visitar aquelas lavouras, aquelas roças, aquelas hortigranjeiras do venerado Fioravante Paro.

Sua descendência honra a sociedade rodeirense. Geraldo Paro, do alto comércio de Rodeiro. Antônio Paro, firmemente estabelecido em Ubá. Sebastião de Paula Paro, falecido, deixou saudades em todos os que o conheciam. João Silvério Paro, casado com a professora Gilda do Carmo Seghetto Paro, e sócio de seu cunhado João Teles da Costa, casado com dona Vicentina Paro movimentando sólida firma de beneficiamento de arroz e milho. José Vicente Paro, dono de bem montada padaria em Rodeiro,

casado com a professora Maria Bassoto Paro. Luiz dos Reis Paro, bem relacionado no comércio local. Isaura Paro e Lourdes da Glória Paro, estabelecidas com sortido armarinho em nossa praça. Terezinha Paro Dal Sasso, casada com Sebastião Dal Sasso, forte comerciante e grande colaborador para a feitura deste livro. Santinha Paro Braga, casada com Joaquim Braga, residente em Juiz de Fora.

Eis uma família modelo que serve de padrão aos vindouros.



### COLONIA SÍRIA EM RODEIRO

No começo da povoação, na fase áurea de Rodeiro, houve boa afluência de sírios aqui se estabeleceram.

**Elias Jorge Micherif**, cujos filhos: José Micherif, já por nós citado entre as diabruras de Sô Arthur; José Abdo Micherif, grande industrial em Ubá; Celina Micherif Vieira, esposa de um dos mais respeitáveis chefes de família de Ubá; e Maria Geralda Micherif que, em seu tempo de juventude fez bater forte o coração de muitos jovens rodeirenses, inclusive o de nosso “heroico” Sô Arthur.

**Ibrahim Salum**, protótipo do sírio bigodudo e alegre, cujos filhos João Salum e Maria Salum residem em Ubá com bom círculo de relações.

**Os Reskalas**: José Feres, feroz José, Nagib, Felipe, todos solidamente estabelecidos em Ubá.

**Tarrafa Antônio Musse**, já falecido, movimentou sólida firma de fumo em corda.

**Nagib Iabrude**, forte comerciante em Rodeiro e cuja família serviu de modelo para os jovens de Rodeiro.

**Anísio Iabrude**, com bar e bilhares em nosso então arraial.

**Miguel Samor** e família, por nós mencionados no capítulo “Indústrias de Rodeiro”.



### COMERCIANTES EM RODEIRO

Difícilimo é concatenar uma lista completa de negociantes de Rodeiro. Vamos tentar, pelo menos, lembrar alguns nomes.

José Lourenço Vaz, primeiro dono de padaria e estabelecimentos comerciais em Rodeiro.

Romualdo Monteiro, dona da venda “Pau do meio” porque suas duas portas se fechavam sobre o mesmo batente.

Januário Aleixo, assassinado pelo irmão, conforme já narramos.

Marcelino Nunes das Chagas (Marcelino Rosa) e Francisco Alves de Medeiros, avô e pai de Sô Arthur, lojistas fortes e de crédito sólido.

Vamos rememorar nomes de antigos comerciantes do povoado e arraial de Rodeiro: Manoel Honório, Florentino dos Santos, Antônio Pereira Pontos, Camilo Damas, Pedro Mota, Antônio do Chalé, dona Maria Rodrigues, Francisco Vieira que movimentou diversos ramos de atividade inclusive alfaiate açougueiro e negociante forte de fazendas, Elias Jorge Micherif de que tratamos acima, Domingos Alves Caetano, comerciante de alto bordo, sólido, empreendedor, progressista e grande impulsionador de Rodeiro nos tempos áureos e por nós muito citado em nosso trabalho, Francisco Alves Caetano sólido comerciante de fumo em corda, Miguel Trócoli, Miguel Caputo, Manoel Antunes Moreira, Braz de Souza Grotta, Paschoal Lacreta, José e Rafael De Filippo, José Gioffi que mesmo transferindo sua residência para a Itália, não esqueceu nosso Rodeiro, dele se lembrando em livros que lá publicou, José Scapulatempori, Ibrahim Salum, Ricardo Toaiari, Eugênio Nicolato, Quito Guilherme e Dário Vieira.

Recentemente laboram pelo progresso de nosso município no ramo comercial, nomes que devem ser deixados para a posteridade.

Antônio Cordeiro da Silveira cujos filhos Osmar e Paulo Cordeiro da Silveira seguiram a vocação do pai. João Rubinich, austríaco, aqui foi comerciante forte e criou filhos cujos nomes incluímos entre os filhos formados de Rodeiro e Antônio Rubinich que continuou seu legado no comércio. Sebastião Dal Sasso, Geraldo Bassoto, Geraldo Paro, José Luiz de Almeida e José Fernando Volpato proprietários de armazéns. Sebastião de Oliveira, técnico agrícola e com sortida loja de utensílios e materiais para agricultura, e remédios veterinários. No ramo de bares: Antônio Pereira Filgueiras, Lourival Vieira de Souza, Sebastião Teixeira, Osvaldo Teixeira de Paiva, Antônio Fernando Schiavon, Floriano Ferrari, Nehy de Paiva; ainda mais alguns: Jandir Mendes Martins com loja de fazendas e armarinhos, bem movimentada. Isaura Paro e Lourdes da Glória Paro, com bem montado armarinho. Pergentino Leite da Silva com surtida loja de móveis de fino

gosto. José Geraldo Vieira com movimentada mercearia. Jesus Luiz de Almeida, proprietário da única bomba de gasolina de nossa cidade. José Muniz Gomes mantém em nossa cidade a refrigeração Gomes, oficial de raras qualidades e preciosas habilidades, para ele máquinas de lavar roupas, elétricas domésticas, fogões, instalações elétricas não tem segredo.



## **TROLES ANTIGOS DE RODEIRO**

Entre as conduções que cobriam o trajeto da Estação de Diamante para Rodeiro, e vice-versa, no tempo em que o comércio local estava em pleno apogeu e grande era o movimento de “cometas”, estão os famosos troles.

Eram veículos de quatro rodas, de tração animal, todos eles com um prolongamento na traseira, destinado a cargas pequenas e que nunca foram utilizados para esse fim e serviam, no entanto, para a carenagem dos molequinhos.

O mais antigo pertenceu a João Roberto Gomes (João Telheiro), pai do famoso Faié.

Depois veio o de José Bittencourt Júnior, o que maior número de anos esteve em função. Bittencourt sempre levava um relho muito grande que servia para aviventar os animais e para chicotear a molecada que se encarapitava na trazeira. Sô Arthur era um dos fregueses mais assíduos daquele famigerado relho.

O Coronel Leopoldo da Silva Costa possuiu um caleche, espécie de carruagem do tempo colonial, com capota de lona. Durou pouco.

Certa vez, o Carlinhos Moreira espantou os cavalos da carruagem, foi um custo detê-los e acalmá-los. A culpa foi jogada nos ombros do endiabrado Sô Arthur, mas acontece que, por acaso, daquela vez ele era inocente.

Miguel Caputo possuiu um trole alto e bem cuidado. Foi nele que foi assassinado o Escrivão José Mariano cuja morte já descrevemos.

Os troles... velhas reminiscências do velho Rodeiro.



## **DENTISTAS EM RODEIRO**

Nosso município nunca esteve sem alguém que cuidasse dos dentes da população.

Nos primórdios, o primeiro dentista aqui radicado e que foi mestre que transmitiu sua arte a vários outros cidadãos, inclusive a seu filho José Bicalho, foi João Júlio dos Santos Bicalho, homem de grande voga e conceito.

Notamos também Valentim Fernandes Lima e os dois irmãos Leopoldo Almeida e Armando Almeida, ambos habilíssimos, com curso na Escola de Farmácia e Odontologia de Ubá. A execução de seus trabalhos, inclusive os de prótese, nada deixava a desejar.

Augusto Pimenta e João Fernandes (Janjão Fernandes), este falecido no Rio de Janeiro, também aqui exerceram sua arte.

Antônio de Araújo Fernandes e seu filho João batista Fernandes, o primeiro já falecido, clinicaram com absoluto êxito em Diamante, servindo também o município de Rodeiro.

Francisco Corrêa de Oliveira de Campestre e José Manoel dos Santos de Guidoal aqui exerceram e o último exerce seu métier e sua arte.

Moacir Cerqueira aqui residiu e trabalhou na arte.

Washington Figueiredo, muito antigo, também funcionou como sub-delegado por ocasião do assassinato do Gregório.

Camilo de Paula Reis que, além de ótimo profissional, foi também bom retratista e o primeiro a colorir as fotografias de Rodeiro, era extremamente habilidoso e suas mãos pareciam abençoadas por Deus.

Augusto Figueiredo Pimenta também foi um dos primeiros dentistas. Era conhecido como “Tingute”.



## **HOTÉIS EM RODEIRO**

Por diversas vezes falamos no progresso vertiginoso de Rodeiro, nos primeiros tempos, quer no ruralismo e pecuária, quer, sobretudo, no comércio.

A movimentação e afluência dos “cometas” era grande. Daí a necessidade de hotéis.

O primeiro aqui existente não se recomendava bem, mas tornou-se necessário para atender suas clientes, as prostitutas, pertencia e era dirigido pelo português Manoel Barradas.

O próspero empreendedor José Lourenço Vaz, logo nos primórdios, montou um hotel que foi de grande proveito para os representantes comerciais.

Anos depois, o português Maximino Moura, no largo de São Sebastião, ao lado da igreja matriz, continuou a tradição do comércio hoteleiro.

Sucedeu-lhe outro português, Domingos Alves Caetano, alma mestra de vários empreendimentos básicos para o futuro de nossa terra, como já narramos alhures neste livro.

Com a volta de Domingos Alves Caetano para Portugal, Leopoldo Araújo continuou na direção do próspero hotel. No entanto, o estacionamento e a queda do progresso da região já se fazia sentir. O pano verde havia consumido várias fazendas e agora o que ainda mantinha um pouco de movimentação comercial era a incipiente cultura e indústria do fumo.

A partir do então, o ramo hoteleiro ficou apenas nas mãos de José Bitencourt Júnior, com modesta pensão familiar, e dali se extinguiu.



## **FARMÁCIAS DE RODEIRO**

Outro ramo de negócio que a terra de Sô Arthur sempre possuiu foi o farmacêutico. Seus proprietários eram, ao mesmo tempo, excelentes “médicos”, pois as dificuldades de condução eram tais que os verdadeiros esculápios eram chamados apenas em casos graves e aflitivos ou desesperadores.

O primeiro farmacêutico de que temos memória foi Joaquim Augusto de Magalhães, que escapou à sanha do famigerado “Grupo de Matadores”.

José Gonçalves Solero, de cultura vasta e ótimo orador e líder, formado em Ouro Preto, para aqui foi trazido pelo Dr. Levindo Coelho, nas proximidades da vinda ao mundo do nosso falado Sô Arthur e a quem ministrou caridosamente os primeiros socorros necessários.

Horácio Ferreira e José Gonçalves Ferreira foram dois seguidores das tradições farmacêuticas rodeirenses.

João Corrêa Barbosa Filho, por nós já focalizado, formado no Rio de Janeiro, granjeou enorme círculo de amizade e admiração.

Eduardo de Paula Reis, por nós também já focalizado, formado em Juiz de Fora, para aqui veio com uma aura justa de cultura e de grande arrimo

dos menos favorecidos, alcançou grande destaque no município.

Raul Alves Ferreira, tantas vezes por nós comentado, o homem do “Ouvido Eletrônico” em matéria de doenças cardíacas e pulmonares, foi outro pai dos necessitados e a bondade em pessoa.

Sinval Vieira que iniciou seus estudos no Caraça e depois se diplomou em farmacologia, aqui dirigiu uma bem montada quase drogaria. Mudou-se para o Espírito Santo onde se formou em Direito e foi Prefeito de Iconha.

Antônio José de Araújo, formado na Escola de Farmácia de Ubá, moço dinâmico e empreendedor, deixou ótima lembrança em todos os que de seus cuidados receberam bom êxito e palavras amigas e de estímulo.

Raimundo Dias Pereira a quem Rodeiro deve grande esforço para sair do marasmo, inclusive da música, carnaval e escoteiros, foi de felicidade rara em seu ofício.

Jaci Filgueiras Bonoto, manteve a tradição de todos seus antecessores, dando assistência eficiente a todos os que sentem bater-lhes a doença às portas.

Enfim, tivemos outro farmacêutico de grande fama em seus diagnósticos e receitas, o inesquecível Alfredo Pereira da Silva, embora formado, nunca montasse farmácia em sua vida.

Não podemos esquecer de Synval Brandão Teixeira, bom farmacêutico e Juiz de Paz em Rodeiro.



## **ALFAIATES EM RODEIRO**

Os homens de Rodeiro primitivo timbravam em bom vestir-se. Os do povoado. Os da roça seguiam-lhes, a seu modo, as pegadas. Aos domingos não dispensavam o seu terno de “ver Deus”.

Eis a relação dos primeiros alfaiates de nossa terra.

Jacinto Pimenta, Vitorino (um cidadão de cor), Francisco Vieira que muitas vezes aparece em nossas narrativas, Januário, o italiano, João Inácio da Costa - pai do nosso padre Osvaldo - Amantino Pinto, hoje residente em Brasília, José Marinho que além de ótimo alfaiate era, como dissemos alhures, o melhor bombardinista da região, João Pereira Gonçalves, o português que lançou a ideia da emancipação de Rodeiro.

Também foram mestres da agulha João de Almeida, Otavio Julião e Onofre Venâncio de Oliveira.

Depois das confecções de roupas feitas e do desuso do paletó, o ofício de alfaiate deixou de ser compensativo em Rodeiro e hoje nenhum de seus mestres aqui se estabeleceu.



## **PADEIROS EM RODEIRO**

Dos primeiros comerciantes que aqui se estabeleceram e prosperaram está José Lourenço Vaz, de cor preta e que chegou até a adquirir uma situação agrícola. Entre seus empreendimentos houve a primeira padaria montada em nossa cidade.

Nos primeiros anos de vida do Sô Arthur, o padeiro era Ângelo Vieira de Moraes, que para aquele pirralhinho tinha especial carinho.

A seguir veio Isidoro Feijó, pai de Julinha Feijó, a primeira namoradina de nosso peralta, morta na flor da juventude.

Naquele tempo, era de praxe e tradição as padarias oferecerem a seus fregueses mensalistas um pão especial no dia do Ano Bom.

Eugênio Nicolato manteve bem afreguesada padaria.

Hoje, José de Azevedo Juste e José Paro continuam a tradição de seus predecessores, ambos com aparelhagem moderna.



## **SOBRADOS DE ANTANHO**

Nos tempos áureos era de praxe entre os que se elevaram na vida, fazer sobrados vistosos para neles residirem e comerciarem.

Dos sobrados antigos ainda conseguimos registrar a existência de alguns. Perdoem-nos pela deficiência de detalhes.

Marcelino José dos Santos, o falado Marcelino Rodeiro, junto à sua indústria de potes, cerâmicas, e outras manufaturas, todas movidas por roda d'água, foi dos primeiros a construir um sobrado residencial, perto do bairro do Bongue, (hoje do Albuquerque), no terreno hoje pertencente ao Antônio da Sá Dina, caprichoso jardineiro da praça Francisco Gomes de Oliveira.

João Estevão, o homem cuja morte motivou a criação do Cemitério Velho, morador que era na vargem que hoje pertence a Gastão Francisco da

Silva, ali erigiu um sobrado do qual, muitos anos depois, no tempo do padre Lourenço Musacchio, ainda restavam dois esteios principais.

João Carapina (João da Cruz) e Antônio Martins de Paula (Totônio Martins) também tinham sobrados que logo desapareceram.

Janjão Tristão, fiscal que muita dor de cabeça sofreu por causa das diabruras do Sô Arthur, morava num sobrado entre a casa da Banda Musical, na rua São Vicente e a Casa paroquial no largo de São Sebastião. Esse sobrado pertenceu a Carolino de Morais, conforme fomos informados.

Outros sobrados foram construídos por João Pereira, na Olaria, por João Miguel (ruralista da Serra da Onça) e outro onde residiu o barbeiro Tristão da Cornélia, como era conhecido. Foi junto a este que Miguel Samor montou sua fábrica de móveis movida a vapor.

Íamos pulando um dos mais antigos. O que pertenceu a João Dias Froes, pessoa grata do antigo povoado e arraial de Rodeiro, na esquina do Largo de São Sebastião com a rua do Sapo (hoje Eduardo de Paula Reis).

Enfim mais dois outros cujos construtores não conseguimos identificar. O primeiro foi onde morou dona Nhazinha e o segundo onde moraram e comerciaram os progressistas José e Rafael De Filippo, depois pertencente a Tarrafá Musse Antônio.



## **CUIDANDO DA SAÚDE EM RODEIRO**

Quando do nascimento do Sô Arthur, já Rodeiro possuía um médico residente. Era por volta do ano de 1909.

O povoado da Boa Esperança tinha atingido um tal grau de prosperidade que já possuía até um médico residente. Chamava-se Dr. Olinto. O nome completo não foi possível ser apurado. Fazia-se recomendar pelo acerto de suas receitas. Infelizmente, pouco depois, procurou outro campo que oferecesse melhores condições.

A partir de então, dois médicos de Cataguases passaram, em épocas diferentes, a dar assistência a Rodeiro. O primeiro foi o Dr. Otaviano que, durante sua vida, por alguma anomalia orgânica, passou quarenta e quatro anos sem beber água. O segundo, o Dr. Cardoso, corpulento, estatura mediana, bonachão, aqui comparecia uma vez por semana.

Agora os doutores, Zulmar Marques de Oliveira, Rômulo D'Avila e Antônio Marciano assistem a classe rural várias vezes por semana. O acerto de sua receita já é proverbial.



### **PARTEIRAS DE RODEIRO**

Célebres se tornaram as parteiras em nosso lugar. Eram eficientes e muito poucos casos requeriam a presença médica que, por sinal, era difícilimo por falta de vias de comunicação.

Lá vão alguns nomes ou apelidos: Sá Barandoa, Sá Zefa do Anastácio, Sá Joaquina Vila, Sá Maria José (Mazé). Mais modernamente: dona Olímpia Paiva, dona Luzia Rodrigues e dona Siloca do Bittencourt.



### **AMIGOS DA FLORA MEDICINAL EM RODEIRO**

Nomes tradicionais ficaram gravados na memória sobre os homens que das plantas de nossas matas tiravam excelentes remédios. Raizeiros, como eram chamados.

Francisco Pinheiro (Chico Pinheiro), Francisco Quintão (Chico Quintão), Antônio Diniz, ficaram célebres pelos acertos de suas beberagens.

Sô Araújo, um português cujo primeiro nome se perdeu da memória do povo, tratava com muito êxito com remédios homeopatas. O Dr. Sérgio Marlière, irmão de Sô Arthur, durante muitos meses esteve a seus cuidados, na primeira infância.

Atualmente, Ulisses Alves (o Criatura) e Ralantino Magalhães Pereira também juntaram seus conhecimentos da flora para minorar a dor do próximo.



### **SERVIDORES DA POLÍCIA CIVIL EM RODEIRO**

Antes do povoamento passar a arraial e Vila, aqui existiam os Inspetores de quarteirões. Entre eles ainda são lembrados: Pedro Pires Pontes, Marcelino Nunes das Chagas, Francisco Roxo e Francisco Teixeira de Abreu.

Depois de ser promovido a Vila, eis os nomes de alguns desses esteios da ordem: Washington Figueiredo (Sô Nhozinho), Otaviano de Souza, Manoel Fernandes Alegria, José de Filippo, Antônio José de Oliveira, Obde Braz de Oliveira, Mário Silva e Ozório de Souza.

Interinamente funcionou em vários casos em Rodeiro, o eficiente e profundo conhecedor do ofício, Camilo Gomes Neto, delegado de longa data do distrito de Diamante, homem que nasceu para ser Delegado de Polícia.



### **ALGUNS AÇOUGUEIROS ANTIGOS**

Sabemos que nossa relação está bastante falha, mas entre os primeiros açougueiros de nossa terra apenas três nomes apuramos: Francisco Estevão da família dos Estevãos do Cemitério Velho, Francisco Vieira perfeitamente integrado no raiar do progresso de Rodeiro, e Francisco Alves de Medeiros já bem estereotipado neste livro.

O açougueiro atual e que serve a contendo nossa cidade é Arnaldo de Souza leite.



### **SACRISTÃOS EM RODEIRO**

Quatro sacristãos dos velhos tempos deixaram marca no ofício: Joaquim Ferreira, Silvestre dos Santos, Altino do nascimento (o Nenego) e Niceias Domingos da Silva, este ainda vivo e elemento dinâmico da nossa comunidade atual e braço direito de nosso grande benfeitor José Bernardes Ferreira.



### **PIROTÉCNICA EM RODEIRO**

Entre os mestres do foguetório nos tempos idos quatro vultos se destacaram: João Noé, Mariano Campos e seu pai, o Manoel Hilário. Com a saída do Padre Lourenço de Rodeiro, as grandes festas tornaram-se raras e, daí para a frente, os tão apreciados “castelos” foram buscados fora.



## **TIRO DE GUERRA EM RODEIRO**

Parece impossível, mas foi uma realidade. Aqui em Rodeiro já houve um Tiro de Guerra, vibrátil, funcional, alegria dos moços que se achavam garbosos em suas fardas despertando os aplausos das moças.

Só funcionou durante um ano, em 1918 e foi seu instrutor o sargento Aristóteles Alfenas.

Entre os moços arrolados no glorioso exército brasileiro. Graças ao Tiro de Guerra rodeirense, ainda nos lembramos do Dário Vieira e seu irmão, o farmacêutico Aristóteles Vieira.



## **FERREIROS EM RODEIRO**

Quando vemos hoje o Italo Thinasi por nossas ruas, vem-nos à mente a velha arte dos ferreiros.

Só Italo tinha uma especialidade em que era mestre: ferrar rodas de carro de bois.

Certo dia, o impossível Sô Arthur foi provocá-lo.

— Sô Italo, como é que o senhor ferra as rodas de modo tão certinho?

— Foi um alemão que me ensinou. Toma-se a medida de fora a fora do centro da roda (o que chamamos diâmetro que é igual a dois raios): multiplica-se essa medida por 3,1416 e pode fechar o aro porque será a conta certa da roda.

De fato, pensamos. Em matemática para achar uma circunferência a fórmula clássica é:  $C=2\pi R$ , sendo a letra PI igual a 3,14.

— Mas nem sempre a roda de madeira cabe direitinho no círculo de ferro!

— O alemão me ensinou que, esquentando bem a ferragem no fogo de preferência de brasas de boa madeira, ela se espicha e entra perfeitamente na madeira. Joga-se água por cima do arco de ferro e ele se encolhe preenchendo a madeira.

Sim, senhor! Como o homem, sem saber, aplicava a pura matemática e o princípio da dilatação dos corpos!

Diga-se de passagem: todos os filhos de Italo Thinassi, a começar pelo Juarez Thinassi, habilíssimo mecânico de automóveis, são de inteligência rara.

E qual foi o primeiro ferreiro de Rodeiro?

De acordo com o resultado de pesquisas feitas, foi Francisco Silvério, também mestre na arte.



### **OS ESTAFETAS DE RODEIRO**

Foram três que maior tempo exerceram as funções. O primeiro foi Sebastião Dias Fróes, filho do saudoso João Dias Fróes. O segundo, já muito nosso conhecido, foi José Bittencourt Junior que começou como funcionário da Leopoldina Railway e que passou o resto da existência vivendo nossa vida e nossos problemas.

O terceiro foi Lourival de Oliveira, filho de Raimundo José de Oliveira e que, no fim da vida sofreu com as tramas de uma política adversa. Lourival, por muitos anos cumpriu bem seus deveres de ofício, hoje é aposentado e Vereador na Câmara Municipal de Rodeiro.



### **IMPrensa EM RODEIRO**

Será possível que já existe isso em Rodeiro? Já, embora tenha sido imprensa embrionária se assim podemos chamá-la.

O primeiro periódico que saiu em Rodeiro foi manuscrito, com a tiragem de quatro a seis exemplares. Era redigido por um senhor Nello, barbeiro, marido da professora, dona Celeste.

O segundo e último, por enquanto, foi outro periódico mimeografado, tiragem de cem exemplares e intitulado “RODEIRO EM REVISTA”. Seis números saíram a lume trazendo boas reportagens. Foi mais um empreendimento visando ao progresso de Rodeiro realizado por Sô Arthur. Pena não ter ido à frente.



### **RETRATISTAS DE RODEIRO**

Quem fala em imprensa, fala em retratistas que não deixam de propugnar para mais um meio de comunicação.

O primeiro aqui estabelecido de que tenhamos lembrança foi o saudoso Camilo de Paula Reis, dentista que, nas horas vagas se dedicava à arte fotográfica e que, conforme já conversamos foi o primeiro a colorir retratos em Rodeiro, a pincéis, tal era sua habilidade.

Outro que nos é bem conhecido foi Isael Lemos. Aqui se iniciou na arte, embora barbeiro de profissão. Tornou-se um ótimo profissional e depois se mudou para Rio Casca, onde ainda reside. Entre seus filhos, destacamos nosso particular amigo José da Silva Lemos.

Atualmente temos Anselmo Guimarães, com alma de artista e dono de sua arte, exímio fotógrafo e que já obteve menção honrosa num concurso realizado no Japão.



### **ORAÇÕES DOS TEMPOS DE NOSSAS AVÓS**

É tão bom lembrarmos de nossa mãezinha, de joelhos aos pés de nossa caminha, a nos ensinar aquelas orações que nossas avós e bisavós costumavam rezar com acendrada fé e que hoje quase fazem sorrir as pessoas. Vamos reproduzir algumas delas.

Quando se encontra uma cruz à beira das estradas por onde vamos passando, deve-se descobrir e saudar com reverência dizendo:

“Deus te salve, santa cruz.

Neste campo tão sereno.

Onde foi crucificado

Bom Jesus, o Nazareno!”

De manhã, ao levantar, devemos pedir a ajuda e assistência ao nosso anjo da guarda, desta forma:

“Santo anjo do senhor,

Meu zeloso guardador,

Se a ti me confiou

A divina piedade,

Sempre me rege e guarde,

Governe e ilumine.”

À noite, ao deitar, devemos nos colocar com fervor e devoção sob a proteção de nosso Pai, pedindo-lhe que sempre nos guie e defenda do perverso tentador, orando assim:

“Padre nosso pequenino,  
Deus me leve em bom caminho,  
Sete estrelas me guiem,  
Sete candeias me alumiam.  
Nosso Senhor é meu padrinho,  
Nossa Senhora é minha madrinha.  
Me pondo uma cruz na testa  
Pro demônio não me tentar.  
Nem de dia, nem de noite  
Nem na hora de minha morte. Amém.”

Se a poeira ou qualquer sujeira cair em nossos olhos causando-nos aflição, invoca-se o auxílio de Santa Luzia:

“Corre, corre cavalinho,  
Vae atrás daquele morro,  
Vae chamar Santa Luzia  
Pra tirar cisco do olho!”

Duas lições podemos tirar desses costumes antigos. Primeiro, a da fé com que rezavam essas preces que hoje nos parecem ingênuas. E a fé é a maior alavanca para nos chegarmos a Jesus e, portanto, à nossa salvação. Segundo, a grande lição que nos davam as mães de antigamente fazendo seus filhinhos levantarem sempre as vistas de Deus, enquanto hoje nossos pecurruchos deitam-se e levantam-se como bichinhos do mato sem ao menos se lembrar que existe Deus e uma alma a calvar.



## **CARPINTEIROS ANTIGOS EM RODEIRO**

MUITOS deles já foram citados falando de obras realizadas em nossa terra. Vejamos uma relação que conseguimos obter em pesquisa junto aos antigos habitantes do São Sebastião da Boa Esperança: João da Cruz, Pedro Paiva, João Antão (Gomes de Oliveira), João e Antônio Lopes Corrêa, Horácio Celestino, Joaquim Sapoqueira, Antônio Carapina, Sebastião Dornas, Emilio Mariano da Silva e Hermenegildo Dornas.



## **PEDREIROS ANTIGOS**

A maior parte dos homens desses profissionais escapou-nos, apesar de nossos esforços.

No entanto, lá vão alguns a quem Rodeiro deve muito de seu progresso: Chico Antão (Francisco Gomes de Oliveira), mestre de toda uma geração de pedreiros e sobre quem muito discorremos no decorrer de nossa história. Pedro Antão que cedo mudou-se para Belo Horizonte, onde veio a falecer. Leopoldo Lopes e Quincas (Joaquim) Lopes, e, mais recentemente, João Victório e seus filhos e Francisco Ferreira Dornas.



## **CICLE E RECAUCHUTAGEM**

Hoje, com a alta da gasolina, as bicicletas voltaram a grande moda.

Rodeiro tem uma bem montada oficina de consertos, reforma e montagem desses veículos sob a direção do emérito oficial no ramo, Jaci do Carmo Cruz, homem de uma habilidade sem par. Também ele mantém uma secção de recauchutagem de câmaras de ar, eficiente e bem aceita.



## **RELOJOEIROS DE RODEIRO**

O mais antigo relojoeiro, habilíssimo em seus trabalhos, que aqui em Rodeiro manteve oficina montada e operante foi um dos pioneiros do processo de nossa terra: Joaquim Januário Pio Cavalière.

Mais recentemente temos o nosso José Neves Bicalho (o José do Nego), tão eficiente na arte que deu até quinaus em relojoeiros de fama de Nova Friburgo, conforme nos contou o Sô Arthur; Levindo lemos da Silva, que, embora não tendo banca montada, trabalha eficientemente na arte.



## **ESCRIVÃES DE PAZ**

Até a presente data, foram seis os Escrivães de Paz que funcionaram em Rodeiro: José Rodrigues Mariano, assassinado, conforme já descrevemos;

Altino José da Silva que funcionou cerca de dezoito anos; Leopoldo Araújo, que exerceu seu mandato cerca de vinte e um ano, tendo, durante dois anos, sido substituído interinamente por José Marinho de Paula e José do Santo Contin; Eurides Reis Andrade Araújo, interinamente; Mauro Nicolato, interinamente.

# Relembrando famílias antigas

## **CORONEL TEÓFILO BRAZ PEREIRA DE MENDONÇA**

Sô Arthur parece ter até mania de procurar relembrar sempre o povo antigo de Rodeiro. É um verdadeiro culto que presta aos que primeiro labutam em nossa região. Até o Cemitério Velho, totalmente abandonado pelos poderes públicos de Rodeiro, é por ele zelado. “Não faço mais que uma obrigação de filho desta terra. Aquilo devia ser considerado um venerando monumento público”.

Entre as famílias antigas, vamos relembrar algumas cujos dados nos foi possível coletar.

A primeira é do Coronel Teófilo Braz Pereira de Mendonça, com um curso de seminário completo (deixou a carreira eclesiástica na antevéspera da ordenação) era muito culto – um dos homens mais instruídos de Rodeiro de antanho – manteve uma boa fazenda, muito bem cuidada e produtiva, às margens do rio Xopotó, perto do Quartel General do Guido Marlière; alguns chegaram até a dizer que era ali o referido Quartel General.

Três filhos: Teófilo Braz de Mendonça Filho, Manoel Pereira de Mendonça (o Lilito) e Gerêncio Pereira de Mendonça.



## **JOSÉ PEREIRA DA SILVA SOBRINHO E ROMUALDA CORRÊA DA SILVA**

Foi e é uma das famílias mais numerosas do município. Entre filhos, netos e bisnetos, chegamos ao respeitável número de duzentos e muitos descendentes.

Os filhos, José Pereira da Silva, Antônio Pereira da Silva, João Pereira da Silva e Daniel Pereira da Silva seguiram de perto os exemplos de honradez e trabalho de seus pais, legando aos filhos o caminho de dever, e a senda do progresso.



## **ALEXANDRE JUSTE**

Um membro da colônia italiana que se identifica perfeitamente com nosso meio ambiente. Calmo e pacato, sensato e homem de bom conselho, muito contribuiu para dirimir questões e questiúnculas evitando malquerenças e diatribes.

Deixou filhos de grande conceito em nosso meio: Antônio Juste Sobrinho, pai de um dos cantores de maior projeção nacional, com vários long-plays gravados com sucesso; Zé Geraldo (José Geraldo Juste), o cantor dos leilões e de São Sebastião de Rodeiro; Sebastião Juste, de temperamento calmo e incansável batalhador rural, juntamente com seu irmão Cândido Juste que deixa ótima impressão em todos os que com ele palestra; Adjalme Juste, funcionário fazendário estadual e proprietário da mui bem montada escola de datilografia; Alice Juste, dona da mais fina e acatada sociedade rodeirense.



### **EDMUNDO TEIXEIRA ERVILHA**

Vulto tradicional nos meios de nossa cidade, sempre por aqui marejou, deu exemplos que são tradicionais para os que são pais de família e é um dos nomes de grande respeito de Rodeiro. Seus filhos seguem-lhe de perto as lições e tradições: Walter Teixeira Ervilha, residente em Cataguases, Celso, Adauto e Nelson, agricultores em nosso meio e que progridem a olhos vistos; Geraldo, celeiro, cujos esmerados trabalhos lhe granjearam sólido renome. Hilário, residente em Juiz de Fora, onde desempenha muito a contento suas funções em escritórios contábeis; enfim Paulo Sergio (todos Teixeira Ervilha) que está prestes a terminar seus estudos do 2º grau.



### **DOMICIANO MARTINS DE PAULA**

Filho de José Martins de Paula e de dona Honorica Querubina de Jesus, dos primeiros tempos de nossa cidade e de cujas terras saiu o Cemitério Novo, Domiciano Martins de Paula, casado com dona Maria Salomé do Carmo formou grande família cujos filhos por aqui marejam, quase todos, modestos, trabalhadores, muito acatados e respeitados. São eles: José Mendes Martins, Agnelo Martins de Paula, fiscal municipal do distrito do Diamante, Mário, Jadir Martins de Paula e João batista de Paula, cuidando de seus

afazeres rurais e pecuaristas, Jandir e Milton Martins de Paula, movimentam casas comerciais em nossa cidade, e Pedro Martins de Paula, funcionário do Banco do Brasil, em Ubá. Um outro dos filhos do Sô Arthur é Paulo Martins de Paula, já falecido.



## **DUAS FAMÍLIAS PADRÃO**

Lá pelas beiradas do rio Xopotó, no município de Rodeiro, duas famílias deixaram um rastro bendito de como se cria e educa filhos no regime de trabalho, de formação de caráter e de princípios sólidos de religião e de virtude. Vamos gravar-lhes os nomes:

**I- GUMERCINDO BRANDÃO DE OLIVEIRA** (o Sô Gomes Brandão) e sua esposa Rita Ângela de Queiroz. Sua fazenda muito bem cuidada, próspera, boa produtora de fumo e arroz e milho, era zelada e posta a produzir pelos filhos Milton Queiroz de Oliveira, Mizael Queiroz de Oliveira, Mirval Brandão de Oliveira, e Moacir Queiroz de Oliveira, todos tendo passado pelas aulas de Sô Arthur. As filhas Maria Izabel, Margarida e Meire tornaram-se mestres na arte de bem cuidar de um lar.

**II- JOÃO ORLANDO DE OLIVEIRA** e Amélia Vieira de Queiroz.

O mesmo que dissemos da família de Gumercindo Brandão de Oliveira pode-se, com muito acerto, aplicar a este casal que deixou marcas indeléveis em nosso município. Seus filhos merecem que registremos seus nomes para o conhecimento dos que vierem depois de nós.

Galdino Ormino de Oliveira que, além de ruralista, ocupou o cargo de Vereador e é grandemente conceituado entre nossa gente. Francisco Orlando de Oliveira, Odilon Orlando de Oliveira, José Orlando de Oliveira até hoje se dedicam de corpo e alma aos rudes e sagrados trabalhos de campo. Entre as filhas, colocamos em destaque Maria das Graças de Oliveira Gomes, professora emérita e que muitíssimo ajudou e colaborou com Sô Arthur nas lidas do ginásio e Colégio Normal de Rodeiro. As outras todas são excelentes donas de casa e modelo das mães de família.



**OLÍVIO CONTIN**

Um dos mais abastados ruralistas e pecuaristas de Rodeiro é Olívio Contin. Adquirindo, inicialmente, uma pequena propriedade, Olívio Contin foi progredindo rapidamente e hoje é o dono de grande gleba de terras de nosso município. Casado com dona Virginia Juste Contin, tem uma coroa de filhos que, como ele batalham tenazmente e progridem a olhos vistos. Paulo Contin (o Paulino Contin), por exemplo, hoje é dono de uma das mais rendosas glebas do distrito de Diamante de Ubá; é pecuarista de respeito e suas terras não pararam de produzir e render. Dr. José Batista Contin, odontólogo em Astolfo Dutra onde tem magnífica clientela, é também professor nos estabelecimentos de ensino do Estado na mesma localidade. Francisco Contin, João Batista Contin e Antero Contin, são três balaústres fortes de Olívio Contin, pois não se arredaram da fazenda paterna e nela morejam com afínco e entusiasmo.



### **GIACOMO BASSOTO**

Chefe de outro grupo de italianos que aqui se radicaram logo na segunda fase de Rodeiro, casado com dona Maria Contin, movimentou larga faixa de terra no Chalé da Serra, Boa Esperança e adjacências. Fazia gosto passar por aquelas bandas para apreciar as roças, os fumais, as lavouras, enfim, tudo muito bem tratado, cultivado e aproveitado.

Deixou os seguintes filhos: João Bassoto, com duas filhas formadas; Mercedes Bassotto, competente professora rural no Pouso Alegre; e Maria de Lourdes Bassotto Paro, líder incontestada das turmas a que pertenceu e grande auxiliar dos movimentos cívicos realizados em Rodeiro, sobretudo das famosas paradas do Dia da Pátria promovidas por Sô Arthur. José Bassotto com três filhas formadas: Verônica, Vera Lucia e Ronaldo. Antônio Bassotto, pai de Célia Bassotto Martins formada pela Escola Normal de Rodeiro. Sebastião Bassotto e Geraldo Bassoto, dois fortes comerciantes em nossa cidade, ocupando o último, também, o cargo de Vereador Municipal.



### **UMA FAMÍLIA DE GRANDE DESTAQUE**

Sem menosprezar nenhuma outra, a família do General Galdino Teixeira de Abreu merece um especial destaque pela forte atuação que teve nos

destinos de nosso município.

São quatro coronéis que tiveram preponderante influência em nosso meio: Otaviano Rocha, Galdino Teixeira Abreu, Teófilo Braz Pereira de Mendonça e João da Silva Costa.

O Coronel Galdino Teixeira foi um homem de atitudes sempre humana, político da mais alta influência em seu tempo, (tempo breve em que a vida dos opositores estava a mercê dos dirigentes). Honra lhe seja feita, nunca se serviu do prestígio que gozava para perseguir alguém e muito menos, nunca tomou parte nas más ações de certos dirigentes. E, fala-se a verdade, uma palavra sua tinha força de lei, tal era o conceito de que gozava.

Foi casado com dona Bolívia Júlia Vieira, matrona que fazia lembrar as virtudes das tradicionais matronas romanas dos primeiros tempos da cidade eterna.

Sua prole foi muito numerosa e todos gozando da mais alta estima dos rodeisenses. O Coronel Lauro Teixeira Ervilha, seu filho, continuou, muito de perto a seguir, e com todo o êxito, os exemplos e pegadas do pai. É um dos vultos de grande expressão em Ubá. Dona Alda (dona Dica era conhecida com carinho por todos os que com eles tinham trato) deixou traços indelévels em sua passagem por Rodeiro. Seus irmãos e irmãs não lhes ficaram atrás. Guardemos para o futuro os seus nomes para que os vindouros tenham em quem se mirar com orgulho. Maria Bolívia, Luiza, João, Honorina, Leonídia, Galdina, Alice, Alonso, Francisco, Nelson, Valdemar, Iraci, Zélia e Elza.



### **ANTÔNIO DAL SASSO**

Um nome que Sô Arthur guardava com carinho na lembrança era o do Ângelo Dal Sasso, seu amigo de todas as horas, fiel companheiro nas horas amargas e grande prestigiador dos empreendimentos do velho mestre. Casado com dona Olga Pereira Dal Sasso, senhora modelo das esposas dos que labutam nos duros trabalhos do campo, fez questão de fazer todos os filhos estudarem no Ginásio Normal de Rodeiro, prestigiando, assim, o esforço de seu velho amigo.



## **CORONEL JÚLIO ALBINO DE ARAÚJO**

Também foi um vulto de grande projeção no Rodeiro, desde o tempo da época áurea. Fazendeiro de envergadura, dono de terras excelentes e muito bem cultivadas gozava de grande conceito. Fazia gosto ver-se de longe as glebas e terras verdejantes de suas plantações.

Casado com dona Cornélia Mendonça Araújo, deixou filhos que até hoje são saudados com grande respeito pelos seus conterrâneos: Waldemar de Araújo (já falecido), Teodomiro Albino de Araújo, Levindo Albino de Araújo, Sinval Albino de Araújo, Geraldo Albino de Araújo, Irineu Albino de Araújo.



## **JOÃO MARTINS DE PAULA**

Sisudo e ao mesmo tempo comunicativo, trabalhador incansável, homem de confiança em seus negócios, faz suas terras renderem e criou a sua pequena família dentro dos princípios antigos de honradez. Casado com dona Júlia de Araújo Martins, tem dois filhos que dá gosto com eles conversar, trocar ideias, negociar e aprender sua lisura de conduta: José de Alencar Martins e Afrânio Martins.



## **ALBERTO NOMINATO LIMA**

Foi juiz de paz em Rodeiro durante muitos anos. Era de ver como distribuía a contento a Justiça e que valia tinha suas resoluções e seus conselhos. Culto, descendente de troncos de grande saber e valia, teve marcada influência nos destinos de nossa terra pelo respeito que inspirava.

Casado com dona Francisca Rocha Lima deixou três filhos que bem venceram na vida: Nominato Alberto Lima, Silvério Lima dono da primeira máquina de beneficiar arroz em nossa cidade e depois dono de grande fábrica de macarrão e de famoso abacatinho em Ubá e Francisco Lima que tombou, em São Paulo, vítima de um crime cometido por causa de uma insignificância (o roubo de um canário pelo qual tinha grande estimação).



## **MARIANO LOPES BICALHO**

Parece que ainda o vejo, até hoje, confidenciou-me Sô Arthur, certa vez. Parecia demais com seu velho pai João Júlio dos Santos Bicalho; calmo no falar, parecia medir as palavras. Seu sítio nas proximidades das ruas da então Vila de Rodeiro era um brinco que dava gosto de se ver.

Como seu pai foi Juiz de Paz de Rodeiro durante muito tempo e sempre a contento de todas as partes.

Casado com dona Ernestina Fernandes Bicalho, sua família engrandeceu e engrandece nosso município. São seus filhos: José Bicalho que, como o pai e o avô, foi Juiz de Paz do município, sempre na mesma linha de serenidade e justiça; Geni Bicalho Queiroz, já falecida, que foi Diretora do Grupo Escolar “Padre Lourenço Musacchio” e deixou exemplos maravilhosos para seus alunos; Alice Bicalho Azevedo, casada com Ozanan Alves de Azevedo e de cujo enlace saíram filhos que enaltecem nossa terra: médicos, professores, técnicos de ensino, todos formados e com bom renome profissional; Dinorá Bicalho Calçado, esposa de Mario Calçado do alto comércio de Diamante e de cujo enlace nasceram filhos ilustres como Mário Lúcio Calçado, Oficial da Polícia Mineira, por nós já citado neste livro, outro Geraldinho Calçado do grande comércio de Ubá e Vereador, todos com grande roda de amigos.



## **JOSÉ AUGUSTO VIEIRA**

Dos primeiros pioneiros do velho Rodeiro, José Augusto Vieira, por nós, os antigos, conhecido como Caseca Vieira, foi um dos cernes dos velhos e respeitáveis troncos antigos. Senhor de alto conceito social, Juiz de Paz do então distrito, comerciante sólido. Foi casado com a saudosa dona Cecília Teixeira de Souza, a querida mãe Cecília (de leite) tão chorada por Sô Arthur. Sua descendência enche de glória a terra rodeirense: Dr. Sinval Vieira, já por diversas vezes citado em nosso estudo sobre a gente de Rodeiro; Dário Vieira, do alto comércio de Ubá, pecuarista e com uma plêiade de filhos dignos de seu passado e entre os quais destacamos o Dr. José Augusto Vieira Neto médico de renome; Cid Vieira que, mudando-se para Guidoal, lá tornou-se patriarca de numerosa família que assumiu, aos poucos uma importância preponderante naquele município. Cid foi o primeiro Prefeito (Intendente) de Guidoal quando da sua emancipação

política; Durval Vieira (o Larico) faleceu na flor da idade; Aristóteles Vieira foi, durante muitos anos, farmacêutico de muita confiança e justa fama por seus diagnósticos e remédios sempre bem acertados, em Sobral Pinto, estendendo sua ação para Diamante e para Rodeiro; Lucas Ouvídio Vieira, grande amigo e companheiro de diabruras de Sô Arthur, também faleceu cedo, vítima de um desastre de automóvel; Zilá, protagonista do capítulo “Telefone Oculto” deste livro, tornou-se freira do Sagrado Coração de Maria e naquela congregação veio a falecer em odor de santidade; Bidoca, de impressionante piedade, foi mãe do professor Ernani Vieira, fundador do Ginásio de Guidoal e político de infância na região; José Geraldo Vieira, do alto comércio de fumo em Ubá.



### **CÂNDIDO ALVES VIEIRA**

Durante muitos anos residiu em Rodeiro, casado com dona Carolina Campos Vieira, dedicou-se ao comércio de fumo e progrediu rapidamente. Depois mudou-se para Guidoal ali continuando com o ramo de negócios.

Seus filhos Cândido Alves Vieira Filho, José Cândido Vieira (o Zico), e Geraldo Alves Vieira prosseguiram com a firma e, aliado aos descendentes do Cid, têm vez acatado na política municipal, sendo que o último, o Geraldo, hoje já é Presidente da Câmara daquele município.



### **JOSÉ TEIXEIRA DE SIQUEIRA**

Filho de Frontino Teixeira de Abreu e casado com dona Ernestina Bicalho Teixeira, é pessoa de alta voga em nosso município onde é Juiz de Paz há muitos anos, sempre consciencioso em seus atos, cultivou com muita eficiência sua gleba de terra, para o engrandecimento de nossa terra.

Seus filhos: José Bicalho Teixeira, residente em Cataguases; Edmar Bicalho Teixeira, residente no Rio de Janeiro; Elair Teixeira de Siqueira trabalhando na Companhia Força e Luz Cataguases Leopoldina; Eladir Teixeira de Siqueira servindo na polícia Militar; João Batista Teixeira, enfermeiro; Edinalda Teixeira e Maria Bicalho Teixeira, residentes no Rio de Janeiro, Sônia de Fátima Teixeira é professora; e Solange, a mais nova, ainda se prepara para o magistério.



## **CARLOS NALON**

Outro nome que é ouvido com acatamento e respeito em Rodeiro, chefe de numerosíssima família, é Carlos Nalon, casado com Maria Dal Sasso Nalon. Sempre, desde o início foi um dos baluartes do ginásio e Colégio Normal do Sô Arthur e hoje muitos de seus netos, já formados e um deles, o Marquinho, até dono de um Escritório de Contabilidade em Ubá, sempre honraram com sua presença e aplicação esses estabelecimentos de ensino.

Os filhos de Carlos Nalon continuam como ruralistas: Pedro, Reinaldo, Geraldo, Jair, Jadir, Antônio, José dos Santos continuam nos trabalhos rurais cultivando a bendita terra que os viu nascer.



## **MELCHISEDECH EVARISTO ALVES**

Um outro patriarca de família numerosa que se tornou um verdadeiro clã, foi Melchisedech Evaristo Alves, (o Sô Niquinha do Diamante). Casado com dona Izaudith Peres Alves viu-se rodeado de quatorze filhos que foram sua coroa de glória em sua velhice: Aristóteles Evaristo Alves, Edite Alves Moreira, Nelson Evaristo Alves, Nair Alves Brandão (já falecida), José Evaristo Alves, Ernesto Evaristo Alves, Ney Evaristo Alves, Geny Alves Rocha, Edson Evaristo Alves, Sônia Alves Teixeira, Ruth Alves Dutra, Paulo Evaristo Alves, Maria Alves Guerreiro e Núbia Evaristo Alves.

Sô Niquinha foi comerciante forte em Diamante de Ubá. Sua casa era um empório onde de tudo se encontrava. De longe acorriam seus fregueses na certeza de tudo encontrar e por preços razoáveis.



## **DÁRIO VIEIRA**

Outro de família numerosa é o Dário Vieira, tantas vezes citado neste livro tal a influência que, em priscas eras, exerceu em Rodeiro.

Casada com dona Celina Micherif Vieira, teve o prazer de ver seus negócios, a começar pelo da industrialização e venda de fumo, prosperarem a olhos vistos, como o de ver seu lar regorgitar de filhas que só lhe deram

alegria: Aurea Vieira Carone, Dunalva Vieira Marcello, Maria Daniela Vieira Marcello, Norma Vieira da Silva Pinto e Marlene Vieira Haikal.

Seus dois filhos completaram-lhe a coroa de glória: Danilo Vieira, do alto comércio em Ubá e Dr. José Augusto Vieira Neto, médico de renome em Ubá e em Senador Firmino.



### **ALTIVO DA SILVA PASCHOALINO**

Dentre as pessoas calmas, discretas, caladas e grandemente estimadas em Rodeiro, existiu um que ocupa a primeira linha: Altivo da Silva Paschoalino. Sitante cuidadoso e trabalhador, fazia de suas terras um brinco, dignas de serem visitadas.

Casado com dona Amábile Contin Paschoalino, criou a família no regime do trabalho e do bom caráter. Gravamos seus nomes: José da Silva Paschoalino e Sebastião Luiz Paschoalino seguiram as pegadas do pai dedicando-se à lavoura, destacando-se entre seus pares no município: Olivio Orlando Paschoalino, inteligente, culto, diplomou-se em ciências Econômicas em Juiz de Fora; Paulo Jacinto Paschoalino, tecnólogo em laticínios; Maria de Lourdes Paschoalino Tavares, professora que honrou a Escola Normal de Rodeiro como eficiente aluna e hoje leciona na Escola Estadual “Raul Soares” em Ubá.



### **PASCHOAL GRAVINA**

Figurou como um dos mais antigos moradores de nosso município, foi tronco de família tradicional entre nós, e foi casado com dona Leonízia Gravina Martins.

Numerosos são seus filhos e netos. Citemos alguns nomes: Carlos Gravina Martins, alegre Carlito Gravina não deixava a tristeza morar entre os que o rodeavam; ficou famoso com seu inseparável baralho de mágico; Maria Gravina Boniolo, casada com Alberto Boniolo, companheiro de peraltices de Sô Arthur e filho de Ângelo Boniolo, que aqui muito trabalhou com sua honrada família; Anunciata Gravina Martins, viúva do nosso muito e sempre lembrado Heitor Augusto Mariano, ex-Juiz de Paz do município, e, enfim Alzira Gravina Martins.



### **DOMINGOS ALEIXO PASCHOALINO**

Dono de um tradicional sítio na estrada de Rodeiro onde existiu o primeiro estádio de futebol de Rodeiro, antiga propriedade de Alberto Nominato Lima e de João Zaneli, ali criou família. Entre seus filhos que palmilharam suas pegadas de trabalho e realizações citamos: Helio Paschoalino, José Ernesto Paschoalino (o Pachola) funcionário do INPS; Ércio Paschoalino, hábil radio-técnico; Antônio de Pádua Paschoalino, braço direito e companheiro e amigo de todas as horas do fundador do Ginásio e Colégio Normal do Sô Arthur, nos quais foi professor e secretário eficiente; Paulo Roberto Paschoalino, industrial com fábrica de espuma de náilon em Ubá; Domingos Celio Paschoalino, diplomado em ciências Contábeis e Administrativos pela Faculdade de Visconde do Rio Branco, movimentava vasta rede de transporte rodoviário a ele pertencente e progride a olhos vistos. Mãe carinhosa de todos eles e hábil dona de casa foi dona Lindaura Dini Paschoalino.



### **GERALDO GALDINO DA SILVA**

Irmão de Ricardo Bernardino da Silva, Geraldo, com ele e outros parentes fizeram milagres em suas terras da Fazenda do Chapadão fazendo-as produzir de quase tudo e do bom e do melhor.

Foi casado com dona Antônia Maria de Jesus. Seus filhos Agenor Bernardino da Silva que hoje tem a substituí-lo no amanho das terras, Sebastião da Silva e Mario da Silva; Geraldo Bernardino da Silva depois de labutar muito na lavoura em nosso meio rural, mudou-se para perto de Petrópolis onde reside com a família.



### **FRONTINO AMORIM TEIXEIRA**

Frontininho é pessoa de grande voga em Rodeiro. Sériô, trabalhador, cuidando apenas do bem estar de sua família, teve e tem, também, influência na vida comunitária nossa e foi apontado diversas vezes para candidato a cargos eletivos o que bem fala da repercussão social de seu nome.

Sua esposa, dona Josina Teixeira Amorim, soube criar e bem educar seus oito filhos, alegria e glória de casal, belos, quatro têm cursos de 2º grau completos: Vera Lúcia Teixeira Amorim, professora de Educação Física e exímia costureira e mestre no ofício, foi sempre o braço direito de Sô Arthur quer no ginásio, quer na Escola Normal; Sueli, Valdir, Elena, todos Teixeira Amorim, deixaram marco inesquecível na passagem pelo “Templo de Cultura” em Rodeiro.



### **SEBASTIÃO CONTIN**

Este cidadão já foi por nós focalizado em capítulo anterior. Tem um gênio alegre, pândego mesmo. Fazendeiro abastado lá pelos lados da Serra do Capitão Roberto, certa vez sofreu sério acidente em que quase sacrificou a própria vida para salvar a de um filho seu. Casado com dona Amália Paschoalino Contin, olham, com alegria, para seus filhos José Edson Contin, Sebastião Lacerda Contin, ambos técnicos agrícolas e Maria Celeida Contin Martins, Narlúcia Contin Moreira e Mariza Contin Lopes, todas normalistas, sendo que a última ocupa lugar de destaque na Escola Estadual de Rodeiro.



### **JOSÉ DE PAIVA**

Várias vezes fizemos alusão ao nome de José de Paiva, neste trabalho, quer quanto à sua atuação como prefeito em exercício, quer em fundação de nosso Ginásio João Leonardo da Silveira.

Como lavrador, José de Paiva soube fazer valer seu quinhão de terra por ele adquirido aos poucos e à custa de suor de seu rosto. Plantador de fumo, de milho, de arroz, soube dar valor ao esforço da ACAR e de seus representantes em Rodeiro. Casado com dona Ambrósia Teixeira, criou numerosa família, todos na escola do trabalho e da honradez. São onze: José, Maria da Conceição, Josina que é o sustentáculo de todo o movimento do sítio, nestes últimos anos; João, Joana, Jupira, Judith, Jacy Vicente, Jacinto, Juracy, Maria das Graças, todos Teixeira de Paiva, seus filhos adotivos: João Evangelista e Tereza do Carmo que têm feito jus aos benefícios que

recebem com o trabalho, a dedicação e o carinho com que cercam seus benfeitores.



### **FIRMIANO FERREIRA**

Na fazenda de Pousa Alegre, antigamente pertencente ao distrito de Rodeiro, um nome ficou tradicional como protótipo de respeito e acatamento: Firmiano Lopes da Silva, por nós conhecido como Firmiano Ferreira. Casado com dona Benta Corrêa Lopes, construíram numerosa família cujo filhos passamos a enumerar: Josué Corrêa Lopes, João Corrêa Lopes, Djalme Corrêa Lopes, Alberto Corrêa Lopes, Olinto Corrêa Lopes, Persiliana Corrêa Lopes e Mariana Corrêa Lopes.



### **LUIZ DARICO PASCHOALINO**

Lavrador de velha têmpera, suas terras davam gosto de se ver. Seus fumais eram de alto cabedal e otimamente aceitos no comércio fumífero.

Dona Linda Bassotto Paschoalino, sua dedicada esposa, é dama de destaque na sociedade rodeirense.

Dos filhos, João Batista Paschoalino se entregou de corpo e alma ao amanhã da terra e progride a olhos vistos em seus empreendimentos: José Dárcio Paschoalino e Nelson Reis Paschoalino são motoristas de elite, donos do volante e conhecem meio Brasil devido a suas andanças levando para outras, o nome de nossa terra. Das filhas, Marta Elena Paschoalino ocupa cargo de destaque no ensino de Rodeiro; Maria Auxiliadora Paschoalino levou para o Rio de Janeiro o diploma e os títulos de nossa fina sociedade e Eufrásia Paschoalino é dona de um salão de beleza que dirige com rara habilidade.



### **CAMILLO JOSÉ DA SILVA**

Outra família que também virou um verdadeiro clã, de tão numerosa que é, foi a do falecido Camilo José da Silva e de dona Maria da Silva. Fazendeiros abastados, sabendo fazer valer suas terras, delas tirava quase de

um tudo. Seu forte, no entanto, era o fabrico de rapaduras e aguardente famosa em toda a redondeza. Do casal saíram dezesseis filhos, todos trilhando a vereda sagrada do trabalho e da honestidade. São os seguintes: Alice, Maria e Luiza (falecidas), Margarida, Camillo da Silva Filho, as gêmeas Dorvalina e Dogarina, Palmira, Carlos, Sílvia - mãe do Ar. Ademir da Silva, Pedro, Gumercindo (falecido), Olga, professora, Nair esposa de Isael - do comércio de Ubá - e as gêmeas Fé e Esperança.



### **JOSÉ GONÇALVES PEREIRA**

Mais outra família numerosa e que regou com seu suor sagrado a terra bendita que nos dá sustento. São dez os filhos: João Batista Pereira, José Antônio Pereira, Luiz Gonçalves Pereira ex-aluno de nosso ginásio e que deixou saudades, Maria Amélia, Sônia, Luiza, Elcina, Maria de Souza, Eva e Ilda de Souza Pereira.



### **JOSÉ LOPES DA ROCHA**

Velho e corajoso batalhador, de rara habilidade para o comércio, deixando tradição até como comerciante nas feiras livres do Rio de Janeiro, o Zezé Lopes, como nós o tratamos, exerceu muita influência no progresso de Rodeiro por suas iniciativas arrojadas, iniciativas estas que vêm sendo seguidas por seus filhos. Casado com dona Brígida Morais Rocha, nossa estimada dona Doca, muito amparo deram, discretamente aos menos favorecidos pela sorte. São seus filhos: José Lopes Moreira, farmacêutico formado, já possuidor de bem montada farmácia, e hoje importante representante de produtos farmacêuticos, particular amigo do Sô Arthur; Augusto Lopes Moreira, cidadão grandemente empreendedor, dedicado ao comércio por atacado de cereais e produtos hortigranjeiros, com boa frota de transporte própria; Sebastião Lopes Moreira, dedicado mais ao ramo de transporte, progride rapidamente na vida e é respeitado por todos os que conhecem.



## **MANOEL PEREIRA DA SILVA**

Abrimos este capítulo com um ligeiro esboço da biografia do Coronel Theofilo Braz Pereira de Mendonça.

Agora vamos dar um pequeno perfil de um de seus filhos que seguiu à risca o ritmo de trabalho do velho Coronel: Manoel Pereira da Silva, por nós conhecido como Lilito.

Lá de seu alto da serra do Queira Deus, em vivenda feita com amor e carinho, com todo o conforto que lhe foi possível, bem “pertinho” do céu, casado com dona Olímpia Pereira da Silva, criou onze filhos que hoje são tratados com todo o respeito pelos rodeirenses. Eis seus nomes: José Pereira da Silva, Ernando Pereira da Silva, João Batista Pereira, Teófilo Pereira da Silva, Horácio Pereira da Silva, Geraldo Pereira da Silva, Nauto Pereira da Silva, Elza Pereira da Silva, Julica Pereira da Silva, Alice Pereira da Silva e Neli Pereira da Silva.



## **JOSÉ FRANCISCO PASCHOALINO**

No capítulo “Começo da vida nova”, falamos sobre José Francisco Paschoalino, primeiro Prefeito eleito de Rodeiro. Em linhas gerais, traçamos-lhe o perfil. Merece menção honrosa suas lides rurais. Dono de grande gleba, o trabalho já o encontrava na barra do dia, e a primeira estrela a brilhar à noite marcava a hora de sua despedida das lidas campesinas. E foi nessa escola quer da roça, quer nas máquinas de beneficiar arroz e cereais, sem desprezar a do ensino no nosso ginásio, que os rapazes foram crescendo e encaminhando na luta pela existência.

Casado com dona Maria de Lourdes Contin Paschoalino, viu seu lar abençoado pela chegada dos filhos Maria Imaculada Paschoalino, Irma Paschoalino, esposa de nosso empreendedor Augusto Lopes Moreira de quem já tratamos, Antônio Célio Paschoalino, João Batista Paschoalino, Luiz Ernesto Paschoalino, Francisco de Assis Paschoalino e Edson Fernando Paschoalino.



## **PAULO MOREIRA DE QUEIROZ**

Por diversas vezes citamos o nome de Manoel Vieira de Queiroz (Niquinha de Queiroz) como cidadão de grande voga no Rodeiro antigo, vereador por Rodeiro na Câmara de Ubá, dono de um dos primeiros automóveis aqui aparecido e da próspera fazenda União, verdadeiro vergel de terras cultivadas.

Seu filho, Paulo Moreira de Queiroz sucedeu-lhe no domínio da grande gleba, movimentou-a, dotou-a de apetrechos modernos, inclusive de um trator que muito valeu ao município de Rodeiro no governo de José de Paiva. Casou-se com dona Ilda Calçado Queiroz, e seus filhos, hoje todos casados, Maria Lívia, Paulo Queiroz Filho e Vera Lícia progridem a passos largos na senda da vida e da prosperidade.



## **ANTÔNIO PEREIRA PONTES e GUIOMAR QUEIROZ PEREIRA**

Sô Arthur, muitas vezes, fez referências a uma cerimônia de término de curso primário e admissão que ele presidiu, como Inspetor escolar, em Diamante, na Escola de dona Guiomar. Alunos muito bem preparados pela exímia professora de quem já fizemos referência neste livro. Lá estavam os meninos Elcio Queiroz Pereira e José Queiroz Pereira extremamente comovidos, juntamente com seus colegas concluintes de curso. Ouviam-se suspiros abafados e muitos olhos marejados de lágrimas. Junto a eles o vulto imponente, cizudo, de Antônio Pereira Pontes, filho de uma das ilustres famílias de Diamante, senhor de boa e muito próspera situação agrícola, grande fabricante de fumo, homem de alta valia em nossa região e esposo dedicado da grande mestra dona Guiomar.

Sô Arthur aproveitou a comoção dos meninos e começou seu discurso com um exórdio que se tornou célebre: “Chora, criança”! E foi por aí afora numa comovente oração... e os meninos, então, deram vasão à sua tristeza e... choraram de verdade!

Hoje aqueles dois meninos são grandes e afamados médicos, com brilhantismo curso e admirável clínica em Cataguases. Sua irmãzinha, hoje brilhante professora, Maria Imaculada Queiroz Pereira, foi Diretora do Grupo Escolar de Diamante e hoje abrilhanta a plêiade de eméritas técnicas na Delegacia de Ensino de Ubá.



## **ATÍLIO GERALDO**

Qual o rodeirense, que se preza de o ser, não conhece Atílio Geraldo, ou melhor, o “MURITO”. Aqui passou grande parte de sua vida quer na lavoura, quer no comércio de fumo, criando na velha escola do dever uma numerosa prole. Doze filhos vivos e que, muitos deles passaram a figurar como parte ativa na vida e no progresso rodeirense. Vejamos-lhes os nomes: Virgínia, casada com João Gonçalves Pereira, um português que lançou a ideia da emancipação de Rodeiro, conforme já historiamos; Paulino Geraldo, famoso craque “Tatão” do Espartano, treinadíssimo representante comercial, hoje já aposentado; Ângela Geraldo do Carmo (dona Gilá) com filhos bem encaminhados na vida, tendo uma delas, Maria José, sido a primeira Secretária de nosso Ginásio da CNEC de Rodeiro; Antônio Geraldo, destacou-se no comércio de fumo e foi Vereador na Câmara de Ubá e craque do Espartano; Geraldo do Nascimento, bem situado na vida; José Geraldo, um dos mais hábeis e conceituados motoristas de longo curso; Geny, Luzia, Manoelina, Vinda, Francisca e Lúcia, sendo esta última esposa de João Batista Rodrigues do alto comércio em Ubá e Juiz de Fora e a quem já fizemos referência. Estes filhos são a alegria de seus velhos pais, o nosso Murito e sua esposa dona Ângela Margarida Geraldo.



## **GASTÃO FRANCISCO DA SILVA**

Como é bom em Rodeiro, recanto essencialmente agrícola e pastoril, ressaltar, para modelo dos nossos jovens que aqui pretendem permanecer vivendo nessa vida e nesses costumes, certos exemplos que perdem lhes servir de guia.

Gastão Francisco da Silva é um deles. De origem modesta, desde cedo regou nosso solo com o suor do rosto sem se preocupar com futilidades que lhe transtornasse a cabeça e o fizesse por fora as parcas economias que ia amealhando. Soube escolher uma companheira ideal, sua esposa idolatrada dona Iadir Filgueiras da Silva de saudosa memória. Criaram numerosa família (doze filhos) modelos de rodeirenses que aqui se radicam e acham bom: Sebastião, Antônio, Jorge, Ercília, Ersiclea, Vanda, todos Filgueiras da

Silva. Gastão Filgueiras da Silva, Maria Aparecida Silva, Terezinha Aparecida Silva, Tereza das Graças Silva.

Hoje Gastão tem uma boa situação dentro das ruas de Rodeiro, quase, o que lhe assegura uma velhice tranquila.



### **SANTOS BENEVENUTO**

Quem não se lembra dele, sempre com aquele sorriso aberto e franco e acolhedor, a todo o momento e em todas ocasiões.

Ele e o Carlitos Gravina eram dois, perto dos quais não se podia ficar carrancudo.

Casado com dona Maria Jorge Benevenuto, deixou uma descendência até hoje muito benquista em nosso meio. Guardemos-lhe os nomes: Vitório Benevenuto, José Jorge Benevenuto, Antônio Benevenuto, Sebastião Benevenuto que morejam no dia a dia da agricultura e da pecuária; João Batista Benevenuto, funcionário exemplar da Empresa de Correios e Telegráfos.



### **JOAQUIM SILVÉRIO GATTO**

Sô Arthur gosta sempre de caçoar quando depara com o nome desta família. “São meus parentes; ou também fui “Gato” durante toda minha vida de estudante”!

Lavrador da velha têmpera, passou a vida nas lidas do campo e sua enxada foi sempre pródiga de fartura em sua casa. Casado com dona Ana Corrêa Silveira viram seu lar abençoado com quinze filhos, sete mulheres donas seguras de seus afazeres e oito homens: Carlos da Silveira Gatto, José da Silveira Gatto (o Gatinho), Manoel da Silveira Gatto, Delfim da Silveira Gatto, Sebastião da Silveira Gatto, Josué da Silveira Gatto, José Corrêa Gatto e João Corrêa da Silveira.



### **EDUARDO DE PAULA REIS**

Um vulto que se projetou no cenário político e social de Rodeiro deixando traços indeléveis e positivos a todos, em nossa história. Por várias vezes foi por nós focalizado no decorrer de nossas narrativas. Sua esposa, Maria Alves de Azevedo (dona Maricas), foi digna da trajetória de seu marido. Seus filhos, em número de doze, com exceção de João Batista de Paula Reis, falecido e de saudosa memória. Mourejam, em nossa região e sobretudo em Juiz de Fora, quase todos formados e alguns por nós mencionados entre os nomes em destaque em capítulo deste livro, mantêm bem alto o valor do nome de seus progenitores. São: Paulo de Paula Reis, Célia de Paula Reis, Celso de Paula Reis, Maria Otoni de Paula Reis, Cleia de Paula Reis, o bioquímico de nomeada João Evangelista de Paula Reis, Irma de Paula Reis, Celma de Paula Reis, Licéia de Paula Reis, Telma de Paula Reis e Edna de Paula Reis.



### **JOSÉ DE FILIPPO E RAFAEL DE FILIPPO**

Dois nomes que também deixaram traços indeléveis em nosso município e que, por várias vezes, foram por nós citados em capítulos anteriores nos momentos culminantes de nossos destinos. Ambos aqui chegaram modestamente, porém sempre dispostos a enfrentar as dificuldades da vida e, com o próprio esforço, galgaram postos e cotações invejáveis.

O primeiro, José De Filippo, casado com dona Laura Fróes De Filippo, teve posição de destaque na política rodeirense.

Empreendedor, braço direito dos padres, deixou filhos de grande conceito em nossa região e por onde passam nas lides existenciais: Citemos-lhes os nomes: Dr. Rafael De Filippo, médico de nomeada, João De Filippo e Nicolino De Filippo que se dedicaram ao comércio, o primeiro de fumo e o segundo em numerosos interessantes ramos, inclusive no da lavoura também; Felícia De Filippo e Vera Maria De Filippo, professoras eméritas.

O segundo, Rafael De Filippo, sempre embreando e coadjuvando seu irmão e, com ele, colhendo os louros dos empreendimentos, cuidou mais de seus afazeres comerciais e nunca pretendeu se projetar nos emaranhados políticos, por não ter, para isso, vocação.

Casado com dona Terezinha Stoduto De Filippo, tiveram o prazer de ver seus filhos otimamente situados na vida: Dr. Nicola De Filippo e Dr.

Geraldo De Filippo, dois médicos de grande conceito em Barbacena; Maria Concheta De Filippo, casada com o Dr. Helio Carneiro, elemento de prol dos teatrinhos de Rodeiro em seu tempo de juventude conforme já exaramos, é figura de prol de nossa sociedade.



### **QUATRO ELEMENTOS QUE DERAM O QUE FAZER**

Não é possível passar por alto sobre os nomes de quatro elementos que deram que fazer, quando crianças: Ozanan Alves de Azevedo, Elpídio Alves de Azevedo, João Alves de Azevedo e o inefável Sô Arthur com as mil diabruras que colocaram de cabelos brancos suas professoras. Ficou famoso o carro-de-bois em miniatura, puxado por cabritos, com que os três primeiros traziam leite de vaca para vender nas ruas de nosso arraial. Seu irmão, o Pedrinho (Pedro Alves de Azevedo) sempre foi mais sisudo. Todos muito bem situados, hoje, no conceito de seus conterrâneos.



### **MEDALHA DE MÉRITO**

Para a posteridade para que sirva de modelo, resolvemos registrar aqui mais uma distinção concedida à agricultura de Rodeiro.

Pela qualidade de seus produtos hortigranjeiros e pelo volume das mesmas por eles produzidos, nosso amigo BRAZ DO NASCIMENTO ganhou da EMATER e demais incentivadores da agricultura em nossa região, a medalha de mérito agrícola que ele, com muita justiça e satisfação juntamente com o respectivo diploma, conserva em um quadro em sua sala de visita.



### **JOSÉ MEDEIROS DE MELO**

Foi um dos grandes batalhadores nas lidas agrícolas de nosso município. Nome respeitado, incansável defensor dos direitos dos que a ele recorriam, firme em suas crenças, tendo até mandar erigir em sua sede uma capela dedicada ao culto de Nossa Senhora.

Casado com dona Arsênia Francisca de Silveira, deixou cinco filhas para lhes honrar os nomes e três filhos que gozam de muita estima e respeito dos que com eles privam: Francisco Medeiros de Melo, Ercílio Medeiros de Melo e Sílio Medeiros de Melo.